ALAN MOORE

A Voz do Fogo

Exilado dos livros

ALAN MOORE

A VOZ DO FOGO

(Voice of the Fire, 1996)

ILUSTRAÇÕES: Cliff Harper

TRADUÇÃO: Ludimila Hashimoto Barros

PREPARAÇÃO: Cristina Carletti

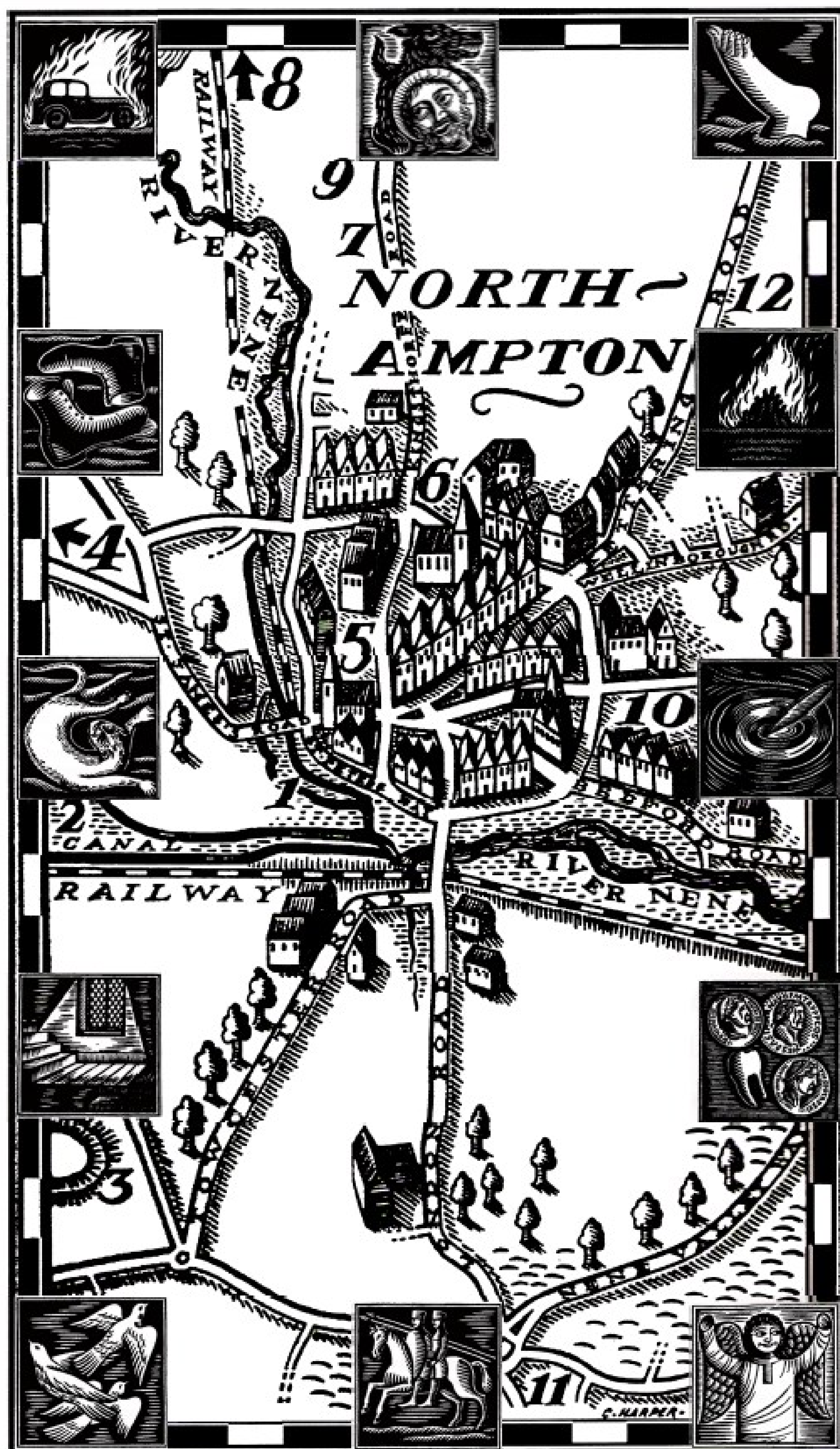
PRODUÇÃO GRÁFICA: Ed Wilson Dias

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO: Anísio Arruda



Para Sylve e Ern
suas ruas fósseis,
um veio de carvão no coração.

SUMÁRIO



NORTH-AMPTON
8
9
7
RAILWAY
RIVER NENE
ROAD
12
6
4
5
10
1
2
CANAL
RAILWAY
RIVER NENE
BEDFORD ROAD
ROAD
3
11
C. HARPER

O PORCO DO BRUXO



4000 a.C.

Por trás de colina, lado onde sol desce, está céu como fogo. Subo para lá, é tudo difícil de respirar, onde grama está esfriando em pés de eu, molhando eles.

Não tem grama em alto de colina. Tem só terra fazendo roda, que colina é como cabeça de homem sem-cabelo. Está parado eu, viro cara para vento, cheirar, e nem um cheiro vem, nem de muito longe. A barriga dói, no meio de eu. Ar de barriga sobe até a boca, lambida desse ar é como lambida de nada. Caroço de sangue

seco fica preto em joelho e está com coceira. Coça eu, sai mais sangue ainda.

Em cima de eu está muitas feras-de-céu, grandes, cinzentas. Devagar é se movimentam, que elas nem está com uma força em elas. Pode que elas querem comida, é como eu, quer o mesmo. Uma de elas está com vazio em barriga agora, cabeça de ela arranca e sai flutuando. Ela corre mais rápido para trás, quer pegar cabeça. Em baixo de céu é grama e bosque, vai até muito longe, é onde eu vejo uma outra colina. Depois tem só árvores pequenas que crescem por onde mundo acaba.

Agora olha eu para baixo, para grama em fundo da colina, vê porcos. Porcos grandes, compridos, um em trás de outro, traçando a fêmea, pelo que parece. Ver faz um osso subir dentro de eu de vontade. Eu e barriga de eu, junto, posso descer colina correndo até porcos, acertar pedra em um e fazer ele sem vida, para comer ele todo. Antes é eu juntando isso. Agora é fazendo isso.

De alto de colina, terra seca, venho eu, em cima de grama fria. Desço correndo rápido. É eu chegando em porcos, é eles sem nem um tempo para virar coisa que eu não posso comer, como rato que eu umas vezes pego ele vira pedras pequenas. Rápido corre eu até porcos, eles ainda é porcos enquanto eu chego perto de eles. A vontade de eu cresce, um osso dentro balança para esse lado e para outro em corrida de eu, em baixo de barriga. Rápido corre eu, mas, oh, o pé vai da grama molhada para o alto e cai eu, oh, e de colina cai eu traseiro para baixo.

Levanta rápido, para pegar porcos. Cair faz eu lento, eles podem virar, fazer mudança, porque eu está sem cheiro de nem um porco. A barriga de eu está com medo, corre mais rápido, procura porcos quando eu é chego mais perto de eles, mas, oh. Oh, uma, ela é mudança, patas de ela é desaparecem. Toda fora de cara preta ela é recolhe, e é agora buraco cheio de escuridão.

Corre eu mais rápido, que eles é ainda um pouco de porcos enquanto eu chego perto de eles, mas, oh, não tem nem um movimento em eles, e cheira eles com podre. Eles viram mais porquinhos, quanto mais passo é eu dou.

Agora eu está perto de eles. Eles é só toras de madeira branca, encostadas uma em outra. Olhos viram buracos em madeira. Pata de porco vira toco de galho. Ah.

Fico eu na tora mais-baixo, ali alisando grama em baixo de colina, e faço água quente sair de cara de eu.

Vontade de eu ainda está com osso dentro. Esfrego o molhado de olhos e levanta de tora para fazer eu mijar sobre ela, que ela pode juntar mais ainda para ficar não como porco. Vontade velha, agora, osso sai de ela, ela vai para baixo agora, com peles de ela. Eu é desse jeito encostado em tora, onde de marca de mijo de eu está fumaça de água cinza subindo.

Oh, muitos escuros vêm e vão, eu não está vendo o povo de eu, é rejeitado eu. Eles não quer, sozinho eu fica em velha tora, vazio em barriga de eu.

Olha agora em cima de eu. Céu, é cheio de feras-de-céu, manada toda cinza é elas, que vai de fim de mundo a fim de mundo. Escuro é vem de tempos em tempos, quando posso não ver a longa forma preta de espírito, que segue o passo de eu. Sozinho está eu.

O povo de eu não está com querer eu, dizem eu não procurar alimento, comer alimentos de outros. Dentro de barriga, eu é escuto a mãe de eu falando, como quando ela é viva, como eu é preguiçoso, e não é bom que ela está todo o tempo fazendo procurar comida para eu. Diz ela, o povo de nós não gosta de eu, eles ficam com eu enquanto ela é viva. Isso não fica mais nem um tempo, e o que responde eu de isso, e coisas assim. Responde eu nada, ela está bate em cabeça e pernas de eu, faz um barulho. Ah, mãe, isso não tem nem um jeito

de ajudar. Eu não é com bons juntamentos em barriga, como é com os outros.

Esquisito, agora. Em um tempo eu está com juntamento em eu, depois não, nem um juntamento, tudo é silêncio em eu. Mas, em outros tempos, eu está com juntamento e vem um outro, um como ele. Depois muitos juntamentos vem em trás uns dos outros, como povo de eu andando em baixo de árvores. Eles juntamentos vêm assim muitos e assim rápidos, que não tem nada em meio de eles. Um juntamento vira outro, como os porcos e as toras.

Eu junto mãe batendo em pernas de eu, mas agora eu está juntando que eu está deitado perto de ela e tudo é bom. Trás de cabeça grande de eu está em terra, onde está esfrega em areia e poeira. Eles espetam em pele de cabeça de eu através de cabelo de bebê de eu, não mais do que tem em uma amora. Tudo em boca de eu é leite de tetinha quando cai em fios por língua de eu. E não tem nada em meio de eu que quer correr para longe, nem que está querendo um outro onde.

Eu em baixo de cobertores-de-pele está, perto de mãe, quente em cheiro de ela, respiração de ela com raiz-azeda dentro. Ela grande, eu pequeno como um de eles de raça-de-Urk.

Agora é outro juntamento dentro de eu, em que eu é grande. Mãe fica mais pequena agora. Nós está em baixo de árvore. Primeiro brilho é vem e eu abro os olhos e vejo mãe de eu, sentada com costas em árvore de madeira-branca. É pequenas partes de brilho cai ali agora em cara ela entre galhos por cima de nós, em olhos ela, e não mexe ela, nem olha de brilho. Digo eu agora, Mãe, levanta, e ela não mexe, olhos de ela cheios de pedaços de brilho. Um medo é vem em eu.

Espera, Mãe, digo eu agora. Não faz esquisito com eu. Povo de nós é levanta e vai viagem continua. Levanta, que nós não pode ficar para trás de eles.

Esfrego agora a mão de eu lá em perna ela para fazer ficar rápida. Ela está mais fria como pedras, bichinhos-de-coceira pulam de ela.

Eu é digo mais alto, levanta, e agora seguro ela para puxar e bater. Não tem força em segurar de eu, ela cai. Eles pedaços de brilho é saem de olhos de ela e penduram em árvores. Cabeça de ela fica em buraco-de-chuva, cabelo boiando.

Eu não junto como de ajudar ela. Pulo eu em cima ela ali, faço para colocar vontade de eu para dentro de ela, que ele faz ela não fria, e faz ela mexer. Pernas ela está dura, uma em lado de outra, joelho em joelho. Não tem força em eu para abrir elas, vontade de eu não fica em pé. Eu deito ele macio em cabelo de barriga ela, empurro, empurro. Cabeça de ela em buraco-de-chuva mexe. Cabelo de barriga ela está frio, cheiro de ela é outro. Empurro e empurro.

Um homem é vem agora, de povo de nós. Ele puxa eu para longe de ela. Ele diz eu é como cocô e faz para bater em eu, corro eu um pouco para longe, em baixo de árvores. Agora muitas pessoas é elas vêm perto de mãe de eu. Puxam elas para cima a cabeça de ela de buraco-de-chuva agora e dizem, não tem quente em ela, não tem respiração em ela, coisas assim. Agora é o Homem-juntador de nós vem ali, e perto de mãe de eu fica, com cinto de penas que faz coceira em traseiro de ele, onde ele é todos tempos coça.

Diz ele, ela não está mais viva, e é trabalho que faz ela ficar desse jeito, para nós ver. Diz ele, deita ela em terra, depois viaja nós para longe.

Alto fala uma mulher de boca-grossa agora que, se a mãe de eu não é mais viva, é o filho preguiçoso de ela que faz ela assim, todos tempos ela trabalhar e buscar para ele. E tem muitos dizendo Sim, e que ela está certa e coisas assim.

Mais alto diz mulher de boca-grossa agora como, se a mãe de eu é colocada em terra, não é buraco para boca-grossa cavar. Sim, é diz homem que puxa eu para longe de mãe de eu. Faz menino cavar ela para baixo de terra, que ele é trabalhar para ela um tempo. Agora Homem-juntador diz Sim, e coça em traseiro de ele. Encontra menino, ele diz.

Faço eu para correr tudo. Ah, eles é homens, compridos em perna mais que eu, eu está assim assustado quanto corre em mato de urze, cai lá dentro. Para fora é eles puxam eu, todo arranhado, para arrastar até traseiro-de-pena, que fica perto de mãe. Para baixo em molhado a cabeça de ela está. Eles pedaços de brilho é arrastam devagar de árvore, atravessam grama e volta para dentro de olhos de ela.

Ele coça em traseiro e dá eu machado-de-pedra de mãe, que não tem nem uma força em mão de eu para segurar. Para baixo é ele cai, e Homem-juntador é bate em cara de eu, sangue sai de nariz de eu. Agora, pega isso, diz ele, e cava buraco ela. Que espíritos de cheiro-esquisito é não vêm para ela, respiração de eles fazer nós doentes. Que ave-podre e cão-podre não vêm. Que terra é pega o que é esperado de terra, e é junta bom de nós, que ela não é vem dura em baixo de pés de nós. Assim, Homem-juntador diz agora, e, lambendo sangue de nariz, cava eu com força em terra.

Em baixo de grama é terra fria, cinza e macia quando eu posso empurrar tudo de vez. Cava eu por raiz e pedra, e cavar de eu é devagar. Eles brilhos de sol é aparecem de volta em cara de mãe, saem de maçãs de ela e devagar para longe entre gramas e flores. Levanta eu uma pedra, e em baixo de ela está muitas minhocas. Cava eu agora fundo com machado de pedra de mãe entre elas, e de elas muitas fazem ainda muitas mais. Eu sangue dedos de eu em cavar. Sangue em pedra de mãe, agora. Sangue em buraco de mãe.

O povo de eu fica eles perto de buraco em um pé, depois em outro, querendo só que eles é vão para longe de aqui, que eles é continuar com a grande volta de eles, andando por onde mundo acaba, de tempo de gelo a tempo de gelo, encontrando rato-espinho, e porco e raiz de mascar.

Sol passa alto em cima de nós, com feras-de-céu correndo em frente de ele, de medo que ele pode esquentar elas todas para longe, para nada, só céu. Eu cavo, e Homem-juntador vem bravo com devagar de eu e diz, espera agora. E diz que fundo de buraco está bom, e coisas assim, mas eu está só abaixo de barriga em buraco. Diz ele, pula para fora e joga ela para baixo.

Para fora vem eu, cinza até os joelhos com terra, olho para ela. Nada, só branca. Nada, só vazia, e rápido é tudo sai de ela. Dou eu um passo, ao que um outro segue. Cinza como terra cabelo de ela. Faz de rápido isso, diz o traseiro-de-pena, vem agora, levanta ela, coisas assim. Dá eu um outro passo, e desse jeito passa ela.

Inclinado, para pegar pé de ela. Ela está muito fria agora, e nem um brilho está em ela. Levanto eu pernas de mãe, toda branca em cima, e vê que em baixo de ela é escuro, porque cheio de sangue. Puxa eu, mexe ela um pouco para fora de buraco-de-chuva, arrastando cabelo como grama com água em trás de ela, e faz um pum. Com isso está nós perto de buraco, eu e mãe de eu. Joga ela para dentro, diz o traseiro-de-pena, e cobre tudo de ela.

Jogo ela para dentro. Não tem grandeza dentro de buraco para ela. Uma perna fica para cima, em cima de beirada, que eu não posso empurrar para baixo. Eu cubro ela, e cinza a mão de eu em terra. Essa terra cai em olhos de ela, em boca, em buraco de barriga. Agora a cara de ela é vai, de ela braços e tetinhas vai, e agora é ela só um pé branco para fora, em que põe eu terra em

cima, e empurra macio e cinza para dedos de ela. Dou passo eu em terra, e traseiro-de-pena coloca machado de pedra de mãe perto de buraco, em outro lado de onde sobe terra perto de pé de ela. Como uma colina de bichinhos-de-mijo.

Digo eu, agora ela está colocada em terra, e poder continuar nós viagem para encontrar rato-espinho, porco e raiz de mascar. Agora o povo de eu está de um outrojeito, e é com silêncio em eles. E agora para eu, velho traseiro-de-pena, ele faz um olho. E balança cabeça.

Sinal de não.

Sozinho fico eu perto de pé de mãe. O povo de eu não está perto agora, e muito longe está eles, em baixo de árvores e de outro lado de colina, e vão, e não mais voltam aqui. Terra cinza sobre em mãos e pés de eu é seca, dura, que eu posso coçar saindo pedaços pequenos. Terra que eu empurro por pé de mãe é como fica dura, e pedaços solta. Eu vejo dedos de pé ela, e agora em terra que cai de eles, eu vejo uma forma como que sem dedos. Mãe.

Agora outro juntamento está com eu, em que uma escuridão ele vira e eu é fico aos pés de mãe sem nem um onde para viajar. Todos os tempos está eu com mãe, e não está querendo ir para longe de ela agora. Mas dói em barriga de eu quando diz outra coisa assim. Fico eu ali tempos e não junto se ir nem se ficar por aqui.

De pé eu, ando eu para longe e volto. Agora fico, agora mais ficar de pé e andar. Pulo eu em terra, e bato eu em árvores e arranco de grama. Muitas coisas é diz aos pés de mãe. Fico eu e não mexo eu, longe em escuridão é barulho de cão de rabo de fogo pegando em grama e cães em manada de outro lado de colina. Medo é eu, dor em barriga é fica maior. Faço eu um cocô perto de árvore, entre raízes, e cocô é como água.

Primeiro brilho chega, e barriga vazia. Digo eu, pé, ficar por aqui. Eu é vou para longe buscar alimento. Depois de isso, volto eu aqui com comida para nós. Agora pé está parado, como se para dizer que ela está todos os tempos escutando que isso, e nem um tempo vendo o fazer de ele. Anda eu devagar para longe de ela, e muitas árvores depois paro, olho para trás, está o pé. Levanto o braço de eu, e sinal de que tudo está bem, e continuo eu a andar.

Árvores ficam mais pequenas entre elas, e urze é ficar maior. Eu segue caminho em por urze, onde olha eu para trás e não vê pé, mas posso eu encontrar ela ainda cheirando cocô de eu, e eu não é com medo. Continua andando, por árvores, urze e coisas assim.

Como junto eu agora, é tempo eu é chega perto de amoras-de-sangue quando primeira chuva cai, forte como se muitas feras-de-céu todas mijam. Rápido inclino eu baixo de buraco em mato de amoras, e entro lá dentro, onde é uma caverna-de-urze. Ali fico eu seco, e muitos de elas amoras-de-sangue é comer. Fora de caverna de eu é chuva cai forte, mas dentro de ela está em silêncio e um pouco de brilho, e em barriga de eu tem o bom. Agora esfrego eu sangue-de-amora de queixo. Fecho olhos, lambo mão e escuto chuva.

Agora é um tempo em que nem um juntamento vem, depois de que vem esquisito. Eu não está mais em caverna-de-urze. Eu é em baixo de árvores, tudo é escuro, menos onde madeira branca fica brilhante. Como é que escuro é vem assim rápido eu não posso juntar, nem como que eu é venho para aqui. Tudo em parecer medo eu em volta, e vejo uma forma que fica de pé entre árvores. É a mãe de eu. Encosta ela com a mão em árvore e olha para eu. É aquele bom eu dou passo mais perto de ela, e vendo agora perna de ela, e uma de elas é fica com fio de sangue, sem nem uma coisa em baixo de osso-de-girar de ela. Olho eu de toco para cara de mãe.

Parece de ela é brava, como é ela sem nem um gostar de eu. Onde é vai pé de eu, ela dizer.

Com isso, faz eu um barulho de medo, grande e alto como lança eu alto para o céu e fora de escuro. Cai eu de volta em caverna-de-urze, onde está ainda luz. Tudo em rápido é isso, que eu não posso juntar jeito de isso. Escuto eu não a chuva, como ela vai para longe, e levanta eu e inclino em baixo de buraco, e de esse jeito sai de mato.

Todos os ondes é molhado, e muitos buraco-de-chuva é fica agora em terra. Molhado levanta cheiro de terra e grama, e cheiro de eles é bom, forte, e não é velho.

Eu é não cheiro cocô de eu. Chuva, ela é molha para longe cocô de eu e agora eu não cheira ele. Cocô de eu onde está árvore. Onde está pé.

Corre eu um caminho em por mato, agora outro, para que eu posso ver onde grama está pisada, e como isso que caminho por ele chego eu aqui. Agora vejo eu quando chuva é cai forte, e todos os ondes grama fica lisa, que caminho não é encontrar. Em baixo de árvores corre eu, e cheira eu nada só grama. Agora em esse caminho corro, agora aquele, por árvore e urze, e faço dizer alto para pé, e faço dizer alto para mãe. Todos lados, baixo de vala e cima de levantar com grama-de-pêlo grossa em pedras. E aqui cai eu para terra e não junto onde de eu.

Não mais é eu vejo pé. Mato de amora-de-sangue é também vai, que eu não posso mais encontrar. Em esse caminho venho eu sair por ele, e ando em baixo de muitos escuros e brilhos, e todo o andar de eu é sem um onde de eles.

Ando eu em grama aberta e pequeno rio é eu pulo. Através de árvores ando eu, com peles secas de eles todas por pés de eu, e encontro uma roda de fruto-de-cabana que cresce em grama, escura em ela parte de

baixo como está boa para comer. Tempos é passam e agora encontro eu nem uma coisa, e segue andando eu e encontro ainda nem uma coisa, e brilho, e escuro, e brilho.

Ando eu onde eu não posso ver por cima de grama, ela está assim alta, e encontro eu ave que não está mais viva. Eu está aquele vazio em barriga como para comer de ela, mas é ela toda com minhocas. Agora enjoado é sai de boca de eu, e faço eu cocô por pernas, e brilho, e escuro, e andar.

Por muitos tempos-de-gelo, povo de eu diz, tem só pouco alimento para encontrar, esses tempos é difícil para nós quando anda, ficam eles mais difíceis ainda. Com tempo-de-gelo depois de tempo-de-gelo tem mais povo-que-fica, muitos povo-que-anda de nós fica mais pequeno, nós não é muito agora. Com um todo sozinho como eu, é uma barriga vazia e nem uma ajuda para ela.

Um tempos, chego perto de povo-que-fica em andar de eu, com eles cabanas de ponta-alta de pele de fera pendurada em galho, colocada alto em colina. Cabanas não são muitas ainda como dedos em mão de eu. Cheira eu o fogo de eles, de carnes-de-fogo de eles, o que para em barriga agora eu está com querer.

Sobe eu colina, e pequenos caminhos para cima vê eu um homem em alto, e vê ele eu, com enjoado e sangue em cara, e cocô em pernas de eu. Diz ele como eu parecer como traseiro-de-porco, e o que é eu quero de lá, e coisas assim. E dizer de ele é esquisito, com muitos dizeres quando eu não posso juntar. Um outro homem, mais grande em barriga, chega agora em alto de colina, para olhar eu. Em baixo de barriga é vontade de ele toda pequena, mais como de bebê.

Agora digo eu como mãe de eu não é mais viva, e como povo de eu rejeita eu de eles. Digo eu, querer de eu é só pequena comida, que eu está com uma coisa em barriga.

Homens olham agora para um para o outro, e agora vontade-pequena, ele abaixa para pegar pau-de-jogar. Aqui está uma coisa, dizer ele, e dizer se eu gosto de isso em barriga de eu. Outro homem é pegar pedra, joga ele com força em eu. Pedra bate em perna de eu, ponta de ela rasga pele a baixo de joelho de eu, onde tem sangue. Faz eu um barulho e é cai em terra, grande dor em perna de eu. Homem pega ele outra pedra, e dizer vai para longe agora, traseiro-de-cocô, e dizer não quer ele cheirar mais eu por ali perto. Homem de barriga grande levanta pau de ele, para jogar em eu.

Agora levanta eu, com dor em perna e faz um andar de passo esquisito para baixo de colina, como que um cão de doença. Em trás de eu, homem joga outra pedra de ele, mas bate não em eu, com pedra caindo quieta em grama. Anda eu rápido como posso, e olha não para trás, e isso é tudo de isso, tempo de eu com raça-que-fica.

Segue andar de eu devagar, e arrastando pé em trás de eu. Com vir de frio é encontro eu árvore onde maçãs de tetinha crescem. Elas está ainda dura, e pouco posso eu comer de elas. Olho eu para dor de perna e vejo como sangue está seco com terra cinza e com cocô, que sangue não sai mais, e isso é bom. Deito eu perto de árvore e fecho de olhos que nada posso eu ver. Junto em nem uma coisa.

Brilho vem, mais andar. Perna é agora boa para dar passo, mas com dor espetando ela. Segue andar, e assim, e agora com sol alto chego eu baixo de árvores de madeira branca em uma roda aberta, com grama toda comprida e preta, com árvores por ali. Subida de grama está uma pedra grande e velha, como está com marcas como de minhocas e bichinhos-que-arranham ali. Fecho eu olhos agora, e vem medo como eu não posso fazer respiração.

O povo de eu diz como não é bom em isso, fazer de marcas. Se homem olha para elas, os juntamentos de ele

é todo fica esquisito, que ele pode não juntar o que é mundo e o que é marca. Eu é escuto dizer como muitas marcas é que velhas como elas é feita por Urks e povo de essa raça em grande tempos-de-gelo. Agora raça-de-Urks não está mais em mundo, mas muitos dizem eles povo pequeno está em baixo de montanha, fundo em cavernas eles, escondido para pegar nós a cima. Isso não é bom, olhar para marcas.

Fechar de olho, pega eu um outro caminho em por grama e pedra. Cai eu em raiz, e arranha de cara em urze, e abre não olhos, mas agora aquela pedra é vem longe em trás de eu.

Fora de árvores, subindo de colina que está com fogo de sol em trás, vejo eu porcos. Desce agora correndo e porcos é vira toras, e aqui agora está eu, fico com elas, sem mais tempo para juntar.

Coço eu caroço-de-sangue em joelho de eu, olha para cima para céu. Um escuro é vem enquanto eu sento todo juntamento, não posso eu ver feras-do-céu agora, mas posso eu ver olhos pequenos de elas, brilho ali em alto de escuro. Todo frio está eu, deito em trás de tora fora de vento. Fecho olhos, que escuro é chega em eu, como ele é vem em mundo.

Agora está escuro, e eu está em pé perto de toras e não junto agora como é que eu chego levantar, de olho aberto. Em pouco medo eu é olho em volta, agora escuto barulho atrás de eu, como o que anda em cascas secas de árvores. Vira eu para ver, e agora medo de eu não é mais pouco.

Ali está cavalo-olho-de-fogo, parada em grama, não mais com um homem em um outro de longe de eu. Ela olha para eu, com olhos de ela com mais brilho que fogo e grande como toco de árvore. Faço eu xixi em perna de eu, que é chega quente, agora frio.

Perto de ela pés de cavalo-olho-de-fogo em escuro está pequenas formas mexer, e não mais bom para seguir olhando é elas como cavalo-olho-de-fogo. Pretas é elas, sem nem um olho, onde junto eu elas é bebê de cavalo-olho-de-fogo, todas arrastam e arranham em baixo de mãe elas. Línguas de elas é longa e branca e como minhocas, e balançam elas línguas por tudo em frente de elas, para lamber e cheirar de ar. Fazem elas nem um barulho, e está eu mais com medo de elas que ela que está parada em cima de elas.

Cavalo-olho-de-fogo olha para eu, forte é vai de eu para mexer, que eu está como pedra. Duro juntamento eu agora em cavalo-olho-de-fogo, juntamentos de eu pode fazer ajuda para eu. Povo de eu diz que cavalo-olho-de-fogo é eles cães grandes e de medo, de que raça eles é vivo em mundo em grande tempo-de-gelo, que como Urks, e agora como raça-de-Urks não é mais vivo. Só eles cães-espíritos andam agora, subindo este mundo e descendo outro, e onde terra fica fina entre mundos, como um caminho cruzado e uma ponte-de-rio, cavalo-olho-de-fogo grosso é passa por ali.

Eu junto, e não tem uma ajuda em todos os juntamentos de eu. Lá está, mais grande que eu, cavalo-olho-de-fogo olhando para baixo com olhos como sol, como se eu não posso não olhar. Entre grande escuro barriga de pés para frente arrastam ela bebês, todas lambem e cheiram, porém não posso eu não olhar para olhos de ela, que ficam mais grande e ainda mais brilho, como se tudo em volta de eu está com fogo. Eles ficam com esse brilho que eu não posso olhar, fecho agora olhos, posso eu ver brilho porém através de peles de olhos.

Agora é tudo fica esquisito.

Eu é não mais em pé, e está eu para baixo em terra atrás de tora, brilho de cavalo-olho-de-fogo ainda vejo eu

através de fechar de olhos. Agora é eu abre eles, devagar, todo com medo.

Brilho é não mais de cavalo-olho-de-fogo. Brilho é brilho de sol, que seguir escuro. Agora olho eu e vê que cavalo-olho-de-fogo não está mais aqui por perto, nem bebês de elas. Levanta agora, pernas de eu toda molhada com xixi, e passa onde eu vejo elas feras-de-céu. Inclino eu para olhar. Não tem forma-de-pé com pressão em terra, nem tem outro sinal de eles.

Eu não junto o que fazer de isso. Eu é não ver caminho cruzado, nem de ponte-de-rio, porém é elas cavalo-olho-de-fogo vem para eu. Junto eu em isso, e agora barriga de eu é faz barulho para dizer eu é para seguir mais andando, encontrar comida para ela.

Ando eu, e distantes caminhos viro, para olhar para trás. Vejo toras, e elas é mudam para porcos agora que eu é não mais perto de eles. Porco do alto, ele pata em ela por baixo, e parece como ele está com bons tempos. Junto eu se corre eu de volta eles é mudança, e vira toras para irritação de eu. Faço eu um cuspe, e vira, segue andando.

Cima, por galho de árvore, tem sol, que segue eu. Ando eu por árvores em direção de outra colina, que eu é vejo de cima de subida de terra onde vejo eu porcos. De muito longe, colina é parece só pequena, porém agora fica grande, em perto de elas. Terra baixo de passo de eu primeiro é levanta devagar, agora mais e mais, e longos períodos é eu subo colina por baixo de muita árvore. A respiração de eu é difícil, perna de eu é dói como fogo, e assim venho eu perto de alto de colina.

Aqui, grosso de árvore é pára, e não vem mais, depois de que tem só toco de elas. Toco é assim muitos, todos lados para baixo de colina, que céu é fica mais grande onde alto de mundo é aberto. Fica eu agora em baixo aqui este toco para olhar.

Eu está em alto de vale grande, que vai de aqui para onde mundo acaba. Por ali e por ali é árvores, porém mais de tocos é elas, que faz uma abertura que assusta de tudo isso. Em vale baixo é rio, com ponte longe em através de ele pode ver, que é por onde cavalo-olho-de-fogo vem para estes ondes. Entre eu e rio é outra colina, mais baixa, onde é eu olha para ela, que eu em nenhum tempo vejo.

Tem uma feitura, lá na colina, mais grande que eu posso juntar. Ele é feito por toda parte, que tem rodas mais pequenas dentro, como uma minhoca seca deitada em grama. Elas rodas é muros, e perto de eles é muito buraco-de-terra cavado, mais baixo que buraco que eu cavei para mãe e um outro jeito. Junto eu que terra para fora de eles buracos é toda empurrada para feitura de muro.

Roda que está dentro de feitura mais que outras é com muita fera lá dentro, todas brancas. Agora vento é vira, e eu está em cheiro de elas, cocô de elas, e junto que elas é só boi-de-pêlo, porém tem muito mais de elas que o povo de eu vê de tempo-de-gelo a tempo-de-gelo. Lá em meio de essa roda mais-dentro está cabana de madeira, com bois todos por perto de ela. Tempos é passam, para fora de cabana é vem um homem, todo coberto de peles, para fazer xixi, depois de que ele volta para dentro. Pode que ele é fica lá dentro de cabana para guardar de feras.

Roda de muro de boi-de-pêlo é com muito buraco, para ir de dentro e de fora, e buracos é fechados com madeiras-de-parar, que feras não podem viajar. Em roda mais-fora, de outro lado de muro de bois, está porcos. Eles é todos muitos, e com aves-que-não-voam que arranham todo em volta de pé de elas. Barriga de eu é faz barulho, e está com dor.

De outro lado de muro de porcos está outra roda fica mais fora ainda, mas é com pouco onde para mexer,

entre ela e roda-de-porco. Ali é pessoas andando, não muitas como as feras elas, e param para fazer dizer, uma para outra, pequenas ali em baixo de eu. Não junto eu de assim muitas pessoas que podem trabalhar uma feitura como essa. Ela é assim grande.

De outro lado e em baixo de colina pequena, longe de feitura, vejo eu muitas cabanas de ponta-alta em perto de rio ali. Elas é muitas como dedos de mão colocados com dedos de pé de eu, e muitas fumaças é levanta por ali. Junto eu que feitura é trabalho de povo-que-fica, que para guardar feras eles, porém é difícil juntar que trabalho grande como esse é dentro de mundo.

Não está em eu, como eles vêm trabalhar feitura de eles perto de uma ponte-de-rio, onde terra entre mundos é fina, como um bebê pode juntar é fazer nada de bom. Ah, pode é ser que eles juntam não em cavalos-olho-de-fogo e coisas como eles, porque eu é ouvir que povo-que-fica não pode juntar mais bom que bebês. O povo de eu é com muito bom dizer para eles raça-que-fica, como isso. Um diz, como é ele homem-que-fica passa por um companheiro, e outro. Ele responde, por que ele espera ela pegar chifres ela em urze.

Eu está com machucado em perna, onde outros homens-que-ficam lança pedra em eu, e não está com um querer mais de isso. Vejo eu posso andar passando por colina com feitura em cima, ir para outro lado de cabanas de ponta-alta, de esse jeito ir para ponte-de-rio em que eu posso viajar.

Fica eu em pé, agora descendo colina, entre muitos tocos. Eles é todos pontudos em alto, que vale ele é como boca, e tocos como dentes de ela. Eu não está com um querer dentro de eu para todo esse aberto, onde elas árvores é colocada em machado. Não tem nada de bom em isso.

Vou eu agora baixo de colina pequena, que perto de colina fica mais grande, eu é escuto barulho baixo de boi-de-pêlo agora, de longe em cima ele lá. Colina é em direção de sol-desce onde eu vejo, por isso anda eu um outro caminho, que vai para sol-levanta. Terra é fica mais macia agora em baixo de vale, quando mais baixo vou eu, mais macia ela fica ainda, que eu posso dar um passo ao joelho de eu, e andar é devagar. Eles tocos de árvores é agora não muitos como em alto de colina, está com podre em eles, todo preto, marcado de grama-de-pêlo e cheio de água-de-muco, onde tem muitos bichinhos-de-ferrão.

Bem atrás de eu está boi-de-pêlo fazendo dizer baixo para companheiro. Puxo pé para fora de buraco-que-suga de molhado e terra, sigo eu andando. Não posso ver ponte-de-rio, como eu é vejo de alto, porque ela é vem por trás de árvores ficam todas em um grosso em frente de eu, mas encontro eu caminho para onde eu junto que ela fica, de outro através de rio.

Devagar, por grama-de-canudo e por terra-que-suga. Barriga de eu dói. Ela está que vazio é esquisito com eu, eu estou todo com medo só que cabeça de eu sai boiando, como com feras-de-céu. Terra suga pé de eu. Terra velha, ela junta que eu não está colocando pé de mãe em ela, quer o que é de ela, porque tem um pé que ainda é de ela, e pega ela pé de eu para fazer bom para ele. Esse juntamento coloca eu todo em medo, que puxa perna eu para cima alto como elas aves-que-andam, corre eu rápido como posso para árvores, que ficam em terra mais seca.

Perto de árvores agora. Posso eu andar e não sugar para baixo de terra, mas força para andar não está mais em eu. Elas árvores ficam em um pouco grosso, não junto eu nada, só ir para ponte. Dou passo eu baixo de árvores, encosto com mão em elas para ficar em pé, caio mais tempos quando eu é ando. Perna de eu é dói com

doença-de-fogo. Cai eu. Levanta. Cai. Levanto, agora está eu através de grosso de árvores, de outro lado de eles e com cuidado. Eu junto que eu é fica mais bom agora, está com mais força em eu. Caio.

Não eu posso levantar. Costas em grama estou eu, cabeça encostada em raiz de árvore. Alto em cima de eu está nada, só muito galho de árvore, onde de todas as peles é cai. Olho para baixo, de outro lado de barriga pernas e pés de eu, vejo eu para fora de árvores em direção de rio, onde é alto barulho de águas. Nem uma ponte vejo eu. Não está onde eu junto. Pode é ser que eu não encontro caminho para ponte através de grosso de árvores. Agora bichinho-de-cocô voam por caroço-de-sangue em joelho de eu, que é fica preto, ficam eles bichinhos-de-cocô em perna de eu, onde eu não está com força para bater e tirar eles.

Olho em direção de rio, onde está mais bom para olhar que perna de eu. Entre rio e aqui grosso de árvores, vejo eu uma subida de terra, com grama-de-canudo por todo lado. Em subida de terra...

Em subida está de pé uma coisa toda branca, mais alta que um homem e outro, onde em alto é cabelo voando em vento, todo preto e comprido. É uma mulher, toda de branco, porém ela faz medo de grande, como não é em este mundo. Fecho olhos, para ela não poder ver eu.

Agora abre olhos, mas pouco, eu vejo que ela não é mexe. Mais abre olho, porque é esquisito olhar para isso, vejo que ela tem mudança. Ela não é mulher agora.

Cabana. Ela é cabana, toda cheia de pele de boi-de-pêlo e por isso ela é branca. Ponta alta é ela, de onde é pendura um comprido de peles, todas pretas que voam em vento. Eu não junto se tem pessoas em dentro de cabana, nem como cabana de eles fica aqui toda sozinha, longe de outro raça-que-fica e a grande feitura de elas em cima de colina.

Olho eu agora muito para cabana, porque eu não está com outra coisa para olhar. Todo redor de eu, bichinho-de-cocô faz pequeno barulho de eles, que agora fica mais alto ainda. Olho eu, não posso ver nem uma coisa, só cinza, com forma branca onde cabana é fica, agora branco é fica cinza, cinza fica preto, preto ele não é fica nada.

Barulho. Saliva de eu está com lambida esquisita em ele. Barulho agora de pessoas, com um dizer a outro. Grande e velho é um, por barulho de ele, e outro pequeno. O pequeno é diz agora sim, diz de coisa que eu não posso ouvir, diz de água. Tem só um pouco de brilho através de peles-de-olho de eu, e isso é bom.

Flores, cheiro eu muitas flores, como que não é tempo-de-vazio agora, e sim tempo-de-flor. Para o alto abre olhos, vê eu cabana. Uma pele de boi-de-pêlo que faz de cabana está agora levantada, para fora vem um inclinado, cabelo comprido e brilho com cinto de pêlo e coberto com peles até o joelho. É uma menina, parecer, e não mais grande que eu. Cheiro eu, para cheirar fêmea de ela, e cheiro eu nada, só flores. Flores não vejo eu, mas vejo eu menina. Não junto se ela é uma flor que parece como menina, nem menina que cheira como flor.

Entre mãos de ela segura ela uma forma pequena, toda cinza. Anda ela para longe de cabana, longe de eu, para baixo longe de subida de terra e em direção de rio. Anda ela entre grama-de-canudo, mas não é sugada para baixo, como ela anda em caminho onde terra é seca. Agora caminhos longe está ela, que eu não posso ver ela em cima de grama, cheiro de flor é fica mais pequeno agora.

Agora está coisa mexendo perto de cabana, para onde eu olho de volta. Pele branca levanta, para fora inclinado agora um que é grande, com nada, só cinto e

abrigo de pêlo-de-festa que cobre vontade. É um homem. É um homem que assusta.

Ele fica parado, para olhar por aqui, mas não olha ele para eu. Ele é homem mais velho que eu é vejo, cabelo comprido de ele branco, com cabelo-de-queixo de esse jeito, e, oh, cara de ele. Cara de ele é marca com fogo-preto, onde nada só olhos de ele é brancos. Pequeno cinto está por cabeça de ele, alto de onde sai paus com muita ponta em eles, que parece ele como boi de chifre-de-galho. Dentro de mãos de ele está uma com flores e a outra mão com paus. Agora olha ele mais em volta, faz um pum, fica ele em baixo em frente de ele cabana de pele branca.

Não eu posso ver o que ele está faz, ele faz uma rapidez de mãos de ele, e mais vezes de esse jeito. Fumaça, cheiro eu fumaça. Ele é faz fogo, agora coloca mais paus para ele, para fazer mais grande. Pega ele pequenas pedras que coloca por ali, coloca elas uma sobre outra, perto de fogo, fazer de guarda-fogo.

Em trás de cabana fica ele, agora pega uma coisa de madeira e pedra, não mais comprida que mão de eu, toda chata e pontuda. Esse machado-de-mão é ele coloca em outra pedra ali, onde arranha ele para frente e para trás, como para fazer mais pontudo. Agora deito eu, escuto nem um barulho de isso, sol é fica mais baixo em céu.

Em cheiro de fumaça agora vem mais cheiro de flor, levanto eu cabeça para olhar para rio. Menina é volta aqui com grama-de-canudo levantando em baixo de pé ela e peles enroladas movem todas por joelhos ela. Entre mãos ela está ainda uma forma pequena, toda cinza, quando ela anda vejo eu onde sai um pouco molhado, cai lá em braço ela. Junto eu que é ela trás uma feitura como o pequeno vale, que um rio ela faz cheio de água. Devagar sobe ela agora até subida de terra, onde

homem de cabeça-de-paus é pega água ela para colocar em cima de guarda-fogo.

Menina fica perto de fogo agora em joelhos ela, não mexe. Sol vem mais baixo, quando brilho sai de céu é brilho de fogo vem mais, forma-de-espírito preta de menina é comprida em cabana atrás de ela. Mais comprida ainda forma-de-espírito de homem de cabeça-de-paus, toda preta com paus escuros mexendo como muitas minhocas em cabeça. Ele pega flores e joga elas dentro de água, em cima de fogo, onde de cinza fumaça-de-água é sobe.

Em brilho de fogo é vejo eu agora um muro baixo, feito de terra, que fica atrás de cabana. Eu não é tempos-de-trás olhar para isso. Pode é ser para guardar de feras, como o mais-grande em cima de colina, mas é eu vejo só pouco de ele, não junto. Fogo sobe alto. Formas-de-espírito pretas balançam para frente e para trás através de pele de boi-de-pêlo.

Uma brancura grossa e macia como gelo-de-terra é sobe de feitura em cima de guarda-fogo, para outro lado de eu, onde branco é desce todo para fazer de barulho-de-gato agora em fogo. Enrola homem de cabeça-de-paus um pouco de pêlos por mãos de ele para fazer de elas não quentes, Tira ele de guarda-fogo o fazer, que ele agora coloca perto de ele.

Um pouco de brancura grossa para fora de fazer pega ele, uma mão cheia e a outra igual. Menina fica ela em joelhos e não mexe. Escuro entra em céu. Espíritos pretos balançam em cabana. Agora homem de cabeça-de-paus coloca branco em cara de menina, mas não mexe ela, branco é grosso em baixo de olhos de ela, grosso em boca de ela. Em pequenos pedaços ele cai em abrigo de tetinhas de ela.

Menina é não mexe. Homem de cara-preta agora coloca mãos por todo ele lá em escuro, como se ele procura coisa, agora um grande cinza quente vem para

eu, fecho agora olhos. Cheiro fumaça. Cheiro flor e escuto eu mais de barulho de arranhar, que é arranha para frente, para trás, para frente.

E para trás.

Escuro. Muitos juntamentos pequenos. Frio. Perna dói com fogo e , oh. Oh, eu. Escuro. Nada. Perna dói, oh. Oh, Mãe, eu não é vivo mais tempos-de-gelo que dedos de eu. Escuro. Escuro, barriga dor frio. Mãe e eu anda em baixo de árvores, passo estranho, encosta nós um em outro, porque ela está com só uma perna, com uma perna igual está eu, tocos de nós todos com sangue. Escuro. Escuro, frio e nada em barriga de eu. Flores. Escuro.

Brilho. Cheiro eu... brilho, através de peles-de-olhos. Cheiro eu flores e... abro. Abro olhos e... flores, olho para cima para...

Olha ela para eu. Menina que é cheiro de flores. Fica ela de joelhos perto de eu, que deito com costas em grama em grosso de árvores. Feitura cinza está entre mãos de ela, ela segura é água-de-rio dentro. Comprido de ela cabelo brilho espeta em barriga de eu, olhar nós um para outro de esse jeito, junto eu coisa nem uma para dizer.

Come isso, diz ela, e diz eu nada, só olho. Agora coloca ela feitura em boca de eu, que molhado de ela vem quente em queixo, em língua, é leite, leite ele é bom. Come eu, uns tempos olho para ela, em cima de ponta de feitura. Como é, agora ela diz, que eu é vem aqui. Dizer de ela é esquisito, com dizeres vindo por outro lado, mas posso eu juntar o que ela diz. Boca de eu está cheia de leite, que eu não posso dizer nada para ela, mas leite desce e não está mais, ela tira feitura de boca de eu. Como é que eu vem para aqui, um tempo mais ela diz.

Faço eu muitos dizeres agora, tudo correndo. Diz eu de pé de mãe, de povo de eu indo para longe. Diz eu de ave com minhoca-de-podre, de raça-que-fica que é joga pedra em eu e rasga perna de eu. Com isso, menina faz boca boa, diz que ela tira é podre de perna de eu, agora junto eu que perna não dói, é olho para ela.

Não tem caroço-de-sangue. Baixo de joelho está cocô e terra todo molhado, onde perna de eu é rasgada está coloca pele de árvore, toda macia e quente. Olho eu de perna para ela e diz, como está assim agora, como isso. Diz ela que ela é encontra eu por aqui com primeiro brilho, vê perna de eu está machucada. Ela puxa eu mais em grosso de árvore, para esconder, ela é faz bom de perna de eu tempo eu não junto.

Tudo isso ela diz, ela está agora com mais que eu posso comer. Para fora de abrigos ela é pega ela pau de carne-seca, coloca ela agora em mão de eu. Levanto eu agora pau-de-carne para boca de eu, mastigar ele é difícil, mas lambida é boa. Diz mais de vir até aqui, ela diz.

Está eu com carne-seca em boca de eu, que mais de dizeres de eu ela é faz eu dizer por muitos tempos, mais bom para juntar. Diz eu de andar, porcos que viram toras, digo eu agora de cavalo-olho-de-fogo. Ela é balança cabeça para frente e para trás, por sinal que ela junta é de eles. Digo eu de como em vale é eu vir, grande feitura-de-colina vejo, que vou eu por outro lado e de esse jeito venho para aqui.

Diz ela, é homens de feitura vejo eu, diz eu não voltar lá, diz ela isso é bom. Como isso é bom, diz eu. Oh, diz ela agora, eles é homens rudes de vir ficar perto de rio. Se eles é ver eu, eles é jogar pedras em eu. Olho eu para perna, junto um certo em dizer de ela.

Agora olho eu por ela, de outro lado de grama-de-canudo onde é cabana fica em terra que levanta, rio longe, atrás de cabana. Em rio está forma em mexer, que

junto eu é eles ratos de rabo chato, todos por fazendo cabanas-de-rio para eles. Como é que ela cheira flores, diz eu.

Tem um caminho para isso, diz ela, para pegar de cheiro de flores e fazer por ali uma água-com-cheiro, pode colocar em pele e cabelo. Agora olha ela para fora de eu, em caminho de rio. Dizer de ela mais pouco vem.

O Bruxo é quer que ela cheira de flores, diz ela, que ele pode juntar mais onde ela é vai tempo ele não vê ela. Não diz mais ela, olha para longe. Agora arranca ela um pouco de grama, coloca em boca ela. Eu não é junto em Bruxo, digo eu, puxo carne-seca com dente de eu. Ainda não olha ela para eu, levanta mão ela e faz agora um dedo para cabana. Aquela cabana é de Bruxo, ela diz.

Eu é ver Bruxo, digo eu. Ele é homem de cara-preta com paus por cabeça de ele.

Vira ela agora toda rápida e olha para eu. Como é que eu ver Bruxo, ela diz, faz um olho esquisito. Volto digo eu agora de como eu ver ela ir para água-de-rio, em que Bruxo coloca ao lado de guarda-fogo, onde é vindo uma brancura. Digo eu de como eu é ver Bruxo colocar brancura em cara ela, depois é eu não vi mais.

Devagar cai ela, costas em grama, com braço todo encostando em olhos de ela, para parar brilho. Aquele branco é água de cheirar, diz ela, para fazer ela cheirar como flores. Junto eu que eu é vejo como homem de cabeça-de-paus é coloca flor em água, onde fica branco, que tem certo em dizer de ela.

Deita nós em grama. Em céu lá em cima de nós está feras-de-céu agora correm atrás de sol, não de outro jeito. Elas pegam ele e comem ele, onde não tem mais sol, brilho é sai de céu. Cinza está o rio velho agora, grama-de-canudo, como ele, está cinza. Digo eu, como ela está encontrando comida para eu, fazendo perna de eu boa. Agora fica ela um pouco para cima que ela deita,

encosta em um braço, olha para eu. Cabelo brilhante é cai em olho de ela, onde ela é empurra ele para trás.

Ela é toda sozinha, só Bruxo, diz ela. Não tem ninguém para ela dizer coisa, nem para andar com em tempos bons. Bruxo ele é velho, com escuro em juntamento de ele, onde ele não está mais em tempos bons, é faz pouco dizer. Ela é encontra leite para eu e ajuda para perna que eu posso dizer para ela muita coisa eu vejo em mundo, de esse jeito fazer bons juntamentos vir em ela tempo ela está só com Bruxo.

Macia é ela pele de cara, com só pequena marca de arranhado em rosto ela. Um bichinho-de-marca-de-asa é voa por todo cabelo ela, e fica agora bichinho em cinto de pêlo branco, todo cobrindo lá por cabeça ela. Como ela é vem com Bruxo, digo eu, se ele é escuro, com nem um bom tempo em ele.

Faz ela uma respiração como vento macio agora, diz como ela é vem de ficar longe, faz trabalho para Bruxo. Bruxo é com grande dizer em cima de muito povo-que-fica, porque ele é um...

Aqui faz ela um dizer que eu não junto, digo agora como é isso, responde ela que é como o Homem-juntador, mas com mais esquisito.

Bruxo não está mais com filho para trabalhar para ele em grandes feituras de ele, diz ela agora, que é como ela é faz vir e trabalhar, fogo em comida de ele, encontra de comida e coisas assim. Faz ela uma boca que não é boa com dizer de isso. Vem agora barulho baixo de boi-de-pêlo, alto longe, e grama-de-canudo perto de cabana é cinza e mexe como fumaça em vento. Onde está Bruxo agora, digo eu.

Antes de primeiro brilho ele é anda para longe, diz ela, viagem para povo-que-fica de eles baixo de rio lá. Ele é com muitas coisas para fazer, depois ele volta aqui.

Com isso um medo é vem em eu. Junto eu cara preta de ele, paus de ele como chifre de fera, digo como é bom

eu seguir viagem, que ele não pode encontrar eu. Faço eu para levantar agora, mas tem pouca força em eu.

Faz a menina uma boca mais não boa ainda, diz ela como perna de eu não está com tempos para ficar toda forte, como eu ainda não está com barriga cheia, ela está certa em isso. Diz ela que eu posso esconder onde é Bruxo não encontra eu, que só ela é juntamento onde de eu. Atrás de cabana, diz ela, tem um muro de feitura de terra, para guardar de porco. Bruxo não está mais com porco, feitura é fica vazia para que eu poder esconder por ali. Junto eu que isso está fazendo eu é ver perto de brilho de fogo.

Ali posso eu ficar, diz ela, enquanto perna é fica mais boa, ela é procura comida para eu. Se Bruxo ver que mais comida é vai, ela é diz para ele que comida é levada por rato.

Isso é coisa mais estranha que eu posso juntar. Junto eu agora isso de esse jeito, agora de aquele, mas eu junto não é certo. Como é, digo eu agora, que eu é muda para rato.

Ela faz boca boa de isso, diz eu não é mudar para rato, só é ela dizendo isso para Bruxo. Eu olho para ela. Eu é ainda não com juntamento de que ela diz, ver isso faz ela boca mais boa ainda. Ah, diz ela agora, eu não é juntar que uma pessoa pode dizer de coisa enquanto coisa não é.

Este é um juntamento que eu nem um tempo escuto, dizer que coisa é, que não é. É um juntamento mais grande que eu posso segurar em eu em um tempos. Olho eu para ela com boca de eu aberta. Balanço eu cabeça de eu, faço sinal de não.

Boca boa de ela fica mais aberta com isso, diz como é bom para ela encontrar um como eu, que é todo esquisito em juntar e dizer de ele. Vem, diz ela agora, que eu está com nem um tempos para juntar isso. Vem

para outro lado de grama-de-canudo e perto de cabana de pele branca para esconder em feitura lá, ela diz.

Fica parada ela, pegando de mão de eu, mão de ela é pequena agora, quente. Vem agora, diz ela, puxa, assim ajuda eu ficar de pé. Não tem força em eu, coloca ela braço por costas de eu, para ajudar eu andar. É como que eu ando baixo de cara de eu em flores, por cheiro de isso.

Desce agora nós devagar para fora de grosso de árvores, agora andar por grama-de-canudo, onde é caminho de seca, entre molhada e terra-que-suga. Caminho passa por subida de terra, onde é cabana de pele branca fica ali, agora sobe em cima nós, ela braço por costas de eu, chega perto de cabana. Nós anda só pouco caminho, mas força vai de eu, pernas todas tremendo.

Vejo por aqui, cabana é mais grande que eu é junto, mais feita para só um homem e só uma menina. Por primeiros tempos junto eu como é que Bruxo, com grande dizer em cima de muitas pessoas. Tempos é bom assim para ele. Pode que tempos fiquem assim bons para eu. Menina puxa ela mão de eu, desse jeito dá passos nós por perto de cabana onde chega nós por guarda-porco.

Muros de terra de guardador é alto até pescoço de eu, com buraco-de-muro fechado por madeiras-de-parar. Terra baixa de guarda-porco é toda coberta por grama-seca, grossa e quente, onde é muro é vem um outro, como em joelho de eles, é está uma pequena cabana de galhos feita. Eu cheiro só pouco porco por aqui, porque eu é cheirando mais de flor. Puxa e abre ela madeiras-de-parar, dentro de guarda-porco é vai nós.

Bruxo não é olha aqui dentro, ela diz, agora porco não está mais aqui. Diz ela, se eu é esconde em grama-seca, ela é vai fazer trabalho para Bruxo, que depois volta ela em escuro com comida para eu. Coloca ela

agora em mão de eu outro pau de carne-seca, para comer entre tempos, agora é abre madeiras-de-parar para ir ela para fora. Eu está com querer que ela poder ficar mais tempos com eu. Alimento eu em juntamento de eu por uma coisa que eu posso dizer para ela e fazer ela ir para longe mais devagar.

Digo eu, como é que ela diz Bruxo não é mais com filho. Filho vai para longe como porco vai para longe, em guardador de ele que eu agora é fico.

Com isso olha ela para baixo, um escuro fica em cara ela. Filho de Bruxo é não vem mais aqui, diz ela, diz que ela está indo agora. Para fora de buraco-de-muro é ela vai, com fechar de madeiras-de-parar atrás ela. Dá passos ela por perto de cabana que eu não posso mais olhar ela, mas cheiro eu ela, como flores-de-árvore caindo.

Arrasto eu dentro de pequena cabana-de-galhos agora, e baixo de grama-seca cavo. Coloco pau de carne-seca em boca de eu para mastigar, dentro de barriga de eu fica bom. Andar de eu de grosso de árvores é faz eu ficar com nem uma força, eu é deitado agora rosto em grama que espeta, sugo em carne, fecho de olhos.

Agora abre eles. Tudo é fica escuro. Uma coisa está em boca de eu. Ah, é pau de carne. Fim de ele fica macio como cocô, lambida de carne grossa em língua de eu. Toda espetando é rosto de eu, não junto eu onde de eu, mas junto eu agora em flor, em menina, em cabana e guarda-porco que fica perto, junto jeito de eu chegar aqui.

Lá de outro lado de guarda-porco é fica cabana de pele branca, onde por perto eu escuto barulho de homem dizer muitas coisas, barulho de menina responder para ele. Junto eu que Bruxo é volta aqui vindo de fazeres com eles raça-que-fica.

Agora tudo fica silêncio. Fico eu em grama-seca, fazendo mastigar de carne, tempos é passa desse jeito.

Eu é escuto barulho de madeiras-de-parar mexer em buracos elas, cheiro eu flores, e, ah, isso é bom. Menina é vem dentro de guarda-porco, até pequena cabana onde eu é estou. Faz eu dizer de muitas coisas para ela, e ela é coloca mão de ela em boca, sinal para fazer-não-barulho. Agora ela é dizer de silêncio, mais como barulho de vento em grama-de-canudo faz.

Diz ela, tudo pequeno agora, que ela é vem com comida para eu. Para fora de abrigo pega ela agora carne-de-fogo e uma coisa-de-mastigar que eu não junto, toda dura com fora, mas macia com dentro de ela. Eu pega isso de ela para mastigar, digo eu, como é isso, tudo duro e macio.

Faz ela um barulho-de-gato, como para dizer que eu faço muito alto, eu posso mais baixo. Diz ela que coisa-de-mastigar é feita em fogo com areias pega de grama-de-sol, que cresce perto de aqui, com pequenas águas colocadas em elas. Comer eu, é bom, boa é carne-de-fogo agora em boca de eu. É boi, lambida de ele. Fica ela de joelhos perto de eu, não faz barulho. Boca vazia agora, nada posso eu juntar para dizer para ela, só filho de Bruxo, agora ele está mais não por aqui.

Olha ela para eu, ratos-que-voam fazem voltas de eles por céu em cima de guarda-porco ali. Tempos de silêncio passam, agora com escuro diz ela, ah, é comprido em dizer de eu, não tem nada bom em isso. Agora ela em silêncio, junto eu que ela não diz mais nada, mas não está eu com certo de isso.

Diz ela que Bruxo é longos tempos fica perto de rio aqui com filho, onde povo-que-fica é vem para aqui que Bruxo pode juntar para eles, para eles fazer muita coisa. Para todos os fazeres de ele é eles povo-que-fica encontra peles, comida, muita coisa para Bruxo, que é de ele esperado.

De tudo que é para Bruxo fazer, ela diz, um fazer é mais grande que outros é. Diz ela que tem muitos lugares de ficar, de outro lado de mundo de água a grande água, todos os lugares de ficar está com homem de cabeça-de-paus como jeito de Bruxo. Eles homem de cabeça-de-paus é vêm todos em um onde, para juntar e dizer um para outro, depois de que eles é todos dizer de um grande fazer, que eles juntam entre eles. Fico eu de outro jeito em grama, porque ouvir de isso é bom.

Diz ela que juntamento de homens-com-paus é para fazer de caminho, mais grande que caminho é ainda, caminho que vai de ponta de grande água, em jeito onde vento quente vem, vai para onde de muitas árvores, que vento frio passa por ali. Caminho é para passar por caminho de colina e onde-alto, e por ponte de vale.

Isso é muito mais comprido que eu posso juntar, porque eu é nem um tempo ver águas grandes. É eu só ouvir de elas. Como é isso bom para fazer grande caminho, digo eu para ela, que fica em escuro e faz de nada com cabelo ela. Diz ela que caminho ele é para vir e ir de muitas pessoas, que homens de lugar de ficar podem para outro lugar viajar, de caminhos distantes, pegar de pedras e esconder com eles, para que eles pega de outros abrigos e feituras de lugares que eles é esperado. Em desse jeito, todos lugares vêm com coisas que eles não é recolhe em tempos-a-trás, bons tempos vêm para todos eles quando de colocar esse caminho.

Ah, se caminho desse jeito é feito, ela diz, mais tempos bons ainda vêm para lugar aqui que vêm para lugares de outro onde, porque aqui está ponte-de-rio, onde homens-de-viagem é com nem um outro caminho para ir, mas que eles passam por aqui, muita coisa boa passa por aqui com eles.

Viro eu agora barriga para cima, com grama-seca espetando em vontade de eu. Deito eu com traseiro e pernas em pequena cabana de galho, cabeça e braços de

eu para fora. Viro cabeça, para olhar para céu, onde feras-de-céu é todas fecham os olhos, porque nem um brilho eu é vejo. Junto eu caminho, de que menina diz tudo, mas cheio de isso não está juntamento de eu. Digo eu para menina, como é caminho feito se não muitos pés assim dar passos por ali. Mas como muitas pessoas andam por esse caminho se elas não estão juntando caminho.

Agora dizer de ela fica esquisito, difícil de juntar. Diz ela, existe jeito que homem pode ainda juntar caminho, se caminho é assim comprido que vai por todo o mundo. E jeito de isso é esse, ela diz. Em todos eles muitos lugares-de-ficar está eles homens de cabeça-de-paus fazendo dizer, esquisito e comprido, que diz de muitas coisas. Diz de lugar-de-ficar onde está homem de cabeça-de-paus, diz de colinas e caminhos onde fica lugar de ele, pessoas vindo de outros ondes podem encontrar um caminho até ele. Agora todos os muitos dizeres de eles muitos homens de cabeça-de-paus é coloca eles uma fila, para fazer um dizer comprido mais grande ainda, que diz de caminho de beira de água de vento-quente até vento-frio, onde está muitas árvores.

Ah, como é isso, digo eu. Se dizer é assim comprido, um homem não pode juntar ele todo em um tempo. Ah, ela está dizendo agora, é aí onde vem o esquisito de isso. Eles homem de cabeça-de-paus fazem dizer comprido de eles de um jeito que um homem pode ouvir em um tempo e agora um tempo mais. Depois de isso ele é todos os tempos juntando dizer de eles. O dizer de isso é feito com barulhos, um igual como o outro, que é com forma-de-dizer como nem um outro, mais bom para guardar em juntamento.

Aqui ela é não diz mais, e ela é fica mais para cima e pega respiração para ela. Agora faz ela, macio, um barulho que é com dizeres em ele, mas é o mais bom que

eu em tempos-a-trás escuto só de elas aves. E dizer de ela é de esse jeito.

Oh, como agora posso achar companheiro, ele menino-
de-viagem é diz
Em beira de vale alto, em escuro de árvore, perto de
colina de minhoca-de-terra e tudo
E deito com ela enquanto eu é ainda não colocado em
terra toda cinza.
Em beira de vale alto, em escuro de árvore macio
Perto de colina de minhoca-de-terra e curva joelho de rio
E ali está deitado eles, ele e ela, em baixo de grama e tudo.

Isso coloca frio dentro de barriga de eu só de ouvir de ela. Agora ela está silêncio, não diz mais, mas posso eu ouvir ainda dizeres de ela, porque ele faz volta e volta como ave de asa doente aqui dentro de eu. Em beira de vale alto, em escuro de árvore macio...

Agora vem grande barulho de cabana de pele-branca, de outro lado de guarda-porco ali, é Bruxo. Alto diz ele, onde está menina, menina é faz barulho atrás de cabana de ele, desse jeito. Garota faz pulo para cima e diz, todo baixo, que ela vai para longe que Bruxo ele não vem para encontrar ela e encontrar eu igual. Ela faz para andar para fora de grama-seca, cheiro de flor ela por toda ela como enrolar. Espera, digo eu baixo, por medo que Bruxo pode ouvir. Digo eu, ela não é diz de filho de Bruxo, nem como ele é vai para longe de aqui, como é eu quero para juntar.

Dizer de essa coisa é longa, diz ela, mais grande que pode ser dizer tudo em um tempo. Em primeira luz Bruxo ele é sai, ela volta aqui que eu é escutando mais, e de filho de Bruxo. Agora inclina ela para baixo, agora é lambe rosto de eu.

Fica de pé ela, vira, ela é vai em-bora rápido como para boi de chifre-de-galho, através de buraco-de-muro, de guarda-porco, para escuro de fora e não vejo mais. Ela cheiro-de-flor é levada por vento, que vento não quer que ninguém cheira, só ele. Em baixo de barriga de eu, vontade de eu está com um osso, onde perto grama-seca é espeta pontuda. Saliva de ela fica fria ali em rosto de eu.

Dizeres baixos vêm de cabana de pele-branca, que homem para menina, menina responde para homem, agora é silêncio. Cheiro de ela flores é todo sai, que cheiro eu mais de porco que tempos-a-trás está por aqui. Cheiro podre de árvores com toco fica todo cheio de água-de-muco, e cheiro rio devagar, mexendo para longe. Viro eu agora parte-de-frente para cima, com costas para grama-seca, olhando para cima para céu. Não tem nada no céu, só escuro.

Junto eu em como é que uma pessoa pode dizer de coisa, mas coisa não é, e mais, em como tudo um homem pode fazer com juntamentos como este, eles é assim grande. Junto eu em como um comprido dizer esquisito pode é como caminho, que homem pode viajar mundo por todo. Menina, ela é coloca muitos assim juntamentos grandes esquisitos em barriga de eu que não tem nem um silêncio em ela. Vira eu de esse jeito e de aquele em grama-seca, agora é eu quero para fazer um xixi.

Eu não posso fazer xixi perto cabana de pele-branca, onde Bruxo pode cheirar de eu. Arrasta eu de feitura toda de galho, para ficar de pé e de outro lado de guarda-porco. Fora por buraco em muro, agora é dou eu passo com silêncio em frente cabana, onde é uma

pequena colina de galho e urze, que menina e Bruxo é juntam muitas madeiras-de-fogo para colocar por aqui. Vou eu agora perto de colina de paus, por beira de subida-de-terra é eu vindo.

Lá em céu em cima de eu feras-de-céu é todas puxar para trás, uma de elas outras, atrás de elas está lua. Por brilho de ela é eu vejo grama-de-canudo ficar toda pontuda e branca, posso eu ver onde grama é pisada toda chata, como caminho que menina por ele vai até rio, para água encontrar. Vem eu agora descendo subida, vem um caminho seco por onde não é terra-que-suga, que eu posso andar.

Perna de eu não dói, como é fica força em ela, olha eu para baixo para ver de ela. Casca-de-árvore que menina coloca baixo de joelho ainda está por ali, segura perna de eu com terra-e-água. Isso é bom, segue eu andando, de esse jeito vem onde devagar e escuro de rio mexe entre árvores, onde igual vou eu. Eu é não junto que eu posso andar assim longe para fazer xixi, mas é bom para andar e não em guarda-porco deitar.

Vem eu agora lado de rio e por árvores, onde agora longe em frente de eu é eu vejo ponte-de-rio que eu é ver de beira de vale. Ela é assim grande, toda feita com árvores, e junto eu agora como está lá muitos tocos por aqui. Ponte ela é fica em alto de muitas cabanas-de-rio, que rato de rabo-chato é faz, barulho de rio é fica alto em baixo de ele. Em outra beira, de outro lado de rio, vejo eu que caminho vai para longe, todo brilhante em branco de lua.

Tem um querer em eu. Tem um querer para andar eu para outro lado de ponte, por caminho branco-de-lua de vale ir e voltar aqui não mais. Mãe de eu não é faz eu para ficar perto de cabanas com homem de cabeça-de-paus e menina de cheiro-de-flor, e coisas esquisitas assim. Eu é um de eles raça-que-anda, e é para andar feito. Eu está com querer subir este baixo, onde é tudo

molhado e cheiro de podre. Um lugar de ficar perto de rio, onde é cavalo-olho-de-fogo anda. Não tem nada bom em isso.

Mas junto eu muitas coisas. Se eu andar todo sozinho e não é encontrar de coisa para comer, eu é faz barriga-vazia, como em tempos que eu não é ainda vir aqui para perto de cabana de pele-branca. Eu junto menina, com cinto de pele-de-boi, segurando para trás ela comprido cabelo brilhante, cheiro de flores por todo lado e muitas coisas boas ela é diz. Junto eu agora filho de Bruxo, que eu é com um querer de ouvir de ele, olho eu agora para ponte e caminho branco de outro lado de ela, escuto alto de rio, caindo ali em escuro.

Faz eu agora xixi em árvore, viro, caminhos de volta vou por beira de rio, por grama-de-canudo, para cima de subida de terra e tudo por cabana de pele-branca, onde vem eu para perto de guarda-porco. Arrasto em cabana de galho e baixo de grama-seca. Faz agora fechar de olhos, tudo de mundo vai para fora de eu.

Flores. Primeiro brilho. Menina é dia, vem, Bruxo é sai ele para lugar de ficar baixo de rio. Vem, fica de pé, desse jeito. Ela pega eu por cabelo de rabo-de-rato de eu e faz um pequeno puxar. Vem agora, ela diz, e diz que ela está com comida para eu. Agora abre olhos, levanto eu.

Ah, é bom que eu não é vai para outro lado de ponte em escuro e não ver mais de ela. Fica ela perto de eu com brilho de sol em ela, pele de ela mais branca que cinto de boi-de-pêlo que enrola por todo ela cabelo. Em mão ela é segura coisa-de-mastigar que é com grama-de-sol feita, enquanto outra mão ela está com maçãs-de-peitinho dentro.

Elas maçãs-de-peitinho é assim macia e boa para comer, com molhado de elas desce por queixo de eu. Faz ela boca boa com isso, e diz que ela é encontra outra

coisa para eu, mas não que eu posso comer. Agora olha eu, perto de ela é eu vejo abrigos. É abrigos-de-perna, abrigos-de-barriga e abrigos de pele-seca feito para pé. Como é ela chega a abrigos, digo eu, em dizer de eu saliva de maçãs-de-peitinho é cai em mão de ela, um pouquinho. Agora levanta ela a mão, faz uma língua e lambe, todo esse tempo é olha para mim. Um espetar é vem em vontade de eu.

Abrigos é eles abrigos de filho de Bruxo, ela é diz, e diz não mais de isso, olha para rio, brilhante com sol, onde ela é faz todo pequeno de olhos ela. Digo eu, como é que filho de Bruxo vai para longe e leva não abrigos de ele.

Olha ela mais para rio. Diz ela, ele não quer é abrigos onde ele vai.

Agora levanta ela, vira para eu. Diz ela, vem, coloca eles abrigos, que pode andar nós até beira de rio. Levanto eu, faço como ela diz, onde coloco eu abrigos por pernas de eu, barriga e costas de eu, e agora em pé de eu. Esfregar de abrigos é esquisito.

De guarda-porco passa por cabana nós, onde de colina de galhos-de-fogo está em frente, que fica mais grande que eu. Perto de subida e grama-de-canudo por perto de beira de rio, onde eu tempos-a-trás é vir para fazer xixi. Ali anda perto de água nós. Diz eu que ela é dizer para eu de homens de cabeça-de-paus e de eles grande dizer-de-caminho, mas ela não é diz como filho de Bruxo é todo um com isso, nem como é ele vai para longe.

Diz ela, se eu é ficar com ela em baixo de árvores, perto de beira de rio, ali ela é dizendo tudo para eu. E agora é encontra árvore nós, fica aqui em grama nós, ela com pé ela pendurado para baixo e dedos de pé de ela em água, onde é faz aros brilhantes.

Ela agora é dizer de homens de cabeça-de-paus, de eles caminho-de-dizer. Caminho é uma feitura mais

esquisita e mais grande que feituras tempos-a-trás em mundos, mais grande que pedras-em-roda que pessoas dizem é feita lá em grande aberto, longe em caminho de sol subindo. Diz ela, para fazer esse caminho-de-dizer eles homens de cabeça-de-paus é querem uma força e um esquisito de juntamento que não é tempos-a-trás dentro de eles. Uma força que é vem de outro mundo, em baixo de terra, onde eles espírito é andam.

Bruxo e raça de cabeça-de-paus de ele é pegam essa força de mundo de espírito, diz menina, e espíritos é igual pegar de eles esperado de homens de cabeça-de-paus. Agora ela está em silêncio. Como é que eles espírito pega o que é esperado por eles, digo eu.

Diz ela como espíritos pegam aquilo o que eles homens de cabeça-de-paus é mais com querer de que uma outra coisa em mundo, que pode ser isso. Essa coisa é colocada em machado por homens de cabeça-de-paus e faz não mais vivo, que é levada por espíritos para outro mundo. Que esperado por isso é esses espíritos colocam força dentro de homens de cabeça-de-paus, esquisito em juntamento de ele, que ele pode fazer caminho-de-dizer certo.

E como com Bruxo, digo eu, com essa coisa ele quer mais que uma outra coisa em mundo, que espíritos fazem ele colocar em machado. Tira ela agora pé de rio, branco e frio, com olhos pequenos de molhado fica de pé ali. É filho de ele, ela diz. É filho de ele.

De outro lado de água levantam muitas aves de boca-chata, todas em barulho elas, e voam para longe em cima de molhado e de água, caminho de beira de vale. Uma minhoca de casca-de-árvore cai em pé de eu, uma de elas raça de costas-com-pêlos. Eu levanto ela entre dedos de eu agora, puxo, que ela é fica em pedaços, onde faz eu parado com ela longos tempos de esse jeito, lambe ela para fora de mão de eu. Menina

vira de rio agora, para olhar para eu. Povo-que-anda é coloca filho de eles em machado, ela diz.

Não, digo eu. Nem é fera, nem ave, mas se eles está com doença em juntar de eles. Eu não é em tempos-a-trás ouvir uma coisa assim que assusta nem assim esquisita como essa. Ah, colocar de bebês em machado é mais não bom que eu não é junto. Mais digo eu desse jeito, e digo, Bruxo não é com gostar de filho, que ele pode fazer isso com ele.

Não é isso, diz menina. Não é isso, não. Bruxo é ele mais com gostar e querer em ele por filho como é querer em homem por companheira. Como é em fogo por árvore de madeira-seca. Ele não é quer fazer filho de ele não mais vivo.

Digo eu, ah, Bruxo pode dizer ele não para isso, e dizer ele não é colocar filho ele em machado, porque ele é com grande dizer em cima de muitas pessoas.

Povo querer de caminho, diz ela. Povo é querer de peles e carnes, de tempos bons que caminho faz ficar por aqui. Eles povo-que-fica é longos tempos encontra Bruxo comida e abrigos ele e coisas assim, agora é querem ele faz caminho para eles, como é esperado para eles. Se ele não é coloca filho em machado e faz certo de caminho, ele está com grande dizer não mais em cima de eles. Se ele não é fazer certo com eles, ah, eles é fazer ele e filho ele ir para longe de aqui. Lançados para fora, e feitos para procurar alimento, onde pode é eles ficar não mais vivos.

Como é filho de Bruxo junta de essa coisa, digo eu. Mexe ela agora pescoço e braços de ela, como sinal de que não junta ela. Diz ela de juntamento de filho de Bruxo esse jeito, nem aquele, mas não tem nada bom em isso para ele. Se ele é fugir para longe de lugar de ficar, ele não é com coisa para comer, que ele não é tempos longos vivo. Se ele não é fugir, Bruxo coloca ele em

machado. Filho de Bruxo ele pode fazer um outro, mas nem um nem outro é faz bom para ele.

Levanta ela braços, para fazer costas ela longa. Ela tetinhas pequenas empurram uma forma de elas contra abrigo-de-barrigo ela. Agora ela levantando e dizendo para eu, vem, que pode andar mais por beira de rio nós. Para fora coloca mão ela, para puxar eu para levantar, mão está molhada com quente de ela.

Anda perto de rio nós agora, nada diz, mas dá passos devagar até joelhos nós por colina de casaca-de-árvore seca, e com passos de nós lança elas por todo lado. Vem por baixo de árvores nós, onde vê ponte nós longe. Ponte é mais grande em brilho de sol que eu é vejo em escuro, digo eu igual isso para menina. Pára ela, como é que eu ver ponte em escuro, respondo eu agora como eu é vir por aqui para fazer xixi, que depois voltar eu para guarda-porco lá. Ela olhou para eu, como se ela junta em isso, agora faz boca boa. Vem, é ela diz, que nós poder ficar em ponte-de-rio.

Anda por todo caminho nós, ponte-de-rio é fica mais grande quando vem nós mais para perto, que eu não junto quantas de elas árvores é cai para fazer de ela. Aqui por beira de ponte está madeiras velhas pretas levanta até ela, para atravessar de ponte é feito mais alto que beira de rio. Menina agora é deita barriga de ela em subida de ponte, nariz apertado em madeiras pretas para olhar entre de elas. Abrigos ela é fica forma boa por traseiro de ela, mas ah, não tem fazer de isso. Vem, diz ela, para olhar por aqui, entre de toras.

Deito eu agora perto de ela, baixo em ponte, olho onde ela é diz, através de madeiras pretas para escuro em baixo de elas. Por poucos tempos eu é não vejo nada, vejo escuro, agora ver de eu fica mais bom, vejo eu forma toda fina e branca, que deita dentro de escuro, não mexendo. Eu não juntar se é homem ou mulher, mas vejo eu quando eles vem todo em osso e pele seca, nada

mais. Ele está com abrigos com buracos por todo lado, mas é nem um cabelo em cabeça de osso ele, como se é arrancado de ele. Eles olhos-de-buraco é feito como para olhar para nós, em baixo de osso de cabeça é dentes eles todos fazem boca boa para eu.

É mulher, menina é diz. Mulher em colocada viva por aqui, que pode espírito ela ficar perto de ponte e fazer ponte boa, que ela não cai, ela não fica em fogo. Agora menina é levanta e diz mais nada, anda por subida e em ponte, onde segue eu atrás. Enquanto ela anda ela é faz agora um outro dizer, esquisito e como de ave, mas não como dizer de eles beira de vale e escuro de árvores e coisas assim. Este dizer agora é com mais rápido em dizer de ele, e ouvir de isso é bom, e de esse jeito...

Está ela ali sem cabelo em fronte,
e osso é ela, osso é ela sem voz
Está ela ali, em baixo de ponte,
ver mulher boa de eu para rio ir nós.

Anda para outro lado de ponte nós, com passos de volta de tora a volta de tora, tudo devagar, não está caindo nós com grama-de-muco que é cresce por ali, vem por meio nós, onde uma ponta não é mais longe que outra. Agora vento velho é forte, rio faz aquele alto em baixo de nós que um não pode ouvir o que outro diz. Menina diz coisa que eu não escuto, diz eu, como é isso, diz mais alto, desse jeito. Agora em cima de barulho de rio ela diz, olha agora. Olha para outra ponta, com dedo de ela faz sinal para onde ela é quer que eu olha.

Lá do outro lado de água vejo eu agora muitos homens-que-ficam, em encontrar de feras. Eles está com pau-de-jogar em mãos, arrastam boi de chife-de-galho atrás de eles. Eu está com medo, porque eu é junto que menina é diz que eles podem jogar pedra em eu, eles é assim grossos. Isso digo eu para ela agora, faço para

fugir de ponte, mas diz ela espera. Diz ela que eles é juntam de ela, não é fazer doer de eu enquanto ela está perto. Olha, diz ela agora, eles homens é faz sinal para nós. Faz sinal para eles, diz ela, sinal para tudo está bom.

Eles homens distantes é levantam mão eles, onde levanta eu mão como igual, Menina é não mexe. Diz ela que isso é bom, que vêem eles eu com ela. Como isso é bom, digo eu, responde ela que homens está vendo agora que ela é junta de eu, que eles é não mais jogar em eu pedras. Longe em outra beira está homens anda perto de árvores, onde nós não mais é ver de eles. Vem agora, diz menina, que nós para lá pode voltar perto de cabana de pele-branca enquanto Bruxo ainda não é vem de lugar em baixo de rio, onde ele é vai.

Devagar nós dando passos em madeiras molhadas, voltando. Descendo subida de ponte nós, eu é junto agora mulher de osso deitada em escuro baixo de pé de nós, em tudo que ela é junta, dentro de ela cabeça fina e vazia.

Comprido caminho por árvores em beira de rio, de outro lado de grama-de-canudo e desse jeito é passa por guarda-porco nós. Sol está em alto de céu, de onde, depois-de-agora, ele é só cai. Forma-de-espírito preta de eu é fica toda pequena e assustada, que ela é esconde em baixo de pé de eu.

Encosta em muro de terra, menina diz ela agora é vai e fazer trabalho para Bruxo. Arranha em pescoço ela, como se com coceira, diz como ela não pode vir para guarda-porco em escuro, porque Bruxo é quer de ela com muitas coisas. Ela é vem ver eu enquanto todo escuro é vai e brilho é volta aqui. Diz ela, eu está com coisa-de-mastigar com guarda-de-sol feita, eu não é ficar barriga-vazia entre tempos.

Respondo eu, sim, ela está certa, coisas assim, mas está eu com um escuro em dizer de eu, que ela pode

juntar que eu não está com gostar que ela é longos tempos vai longe de eu. Ah. É como se ela não ouve escuro, lá em dizer de eu. Vira ela para outro lado para andar em direção de buraco-de-muro e de madeiras-de-parar, onde ela é pára e vira de volta para aqui. Faz ela boca boa agora para eu.

Diz ela que abrigos está bom em eu. Diz ela que abrigos é faz de eu mais bom para olhar. Agora por buraco-de-muro, onde por fechar ela madeiras-de-parar, e vai para longe é ela, não mais para ver. Mas quando eu é faço fechar de olhos, onde ainda posso boca boa de ela ver, em juntar de eu.

Em baixo de grama-seca deito eu perto de cabana-de-galho, tira agora abrigos-de-perna de eu, para olhar para joelho. Casca-de-árvore que menina é coloca em perna é fica mais seca, e terra-e-água que segura ela em perna é fica seca igual. Pega casca-de-árvore entre dedo agora, levanta de ela para cima de perna. Em baixo de ela tem pele macia toda crescendo, e rasgado em perna de eu é todo vai.

Agora coloca eu abrigos ali de volta por perna. Diz ela que eu é fico mais bom com eles, junto eu que tem certo em isso, mas esfrega de abrigos é esquisito para eu. De em frente de cabana de pele-branca eu é escuto menina ir para esse lado, depois para aquele, para fazer de coisas que eu não posso ver, mas cheiro de flor está por todo lado. Mão dentro de abrigo agora coço eu pele macia crescendo em baixo de joelho, que faz coceira. Mastiga eu coisa de grama-de-sol, enquanto muitos juntamentos vem para eu.

Junto eu que perna está não mais agora com dor, como eu posso seguir viajar. Se eu é ficar mais tempos por guarda-porco, ah, Bruxo, ele pode tem que encontrar eu, é mais bom aqui que eu ir para longe. Mas agora eu junto que eu posso encontrar pouca comida se todo sozinho eu andar, desse jeito ficar barriga-vazia. Junto

eu agora menina, em pequeno de pé de ela, e fino de osso-de-girar e perna em baixo de abrigo ela. Junto eu cabelo de ela, todo brilhante e abrigo com boi-de-pêlo branco. Eu está com um querer em eu de puxar esse abrigo de ela, que brilho é todo cai por braços ela, junto eu agora que para ir para longe de aqui é ver de ela não mais.

Dentro de barriga de eu é juntamentos de eu fica todo irritado, cai eles agora para bater e morder um em outro, como gatos. Não tem nem um silêncio em eu. Escuto eu barulho em perto de cabana, como de homem dizer para menina, junto que Bruxo é volta aqui. Não tem nem um gostar em eu de Bruxo, todos os juntamentos de eu juntam igual de isso, eles ficam em silêncio em barriga de eu, por onde eles é ficam e todos juntam escuro em Bruxo.

Mastigo eu coisa macia e cinza de grama-de-sol e sol fica baixo em céu. Forma-de-espírito de eu, não mais assustada, é encosta sua longa cabeça preta através de guardador, coloca orelha de ela perto de pele de boi-de-pêlo, como se para ouvir mais bom de dizeres ali.

De outro lado de rio, vejo eu que sol está machucado quando vem ele perto de sol-desce. Junto eu que feras-de-céu é todas pegam e rasgam ele, porque sangue de ele é cai em elas, que todo céu é fica como sangue. Difícil é eu ouvir, para ouvir barulho-de-dor de sol, ele está mais longe para pode fazer barulho.

Eu não é mexe em muitos tempos, que dor é vem em ossos de eu, arrasta eu de cabana-de-galho agora para levantar. Para frente e trás ando eu, para fazer mais bom em perna, olha agora para fora, de outro lado de muro de guarda-porco e outro lado de mundo também.

Longe é vejo eu Bruxo, inclino em trás de muro que ele não pode ver eu. Coloco olhos em cima de alto-de-muro agora para fazer pequeno olhar. Ele está de outro

lado de grama-de-canudo perto de grosso de árvores, em outro lado de rio. Onde mundo acaba atrás de ele é tudo vira fumaça e sangue. Bruxo fica parado, com brilho de isso em costas de ele que ele fica todo preto, como uma forma-de-espírito. Paus por cabeça ele é como mãos pretas e finas, para arranhar em céu e pegar todos os juntamentos de dele, que eles não é voam para longe.

Inclina ele, agora levanta para andar, agora fica mais inclinado. Eu junto que ele está encontrando madeira, porque eu é vejo agora galhos baixo de braços de ele. Pode que eles é para colina de galho que fica em frente de cabana de boi-de-pêlo. Anda ele como uma pessoa que está fazendo para juntamentos de ele, com juntamentos para fazeres de ele, que é dizendo que mãe de eu todos os tempos faz, mas não de eu. Inclina ele agora ali, agora em outro onde. E muitos de eles galhos em baixo de braço de ele é fica mais muitos ainda.

Vira ele agora, que um lado de cara assustadora de ele é toda com brilho, e sangue de sol molha chifres-de-galho de ele. Junto eu que Bruxo não é de terra, como é eu e povo-que-anda de eu, nasce de terra, vive em terra e coloca em terra, tudo. Ele é de fogo. Preto de fogo por olhos de ele. Sangue de fogo em chifres de ele.

Faz ele para voltar aqui por grama-de-canudo, inclinar eu agora mais baixo atrás de muro, arrasto de joelho como um porco até pequena cabana de galho, mas não entro. Eu é puxo grama-seca em cima de eu para fazer um quente, olho para céu, onde sangue de sol é seco e fica todo preto, como com joelho de eu.

Tem um caminho, lá longe em escuro, que faz todos os dizeres esquisitos. Ele vai de fim de mundo a fim de mundo, muitos filhos vai para machado para o fazer de ele. Pode que é ossos eles é colocado em baixo de caminho, como osso de mulher fica em baixo de pontes. Um caminho de ossos, por todo o mundo, que ossos é faz um alto para o mundo em baixo de nós, onde eles

cavalos-olho-de-fogo andam por escuro, com pequenos Urks em costas eles que arranca carne de menino para fora de ossos que penduram em cima de eles.

Esse mundo é fica assim grande e escuro por volta de eu, e muro de guarda-porco todo é parece como muito longe. Eu está com querer-em-barriga por menina, que ela é deitada aqui perto de eu, como com mãe de eu, mas mais bom para cheirar. Este mundo é faz eu pequeno, que com medo eu não posso mexer nem fazer coisa. Fecho olhos, e céu é vai, mas escuro vai não, fica por aqui. Não tem jeito de parar o escuro.

Agora é outro tempo esquisito vem. Eu é ouvir barulho, junto que é mãe de eu, fazendo andar de só um pé por árvores para encontrar de eu. Abro olhos para olhar para ela, mas eu não vejo ela. Tem só guarda-porco, em silêncio em escuro, barulho é vem de trás de muro onde está em buraco de parar-madeira. Levanta eu, para andar até muro em brilho de lua, que é fica alta em céu enquanto não junto eu. Perto de muro, olho eu agora para outro lado de ele.

Por toda subida-de-terra, grama-de-canudo é fica branca e pontuda como gelo em lua. Abaixo de barriga de ela anda em grama é Bruxo, lado de ele é anda um menino. Como a lua e grama-de-canudo é eles brancos, e tudo é branco, vejo eu agora que cara de Bruxo não é mais preta, mas onde preto é esfrega escuro em buracos-escuros de ele, que ele não pode molhar para sair.

Menino anda lado de Bruxo, cabelo em cabeça de ele é preto e todo em toco. Vejo eu que ele não é com cabelo de queixo nem cara, onde junto eu ele não é velho que eu. Fora de grama-de-canudo agora, forma branca eles anda subida para pequeno grosso de árvores, Bruxo é anda de mão com mão de menino. Lua é faz brilho em costas eles e em traseiro eles, que

branco é vai agora para dentro de árvores e é fica tudo em pedaços e preto de galhos lá, onde eu é não vejo mais.

Longos tempos é eu para nada olhar, agora fico em grama-seca em baixo. Junto eu que menino é filho de Bruxo. Junto eu mãe, encostada em árvores e dizendo onde é vai pé de eu. É um esquisito de escuro. Escuro faz que nós pode ver eles cães-espírito, pessoas que não é fica mais vivas. Grama-seca é quente. Escuro aperta em peles-de-olho agora, que eu não está com força em eu para segurar elas para cima. E quente. E escuro.

Frio agora em pés, e frio em mãos. Faz para abrir olhos, mas eles é todos fica preso com muco-de-olho, agora esfrego eu para sair, mais bom para abrir eles. Um brilho é vem, mas ele é vem todo cinza. Elas feras-de-céu é assim muitas para fazer só uma fera, que grande que é fica atravessando todo o céu. Vento velho é forte, faz um barulho-de-cão em cima de guarda-porco aqui.

Agora cheiro eu carne-de-peixe, feita em fogo. Agora cheiro eu maçãs. Cheiro eu flores.

Vem, diz ela, aqui está comida. Onde é que eu quero ir em este brilho, ela diz.

Como eu de maçãs e de peixe, enquanto ela é fica lado de eu, toda em silêncio de joelho. Levanta eu, para fazer xixi. Vento velho está com aquela grande em ele que faz cheiro de xixi de eu ir para longe, posso eu fazer xixi em muro de guarda-porco com não um medo que Bruxo pode encontrar de eu. Vontade de eu está grande, mas fica mais pequena quando água elas sai de ele. Vira eu, vê que menina é olha para vontade de eu, faz boca boa por ver de ele.

Em este brilho nós é subir beira de vale, ela diz, em cima de feitura de guarda-fera alto de colina. De ali, diz ela, pode ver nós eles lugar de rio, todas muitas coisas.

Escondo eu agora vontade dentro de abrigos-de-barriga de eu. Sim, digo eu, isso é bom, coisas assim, mas é um calor vem em cara de eu. Levanta ela, para andar por buraco de parar-madeira. Vento é puxa cabelo comprido brilhante ela, que ela é puxa para baixo de abrigo de boi-de-pêlo mais forte. Fica assim bom, todo voando em vento. Vem agora, ela diz, Subir para beira de vale.

Entre grama-de-canudo e por grosso de árvore, agora para baixo com elas terra molhada e de sugar, onde é eles tocos todos pretos com podre. Menina anda um caminho em frente de eu, que ela não é dar passo em buracos-que-sugam, nem eu, que sigo ela. Desse jeito é sobe grande colina nós que passa por caminho de beira de vale. Lado de nós é eles tocos, céu aberto é em cima de nós. Por direção de sol-desce está colina com feitura em cima, onde cheiro eu boi e porco, escuto barulho de eles, vento é vem de eles em direção de eu.

Quando eu e menina é subindo colina, vento é faz muitas cascas-de-árvore secas correr para nós, por toda grama. Beira em cima de beira elas vêm, assim rápido, que elas é como muitas pequenas feras que correm em frente de fogo-de-árvore.

Para cima agora e mais para cima fica nós, e olha, e vê que nós é fica em cima de colina com feitura, onde vai mais nós para cima ainda. Dentro de feitura está eles boi-de-pêlo todos colocados, com porcos deitados perto de muro-de-terra, para esconder de vento. Segue eu a menina, nada dizer, porque fazer de respiração é difícil e vento é leva todos os dizeres para longe de nós. Sobe e sobe andando, em caminho de linha-de-árvore, sobe tudo preto em cima de nós lá, perto de beira de vale. Menina anda em frente de eu, e vento é esfrega ela cheiro de flor agora em cara de eu.

Perto de linha-de-árvore pára e senta nós em toco, longos tempos é difícil de respirar nós, que não pode

fazer dizer. Olha eu para feitura, que está em colina em baixo nós ali, onde homem guarda-rebanho, todo pequeno, sai de cabana de madeira que está em meio de roda mais-dentro de feitura. Anda ele entre boi-de-pêlo, para outro lado de roda, e passa por buraco de parada-de-madeira por roda onde está eles porcos e ave-que-não-voa. Em mãos de ele é segurando uma feitura, que pode é estar cheia de pó. Joga ele pó para aves-que-não-voam, que podem elas comer. Agora ele é volta para dentro de cabana, e não vejo de ele mais.

Viro para menina, que fico eu perto de toco. É velho o Bruxo, pergunto eu.

Olha ela para eu, olha ela agora para longe, para puxar pele-de-boi de cabelo que voa em vento ela. Diz ela, Bruxo é mais velho que ela, e eu, e que um outro como eu. Ele é mais velho homem que ela ouve de dizer. Respondo eu como isso é esquisito, e não é bom que homem pode ficar por longos tempos vivo desse. Isso digo eu com um escuro, que ela pode juntar que eu não é com um gostar de Bruxo. Eu está com um querer que ela fique com gostar não de Bruxo, que ela é ficar com mais gostar de eu. Mas, ela é só faz boca boa, olha agora outro lado de vale, nada diz.

Digo eu, eu é ver Bruxo e filho de ele, por brilho de lua.

Ela é vira rápido para eu, olha ela com força, dizer de ela é quieto e pouco. Como é isso, ela diz.

Digo eu de tudo que eu é ver, responde ela nada para eu. Digo eu, é como eles tempos-esquisitos que eu cavalo-olho-de-fogo ver, e mãe ver. É um ver que vem em escuro e fechar-de-olhos. Com isso ela é balança cabeça, agora frente, agora trás, em sinal que tem certo em dizer de eu.

Diz ela que eles tempos escuros, que nós é fechar olhos, por ali é passa nós para um outro mundo, onde cavalo-olho-de-fogo está, onde está pessoas que não

ficam mais vivas, muitas coisas esquisitas como essa. Diz ela, é esse outro mundo que faz mais esquisito ainda em dizer de Bruxo e filho.

Ah, como é isso, digo eu. Como é um dizer esquisito, que fica mais esquisito ainda. Menina olha para eu, não faz ela boca boa. Faz ela nem uma boca. Olha ela para eu, está ver de ela muito longe.

Diz ela, eles raça-que-fica é faz Bruxo colocar ele filho em machado. Ele junta e junta isso, mas não tem nem uma coisa ele pode fazer, só uma.

Digo eu, como é essa uma coisa que ele pode fazer.

Diz ela que isso é onde o esquisito vem. Diz ela, Bruxo é coloca menino em machado, que ele é fica não mais vivo. Mas nem um pode dizer se é menino colocado em machado em este mundo, ou se menino é colocado em machado em outro mundo por ali. Nem um homem, só Bruxo, pode juntar agora o que é, diz ela, este mundo ou outro. Isto é coisa como eu não posso juntar. Olho eu para ela, nem uma coisa digo.

Agora diz ela, se Bruxo é coloca menino em machado em outro mundo, ah, menino está ainda vivo por este mundo aqui. E se Bruxo coloca menino em machado em este mundo, é menino ainda vivo em outro mundo, onde eu é vejo de ele e Bruxo em brilho de lua, como eu digo a ela.

Isto é uma coisa mais difícil para juntar que eu é ouvir. Nada digo eu, mas olho para muito longe, onde lugar de ficar está perto de rio. Eles povo-que-fica é todos fazer muita coisa, por jeito de eles. Peles brilhantes é eles penduram em cabanas, muitos fogos está todos em fumaça, por pessoas é faz um andar-de-passo-rápido, todas em uma roda, em essa direção e em aquela, junto eu que é tempos bons para eles, o como de isso eu é não junto.

Menina fica agora de pé fora de toco e anda ela, devagar, em pequenas rodas para fazer de nada, bate em

cascas-de-árvore secas com pé ela, que elas voam para todo lado. Elas pequenas rodas ficam mais grandes ainda, enquanto ela fica longe e mais longe de eu, que ela vem para beira-de-árvore, que sobe atrás de nós. Junto eu que ela está virando, volta aqui perto de eu, mas, oh. Oh, ela é andar em baixo de grande árvore escura, vai para onde eu ver ela não posso. Todo sozinho está eu, com toco de árvore por todo lado, em baixo de céu aberto assustador.

Rápido levanto eu, corro para árvore em direção onde eu vejo que ela vai. Algo digo eu, volta aqui, onde ela é vai, coisas assim, mas nada ela é diz e fico eu agora entre elas árvores altas e escuras, paro para olhar tudo por em volta. Todos os ondes é árvore, com mais árvore de pé em trás de elas, muito caminho escuro vem por ali. Faz eu para ouvir barulho de pequeno passo ela em casca-de-árvore, mas está tudo silêncio, que nem um barulho é ela faz.

Cheiro eu agora flor, entre árvores em frente de eu, onde ando eu macio em direção de cheiro, venho para onde árvore é cai em podre e não cheiro mais de flor. Mas, ah. Vento faz de cheiro ficar mais por aqui, mais com força, por todo caminho para sol-desce eu. Eu não é coloco ainda um pé nem um outro em este caminho, mas eu é ouvir ela fazer de dizer, de distantes lugares.

> Oh, como agora posso achar um companheiro,
> Ele menino-de-viagem é diz...

Cheiro vem mais forte, onde corre eu rápido em caminho, com pé fazendo alto por peles-de-árvores secas em baixo de eles. Por cima de isso é escuto eu dizer de ela, todo pequeno flutuando por alto de árvores.

> Em beira de vale alto, por escuro de árvore,
> Perto de colina de minhoca-de-terra e tudo...

Chego eu perto de mato de urze, onde viro para seguir cheiro. É como correr e pegar de fera para comer, juntar isso é esquisito e bom em barriga, sangue de eu fica rápido dentro de eu. Elas cascas-de-árvores voam por todo lado onde pé é cai como muitas aves secas.

E deito com ela enquanto eu é
Ainda não colocado em terra toda cinza…

Agora cheiro de flor está em todos ondes, um osso é fica dentro de vontade de eu, ele é esfrega todo grosso em abrigo-de-barriga. Barulho de dizer ela é fica mais alto, ela não é muito longe. Em beira de vale alto, em escuro de árvore…

Vejo eu um brilho de sol em frente de eu, de onde está cheiro e dizer fica mais forte ainda, corro eu por esse caminho. Perto de colina de minhoca-de-terra e curva joelho de rio…

Tem um aberto em dentro de árvores, todo brilhante com sol, onde vem voz ela, onde vem cheiro ela de flor, que junto que eu não está longe para trás. E lá é deita eles, ele e ela…

Fora por árvores altas e escuras dou passo eu, todo rápido, fica parado em aberto, onde está árvores por todo lado de pé em roda. Respiração de eu é difícil, ela é alta, mas só isso fica em silêncio. Menina não está aqui, mas cheiro de flor está aqui, eu não é junto como ela…

Olho eu para baixo. Por perto de pé de eu e até outro lado de roda aberta está flor, está muitas flor de olho-de-sangue toda brilhante e baixo de joelho, como se eu é ando em sangue. Não tem barulho. Não tem menina. Ela é toda muda para flor.

Barulho. Medo. Rápido dá passo eu para trás, e, oh, muitas cascas de flor de sangue-de-olho voa para alto como muito bichinho de asa-com-desenho, menina

aparece de onde ela esconde entre de elas, faz barulho bom de eu.

Ando eu por flor para onde ela senta, ainda fazendo barulho de eu com mão em boca de ela e barriga toda balançando. É assim bom, por ver de ela, mas ela é coloca um medo em eu que eu posso encontrar não ela, onde eu é irritado. Digo eu, ela não é bom que ela é esconde e faz eu correr, como se ela quer que eu é parece como bebê, coisa assim. Mas é eu digo, e mais irritado é eu fico, que todos os dizeres de eu é com saliva.

Coloca ela a mão agora em vontade de eu, através de pêlo de abrigo, segura ela pêlo por todo ele duro, onde é dizeres de eu fica em parar.

Senta, ela diz, e puxa vontade que eu fico agora sentado perto de ela em flores de sangue-de-olho em baixo. Pernas de eu é balança, porque osso é não está em elas e é agora sobe para vontade de eu. É como se juntamentos de eu é desce para fora de barriga de eu, eles é todos seguro agora entre dedo ela ali.

Abrigo de barriga de eu é faz pequena cabana. Ela está com querer de ver vontade de eu, e puxa ela pêlos-de-abrigo para fora de ele, como com homem quando tira pele para fora de fera que ele é pega e corre pra terra. Vontade de eu está de pé em ar frio de essa roda-de-árvore aberta, escuro e quente, agora ela é enrola dedo de ela por ele, dedos é eles mais frios ainda, mas isso é bom. Mão ela vai para cima, agora para baixo, que em pele-de-vontade de eu é vai desse jeito, e, oh, é um esfregar que é macio, é dedos ela fica agora quente.

Coloca eu agora mão em baixo de abrigo de ela, que eu posso colocar dedo de eu em cima de fêmea ela, mas ela é fecha pernas forte e pega mão de eu entre elas, toda macia, forte e molhada com quente. Não, diz ela, diz se eu não é tirar mão de eu de fêmea de ela, não é ela esfregar mais eu.

Eu faço como ela é diz, mas digo agora posso eu sugar tetinhas ela, ela responde não, nem um homem pode colocar a mão em ela. Diz ela que posso eu só deitar costas em flores de sangue-de-olho, enquanto ela é faz coisa bom lá em vontade de eu. Costas para baixo eu deito, que flor de olho-de-sangue fica alta como árvores brilhantes e esquisitas por cabeça de eu, de baixo de onde eu vejo elas. Levanto eu cabeça, para ver de aquilo que menina é faz.

Ela é faz inclinar, e encosta cabeça ela que comprido cabelo brilhante de ela é cai como cordas-de-árvores lá todo por vontade de eu. Agora em mão ela é pega ela um comprido e grosso de cabelo de ela, para enrolar em dedo de ela por osso quente de eu. Oh, ela é esfrega eu com cabelo ela, todo para cima e para baixo, todo rápido e forte que é puxa como para machucar cabeça ela, mas não faz ela um barulho, mas só esfrega e esfrega, e esfregar de isso é bom, juntar isso é mais bom ainda, cabelo ela assim macio e brilhante com sol, forte de ele mexe para cima de osso de eu, devagar como minhoca de costas-de-cabana, de traseiro, por grosso de vontade para ponta onde é espetar bom. Agora é fica uma pequena roda de leite-de-barriga em ele, como olhos de chuva que fica em grama enquanto é primeiro brilho, ela é esfrega mais rápido, mais forte, eu é junto que esse não é esfregar de cabelo em mão, mas esfregar de cabelo por toda fêmea de ela, e, oh, e juntar isso é vai rápido descendo barriga de eu, subindo vontade de eu e, oh, e menina é segura mais forte ainda, para parar leite-de-barriga de eu, mas é agora, e agora, e agora, um fio de leite cai em rosto de ela, em cabelo, e molha em pele de boi-de-pêlo de cabeça ela, e mais, e mais, em pernas de eu e baixo de dedos ela, molhado em grama e branco em olho sangrento de flores e, oh, e Mãe. Mãe.

Silêncio. Em cima aberto de nós em árvores muito de aves pretas é voam todas em uma, em essa direção e em outra direção com o vento, que alto que elas está, ficam mais pequenas ainda que bichinhos. Menina esfrega mão ela em grama, para esfregar tirando leite-de-barriga. Agora faz sinal ela com um dedo para olhar, e vê eu onde leite de eu é fica pendurado como uma pequena ponte-de-fios entre flores de olho-de-sangue, para longe. Ele vai mais longe que eu é junto, que eu e ela é faz barulho bom de isso.

Mais silêncio agora. Muito longe em vento é vem barulho de eles povo-que-fica, fazendo de tempos bons por tudo em volta de fogos eles. É barulho de muitos dizeres, é grande barulho de batida que faz com pele-de-bater colocada em cima de madeira-redonda, é barulho como de um homem faz vento-de-boca com um tubo de buraco-através de osso. É barulho de bebês e cães. Agora vento é vem em outra direção, barulho é vai. Diz menina que nós agora é descer, volta para perto de cabana de Bruxo, que ele não volta lá e encontra ela não está perto. Diz ela que eu posso colocar vontade de eu de volta em abrigo de ele, e faz boca boa de isso.

Levanta ela, onde levanto eu agora igual, mas pernas de eu está ainda toda tremendo e não com força em elas. Vem, é ela diz, pega mão de eu em de ela, anda por entre flores desse jeito, por entre árvores, desce colina aberta de tocos. Todo desse tempo eu é juntar eu nada, só mão ela, dedos de nós pega todos em entre um de outro. Eu está com mais bom dentro de barriga de eu que em outros tempos que eu é vivo. Para baixo de colina, por caminho de terra-que-suga e bichinhos-de-ferrão, com podre em toco e podre em ar. Cheiro-de-flor em menina é faz eles bichinhos-de-ferrão vir para perto de nós, eu é todo tempo batendo para tirar eles.

Subida em cima com pequeno grosso de árvores, agora para baixo em grama-de-canudo e desse jeito para

cabana e perto de guarda-porco. Tempos longos é nos em alto de colina, que sol é vai para alto de céu, e fica mais baixo. Um frio é vem, que puxa eu mais forte por todos abrigos eu de filho de Bruxo, que não é vivo, nem com querer de eles. Menina abre madeira-de-parar e diz para eu entrar agora em guardador, que ela é encontra mais comida para eu enquanto Bruxo não é ainda volta aqui.

É isto eu faço, sento em grama-seca com juntar muitas coisas em eu. Menina é vai para longe, para buscar alimento agora em cabana de pele-branca e encontrar coisa para comer. Eu junto que como ela é fecha pernas, que eu não posso esfregar fêmea, nem tetinhas desse jeito, e como ela diz nem um homem pode colocar mão em ela.

Agora é eu junto um tudo de isso.

Em escuro, ela é toda sozinha, só Bruxo. Ele é mais grande e faz ela fazer de coisa. Ele é coloca vontade em ela, mexendo ela. Não. Não, é mais não bom que eu é com querer juntar. Pode ele é faz ela esfregar o osso de ele com cabelo de ela, como com eu, juntar isso é mais não bom ainda. Bruxo é quer ela é mexe com nem um homem, só ele, coloca medo em ela, é ela faz eu não colocar mão em ela. Uma irritação é vem em eu agora. Ah, é como se ela não é de ela, mas ela é de Bruxo.

Eu junto em como isso não é bom para ela, ela é ficando todos os tempos com um homem aquele escuro e esquisito em juntar de ele, como Bruxo. Ele é mais velho que árvores, coloca filho em machado em este mundo, só em outro mundo é Bruxo agora de ver ele. Em outro mundo, onde raça de Urk é fica em cavalo-olho-de-fogo, em baixo de alto-de-caverna ele todo de osso-de-menino feito, onde Bruxo fez filho ele ir, que espíritos em espera colocam Bruxo com juntamentos que ele pode fazer caminho-de-dizer esquisito de ele. Não é bom que não tem nem um dizer para isso. Eu é fazer menina ficar não

mais por aqui. Eu é fazer ela e eu ir para longe, andar, seguir viagem, não ficar. Não é certo que pessoas ficar. Não tem nada bom em isso.

Perto de cabana de pele-branca, de outro lado de guarda-porco, escuto eu menina, enquanto ela está procurando ainda comida. Junto eu como é, se nós é fugir para longe, só ela e eu. Junto eu que eu é fazer não bom de encontrar alimento quando é eu sozinho, mas menina ela é mais boa em juntar de ela que eu, e pode ela encontrar muito alimento para nós, como é mãe de eu fazer. Este juntar é assim bom. Nós pode andar atravessando ponte de osso-de-mulher, para outro lado de mundo por lá, eu e ela menina de cheiro-de-flor. Vêm tempos em que ela não é perto de Bruxo e não é mais com medo de ele, onde é eu faço que ela tira abrigos e abre pernas ela o mais longe que elas é querem ir.

Dentro de abrigos de eu, vontade velha é faz só espetar um pouco, que não ainda com força para ficar em pé.

Agora flores, e menina é vem de cabana por muro perto de guarda-porco, por buraco de parar-de-madeira. Ela está com carne-de-ave e com coisa de grama-de-sol. Fica ela agora em joelho ela, coloca comida sobre grama-seca, que para eu poder ver.

Eu não é olhar para comida, mas é dizer tudo rápido elas coisas que é eu juntar. Digo eu que não é bom para ela ficar perto de Bruxo, como poder eu e ela ir para longe e caminhos distantes, só nós sozinhos, buscar alimento, que nós é querer nada. Pego eu mão ela, seguro ela agora com força, digo eu que eu junto que ela não está com um gostar de todos os tempos encontrar madeira para Bruxo, nem colocar carne ele em fogo. Digo eu, ela não está com tempos bons perto de Bruxo, ela quer eu ficar aqui e fazer bons tempos com ela, como ela é dizer para eu. Ela está agora silêncio, mas balança cabeça ela frente-trás, para dar sinal de isso está certo.

Digo eu, se ela é vem para longe e viaja mundo todo com eu, que todos os tempos é bons tempos com nós. Faço eu muitos dizeres como este, fica eu não posso juntar mais para dizer. Agora é tudo fica silêncio e tempos passam, nada é ela diz. Oh, não. Junto eu que dizer de eu, ele não é bom. Ela não é vem com eu. Ela é fazer eu ir sozinho, para não mais de ver ela. Barriga de está ela cheia de medo, está aquele silêncio em guarda-porco agora.

Olha ela para eu. Faz ela boca boa.

Sim, ela é diz agora. Sim.

Isso é mais bom que eu posso juntar. Diz ela que nós poder sair para viajar em escuro, enquanto primeiro brilho ainda não é vem. Diz ela, se nós é querendo andar para longe, como é bom fazer barriga de nós cheia para fazer de isso. Ela é voltar enquanto primeiro brilho ainda não está por aqui, com coisa para comer muita e mais boa que eu é ver. Nós é fazer barriga cheia, que depois é viajar para longe, só eu e ela.

Ela diz, ela é vai agora, que Bruxo é ele só poucos tempos volta. Diz ela que eu é só mais um escuro em guarda-porco deitar, que tempos depois é deitar com ela. Inclina ela, e lambe rosto de eu, e lambe boca de eu. Igual é eu lambo rosto ela, onde pouco de leite-de-barriga é forte, seco em rosto ela. Levanta ela, e faz boca boa. Enquanto ainda não é o primeiro brilho, ela diz, está fora de buraco-de-muro, fechar de madeiras e ir.

Sol é vem devagar em céu, eu é comer de carne-de-ave até osso. Bruxo é volta por aqui, escuto eu dizer baixo de menina e ele em cabana. Bruxo é diz coisa, onde menina faz barulho bom para ela, e isso é bom, porque junto eu que menina é quer que Bruxo ele é com gostar de ela, não pode ele juntar que ela é fazer para ir para longe, vir não mais para perto de ele.

Faço eu boca boa de isso. É assim bom, que menina pode dizer uma coisa para Bruxo enquanto coisa não é. Se ela é juntando bem assim, como ela é junta bem onde buscar alimento e encontrar para eu. Por grama-de-canudo, de outro lado de rio, sol é fica assim grande e baixo, que quente de ele é faz beira de mundo com fumaça. Rio é parado, que através de ele posso eu olhar para o céu escurecendo de outro mundo em baixo de águas ali, onde outra ave é voa, que não faz nem um barulho.

Agora carne-de-ave vai toda, sol vai todo também de céu. Agora tem só escuro, e mastigar de osso.

Não tem nem um ver, ouvir fica mais forte. De rato em grama-seca de outro lado de guardador. De rio que diz lambe-rápido, lambe-rápido, lambe-rápido, por escuro. Agora vem um barulho longe como de povo-que-fica que eles é andar perto de rio. Eles todos é faz barulho bom, alto que eu posso ouvir tudo, eles é assim longe. Alto e longe é vento-de-boca vem em tubo de osso, tem barulho de peles-de-bater, eles é fazer dizer esquisito, como o que menina é faz para eu. Vento vai, que eu não posso ouvir todo dizer de eles, mas um dizer é eu escuto.

Faz um fogo e faz ele quente,
e osso é ele, é osso ele sente
Caminho é comprido, mas não é nós,
Perto de vale vai isso dizendo voz...

Tem mais de isso, mas é eles povo-que-fica vai descendo longe por rio, em direção de muitas cabanas eles, eu não posso ouvir eles dizer, nem de peles-de-bater eles, nem de tubos de buraco-de-osso eles. Rio em baixo, muitos fogos de lugar eles é faz em céu ficar um pequeno brilho-de-sangue, para cima em alto de céu. Coloca eu agora mão e outra mão dentro de abrigos de

eu, para cobrir vontade de eu e fazer quente de mão de eu, e fechar de olhos. Não tem nada mais...

... só escuro.

E flores.

Abre olhos. Cara de eu está fria. Um cinza é vem em escuro de outro lado de lugar-de-rio, como se muitos tempos é passam eles. Cheiro flores, escuto dizer silencioso de menina de fora de guarda-porco, perto de buracos de parar-de-madeira que ficam abertos.

Ainda não é primeiro brilho, ela diz, está aqui com muita comida. Vem para fora, ela diz, que pode nós comer, que depois para longe nós viajar.

Agora é eu junto tudo o que nós é dizer para fazer, está com medo bom em barriga de eu. Andar mundo com menina. Com menina encontra comida, deitar com menina. Ah, tempos bons vêm como que eu não posso juntar. Rápido agora, ela diz. Rápido agora.

Levanto eu, e para outro lado de guardador para ir para perto de madeiras-de-parar. Junto eu que é bom que ela encontrar abrigos para eu, está assim frio, com tempo-de-vazio mudando devagar para tempo-de-gelo. Olhos é ficam mais bons para ver em escuro, onde é eu agora vejo menina. Ela está em joelhos ela, com fora de guardador. Em frente de ela está maçãs, coisa-de-mastigar e carne de muito tipo. Cheiro eu de comida, cheiro de flor, está com querer que eu é todos tempos cheiro de eles. Está eu com querer que menina está perto de eu todos tempos que eu é vivo, não é ir para longe como povo de eu. Como mãe de eu. Olha ela fundo em olhos de eu. Vem para fora, diz ela. Vem para fora.

Por agora buraco de madeira-de-parar passo eu, para fora de guardador. Eu está só um passo e outro longe de ela. Faço eu boca boa, mas não faz ela nem uma boca para mim, só olhar em olhos. Agora estende

eu um braço, não junto se é para pegar de comida ou pegar de ela comprido cabelo brilhante para esfregar.

Mão em costas de eu.

Braço por pescoço de eu. Cheiro-de-homem. Pele quente. Força em braço de ele em pescoço, barriga de ele em costas de eu. Não posso eu fazer de respiração. Não posso eu fazer de dizer. Medo. Medo e cheiro de homem, de vontade quente de ele. Pés não estão mais em terra. Menina fundo é olha em olhos. Braço grande machuca muito e pára respiração de eu, oh, Mãe, e agora é uma coisa vem brilhante e rápida, e faz um pequeno frio em pescoço de eu, onde é grande quente agora vem.

Junto eu homem ele é lança água quente em baixo de barriga de eu para fazer eu molhado, mas não é juntar como de isso. Mexe eu para este lado, agora aquele, mas, oh, não tem ajuda, e mais molhado quente cai ainda em barriga de eu, e é força toda devagar saindo de eu. Braço mexe de baixo de queixo, que eu posso respirar, e braço é vem agora em baixo de costas de eu e baixo de traseiro de eu para erguer de eu. Deitado agora em força de braços. Olho para cima, e olhos todos brancos olham para mim, mas não tem uma cara. É só preto e escuro. Agora baixo de olhos é fica um outro branco, é dentes, Bruxo é faz boca boa.

Oh, ele é encontra nós. Ele é junta que nós fazer para viajar para longe. Vira a cabeça e olha para menina, que eu posso dizer para ela correr, mas é um gosto ruim dentro de boca de eu que eu não posso dizer nada, só cuspir. Menina olha para eu, mas ela não é faz cara de medo, nem faz para correr. Ela não faz movimento, ela não faz cara nem uma. Agora Bruxo é anda, com eu em braço de ele. Força é vai toda de eu como se eu está com doença. Eu não posso fazer para sair. Menina levanta para seguir em silêncio perto de Bruxo e eu. Cheiro flor. Cheiro homem. Cheiro sangue.

Faço eu águas quentes saírem de olhos, faço para dizer que eu é fazer todas as coisas para Bruxo se ele não é machucar eu. Eu é ir para longe. Eu é não de ver menina. Tudo isso faço eu para dizer, mas boca está cheia e não posso eu dizer de nada. Bruxo é leva eu por guarda-porco, para frente de cabana de pele-branca, onde tem brilho como de um pequeno fogo, vejo eu agora cara preta de ele e chifres de madeira de ele, vejo ele está com sangue em ele. Assim como está eu. Oh, não.

Agora ele é deitar eu, como com um bebê, em coisa que espeta em frente de cabana de boi-de-pêlo. Vem muitas pontas em costas e pernas, junto eu que ele coloca eu em cima de colina de galho eu ver ele fazer. Agora tira ele mão de eu. Deitado eu em colina-de-galho com nada para segurar eu, faz eu para sair para fora, mas não posso eu mexer. Não tem força. Não posso eu mexer nada, só mão para esfregar pescoço.

Tem um buraco em pescoço de eu, de onde molhado é sai, de onde sangue é sai, que não é pára. Bruxo. Bruxo é coloca machado-de-mão em pescoço de eu enquanto eu não é juntar. Oh, todo sangue de eu sai em barriga, pescoço e colina de galho em baixo de eu. Não cheiro eu flores. Cheiro eu nada, só sangue.

Bruxo é sai andando para longe de colina de galho e eu, chega ele perto de fogo pequeno em frente de cabana, onde ele é inclina. Forma-de-espírito ele sobe alta e preta em branco de pele de boi-de-pêlo, ele é tira pau de dentro de fogo, pau vem com fogo junto. Agora Bruxo é vira para voltar em direção de eu, pau-de-fogo de ele segura em mão que faz molhados brancos de brilho mexer em barriga ele, em braços ele canto de cara preta ele.

Olho eu para menina, não junto como ela não é faz ajuda para eu. Fica ela parada longe de onde eu está sobre colina-de-galho deitado, tira ela abrigo de boi-de-

pêlo agora de cabelo ela, não é olha para eu. Pele-de-abrigo é cai, pequeno branco em escuro. Menina vira cabeça ela em direção de brilho, vejo eu ela é usa abrigo para esconder marca não-boa ali em cabeça ela. Em cima de olhos ela tem um rasgo assustador. Não tem sangue, só pele levantada no canto, toda longa em baixo de linha de cabelo ela.

Agora é braços e pernas de eu ficam todos tremendo, eu não posso fazer parar de eles. Traseiro é faz barulho, onde é cocô vem em pernas de eu. Eu não é querer menina de ver isso. Eu não é querer olhar ela. Vira cabeça eu, toda devagar, olho agora para cima. Bruxo é volta para aqui perto, pára em cima de eu. Olhos brancos. Dentes brancos em baixo de preto vazio, onde não tem cara, chifres-de-galho sobem de ali.

Tudo bom, diz ele para eu, coloca pau-de-fogo ele agora dentro de colina-de-galho. De madeiras em baixo de eu é vem barulho como muitos bichinhos todos fazendo pequeno dizer, rápido, e bate, e fica e coisas assim. Agora barulho de bichinho é vira barulho de rato, rato diz arranha, rato diz enfia-preto, assim. Cheiro sangue. Cheiro fumaça. Oh, agora. Oh, onde está menina?

Menina ela é de pé e tira de abrigos fora de tetinhas ela. Grosso é abrigos, mas tetinhas é assim pequenas agora. Brancas ali em brilho de fogo, elas é como nem uma tetinha. Barulho-de-rato é vira barulho-de-gato agora, é um quente em baixo de eu e dentro de colina-de-galho. Onde é muitas fumaças subindo por todo lado ali. Quente fica muito quente, atrás de pernas, e quente fica dor, para onde eu é fazer mexer de pernas, mas para nem um lugar elas podem ir que não é quente igual. Eu é agora cheiro cabelo em fogo, e é abrigos de eu, onde faz eu barulho, barulho alto e cheio de dor, mas dizer de eu é fica grosso e molhado. Sangue em boca de eu. Sangue em queixo de eu.

Eu não é querer ficar mais vivo perto de fogo, desse jeito. Não é certo. É mais dor que eu posso suportar. Fogo em costas de eu, fogo em baixo de cabeça, pequenos grãos de brilho é sobem todos em direção de céu escuro em cima de nós todos. Eu não posso fazer de respiração. Menina é tira abrigos de barriga ela e abrigos de pernas ela, está assim quente. Toda descoberta está ela. Entre as pernas ela é…

Coloca ela mãos em cabeça, onde rasgo de pele assustador está em baixo de cabeça, e dedo é ela coloca em canto-de-pele, onde puxa ela agora e…

Fumaça e sangue em boca. Cabelo brilhante é cai em escuro com pele-de-cabeça caindo por perto. Vontade de ela, mais grande que vontade de eu, que eu é cheiro não flores eles. Eu não está com respiração para fazer barulho. Menina é fica mudança. Menina é muda para menino, como rato muda para pedras e porco para toras. É esta mudança que está em coisas. É essa mudança assustadora que faz todo o mundo não certo. Fumaça levanta e cai como rio cinza perto de eu, dor fica grande como céu. Nem uma respiração, ver de eu é fica todo escuro.

Em escuro está esquisito e muitas coisas, com muitos veres pequenos presos em fumaça. Vejo eu homens de cabelo-de-fogo, podem fazer fogo sair como sangue de pedras. Vejo eu um onde que pele de homem é cai preta do céu. Vejo eu um caminho, de água e grande água, onde é brilhos vão agora para frente e para trás, mais rápido, mais muitos que eles peixes. Vejo eu uma feitura como um osso-de-cabeça, grande e preta, toda de fogo. Dentro de boca de ela está um homem com fogo sai de cabelo de ele e tudo com dor. Vejo eu agora mulheres segurando em tora, com fogo por todo pé elas. Olha nós, um para outro, de fogos de nós. Não tem dor agora. Tem só fumaça.

Atrás de fumaça vejo eu agora cães com olhos como tocos-de-árvore grandes. Levanto eu agora mão para bater tirando eles de eu, mão está toda com fogo. Pele é sobe em pequenas rodas e é faz barulho-de-gato, em baixo de ela tudo preto. Através de fumaça é eu vejo Bruxo. Menino é está lado de ele, fogo brilhante em tocos de cabelo preto ele. Bruxo é encontra pequenas rodas de terra-cinza, empurra toda lisa, está com pau em mão para fazer de marca em eles. Não é bom, fazer de marca.

Fogo está em cabelo, desse jeito vem para dentro de cabeça de eu, de barriga de eu, um juntar é vem dentro de eu com fogo. Não é juntar de eu, é juntar de fogo, cheio de dizeres esquisitos que nem uma língua pode fazer. Fror. Becadom, sissirichic e huwf. Bruxo é fica mais perto de eu, para ouvir. Faz ele marca em cinza de terra com pau, e agora outra, de outro lado.

Abre eu boca, fazer barulho em dor de eu, dizer que fogo é vem através de eu, sobe, sobe, com grãos de brilho, em baixo de velho céu preto.

OS CAMPOS DE CREMAÇÃO



2500 a.C.

Flutuando rio abaixo, distante de mim, ela parece uma grande mão branca, arrastando seus dedos por águas cor de rã, entre os quais crescem tufos de cabelos negros.

– Você vai para o sul até Ponte-no-Vale? Podemos andar juntas até lá por segurança – diz ela.

Ela está viajando para ver seu pai, que está morrendo. Ela me conta que ele é um homem-sagaz que sobe a trilha de Ponte-no-Vale todo verão, há muito tempo, passando pelas Grandes Florestas do Norte, até o fim das terras, onde começa o mar frio e cinzento. Ele faz seus filhos com uma mulher de lá, um menino e uma menina. Leva o menino com ele e deixa a menina para trás. Todos os longos invernos passam. Ela não vê seu pai. Ele não a vê. Agora ele está morrendo.

– Ponte-no-Vale? – vem a minha pergunta. – Sim, estou indo para lá. Existe um caminho curto perto do rio que podemos seguir, se você andar atrás de mim.

No pescoço ela usa contas-de-enfeite azuis.

Agora está quase fora de vista, menor que um coalho de ovas que desliza até o outro lado da barriga verde e suave do rio, inchada com a chuva. Se enrosca na longa cabeleira de um salgueiro, segue adiante e me deixa sozinha, tirando os meus abrigos entre as canas de junco, que sussurram feito as meninas de aldeia.

– O que você acha das minhas contas-de-enfeite? – ela diz. Ela me conta como, depois da trilha e passando pelas Grandes Florestas do Norte, os homens fazem fogueiras-de-minério na praia. A grama-do-mar seca em longas tiras pretas sobre as rochas escorregadias, depois queima dentro de um buraco de fornalha na areia, acima do qual está uma outra câmara. Aqui se encontra o minério, e o cobre fundido corre, tão rápido quanto sangue, por cortes na areia para dentro de calhas de fundição. As seivas da grama que queima são misturadas com areia, que vira uma massa mole perto do fogo. O cobre a faz ficar azul, e as mocinhas tiram lascas em forma de contas.

– E onde fica esse caminho curto? – ela diz.

– Não é longe – é a minha resposta. – Não é longe.

Erguendo os cotovelos acima da cabeça para puxar esta velha camisa manchada, a água em minhas mãos escorre pelos braços, tão rápido quanto cobre fundido, passando entre os meus peitos. Lavando-a, agachada na beira do rio, nuvens marrons desenrolam-se dentro do verde lamacento que chega na minha cintura.

– Seu pai não conhece você, deixa você ainda bebê com sua mãe e não volta mais. Por que ele manda chamar você agora que está morrendo?

Ela vira a cabeça para mim, fazendo todas as suas contas soarem, e me diz que seu pai, por ser um homem-sagaz, tem muitas terras e riquezas também. Ela acha que seu irmão, separado dela desde o nascimento, pode estar morto. Ou que ele briga com o homem velho e doente. Ela acha que seu pai, sem um filho para compartilhar sua riqueza, pode estar pensando que tudo deve ser deixado para ela.

À nossa volta, a chuva faz um chiado nas folhas. Nós estamos perto da beira do rio.

Secando-me com folhas mortas, lascando, estalando, prendendo-se em escamas na pele úmida e arrepiada. Em meio ao emaranhado de meus trapos manchados de preto, o clarão do bronze afiado que ofusca a visão.

Abaixo para pegar. Meus dedos, fechando-se sobre o cabo de madeira, se tornam uma lâmina de metal fria e lisa em contato com a luz.

Eu a esfrego nas canas afiadas, lâmina sobre lâmina.

– Oh, não – ela diz. – Não faça isso.

– Qual é o seu nome?

– Usin! Meu nome é Usin. Oh, largue isso. Largue e não faça mais isso.

– Qual é o nome do velho?

– O que você quer com ele? Você não pode me fazer falar!

A orelha. O polegar. Aves debandam dos juncos para o céu batendo as asas em alarme desvairado.

– Olun! Olun é o nome de meu pai. Oh. Oh, essas coisas que vocês fazem. Oh, e acontece justo comigo.

– Silêncio. Chega. Fica quieta agora.

Mais tarde, tiro suas roupas e a arrasto. O som surdo e profundo de água batendo, e a minha surpresa ao não encontrar mais a chuva caindo. Tudo nasce para morrer. Não existe nenhuma mulher-espírito nas árvores. Não existe nenhum deus abaixo da terra.

Elas são tão bonitas, azuis sobre o meu pescoço moreno, como poças em um caminho. Suas botas não sevem para mim, mas têm que ser guardadas em minha bolsa, já bastante pesada sem elas. Ora, ela me faz tombar para um lado quando a carrego, seguindo o meu caminho de volta pelas ervas-de-espinhos e a flor-de-cão em direção à trilha.

Vou descalça, então, ao sul, para Ponte-no-Vale. Não há nada aqui para olhar, apenas o caminho diante de mim, meus pobres pés frios sobre ele, tal como é minha visão habitual das coisas. A lama, grossa como creme-de-boi, rapidamente me pinta de amarelo até os joelhos.

Caminhando pelas cinzas, entre as montanhas do planalto, ainda uma criança. Os campos cinzentos por todos os lados, o peito pesado dos bois mergulhado na poeira. Uma escuridão paira sobre o mundo, onde o dia chega e não traz nenhuma luz. O sol é raro e estranho. Céus cor de veia ao fim do dia. Penetrando em uma manta de nuvem, raios de luz verde iluminam os esqueletos das árvores, espinhas quebradas e costelas rompidas, descoradas, retorcendo-se nas dunas de pó.

Nossas plantações estão soterradas. Nada cresce, e nuvens pálidas e lentas sobem a cada passo que damos. Camadas de cinza sobre o cabelo de cobre, os rostos das crianças brancos de cinza, seu gosto amargo em toda a nossa comida. Nossos animais ficam cegos, seus olhos tal como sangue, a parte central da visão torna-se uma membrana cinza opaca, como uma pele de gordura sobre carne crua.

Deixamos nossas casas, nossos povoados, uma multidão quase tão grande quanto a de pessoas que se reúnem para erguer as pedras. Além dos bosques, dizem, existe uma velha trilha reta para nos guiar, agora não há nenhuma estrela. Entre as cinzas, aves cegas dão bicadas e gritos. Viajamos para o sul, alguns de nós ainda estão andando.

A trilha é mais larga, subindo pela beira do vale. Quantos pés de homens mortos são necessários para fazê-la assim? É uma fúria e um sofrimento pensar em acabar um dia no meu túmulo e esta trilha ainda estar aqui. Seus sulcos profundos, mais velhos que nossos antepassados. Suas poças cheias, toda a retidão assustadora de sua linha, ainda aqui. Ainda aqui.

Ela se eleva íngreme diante de mim, firme sob os meus passos e, no entanto, o andar é difícil. Seixos pontudos cortam os meus pés, a lama sobre eles seca na pele rachada pelo sol. Trocando minha bolsa de mãos e resmungando, dizendo a mim mesma para sair da trilha no alto desta colina e andar sobre a grama macia pela margem, para poder descer até Ponte-no-Vale para leste.

A luz do dia começa a diminuir, e logo as valas ao lado da trilha estão verdes e brilhantes com larvas de fogo. Canção de morcegos. Canto de um pássaro com olhos-da-noite. O sons de meus passos, jogados na penumbra.

Em algum lugar rio abaixo, ela corre no escuro à minha frente, não dilatado ainda, apenas sem cor. Lesmas sobre as suas coxas. Olhando para baixo, sem piscar, vejo o fundo do rio deslizando para baixo, cada pedra, cada erva mordida por peixes. Conchas rachadas, e linhas ramificadas em um desenho que as correntes invisíveis formam sobre o fundo lento e suave. Os olhos mortos, que nada perdem.

A leste, ao longo da margem. Entre os meus dedos do pé, grama fria, grama úmida, e finalmente, abaixo de mim, fogueiras no vale escuro. Um aro de luzes dilatadas, muito poucas para serem uma aldeia. Então, o quê? Tirando minha bolsa das costas e sentando em uma tora caída, meus olhos se fixam nas luzes das fogueiras até elas ficarem mais claras.

A visão é a do topo de uma colina, mais abaixo da descida leste do vale. Um círculo formado por muros de terra baixos e quebrados está erguido ali, outro muito parecido, porém menor, está dentro, e dentro deste um círculo menor ainda. Este aro do centro é escuro, um buraco. As fogueiras, não muitas, queimam dentro da roda maior, algumas delas um pouco mais que brasas, quase apagadas.

A mais brilhante tem um agrupamento de pessoas em pé por perto. Presas sob seus calcanhares, sombras alongadas se afastam das chamas, porém não pulam nem dançam. O que estão queimando ali, tão quietos à noite?

Meu descanso sobre esta tora me dá nova força, e mais uma vez pegar a minha bolsa parece menos um esforço. Levantar. Descer a colina entre tocos pretos onde todas as árvores estão queimadas. Abaixo da colina com a roda no alto, na descida dela, com o vento vêm as vozes de mulheres, chamando, emaranhadas com a fumaça.

Não. Não, não chamando, apenas um barulho mais baixo que tem menos sentido.

Ao pé da colina, o solo se torna um charco, porém há um caminho erguido que segue para o sul, para o outro lado do solo do vale, para onde a noite acima da linha das árvores reluz vermelha e opaca, um metal que esfria e engana as fogueiras da aldeia abaixo. Uma longa caminhada, pelo que parece, mas me dará tempo para pensar em tudo o que há para fazer, e dizer, e ser.

Usin. O som é simples e fácil de dizer. Usin, filha de Olun. Nome como uma concha abandonada, uma casca seca. A criatura viva, ali abrigada, um dia partiu. O nome fica vazio, oco e sem uso. Ele espera que caranguejos eremitas se arrastem para dentro dele e o vistam.

Usin. Nome sem dono. Meu agora.

O caminho se arrasta em frente, pelas ervas daninhas, até dentro da aldeia, para morrer ali. Ao longo de sua extensão estão espalhados sinais e excrementos deste lugar, iluminados em vermelho de um lado pelas fogueiras cada vez mais próximas: uma bacia quebrada, cinza, cheia de manchas, uma luva, pedras-de-fogo gastas, um pequeno espécie-de-homem, feito de ossos de galinha.

O povoado é grande, metade dele é demarcada por uma roda de ameixeira-brava, amontoada em forma de muro. Sua casa redonda, a sede, está atarracada ali no centro, desajeitada e gigante, um colar feito de tochas caído sobre seus ombros, escuro acima das cabanas que se esparramam sobre seus flancos esfumaçados, feito filhotes querendo mamar.

Parando para fazer xixi um pouco antes do portão norte da aldeia, tenho a sorte de notar, ao agachar em meio ao fluxo, um jardim de troncos humanos ao lado do

meu caminho. Todos presos, pendurados em estacas. Sem membros, nem cabeça. Sem dúvida são os restos mortais de trapaceiros e ladrões enforcados como aviso, pesadas bandeiras de carne. É uma prática comum agora, ao longo da trilha.

Há tantas estacas quanto pernas em um cachorro, e todas menos uma têm mulheres em cima. Não. Não, a deste lado pode ser outro homem, vendo de perto. Comidos pelo tempo e os suínos selvagens, como estão, é difícil saber. Esta tem cabelo vermelho brilhante sobre seu sexo, e esta, a pintura-de-agulha de uma cobra marcada em um peito, seu outro peito não existe mais.

Limpando minha moça com grama, e puxando as coisas de Usin até a cintura, não há nada a fazer senão seguir viagem, em direção aos muros de espinho, pretos e pontudos contra as fogueiras contidas neles. Um ninho assustador, cheio, não de ovos, e sim de brasas, ardendo lentamente na noite.

Ponte-no-Vale. Nome estúpido. Tem vale para todos os lados, nenhuma ponte à vista. Minha aposta é que os moradores deste povoado não o chamam nunca por esse nome. Minha aposta é que eles chamam seu local de “A Aldeia”, assim como fazem todos os outros idiotas em seus povoados idiotas ao longo da trilha:

– Ora, vida ser boa aqui na Aldeia, não ser, velha menina?

– Sim, pode ser, mas é melhor em um lugar ao norte que chamam de Aldeia, onde minha mãe tem o seu povo.

– Bem, a Aldeia é um bom lugar se você está querendo bois, mas se você quer porcos é melhor ir para a Aldeia.

– Temos que deixar meu irmão resolver isso. Ele não mora em nenhum dos dois lugares, mora num povoado ao sul. O lugar tem um nome que soa esquisito e

distante e que foge à minha lembrança. Porém, pode ser Aldeia, pensando bem.

– Não se ouve muitos nomes com esse!

Do outro lado do mar e perto do fim do mundo, onde estão os homens negros, há povoados com nomes diferentes em línguas diferentes, e todos eles significam aldeia. Há aldeias na lua, aqueles círculos de cabanas que podem ser vistos quando ela está cheia.

Meus nomes são melhores, formados pelos rancores e os desgostos que me causam esses lugares empestados, velhos e fedidos em minhas viagens: Patife-Animal Abaixo e Montinho de Esterco. Olhos-Espremidos-no-Pântano. Colina das Irmãs Traçadas e Campos dos Bundudos.

Ponte-no-Vale? Não. Este lugar merece um nome melhor. Tapeia-Eles-no-Brejo, com sorte.

Ou Assassinato-na-Lama.

Há uma cabana-de-vigia perto do portão mais ao norte, encostada no muro de espinhos. Dentro, um jovem alto, com uma marca de nascimento vermelha que vai do olho ao queixo, está sentado depenando pássaros ao lado de um homem mais velho, seu pai, ou, quem sabe, seu avô. Tocha acesa, agachados com penas até o alto de suas botas.

Agora, olhando atentamente, as mãos do velho são vistas. Elas estremecem, tremem, pela idade ou por paralisia. As articulações de uma das mãos se enrolam na carcaça rosa-pálida da ave, os dedos da outra puxam a penugem em seu pescoço. As duas mãos são pretas até uma certa altura depois do pulso, não escuras pela terra ou queimadas de sol como dos comerciantes vindos de outras terras, mas pretas, uma mancha antiga e profunda que clareia para o azul nas pontas, como as mãos de um tingidor.

Uma pinha seca é esmagada de repente sob os meus pés descalços. Ambos olham para cima. O jovem com maçãs vermelho-cereja abaixa sua ave meio depenada e tateia ao seu redor para encontrar a lança. Ele fala como se quisesse me intimidar, com sua voz irregular, traída pelo próprio tom, desafinando quando quer ser severo. Seus olhos não encontram os meus, mas vê de relance meu pescoço, onde o fogo da tocha reluz azul sobre as contas-de-enfeite.

– O que você está querendo na Aldeia?

Eis aí! A Aldeia. Pois bem, minha aposta já está ganha.

– Meu nome é Usin, filha de Olun, venho do norte até aqui para ver o meu pai, que está doente. Quem me levará até ele?

Rosto-em-chamas vira para o porteiro mais velho sentado ao lado dele. Mãos pretas tremendo como a asa de uma ave-morta. Um olhar passa entre eles e um medo entra em mim: Olun, o homem-sagaz, já morto e enterrado, com suas posses e tudo, abaixo das flores. Seus segredos inúteis chacoalhando no crânio, ou passados para seu filho. O sussurro no leito da morte: “Minha filha está aqui?” Tarde demais. Meus planos podem estar todos atrasados.

O vigia mais velho cospe um coágulo amarelo sobre as penas aos seus pés.

– Olun é o Homem-Bruxo daqui há muitos anos.

Ele cospe novamente. Suas mãos cor de sombra tentam, aos trancos, apontar entre as moradias agrupadas às suas costas.

– Esta noite ele está na aldeia-baixa na casa redonda fazendo dizeres, apesar de temermos que ele não tenha mais muitos dizeres dentro de si. Podemos descer esse caminho juntos, se você quiser. Tudo bem se você depenar essas aves sozinho, Coll?

Isto é dito em direção ao mestre de papada-mole, que olha como se estivesse sem rumo e mal-humorado. Ele murmura sua resposta, de modo a parecer mais homem.

– Sim. Com todo o tempo que você leva para arrancar uma pena, tremendo feito um cão de perna quebrada, é mais rápido que eu faça isso sozinho. Sai de perto e me deixa.

O homem mais velho se levanta e, cuspindo mais uma vez nas penas, sai da cabana. Ele segura meu braço com seus dedos que não param de tremer e me guia agora por um caminho entre as cabanas em direção a uma roda escura de postes, casca arrancada e madeira branca exposta, coberta por juncos. Tochas úmidas chiam, um nó de cobras sob os beirais. Um bebê choraminga, atrás de nós na noite da aldeia.

– Conheço Olun, menino e homem nesses anos todos – diz ele. – Você não é como ele, nem como o jovem Garn.

O nome do irmão é Garn.

– Não. É o lado de minha mãe que aparece em mim. – Isto parece deixá-lo descansado, ele coloca a mão preta para tremer em meu ombro, guiando-me através de véus afastados de caules de junco para dentro da fumaça e do fedor.

A casa redonda. Muitas pessoas, algumas velhas ou jovens demais para falar, esparramadas sobre tapetes de junco, com formas-de-chamas resvalando em suas costas cheias de calombos e ombros sardentos em uma névoa de suor, bafo e local meio-defumado. No alto, nas sombras do teto-inferior, um manto de fumaça se espalha cuidadosamente no ar. Ele treme a cada movimento no salão abaixo, dobrando-se, rasgando-se e desemaranhando-se.

Na parte mais distante do círculo, do lado oposto aos braços e pernas cabeludos escarrapachados e da luz-

de-sebo, está sentada uma mulher monstruosa, enfiada em peles, cordas cinzas de cabelo caídas sobre suas coxas. Uma cicatriz branca marcada passa por um olho e desce pelo nariz. O outro, de uma cavidade envolta em gordura, brilha como uma conta enfiada em uma massa. Em seu pescoço de sapo-boi inchado, um ornamento de ouro. A Rainha.

Para os dois lados, atrás dela, está um homem... não. Está o *mesmo* homem. Como é possível? Meu olhar pára primeiro com um e depois com o outro. Para a frente e para trás, de novo e mais uma vez ainda. Não há uma unha de diferença entre eles. Crânio, sobrancelhas e maxilar raspados, parados com seus longos braços cruzados, olhos azuis fixos, lábios de cobra.

Cada um sorri de um lado diferente. Por que isso me assusta?

– Essa é a Rainha Mag – o velho de punhos pretos sussurra atrás dos meus ombros. – Esses dos dois lados dela são Bern e Buri, apesar de não haver nenhuma diferença, mas eles sabem quem é quem. Eles são os garotos-maus dela. Deixe eles em paz.

– O que são eles? – Minha voz, baixa como a do porteiro. Meus olhos se movem para a frente e para trás entre os terríveis seres-aparentados e não conseguem deixar de olhar.

– O nascimento de um monstro, mas nunca diga isso na frente deles. Dizem que o pai deles coloca sua semente na mãe deles quando ela debruça sobre um carvalho que está partido por um raio. Quando eles nascem, a maioria de nós diz que eles devem ser passados na faca, mas Mag diz que não. Ela sente prazer com a estranheza deles e cuida deles para si própria. Eles apavoram as pessoas agora que estão crescidos, e Mag sente prazer com isso também.

Os dois viram seus crânios cinza-areia juntos e olham para mim do outro lado da sala. Eles têm um

sorriso, cada um fica com metade dele. Uma percepção me invade agora, que me faz desviar o olhar deles: esses são os que cuidam do jardim dos troncos. Eles tiram os membros e juntam as cabeças caídas.

Mudando meu olhar, ele cai sobre uma figura arruinada, descansando sobre um estrado feito de paus, diante da rainha sentada. A figura fala, uma voz seca mais grave que o zumbido das abelhas, dentro de meus ouvidos desde que entrei neste salão, mas percebida só agora. Um homem. Já foi gordo, agora tem uma doença comendo por dentro, que afunda seus olhos e deixa seus lábios secos como figos, encolhidos para trás, deixando à mostra gengivas vazias.

Num lugar onde todos estão vestindo roupões, ele fica ali deitado, nu, em cima de uma capa estranha, fina, feita de penas de pássaro-preto, espalhada sobre o estrado. A vontade dele é longa e magra, careca na raiz. Uma faixa de ramos de chifre está amarrada, as partes expostas em volta de sua testa, a pele pendendo em dobras de seus ossos, e ela toda tem marcas. O corpo enfraquecido está cheio de pinturas-de-agulha. Cada unha de dedão está inteira coberta, da cabeça aos pés, enfeitada com tatuagem.

– Esse é Olun – vem o bafo ruim ao meu ouvido.

Uma linha azul e fria separa o homem deitado em dois, das bolas até a testa. Uma roda vermelha, desenhada sobre o coração com muitos círculos menores. Cruzes e pontas de setas, volta dentro de volta na barriga e no peito. Os retalhos verde pálido de suas coxas.

Um olho não pode encontrar sentido nas rodas e voltas, nem a imagem de cobra nem a de um urso, como é comum entre os homens do norte. Não é parecido com nada que possa ser visto neste mundo, é uma loucura, um artifício selvagem, fala daquilo que não podemos

entender. Couro-cabeludo em forma de estrela. Parece um útero sobre uma palma.

As palavras que ele diz são pequenas e secas feito cascas de besouros, cuspidas como se ele não gostasse do gosto que têm.

– As folhas caem mortas com a vinda do inverno.

(As folhas. Caem. Mortas. Com a. Vinda. Do inverno. Em cada palavra, ele pára e toma fôlego.)

– Agora é o sono das lagartas. Agora a diminuição dos dias. As plantações chegam. O celeiro está cheio. Agora devemos nós oferecer agradecimentos.

Alguns homens balançam a cabeça na multidão. Um menino pequeno é levado por seu pai até o muro da cabana para fazer água, e levado de volta em seguida, andando entre o tapete de pernas emaranhadas. Olun está falando, órbitas fixas num véu parado e liso, a rede de fumaça lançada flutua logo abaixo do teto.

– Uma vez, muito antes de nós, há um homem-sagaz que pode fazer dizeres com todos os deuses abaixo da terra. Eles dizem que ele deve desistir da oferenda que vai fazer e agradecer com outra coisa ao solo por ser bom, e cheio de frutos. "Então o que deve ser oferecido?", diz o Homem-Bruxo. "Seu filho". Respondem os deuses. Ao ouvir isso ele cai em prantos, implorando pelo seu filho, mas eles são duros, ordenam-lhe cumprir o que foi pedido, ele deve mostrar que tem mais amor por eles do que pela carne de sua carne. E assim é. Ele prende seu filho e o leva até a beira do rio, onde uma fogueira é feita.

(A beira. Do rio. Onde uma. Fogueira. É feita.)

– Ele coloca seu filho sobre a madeira. O fogo é preparado e o punhal afiado. Então falam os deuses debaixo da terra, dizem que é bom ele manter a fé e amar seus deuses mais do que sua carne. "Estamos tão satisfeitos", eles dizem, "que vamos pouparmos seu

filho. Veja, ali está um porco no meio da lama. Tire seu filho do fogo. Vamos transformar o porco em um menino, que você pode matar no lugar de seu filho". E é feito isso. O menino-porco queima, o filho é poupado, e desde esse dia oferecemos um menino-porco na fogueira, à noite. Quando em seguida vem a luz, temos um dia para empilhar madeira. Temos um dia para tocaiar o porco. Temos uma noite para agradar os deuses.

Ele suspira.

– Os deuses são bons.

A multidão está murmurando um eco misturado, sujo, das palavras dele, uma voz cortada em pedaços, agora alojados em muitas gargantas. Um dia para empilhar, um dia para tocaiar, uma noite para agradar os deuses. Os deuses são bons. Parece que esses murmúrios são um sinal de que Olun termina seus dizeres esta noite, porque as pessoas se levantam, se preparam para sair. Fluem por nós feito maré-de-pessoas, desaguando pela porta, saindo para a noite, tossindo, rindo. Apenas amontoados dispersos ficam sussurrando no salão.

Dedos pretos, sempre tremendo, pousam sobre minha espinha e me empurram por trás, apressando-me.

– Vá ao encontro de seu pai – diz o porteiro.

Pai morre de picadas de abelhas enquanto estamos passando pelas Grandes Florestas do Norte, todos andando com dificuldade, deslizando de barriga para o alto por cavidades fundas, na grama molhada e áspera. Acima de nós, onde os galhos altos das árvores formam uma teia de ramos contra a luz, um pássaro canta, claro e totalmente só na tarde abafada.

Meu pai grita, atira os pés para cima para agarrar sua parte inferior, depois tomba para trás com um gemido e é engolido pela grama. Pegamos ele, mãe e eu, mas agora ele está se contorcendo, fazendo barulhos na

garganta, o suor luminoso e um brilho súbito em seu nariz, em sua testa. Primeiro ele fica ofegante, depois se agita, faz ruídos. Os dois olhos estão abertos, sem brilho, sem ver nada. A mão agarra a grama embaixo dele de vez em quando, mas há pouca coisa para olhar e nada para fazer. Ao deixar minha mãe ajoelhada ali ao lado leste, vem a idéia de refazer os últimos passos que ele deu pela grama do lago.

No caminho pisado onde ele primeiro segura seu pé e grita está uma abelha meio-amassada, uma nódoa de cor perigosa esfregada sobre a marca do calcanhar dele. Em algum lugar próximo, na grama, minha mãe começa a mugir. Gosto de meus dedos, azedo como um metal, apertados sobre minha boca para prender o riso.

O pássaro ainda está cantando. De seu pouso lá nas árvores altas, ele pode olhar para baixo e me ver, ver minha mãe, meu pai, a abelha, ainda que separados como estamos, em meio à grama, não podendo ver uns aos outros. Como em uma pintura lisa, ele nos observa, com o todo da morte de meu pai preso firme ali, no olhar negro do pássaro.

A rainha-bruxa diz alguma coisa com sua voz chiada aos seus irmãos-parecidos. Eles erguem as grandes cabeças de lua e observam-me enquanto caminho em direção ao velho em seu estrado de paus e penas colocado abaixo deles ali. Não olho nos olhos deles. Não pareço estar com medo. O chão de terra-pisada, aquecido por traseiros, sob os meus pés lentos e relutantes.

Uma mulher se agacha perto do catre, juntando a capa de penas de pássaro-preto do Homem-Bruxo sobre os ombros nus e magros dele. Ela dobra a capa para cobrir as pinturas sem sentido feitas sobre suas costelas e o peito afundado.

Ela é grande, essa mulher. Com ossos-de-homem nos quadris e sem graça de se olhar. Cabelo todo

amarrado num monte no alto da cabeça, da cor de cocô de bebê, preso com prego de madeira. Bochechas vermelhas. Rosto chato, longo na mandíbula, nenhuma inteligência em seu olhar de boi-fêmea.

Ela passou de seu tempo de criança, e é jovem demais para ser a companheira do velho. Outra filha, então? Não. Não, um filho e uma filha, é tudo o que me dizem, tanto a menina como o porteiro. O que ela é, então? Uma escrava? Em seu pescoço grosso e cinza uma peça fina de bronze, riscada com marcas em forma de lágrimas e presa em cordas, dá voltas sob a luz-de-sebo.

Agora, quando chego perto, ela se vira para olhar para mim, um olhar estúpido e apático que não tem nenhum brilho. Ela não dá nenhuma atenção. O velho está enrolado em sua capa de penas, de modo que parece com algum pássaro preto terrível que tem cabeça e pés de um homem velho. Seus olhos estão fechados como se fazer os seus dizeres esgotasse toda a vida que há nele. Ele. Fale com ele, o velho. Ele é a pessoa certa.

– Pai?

Minha voz. Ela tem que soar mais parecida com a dela, a menina que me encontrou na trilha. Ele pode se lembrar do modo como a mãe dela falava com ele há tanto tempo e me reconhecer como alguém vindo de outras partes. Pensa. Tenta se lembrar de como a menina fala, lá na beira do rio. “Você vai para o sul até Ponte-no-Vale?” “O que você acha das minhas contas-de-enfeite?” A voz dela, mais no nariz do que na moela, como é a minha. Sim. Sim, é isso. Agora, chame-o mais uma vez, mas do modo como a menina está falando em meu pensamento. E mais alto.

– Pai?

Afundadas em órbitas profundas e com as pontas esfaceladas tal como os buracos na terra, seus cílios manchados de tinta movem-se lentamente sobre as bolas

úmidas e amareladas. Um olho é verde e preto, tal como água num toco de árvore. O outro olho é branco. Branco cego.

Ele fica ali, deitado, olhando fixamente para mim. Franze o cenho lentamente. As marcas se enrugam na testa. Algumas das linhas pintadas com agulha se multiplicam nos cantos, pelo envelhecimento da pele, virando uma mancha borrada de sujeira azul, mas no centro elas estão nítidas. É como se as marcas fossem feitas novamente a cada ano, calcadas ainda mais fundo para se manterem claras e novas. O olho verde se aperta para me olhar, o outro não olha para nada. Ao lado da cama, a mulher grande e lenta se agacha para nos vigiar. Não há mais vida no rosto dela do que em uma pedra.

– Pai, é Usin. – Tentando falar pelo nariz e não pela garganta. – É Usin. É sua filha.

Sua filha arrasta os dedos dos pés mordidos de enguia pela areia do fundo do rio e sai dançando para o lado do mar. Seus cabelos bóiam, têm aparência de ervas daninhas, mais graciosos quando afundam.

Ela está muito longe deste lugar agora, seguindo em sua dança lenta noite adentro. Seus passos são desajeitados, nenhum homem se acende com o movimento de sua carne, isso nunca mais vai acontecer. Apenas a correnteza a abraça com firmeza contra seu peito malcheiroso.

Ele me olha fixamente. Só depois de um longo silêncio que ninguém interrompeu, ele fala.

– Hurna? Volta para minha cabana agora.

Não é comigo. Ainda que olhe em meus olhos fixamente, ele não fala comigo, mas com a mulher pesada e silenciosa que está olhando para nós. Ela se levanta, desdobrando seu corpo grande e cansado, tudo sem dizer uma palavra. Ela vira as costas para a cama

de paus e em seguida se curva para segurar as varas que se estendem da cabeceira. Ela o ergue. Um grunhido mínimo lhe escapa, menos pelo esforço, mais pela necessidade de mostrar trabalho feito.

Depois de erguer o estrado tomando cuidado para o velho não cair, ela o arrasta até a porta da casa redonda, enquanto o homem de mãos tingidas e trêmulas ainda espera e nos observa. O catre deixa para trás um par de sulcos, riscados na terra preta, e o velho ainda olha em meus olhos, mesmo enquanto é arrastado para fora, preso em seu manto de pássaro-preto.

– Então? Você também vem, filha?

Eis aí! Ele fala. Ele fala comigo e me chama de filha.

– Estou indo, pai. A sua mulher precisa da minha ajuda para levá-lo?

Ele faz um som de rangido. Percebo que está rindo.

– Hurna? Ela não é minha mulher. Tudo que ela faz é limpar meu traseiro, me dar comida e me arrastar de um lado para o outro. Em troca, tenho que tolerar seus pensamentos sobre o mundo dos espíritos e todos os seus deuses tolos.

Seus. Deuses. Tolos. As palavras irrompem entre respirações curtas. A mulher puxa a maca, devagar, constante. Ela não parece ouvir o Homem-Bruxo reclamar dela. Sigo, andando entre as linhas-de-rachadura marcadas sobre a terra. Dentro da minha garganta está o cheiro de fumaça de sebo queimado e das penas.

Um último olhar para trás: os meninos-monstro estão sentados sobre as peles dos dois lados de sua rainha inchada. Um deles, Bern ou Buri, enfia a cabeça sob o braço dela para beijá-la. O outro está com a mão embaixo dos abrigos dela. Olho rápido para o outro lado. Saindo pelo véu de juncos, entramos no ar crestado-de-estrelas. O paralisado porteiro de mãos enegrecidas me vê passar, mas não fala, nem segue.

Do lado de fora, parece que Olun e sua mulher cavalo-de-reboque não esperam por mim, seguem por entre as curvas do caminho gasto-por-pés entre as cabanas amontoadas, adormecidas e imersas na escuridão. Eles me fazem correr até alcançá-los, para andar ao lado do caixão-cama de Olun, falando com ele assim que consigo tomar fôlego. À nossa volta, movimentações, murmúrios nas moradias de teto de barro, corpos se acomodando para a noite em seus trapos e palhas.

O velho vira a cabeça, olha em minha direção lá de sua cama de paus que sacoleja ao meu lado.

– Como estão boas as coisas – ele diz, – agora que minha filha veio até aqui. Quantas foram as noites que você passou na trilha?

Esta é uma resposta que a menina morta não me dá, na beira do rio, uma das coisas que não me ocorreu perguntar a ela. Agora é tarde demais para cortar seu outro dedão. Minha inteligência tem que me salvar, e apenas a minha inteligência.

– Mais dias do que posso contar – é a minha resposta.

Depois, continuando rapidamente:

– Todas aquelas noites, o sono passa e não me leva com ele, tão grande é o meu medo de ouvir que você está doente.

O velho sorri, lábios puxados para trás, mostrando os poucos dentes amarelados. O crânio está irrequieto, ávido para que chegue logo o dia em que possa desprender-se da carne ressecada e do abrigo defumado-pelo-sol, emergir da cabeça de Olun com um sorriso da vitória conquistada sobre a carne. Esses dentes, fincados na gengiva murcha, nada mais são que os mensageiros de sua chegada. Acima de seu sorriso, o velho faz seu olho cego branco-gelo deslizar em minha

direção, de lado entre seus cílios grisalhos. Ele parece estar fixo em mim.

– Você pensa que seu plano não é de meu conhecimento? – ele diz. O sorriso fica ainda mais aberto, e em meu estômago algo pesado se agita, mexe e faz meu traseiro encolher todo apertado. Ele sabe. O velho sabe do meu plano, das contas roubadas, da coisa morta no rio. O que mais posso dizer ou fazer senão correr e me esconder?

Ele fala novamente, e me prende com seu sorriso, seu olho de cobra-morta.

– Você pensa em ganhar os meus privilégios com as suas palavras, não é isso? – ele ri ao me ver, espantada feito um gato estrangulado diante dele em meu medo e assombro. – Você pensa em ter o tesouro do velho quando o velho morrer. Ainda existe algo de sua mãe em você – e ele ri novamente, e fecha os olhos e ri tanto que o riso se transforma em tosse, úmida e profunda.

Ele não sabe. Ele me considera dissimulada e gananciosa, mas me considera sua. Graças a todos os deuses, mesmo que, na verdade, não exista nenhum.

Minha resposta me vem com facilidade, com o toque exato de sentimento ferido, porém afetado pela vergonha que uma menina assim deveria ter:

– Como você pode zombar tanto de sua filha, que anda pelo caminho grande e longo para estar ao seu lado? Como você pode dizer que ela não se importa com você? Pois bem, há em mim um desejo de ir embora andando, tão pequeno é o meu desejo de um pai ou a riqueza que ele possa ter.

Com isso a tosse pára. Seu olhar é de preocupação agora, com menos certeza de que ele tem o controle sobre mim.

– Não. Você tem que ficar, e não dar nenhuma atenção à minha língua. É pilhéria de um velho e nada

mais. Você é carne da minha carne, e tem que ficar comigo até o meu fim.

Seu olho vivo procura os meus, com medo de que ele mesmo possa me afastar dele, com todo seu escárnio. Ele precisa de mim, e não tem certeza se eu preciso dele: estou ganhando o jogo. Minha voz é desdenhosa e indiferente na resposta, para fazê-lo se contorcer mais firmemente no gancho.

– Ah, é? Carne da sua carne, você diz. E o meu irmão Garn? Você já deu preferência a ele uma vez. Por que não fazer dele seu consolo agora e me deixar em minha terra do norte, se você pode pensar tão mal de mim?

Neste momento ele vira o rosto, nada fala. Há silêncio, a não ser pelo arrastar e chacoalhar da maca, passando pela terra e pelas pedras, e a respiração ruidosa da mulher ao caminhar pesadamente, puxando-o entre as cabanas.

– Garn não é filho meu. – Suas palavras são duras, como pedra-de-fogo. Ele olha para as estrelas e não olha para mim.

A melhor direção a tomar é ficar em silêncio e esperar ele falar mais sobre isso. As cabanas se arrastam ao nosso redor. A mulher arfa feito um cachorro grande, e agora ele fala novamente.

– É costume nosso, passar ensinamentos ao menino, assim como é nosso costume procurar companheiras entre as terras mais distantes para dar força ao sangue. Por isso Garn é levado para longe e você é deixada ao lado do grande mar frio. É nosso costume, passar ensinamentos ao menino, mas Garn...

Ele pára e solta um pigarro, cuspindo uma coisa escura na escuridão à nossa volta.

– Garn não quer realizar a tarefa, se coloca contra seu dever. Diz que ele não é um homem-sagaz e trabalha como artesão de metais, que ele considera um ofício

mais de acordo com nosso tempo. Ele diz que não se importa em conhecer os modos antigos e secretos. Não conseguimos conversar a não ser discutindo, portanto não conversamos nunca. Ah, mesmo sabendo que a doença toma conta de mim e toda minha vida se acabou, ele não se submete, nem coloca de lado suas pedras-de-martelo e moldes. Não há ninguém a não ser você para receber os meus ensinamentos antes que minha respiração pare, menina. Apenas você.

Seu olhar, lançado a mim, é deplorável, parece o de uma fera atormentada. Quando os homens são fracos, meu coração fica ainda mais duro, mas em minha voz há apenas preocupação, sussurrada de modo a não acordar as pessoas que dormem nas cabanas de junco, ao redor.

– Qual é a enfermidade, pai? É a sua respiração, você não tem fôlego para falar?

Sua maca dá um tranco forte, puxada por cima de um buraco repentino na terra. Ele resmunga, transtornado, e depois suspira.

– Esta aldeia é parte de mim. Suas doenças são minhas. Se há besouros nas sementes dos campos ao sul, meus órgãos vitais aqui também são corroídos.

Sua mão, um caranguejo frágil, desce até a barriga.

– E se as velhas rodas lá na Colina-de-Fera caem na ruína e no esquecimento, os ossos das minhas costas ficam fracos tal como pedra amarela e se esfacelam onde um raspa no outro.

Agora ele ergue o dedo, apontado para o inútil olho coagulado, feito leite coalhado.

– Isto acontece quando resseca o poço-de-tintura, nos prados a oeste daqui. Ou então um túnel na aldeia-subterrânea inunda, uma caverna se alaga e me deixa urinando sangue de uma lua até a lua seguinte. Eles queimam as árvores da grande cadeia de montanhas a leste para igualar sua crista, e agora minha vontade não

levanta mais. Os cabelos caem e ele fica parecendo o de um bebê.

Adiante, em algum lugar distante de todas as outras cabanas, um amontoado de sombras se curva em nosso caminho, para onde a mulher Hurna caminha penosamente, arrasta o velho em sua esteira, e ele me arrasta do mesmo modo com suas palavras.

– As pessoas são a pior parte. Quando Jebba Dente-Quebrado fica louco e mata sua mulher e seus filhos, algo escorre de meu ouvido. Ou, se os irmãos Muitos-Cavalos estão em rixa, meus dentes ardem de dor. E agora todos os agentes do mal que temos aqui, os corta-bolsas e trapaceiros, os bate-e-leva todos vivendo em cabanas-de-palafitas perto dos alagamentos. Eles me passam piolho.

Ele sorri, e mostra seus poucos dentes, que doem com todas as palavras raivosas que passam entre os irmãos Muitos-Cavalos, quem quer que sejam eles.

– Uma vez, me agrada catar um bem gordo e espremê-lo com o meu polegar. No dia seguinte, fico sabendo que um da terra do pântano, trapaceiro e barriga-de-caçamba, é pego entre as suas toras de palafitas quando elas caem, esmagando ele entre uma estaca e outra.

Aqui ele ri novamente, o estalido da asa de um pássaro morto, e fazemos uma parada, a mulher pondo um fim em seu puxar diante do escuro amontoado que é a cabana do velho. A mulher empurra as madeiras-de-parar para o lado usando seu balanço de corda, de onde vaza uma luz vermelha e opaca, tal como de um buraco de tortura, e enquanto ela arrasta o velho ele ainda está rindo e dá um beliscão em mim, polegar e dedo. Unhas pretas se apertam.

Ali, em Montinho de Esterco, uma vez, uma menina, pouco mais que um bebê, me diz que não consegue

encontrar a mãe no meio da multidão do mercado. Como se eu tivesse alguma coisa que ver com ela ou com a mãe dela. Trocada com um homem negro embrulhado num manto de uma cor desconhecida para mim, ela me valeu um punhal novo e brilhante, mais uma peça de prata.

Sobre a Colina Irmã Agarrada um homem-do-engenho me dá a metade de um porco por quase tantas sacas de terra quanto os dedos da mão, com apenas um dedo de grãos por cima escondendo a terra que enche cada saca.

Na Via do Beócio ainda me amaldiçoam por trocar cocô seco de cachorro, embrulhado em casca de árvore, como defesa contra a peste.

Um homem mais velho de Vala-Fedida me dá metade de um odre de farelo para ter minha boca, depois adormece para acordar com saco de tesouro e moela cortados os dois.

Nos Campos dos Bundudos, a barragem aberta à noite, meus ombros travados por toda a escavação com a pá, um trapo preso ao nariz. Os dedos podres se incham sob os anéis, que têm que ser retirados. Na carne amolecida e franzida nas juntas a pele se desprende completamente quando os anéis são arrancados.

Em Nauseante aquela menina gordona e seu meio pedaço de pão...

O velho estala suas unhas cor de besouro e arrebenta um carrapato.

Do lado de dentro, a grande cabana-de-sino é um pulmão alinhavado com caule de junco e couro sobre costelas de madeira, cheio de bafo de mijo azedo e umidade, que caracteriza o velho, temperado com odores mais raros. Grande, mas diminuído pela confusão amontoada, fantásticos penhascos de máscaras de pele de cachorro e escudos com rostos de deuses, guizos, osso com penas

e espécie-de-homens feitos de barro. Aves estranhas, mortas, porém não apodrecidas, duras e de olhar fixo, presas em madeira trançada. Um emaranhado de ratos em conserva, todos amarrados pelas caudas e pregados em cascas de árvore. Um coração tratado e polido. Rochas com marcas de dedos de monstros, vasilhas de cozinhar e carretéis de tripas de costura, e muito mais em arriscadas montanhas todas tortas, cheias de pés, encostadas no teto escuro.

Há apenas passagens do tamanho de ombros, desobstruídas entre escarpas sulcadas de instrumentos embaralhados e paus-de-amuleto, entre grinaldas de areia seca e mantos de pele de enguia. Isso é como algo já visto, em um sonho esquecido que tive quando bebê?

Um punho de âmbar com um horripilante bicho do mar preso dentro, de corpo achatado com tufos de sanguessugas saindo por tas dele erguido sobre muitas pernas de gancho-duro, e de um lado um bulbo onde está a cara que me faz pular para trás. Uma vasilha que se pode ver por dentro, e uma menina bebê não-nascida, enroscada, sua cabeça sem expressão esbranquiçada e depois pintada com cores vivas, como uma prostituta.

Em algum lugar em direção ao centro desta roda na forma de um labirinto esquisito, um orifício com brasas joga no rosto uma luz taciturna, Como contas de minério fundido, ela pisca vermelha sobre os ornamentos de pedra, e cai sobre velas de barco pintadas, com as trevas ao fundo. Dividida em lâminas de fumaça de sombra rosa e esverdeada sobre sua extremidade pontiaguda. Uma mancha negra cai sobre as passagens entre as coisas sem valor, talhada aqui e ali por raios de luz-de-forja sangrenta que transborda das inúmeras vias laterais desses becos nos quais um canal se bifurca em outros.

Salvo quando eles se arrastam por essa coluna-de-chaminé de súbito brilho de fogo de guerra, nada se vê de Olun em sua cama de paus. Seguindo-os apenas com

os ouvidos: a raspagem do catre sobre a terra preta marcada, o som abafado dos passos da mulher, retumbando pela terra, fazendo cócegas na nudez dos meus calcanhares. Agora perdendo-me deles perto de uma curva e correndo para alcançá-los, dando uma volta a tempo de ver o rosto atormentado do homem sangrar em súbito vermelho-vivo no escuro quando é arrastado por uma faixa de luz. A faixa fica maior. Estamos saindo para a roda de espaço aberto iluminada por brasas no centro desta trilha confusa de barris empilhados, sonhos desordenados e pedacinhos de raridades.

Com o rosto apático brilhando com o suor, a mulher, Hurna, abaixa o velho e seu catre para descansar ao lado da fogueira baixa, depois vai andando pesadamente sem dizer uma palavra até a madeira para alimentar o fogo. Distraída por um momento, passos de urso grande cambaleando para dentro do labirinto de relíquias de brinquedo.

O velho está cansado, me manda dormir em um canto distante, separado por peles de animais penduradas. Ele me diz para não importar se ele e Hurna se sentarem para conversar perto das brasas por um tempo. Está claro que ele não quer que eu faça companhia a eles. Assim, minha cama é feita com peles, a luz ao redor do fogo é ocultada de mim pelas peles penduradas.

Logo ouço o som de Hurna voltando com a madeira, o estrondo quando ela a joga no chão. Eles então conversam, baixo, a primeira vez que ela fala perto de mim. Ah, ela soa ainda mais apática e estúpida do que já parece, o que chama a atenção.

É minha esperança que eles falem sobre agarrar, ou algo bom de se ouvir, mas não. Ela fala em tom monótono sobre um deus que nos devora, o que não parece ser deus para mim. Ela diz que quando somos engolidos podemos nascer de novo entre os deuses. Em

forma de quê? Um cocô que balança no buraco-do-meio dourado deles? As coisas podem nascer e depois ser engolidas, porém não pode acontecer o contrário, não em meu entendimento.

De vez em quando a voz do velho irrompe e crepita, dizendo algo ríspido com desprezo. Retira-se novamente para deixar a resposta da mulher se arrastar de forma contínua noite adentro. Ela estica a conversa, um leito pesado com palavras pesadas e estúpidas.

Sob as minhas peles e nua exceto pelas contas de enfeite, meus olhos estão fechados, mas meus ouvidos não. As palavras dela passam através de mim. Essência. Minério-de-espírito. Os grilhões da carne. Mudança. Ser transformado, transfigurado na cinza da paixão, paixão, paixão...

Os campos de cinza. Eu uma menina pequena. Esta neve é seca, cinza quente, seus flancos macios e arredondados, bons para se pisar. Um pó mais fino que milho moído à pedra, tão frio e escorregadio quanto água em meus pés, que agora afundam mais e mais, esperando o chão, e mais fundo, não há firmeza abaixo das cinzas para me impedir de cair...

Acordo assustada. As peles amontoadas no meu pescoço. As peles penduradas, iluminadas de rosa do outro lado e a voz da mulher ainda além delas. Suor pelas minhas costas e umidade suave entre os peitos. Estas peles me deixam quente demais. Tiro de baixo os braços e ombros. Está melhor. Mais fresco. Viro para o outro lado. O aro de contas aperta meu ombro e tem que ser empurrado para fora. Isso. Agora o todo de mim se sente bem, tão mole e cansada que nem penso onde minhas pernas estão, ou minhas mãos. Tudo é uma só coisa macia, que não conhece as diferentes partes de mim.

As palavras da mulher, afastadas de qualquer significado agora, são apenas sons, seixos cinzentos lisos e molhados que rolam devagar sobre nada, aqui dentro das minhas pálpebras: Colina da Fera. Repique de Coração. Urna com rainhas. O verme enganado. Ossos moídos e ajuntados. E quando você. E quando todos nós. Quando nós. Quando nascermos da centelha...

Em minha escuridão, o jogo de cores fica azul, não, vermelho, e corre para formar um arco. Fica tênue, mais tênue, do centro sai um verde de inverno, desbotado e carregado que, tremendo e brilhando, forma e separa as ondulações, o rio, a beira do rio. Lá vem ela, a menina, garganta toda aberta, mas ela não liga para isso. Está sorrindo, contente por me encontrar.

– Vá até um pouco mais adiante na margem do rio – ela diz agora. – Tem um grande cão preto ali que diz conhecer você.

Ela vira e anda, seguindo na frente. Para onde vai o rio? Há moitas dos dois lados e pilhas de coisas confusas entre elas, amontoados de coisas esquisitas e engenhosas que eu conheço bem, embora seus nomes não estejam em meu pensamento agora. A menina está chamando mais adiante, ao longo da passagem.

Tento chegar perto dela, mas algo se enrosca em meus pés e me faz andar devagar. Sua voz fica distante. Agora ela está falando com alguém, fala muito baixinho e igual, suas palavras não têm nenhum vigor. Deve ser assim, a conversa entre os mortos. Prossigo. Avanço com mais força até ela. Está mais escuro agora. Ela está me chamando? Está mais escuro agora...

Luz. Luz da manhã. Que lugar é esse no qual desperto?

Olun. A cabana do velho. O pai da menina. A menina à beira do rio.

Ah, sim.

Ainda meio dormindo, ainda coberta de peles em meus pensamentos, murmurando para mim mesma, vou colocando as roupas dela, *minhas* roupas. Depois vou engatinhando até o círculo central da cabana de Olun. Abandonada. A cavidade da fogueira fria e morta. As fileiras de retalho cinzentas, cor de fígado, que me cercam, agora sem o encanto que tinham na madrugada, espantado pela presença de empoeirados raios de sol que passam através do teto de junco cheio de furos.

Eles têm uma quietude e um silêncio velho, agora, esses esqueletos de quinquilharias e restos. As passagens estreitas entre eles são menos labirínticas vistas à luz perolada da manhã. Encontrar o meu caminho até a saída se torna algo simples, tropeçando e resmungando até o dia. Espremo os olhos diante deste brilho. O mundo borra em meus cílios.

– Usin? Usin!

Ele repete mais uma vez antes que me ocorra que é este o meu nome. Volto. O velho está deitado diante de mim em seu estrado de ramos, não mais envolvido de penas, mas num manto de muitas peles de cachorro, inteiras. Focinhos pretos aparecem aqui e ali sobre a abertura talhada de uma boca, abaixo dos buracos com fechos de cílios.

Ao lado dele a comida está espalhada em vasilhas de bronze polido. Um peixe quente de boca aberta. Afligidos por susto e grande tristeza, seus olhos cobertos de vapor se fixam em mim. Perto disso, um prato, não maior que um copo-de-polegar, cheio de caldo de cerejas amargas. Pedaços de casca de pão cinza batido para mergulhar no caldo. Uma pele com leite quente de cabra para ajudar a descer.

– Hurna e eu, nós comemos ao amanhecer. Ela sai para o culto com seu povo e não volta nesta metade do dia. Agora você pode comer.

Ele aponta para a comida, um espasmo de sua mão manchada.

Ele me observa enquanto agacho de joelhos cruzados, pego o punhal de minha sacola e abro seu peixe das costas, perto da cauda, até a linha das brânquias, na garganta, vapor cinza sangrando onde a pele preta se divide e cai sob o meu gume. Retiro a espinha com o polegar. Aliso as pontas de osso-de-cabelo da costela que saem das fendas na carne branca fumegante. Agora levanto a frágil centopéia da espinha, com cabeça e barbatana traseira, para deixar de lado. Pego uma lâmina de carne soltando fumaça, empurrada para dentro da minha boca pela ponta do punhal, o que me faz lembrar de como ele foi usado pela última vez.

Demoro algum tempo para mastigar e um pouco menos para engolir. Aparecendo por baixo da travessa de bronze chamejante, o esqueleto com cauda de feto olha para mim com olhos de menina, ao lado do meu prato. Mastigo, engulo e pego mais um pouco, mas desta vez com os dedos. Olun me observa. E quando vê que a minha boca está cheia demais para interrompê-lo sem engasgar, ele fala.

– Enquanto Hurna não vem nós podemos andar até o caminho do rio. Podemos ir até a ponte e voltar. Se você vai ficar com os meus bens, é bom que conheça melhor a terra e toda a sua configuração.

Noto que ele diz “nós podemos andar”, quando na verdade apenas eu tenho a capacidade para fazê-lo. Ele quer que eu o arraste, fazendo o papel daquela mulher com pernas de boi. Eu, que tenho o corpo tão pequeno! Os pedaços de peixe na minha boca e a menção dos seus bens: essas são as duas coisas que me impedem de chamá-lo de preguiçoso e sapo bobo espertalhão.

Ele não fala mais nada até o peixe acabar, e também o pão e o leite com sêmola doce, ainda que abra a boca de vez em quando como se fosse dizer alguma coisa, sem

emitir nenhum som. Demoro para perceber que ele está apenas arfando para conseguir respirar.

O caldo de cereja está forte demais para mim, é deixado de lado. Depois, quando estou abaixada para fechar a sua capa de cachorro, antes de erguer e arrastar a maca, ele ergue a mão e limpa, com um gesto delicado, uma gota de leite de cabra no meu lábio. Sinto um gosto de ponta de dedo choca e defumada. Ele sorri, olhos enrugados nas órbitas de pele de teia. Três pequenos desenhos de peixes feitos em vermelho vivo sobre uma pálpebra desaparecem súbitos dentro das fendas.

Nem meu pai, nem minha mãe precisam que eu os arraste por toda essa distância. O pai caído, picado pela abelha, em sua cova no alto do vale das Grandes Florestas do Norte, ele não me pede para arrastá-lo, malcheiroso, por toda a terra. Tampouco minha mãe é carregada quando adoece, se prostituindo nos campos das minas a leste daqui. Nós duas ficamos sozinhas, agora que o pai está morto. Quando a tosse dela começa a afastar os meus fregueses, não há mais nada a fazer senão deixá-la. “Você descansa aqui. Não vou demorar para encontrar madeiras para o fogo e voltar. Descansa, mãe. Descansa e espera por mim”, e pela manhã estou em outro lugar, trilha abaixo, sozinha.

Os dois estão mortos e longe agora, e nenhum deles foi carregado até lá.

Agarro com amargura as varas da maca, mãos com vergões e calos, e mal saímos da aldeia, mal saímos do meio das trilhas empoeiradas e espinhosas, onde as crianças riem e lutam alvoroçadas entre as cabanas, suas formas finas e marrons que entram e saem do campo de visão tal como espíritos pelas nuvens dos ensopados e névoas de caldeirão, aguadas e

desagradáveis no nariz, uma cerração de febre que amortece o rosto.

Ainda que esteja sendo arrastado atrás de mim, parece que o velho está me empurrando, me espetando para que eu passe pelos anéis de cabanas e chegue ao portão norte do povoado. Cruzamos com aquele menino com a marca de nascença que fez o papel de guarda na minha chegada. Andando com uma menina baixa e gordinha, cujos ombros sardentos empalidecem sob seus cabelos cor de ouro-sangue, ele não olha para mim.

Não tem ninguém na cabana de vigia, próxima ao portão, quando passamos raspando entre as samambaias penduradas, até chegarmos ao campo. A cabana vazia me perturba, assim que passamos pelo portão percebo o motivo: o homem murcho com mãos tingidas de preto está em pé do lado de fora, com o rosto virado para a barreira de espinhos, o membro da vontade enrugado sendo sacudido com suas mãos. Em vigia sozinho, ele passa pelo portão para fazer xixi, mas, pelo jeito, fica ali parado e não sai nada.

Quando passamos por ele, eu na frente, o velho arrastado atrás, ele olha para cima, vê Olun e grita:

– Então você tem um filha. Essa é nova.

– Sim – Olun diz com tristeza, em resposta. – Sim, esta é nova.

Passamos e pegamos o caminho ao lado do rio, terra amarela pisada e desfolhada entre pedaços de grama. Folhas cor de bronze formam pilhas, encostadas nas árvores que parecem viúvas, ombros expostos e curvados de desgosto, cabeças caídas e cabelos grisalhos tocando a superfície do rio, onde as correntes formam orlas prateadas, divididas pelas pontas dos ramos. Olhando para cima, os pés congelados em penosa caminhada, a sacola sobre meus ombros, vejo o porteiro com luvas de fuligem se inclinar, com o rosto ainda voltado para os espinhos, esperando a represa romper.

Seguimos, as varas raspando no chão, fazendo ruídos, ao lado do rio, contrários ao seu fluxo. O catre de ramos estala, puxado ao longo do caminho pisado e gasto, atrás de mim, tal como um fogo correndo às minhas costas, do qual vem agora uma voz. É a voz do velho, que também estala.

– Se você for... – respiração – ... me seguir... – outra respiração. Sua fala é interrompida por essas bruscas aspirações de ar, constantes e desesperadas. – Se você for me seguir, você tem que conhecer o meu caminho. Se você vier a ser a pessoa sagaz quando eu me for, ah, então você tem os meus bens. Porém você tem que possuir também os meus ensinamentos.

Ouvindo-o falar ocorre-me que, embora esteja velho, ele tem lucidez. Pode-se ouvi-la no modo como ele encaixa as palavras umas nas outras, de forma clara apesar da interrupção de sua respiração. Minha mãe, muito mais jovem que ele, diz apenas "Tosco" e "Molhado" e "Onde está ele?" naquelas duas últimas luas. Este Olun não é nenhum idiota, e por isso eu o ouço.

A voz de fogo continua a crepitar, acima dos estalos da maca.

– Meu modo de aprender é o meu caminho, ainda trilhado em meus pensamentos, embora meu andar não exista mais neste mundo.

Ele não precisa me dizer isso, minhas palmas cheias de bolhas e meus ombros doloridos de carregá-lo já o sabem.

Toma nova respiração, frenética e abafada, depois prossegue.

– Esta trilha de conhecimento é percorrida através da vegetação exuberante e selvagem do pensamento por longas luas de repetição. Porém, ela nada significa se não tiver o seu contrário neste mundo, o mundo no qual andamos e morremos.

Ele deixa o andar por minha conta mas, em troca, o morrer fica para ele.

– Meu caminho de pensamentos sai de todos os caminhos à minha volta. Esses territórios que transpomos são da mesma forma transpostos dentro de nós, onde existem monumentos de idéia, abismos, picos e riachos em que vêm desovar os pensamentos noturnos. Se você vai conhecer o meu caminho e seguir por ele, conheça então a terra ao seu redor, tanto a trilha como a aldeia, em sua ponte e em suas partes submersas. Conheça os barracões de ratos proscritos, pedras raras e salões de guelras. Marque cada um dos caminhos de cima e conheça o caminho subterrâneo, sua passagem secreta da câmara mortuária ao buraco do tesouro.

Fico calada, durante todo o longo tempo em que fala. A palavra tesouro, no entanto, não deve passar despercebida, e me obriga a interromper.

– Que caminho subterrâneo é esse? E como devo caminhar por ele se todas as suas passagens são secretas?

Ele funga, acena como dando adeus para mim enquanto não consegue dizer a resposta.

– Temos as nossas trilhas-de-Urken, abaixo do solo. Apenas o Bruxo ou a esposa-do-Bruxo conhece suas passagens, transmitidas de boca entre os sagazes através dos tempos. Muitos tesouros de nossa arte estão lá, mas só serão seus quando estiver pronta para conhecê-los, repleta de conhecimentos das trilhas mais simples acima da superfície que são equivalentes à sua vocação. Nesse dia, pode ser que você desça e trilhe sozinha as léguas iluminadas à tocha, onde esses meus velhos pés um dia pisaram as rampas cheias de vermes e a rocha fria. Agora só pisam lá em meus sonhos de cachorro. Antes desse dia você tem que trilhar todos os caminhos de cima e conhecer os locais marcados por histórias ao longo de suas passagens.

Isto me perturba. Parece que o velho quer que eu o arraste para cima e para baixo por todos esses caminhos dos quais fala, coisa que não me agrada nem um pouco. Quanto aos locais marcados por histórias ao longo de suas passagens, aquelas penduradas lá no jardim dos troncos, já conheço, não tenho o desejo de ouvir mais nenhuma. Fico surpresa porque não passamos perto daquelas carniças nas estacas. Meu caminho da noite anterior deve estar a leste desta caminhada ao lado do rio, o que me agrada bastante. Sigo caminhando penosamente, as folhas todas subindo ao redor dos meus pés.

Agora Olun me pede para parar um pouco, me manda olhar do rio para leste, onde se ergue uma colina com fumaça branca saindo do topo em tiras. É a colina pela qual meu caminho é trilhado para descer até o fundo do vale tomado pelo atoleiro na minha chegada. Seu fogo no cume continua ardendo durante o dia. Longe, do outro lado dos campos, as pessoinhas de pé próximas às chamas naquele pico ainda podem ser vistas. Seu canto, tênue e distante, chega até nós cada vez que o vento muda de direção, uma voz de nota mais estridente que o resto, mais prolongada.

– Essa é Hurna – diz o velho, rindo e espirrando saliva sobre seu abrigo de cara de cachorro. Ele não diz mais nenhuma palavra, mas ordena que eu levante as varas e siga. Nossas sombras encolhem sobre o sol que se ergue. O tempo passa.

Adiante e à minha direita, um pântano de juncos se abre, uma cavidade de lanças descoloridas, que tem uma plantação de terra sólida formando um monte que sai do meio, como uma ilha em um lago de bambus, e em cima dele há um monte de madeira, como se fosse para uma fogueira. Algumas crianças estão brincando perto dele, meninos que se agacham perto de outro do mesmo

tamanho, que se deitam sobre as costas dele. Eles o socam e o afagam, e gritam alto.

Quando nos aproximamos, passando por eles, vejo que não é uma criança que está deitada entre eles, e sim um menino boneco, cujos trapos vazios eles enchem de palha e socam para lhe dar forma.

– Estão preparando o menino-porco no campo de Bruxo – diz Olum, mas é melhor usar meu fôlego para arrastá-lo e não para perguntar a origem de cada coisa louca que ele diz.

Sigo arrastando. As folhas voam aos pedaços, feito pássaros, e sigo, e sigo. Só agora, quando minhas costas estão quase quebradas e meus dedos prontos para cair de fraqueza, avistamos a ponte, lá no final desta trilha do rio, oculta por passagens entre árvores descascadas, prata cinzenta na luz. Quase. Estamos quase lá.

O velho me conta todos os seus segredos um pouco antes de morrer, e me deixa fazer o trajeto até as passagens de túneis abaixo do povoado, onde há vasos de prata e braceletes feitos de ouro. No silêncio da noite, este tesouro é levado pela trilha, para onde minha nova casa me aguarda. Minha nova riqueza é trocada por terras, bois, belos agasalhos e escravos bonitos, para que todos aqueles que passem pela minha cabana possam ver sua grandiosidade e seus pastos, e dizer: “Aqui deve morar uma mulher muito refinada”.

Minha comida não é nada senão o peixe mais raro e os pedaços mais macios cortados de feras filhotes. Guerreiros altos e pintados estão a postos para proteger os meus dias. O mais forte me serve à noite, e todas as luas os meus aldeões me agradecem e oferecem sacas de grãos para mim. Seus filhos dançam entre as colunas com roseiras entrelaçadas de minha pomposa cadeira.

Então, esta é a ponte deles. Grandes toras pretas que, juntas e uniformes, ao longo dos tempos, formam sua curva, que sobe suavemente para longe de nós e em direção à sua corcova, acima das espumas e das profundezas agitadas. Mesmo tomando todo cuidado ao puxar a maca para atravessar as madeiras de superfície saliente, o velho resmunga, estala a língua e reclama cada vez que seus ossos são sacudidos.

Aqui, na inclinação próxima ao fim, o vão escuro tem frestas entre as toras. Parece haver um pequeno buraco cavado sob este lado sul da ponte. Aperto os olhos, esforçando-me para ver, mas o que quer que tenha estado um dia dentro do buraco já lá não está mais há muito tempo. Há apenas terra pálida e manchada, iluminada só onde a luz do sol consegue passar entre as toras do telhado, sobre as quais passamos agora.

– Pare aqui – diz Olun quando atingimos o meio da ponte, e me manda sentá-lo e sentar ao lado da maca sobre as toras úmidas, com o estrondo das águas abaixo de nós. O frio atinge o meu traseiro. Não falamos muito. Ele faz comentário sobre as minhas contas de enfeite, faíscas azuis penduradas em seu fio de cobre perto da minha garganta, e me pergunta como elas são feitas.

É espantoso como esta história roubada sai com facilidade de meus lábios: as fogueiras de areia, cobertas por algas marinhas, vistas através da neblina da praia, queimando. Homens com mãos enrugadas e feridas pelas chamas, que derramam o minério e xingam se ele espirra. O mau cheiro da barba chamuscando, uma ardência nos pulmões e depois, as areias polidas e endurecidas em volta do buraco da fornalha, salpicadas pelo suco amargo de algas queimadas, plantas marinhas inchadas e azul de cobre. Minhas palavras fluem, sem esforço, evocam meninas de praia com algas nas cabeças, saias escuras, umedecidas perto da bainha pela

arrebentação, que surrupiam contas do céu nas dunas atingidas pelo fogo, como se eu já tivesse tido essas visões.

O velho balança a cabeça, sorri e contempla a descida do rio, onde as águas verde-pedra se curvam entre os resíduos de urtigas do oeste. Um barco de casca de árvore enfrenta a correnteza ali, dois homens cujos ombros se agitam e viram com as pás de remo, um borrifo cintilante cada vez que elas cortam a ondulação espumante. Eles se inclinam em uma curva coberta por árvores, e se vão.

À minha direita um homem chama outro, fazendo com que eu vire a cabeça para olhar. Acima, perto da extremidade mais distante da ponte há alguém agachado espiando o vão borbulhante e ressonante sob o arco, onde sombras-de-água com as pontas desgastadas se juntam para formar uma ponte fantasma, de cabeça para baixo e borrada pela torrente.

Agora a pessoa se levanta, um homem cinzento, com barriga de vaso, e grita novamente para alguns companheiros que estão sentados dividindo pão no barranco da beira do rio. Eles gritam uma resposta para o homem ao lado da ponte e parecem rir dele. Ele fala novamente e faz um gesto em direção aos bancos de areia escondidos embaixo do arco da ponte. Um dos comensais passa o pão para o outro, desce o barranco correndo e cambaleando para se juntar ao outro perto da ponte, onde agora ambos se inclinam para espiar. Mais gritos. Um outro desce a ribanceira para ficar com eles, e mais outro ainda.

É algum jogo deles para esquecer um pouco o trabalho entre as valas e nos campos, o que não é uma grande preocupação para mim. Meu olhar se volta para o velho, vestido de cão em seu catre. De lado, seu crânio é redondo e bicudo, um pássaro raspado e cinzento. O olho que está mais perto de mim contempla o nada, o

poço de sua órbita congelado no inverno de Olun. Em seu rosto de couro, uma estola remendada de cicatrizes coloridas.

Ele pergunta sobre as minhas contas. Talvez espere que eu pergunte sobre as suas tatuagens.

– Esses desenhos que você tem são de um estilo que eu não conheço. Parece que eles não têm sentido, nem razão.

Ele vira o crânio de pássaro morto para poder me ver com o seu olho bom, puxando o ar para dentro para poder falar. Seu hálito, carne de caça presa por muito tempo, lança um bafo em meu rosto e me faz recuar.

– Ora, eles têm uma razão, menina, e um sentido. Não pense que não têm. Eles são os meus desenhos de corvo.

Seus desenhos de corvo? As manchas azul-verme em seu ombro, contornadas de vermelho do mamilo até a espinha? Seu crânio de firmamento, sua papada rabiscada, lábios com cantos de samambaia? Não tem nada aqui que se pareça com um corvo ou qualquer outro tipo de ave. O que ele quer dizer?

Erguendo o olhar deste labirinto de pele, para voltar a encontrar o olho dele e fazer mais perguntas, parece que ele se esquece de mim. Olhando acima do meu ombro para a extremidade norte da ponte, apenas seu olho morto encontra o meu, mas trespassa ele, olhando através de mim. Estremeço com a sensação de não estar aqui. É claro que ele está olhando atentamente para algo que está bem atrás de mim. Olho também, para ver com os meus próprios olhos.

Os homens estão no banco de areia, avançando com água até as coxas, agrupando-se embaixo da ponte. Eles esticam pedaços de pau para retirar algo que ficou preso ali. Gritam feito meninos, empolgados, uns para os outros, enquanto cutucam, espalham a água e puxam: Vai com cuidado. Aqui, cuidado. Está vindo. Aí vem…

Grande. Cinza e oscilante, carne de água. Os rapazes se juntam ao redor. Um animal inchado de gás que é levado pela correnteza, ou...?

Sou tomada por um pensamento súbito. Os rapazes agarram a criatura rapidamente por baixo dos braços dela e puxam uma rede prateada até o barranco, na qual ela é arrastada, tremulando. A criatura cai, pesada e nua sobre a grama, de modo que podemos vê-la bem.

Oh, não.

Peixes pulando em seus peitos. Plantas na língua e olhos fixos. Por que ela não está a meio caminho do mar agora, no lodo com a lâmina entre as costelas, ou estrangulada nas redes de caranguejos, encharcada, caída entre os movimentos desajeitados de mãos cortadas que ainda se contorcem e gesticulam? Como é que, morta, ela tem a capacidade de parar aqui, no lugar procurado quando ainda viva e quente? Como podem os mortos seguir um destino? Água escorrendo da boca. Infestada de sanguessugas, jóias de muco negro que grudam em seu tronco.

Eles não a conhecem? Não, nem o velho. Ela não vem aqui antes. Uma carniça na represa, é o que ela é. Uma pobre criatura nascida no rio e pescada pela garganta, morta por alguém, mas que não é filha de ninguém. Usin. Este é o meu nome agora, e o dela é levado pelas águas junto com todo o seu sangue e sua cor. Fruto da maré apodrecido, nu e sem nome, enlaçada pelas faixas de espuma que marcam o alcance das águas, ela não preocupa ninguém. As areias onduladas das correntezas profundas são copiadas, repetidas sobre sua pele cortada pelo rio. Nariz afundado, e um lado do rosto perfurado pelos peixes.

O velho ordena que eu o levante e puxe sua maca para o outro lado da ponte de troncos, onde os aldeões estão

reunidos. Com as pernas arrepiadas quando a água bate nelas com gotas frias, rodeados por ganchos e roscas no chão, eles ficam de pé, imóveis feito pedras estúpidas ao redor dos que estão ainda mais imóveis.

Ao ouvirem o estrondo da maca se aproximando sobre a madeira, os homens olham para cima, franzem o cenho para mim e mudam a cara quando vêem quem está vindo arrastado atrás de mim. Olun ergue a cabeça e estica o pescoço para olhar de cima para eles, que estão agrupados ao redor do cadáver. O homem pançudo que vê o corpo primeiro embaixo da ponte coloca um dedo na testa e murmura para Olun: “Boa sorte para o Bruxo”, depois vira o rosto e olha para a grama, como se estivesse com medo. Os outros homens fazem o mesmo. Qual a razão para se ter medo deste saco de paus pintado? Ainda assim, eles mudam de posição ali abaixo de nós no barranco do rio e esperam ele falar.

– Nesta manhã há sangramento em minhas fezes, o que significa que há problemas na ponte, e me traz aqui.

Os homens se entreolham, assustados e maravilhados com o fato de que este acontecimento é do conhecimento de Olun muito antes de pensarem em espiar sob o arco sombrio. O meu riso é abafado e sai pelo nariz: se toda a sua tribo é formada por imbecis como esses, não surpreende que Olun seja tido como o homem-sagaz. Nesta mesma manhã ele me deixa arrastá-lo por léguas, porém não faz nenhuma menção a esse augúrio enviado pelas suas tripas, o diabinho trapaceiro. Lembro que ele vive com lacaios simplórios e vejo que, na verdade, nós somos da mesma raça. Ora, ele quase poderia ser meu pai, se a gente examina todos os detalhes.

O homem gordo, que parece uma criança, aponta agora para a mulher com a garganta cortada aos seus pés.

– Bem, aqui está a explicação do seu sinal. Nós a encontramos sob a ponte, subindo as represas dos castores.

Pelas marcas todas, eis a explicação! É por isso que ela não está neste momento dançando a caminho das Terras Quentes na contracorrente submarina ou presa em um recife incrustado de sal: a ponte é construída sobre a parte posterior de barragens de castores! O homem gordo fica novamente em silêncio, esperando Olun se manifestar mais uma vez. Seus companheiros se agitam de forma desajeitada, irrequietos ao seu lado.

Agora Olun faz algo esquisito e assustador. Ele abaixa a pálpebra colorida do olho que enxerga, de modo que o olho cego de gema branca parece olhar fixamente para a carne da menina estatelada, fria entre as ervas daninhas.

– A garganta dela está cortada. A orelha foi arrancada, assim como o polegar.

É óbvio que o velho nota essas coisas antes de fechar o olho bom. No entanto, ainda assim é estranho vê-lo examinar a menina apenas com a vista morta. Nada além de um truque, embora não menos sinistro por isso.

– Ela é jogada dentro do rio por último, pela simples razão de que sua garganta é cortada antes. Do mesmo modo, a tortura da orelha e do polegar não podem acontecer depois que ela está morta, para ter que sofrer antes de tudo. Ela não é cortada em jogo. Por que parar com apenas uma orelha, um polegar? Essas crueldades têm um propósito, e servindo o propósito são seguidas pela morte de forma repentina. Em algum lugar rio acima, passado menos de um dia.

Não, não é apenas a lerdeza de sua tribo que o faz parecer mais sagaz. Aqui ele é inteligente. Aqui há inteligência suficiente para nela se afogar. Ao olhar para baixo percebo que o pescoço da mulher está enfaixado

por uma mancha verde-mofo. Não estava lá quando ela é jogada no rio, a menos que estivesse escondida sob o sangue que jorrava.

– Cuidem para que ela não seja removida. Nós vamos dizer à casa redonda o que temos aqui.

Assim, ele me manda puxá-lo de volta. Atravessamos o rio aos solavancos, passando pela descida sul da ponte. Agora seguimos pelo gramado desfolhado ao lado das águas. Passamos pelo pequeno lago pantanoso com canas de junco, em cuja ilha há uma pilha de gravetos. Por ali os meninos nus e sem pêlos se aquecem como lagartos, na rocha cozida pelo sol. No alto da fogueira está o espantalho esfarrapado, sua cabeça de palha tombada para o lado, observando-nos enquanto passamos, embora ainda não tenha feições. As mesmas folhas levantam, um borrifo seco e dourado em meus calcanhares.

O silêncio permanece até o meio do caminho de casa, onde minha pergunta não pode mais calar.

– O que vai ser feito com a pobre mulher assassinada? – Isso é dito de maneira suave, para que eu pareça despreocupada.

A voz do velho vem acima dos estalos e da crepitação de sua maca, um sussurro saído das chamas.

– Ah, não há muito o que fazer. O rio nos traz problemas como esse de tempos em tempos. Todo tipo de coisas acontece entre as passagens do norte, e seus vestígios vêm parar aqui: recém-nascidos não desejados, bois com olhos demais ou o velho que está estorvando. Exceto quando eles têm a marca da peste, nós os colocamos na terra em um dia, com flores depositadas no lugar dos bens. Esse é o costume aqui...

Ele faz uma pausa. Com o vento leste chega um grito de dor, que parece vir de longe. Viro para olhar. Diante de mim se estendem os campos encharcados, e além deles a colina, com o topo envolto em fumaças.

Figuras minúsculas erguem os braços, caindo de joelhos ao longe.

– Embora haja aqueles que desejam que não fosse assim – conclui o homem-sagaz.

Nós prosseguimos dali, até finalmente chegarmos ao povoado fortificado por samambaias. Lá, Olun conta ao porteiro, com suas mãos pretas e trêmulas, sobre a mulher assassinada perto da ponte, e ordena que ele espalhe a história.

– Boa sorte ao Bruxo – dizem todos os aldeões, enquanto passamos marcando a terra entre eles, seguindo pesadamente de volta à morada de Olun. – Boa sorte ao Bruxo.

Percebo agora que eles estão falando com nós dois.

Não. Não, comigo não. Ser a esposa-do-Bruxo não é a minha sina. O aprendizado cansativo de cada cantiga, uma cabana onde não se pode mover devido a todos os símbolos sinistros. Conhecer todos os deveres e todas as cerimônias, vestindo uma capa de caras de cachorro. Não.

Assim como não é agradável a idéia de passar luas aprendendo todos os truques do velho. Não é possível saber se ele vai morrer logo. Depende de mim encontrar uma maneira mais rápida de arrancar seus segredos.

Uma coisa é certa: ainda que ele abandone o filho e não tenha nenhum amor por ele, pode ser que seu filho tenha conhecimento das coisas do pai. Sim. Sim, este é um pensamento correto, que também seria possível fazer uma visita ao meu irmão Garn antes que as sombras fiquem muito mais longas. Ele pode me contar sobre os túneis pelos quais o pai anda em seus sonhos de cachorro.

O que são sonhos de cachorro?

Depois de algum tempo, a grande Hurna se arrasta de volta à cabana de Olun vinda das suas devoções na colina, seu rosto grosseiro vermelho de sangue, todo brilhante depois da sua cantoria na fumaça. O velho lhe diz que ela é preguiçosa, e que ele precisa dela para tapar suas chagas.

– Elas estão ruim hoje – ele resmunga. – Você vai ter muito trabalho.

Ela confirma com a cabeça, sem reclamar, e o puxa para fora do sol, arrastando-o pelo amontoado de amuletos que entopem a cabana. Deixada aqui sozinha, parece que agora pode ser um momento bom para visitar o filho do homem-Bruxo. Hurna está falando lá dentro da cabana, ainda tentando persuadir o velho a acreditar em sua fé, enquanto cuida dos vergões. Pedaços da conversa deles passam pelas madeiras-que-balançam e pendem para um lado lá na entrada.

– O mundo é feito no fogo, o qual é portanto superior, e acaba em fogo, como dizem todos os profetas. A terra do túmulo pode trazer pestes e doenças para oprimir os vivos. Porém, nós que escolhemos a trilha brilhante para o tempo de sonho não deixamos para trás nenhum sofrimento. Tudo o que é puro dentro de nós se eleva, exceto o nosso resíduo. Nós, que proclamamos este credo... – e assim por diante, sua voz aborrecida como o zumbido de um enxame.

É um espanto como essas pessoas devotas conseguem ser assim, ao mesmo tempo loucas e chatas. Saio de mansinho entre as cabanas sonolentas, no meio do dia, e os deixo tagarelando.

Não há nenhuma mulher-espírito dentro das árvores, não há deuses abaixo da terra, a menos que eles sejam tão dementes quanto Hurna. As pessoas todas nascem sem outra razão além do que acontece a uma pobre menina que exibe o traseiro no meio das ervas altas e é

agarrada no campo. E certamente não há razão melhor em nossa morte também. Onde estaria um deus que nos abate com o veneno de uma abelha esmagada? Que nos coloca neste lugar e depois inunda as plantações até não haver o bastante para nos alimentar? Derrama cinzas dos céus e cega o nosso gado? Se esses são os deuses, eles têm um passatempo esquisito.

E, no entanto, em todas as aldeias existem homenzinhos e meninas doentias, com seu rosto aborrecido, que se flagelam e jejuam para agradar algum urso-espírito, ou então uma árvore que eles imaginam falar com eles. Como podem os deuses existir costelas secas de fome e costas marcadas pelo açoite além dos sofrimentos que eles já nos destinam? Se nós deste mundo somos cruéis por dura necessidade, quão mais perversos devem ser os deuses que não carecem de nada e no entanto nos atormentam até a morte? Tais coisas não podem existir.

Não são deuses que nos recebem além do túmulo, apenas vermes.

Crianças pequenas correm e dão gritinhos entre as cabanas da aldeia, onde homens assam peixes em fogo baixo e as mulheres rasgam com pedra-de-fogo as últimas tripas sangrentas da carne retiradas do couro com restos de lã. As mães mastigam a carne para deixá-la macia. Por toda parte os guinchos e latidos das conversas. Em meio ao vapor do caldeirão, um cachorro passa mancando, com o quadril em decomposição de outro cachorro preso em sua mandíbula. Com olhos de bílis, ele me vê passar.

Um homem esquálido moendo grãos sobre uma pedra lisa me conta que Garn fez a sua forja na ponta leste do vale, acima da Colina da Fera. Isto é pior para mim, porque os meus pés descalços têm que andar

novamente pela grande volta desta manhã, mas não há o que fazer, e o dia está quente.

Do lado de fora do portão norte do povoado, um grupo de homens se junta à beira de um buraco recém-cavado, dentro do qual um urso-da-terra é colocado diante de uma parelha de cachorros. Um dos cães está quase todo dilacerado, cortado pelas patadas do urso-da-terra. Ele arrasta as patas traseiras pela terra ensangüentada e choraminga, suas tripas roxas saindo pelo rasgão da barriga.

O outro cachorro é mais forte e está louco de fome, pelo que se vê nos olhos. Ele abocanha e dá investidas, acerta um golpe deixando um risco rosa na faixa branca da testa do adversário, de onde o sangue escorre até deixar o urso-da-terra cego com o seu próprio líquido. Os homens perto do buraco se amontoam e riem, de modo que um tremor ondula em seus peitos moles, em forma de aranha cinzenta. Eles vibram. Eles mexem em suas bolas sem perceber. No buraco, agora escondido de mim por uma muralha de costas cheias de verrugas, o urso-da-terra dá um grito de triunfo, ou então de agonia.

Seguindo o meu caminho que serpenteia dos portões da aldeia, passando pelo charco, o pomar dos troncos aparece diante de mim com suas carnes azuladas antes mesmo que apareça em meus pensamentos.

Eles parecem cabeças gigantes sem corpo, com bocas de sexo e olhos de mamilos, cada um com uma pluma de moscas-de-carne estendendo-se na brisa. Pintas de formigas movendo-se, vejo pelo canto do meu olho. Não olho. Sigo andando, e paro com o nariz na doçura das larvas no ar.

Do outro lado da terra úmida agiganta-se o monte de flanco descoberto, que chamam de Colina da Fera, com os fogos de seu topo se extinguindo agora, sua coroa prateada de fumaça dispersa e todos os gemidos

aquietados. Mais alto, na inclinação leste do vale, um fio cinzento serpenteia sozinho, subindo ao céu pálido e saindo da forja do negociante de cobre.

Esta é a última era do mundo, pois chegamos agora o mais longe que podemos em nosso caminho que começa no que é natural. Nós arrebanhamos e encurralamos a fera que nasce para vagar. Nas cabanas nós nos prendemos, feito caramujos, à terra pantanosa. Do jeito dos nossos antepassados. Cozinhamos o sangue que sai da terra e deixamos que ele fique duro em coroas e punhais. Colocamos a nossa trilha reta no meio dos campos tortos e negociamos com peles-negras. Logo o oceano sobe e nos leva. Logo as estrelas caem.

Atravessando as extensões de terras, viçosas e com poças escorrendo água por regos verdes de musgo trêmulo. Pequenas nuvens de trovoada acima de um riacho tão opaco quanto o estanho. O rebanho maciço de ovelhas selvagens pastando nas encostas mais baixas me observa à distância. Elas me olham enquanto as circulo com cautela e continuo andando até a beira do vale, trilha acima, ao lado do extremo norte da Colina da Fera.

No alto da colina agora, olhando para trás. Os muros de terra sobem em espiral até o topo. Vistos à luz do dia, fica claro que, um dia, feras foram mantidas dentro deles, mas agora eles têm outro propósito. Entre as rodas inclinadas, enormes flores de fuligem murcham para dentro da terra, as pétalas de sombra sobressaem ao redor de um coração cinzento e esfacelado, ainda quente. Não há pessoas á vista, e assim minha escalada prossegue até onde as árvores estão queimadas, formando uma linha de tocos na fronteira recortada entre a terra e o céu. Fumaças cor de dente saem da

forja, retorcidas, aos fiapos, bandeiras breves e sombrias que me guiam até lá.

Ali está, isolado, o recanto solitário de Garn, em meio aos tocos feios com pontas de carvão. Apenas o teto, pois as paredes são tão baixas que mal podem ser vistas sob as canas de junco verde-fantasma. A forja é feita de pedras e vedada com barro. Com o seu pescoço comprido, ela fica para fora da cabana, e ao lado dela está Garn, sufocado pelo calor. Deve ser ele, seus olhos são muito parecidos com os do homem-sagaz, embora também pareçam um tanto diferentes no conjunto de sua figura.

Despido até a cintura, com um avental preso nela. Gordo, porém com uma gordura firme, marcada por faixas grossas nos braços vermelhos e cintilantes. O peito é da grossura de um carvalho e dispensa um pescoço, terminando diretamente na cabeça de touro. Suas feições parecem pequenas demais, todas amontoadas dentro do espaço do rosto macio de bebê, sob a umidade e o vazio da testa ampla.

Com o punho de nervos salientes, ele segura uma vara onde está o metal a ser trabalhado sobre os carvões até ficar da cor do sol no amanhecer. Assim, ele ergue a vara, hesitante em seus movimentos, até o bloco de malhar. Com um martelo de pedra sobre o bloco, ele bate com força em toda a sua clara extensão leve, delicada, transformada numa folha fina até as extremidades. A batida e o tinido, a batida e o tinido. Uma chuva repentina de faíscas junto de cada batida torna visível o som, e faz um círculo brilhante. Depois, cai embaçada na terra.

Agora a lâmina é esfriada, empurrada para dentro de uma velha tina de madeira, coberta de musgo, na qual a água tosse apenas uma vez antes de engoli-la e depois solta um vapor para emoldurar a papada do ferreiro. Seguindo na direção dele em meio às árvores

derrubadas pelo fogo, a fúria de sua determinação me imobiliza, mas ele ergue o olhar, apertando os olhos para distinguir a minha forma contra a luz do sol que bate em minhas costas. Seu queixo é arredondado, tal como uma maçã pequena que surge encovada na carne ondulada. Uma pérola de sal pinga do queixo, depois outra, e ele levanta a mão para lançar uma máscara de sombra fria sobre os olhos.

– O que você quer? – Sua voz é suave de um modo surpreendente, vinda de um selvagem das fornalhas, que bufa e vocifera no meio dos vapores carregados de faíscas.

– Você se chama Garn?

Ele abaixa a mão e vira de volta para a forja.

– Sim, esse é o meu nome. O que você quer?

Ele maneja um fole feito com pulmão de cavalo, fazendo os carvões esquentarem novamente.

– Meu nome é Usin. Usin, filha de Olun.

Neste momento o fole toma fôlego, lentamente retirado de sua tarefa. As brasas esfriam e formam uma camada de cinza de mariposa. A grande cabeça se vira mais uma vez na minha direção, olhos ainda mais apertados de desconfiança. Inquieto, ele esfrega as costas da grande pata nos lábios e deixa um borrão preto da boca ao queixo. O silêncio permanece por algum tempo, naquele bosque de escórias, até que os cantos sujos de fuligem de sua boca redonda começam a virar para cima, de um jeito pesaroso.

– É você quem ele manda chamar, quando não pode chamar a mim? Ele quer despejar seu fardo de carcaças e cascas pintadas sobre você, não quer? Bem, boa sorte para ele.

Ele torce a cara com desdém, afastando-se de mim, e aperta furiosamente o fole.

– Boa sorte para o Bruxo – ele acrescenta por cima dos ombros, e em seguida cospe um escarro de rancor,

que chia nas brasas perigosas.

– É isso o que você tem a dizer para a sua irmã? – Minhas palavras tropeçam de leve, traindo minha coragem, vacilando. Ele me deixa assustada com o seu tamanho e sua ferocidade.

– Minha irmã? – ele não se vira para olhar para mim, mas aperta ainda mais a engenhoca feita de órgãos de égua, assopra as brasas ao máximo. – O velho afirma que não sou o filho dele, e de minha parte ele não é meu pai. Como, então, você poderia ser minha irmã? Você só está atrás dos tesouros do velho, caso contrário, por que viria até aqui? Você não deve se importar com ele, que não deseja ver você desde que você é bebê.

O brilho dos carvões pinta seus braços e sua testa. O fole pára e ele dá alguns passos lentos até um toco ali perto, onde estão os pedaços de minério bruto, todos frios e crus. Ele não olha para mim enquanto faz isso, mas fala, a boca cheia de ressentimentos.

– Se você deseja tanto a riqueza dele, fique com ela. Está tudo contaminado, cheio de febres e noções esquisitas. Espero que lhe traga muitas coisas boas. Basta me deixar sozinho para fazer o meu trabalho. Já chega meu crescimento lá naquela toca cercada de maldições que ele chama de cabana. Portanto, não me venha trazer mais nada disso. É coisa ruim, quer dizer, toda essa história de se arrastar por baixo da terra e falar com os mortos. Quero apenas o meu minério puro e ficar em paz.

Ele escolhe agora uma vara feia e manchada, que tem as cores das folhas aos nossos pés, retornando com ela à sua forja.

Agora já sei o que perguntar.

– Que história é essa de arrastar-se por baixo da terra? Você, com os próprios olhos, vê Olun fazer essas coisas?

Garn pega a vara de manejo novamente, para socar o lingote com sua fenda. Ele vira a cabeça e lança um perfurante olhar para mim. Depois vira o rosto. Um rapaz hostil a todos da sua carne. Com o seu bastão fendido ele empurra o pedaço de minério até o fundo da fornalha e o mantém ali.

– O quê? Vê-lo descer buracos ou escavações? Está louca? Ver aqueles percursos secretos não é permitido a menos que você seja um homem-sagaz. É lá que todos os tesouros são guardados, sabe? E é para lá que vão todos os ossos de Bruxo e esposa de Bruxo.

Ele dá um sorriso para mim, com um olhar astuto. Sua voz fica mais grave, como a de um conspirador falando com outro.

– Mas eis o truque: você não pode conhecer um pouco do segredo dele, senão vai conhecer ele todo. Conhecer, como ele, cada caminho e cada passagem perdida entre as ervas, e o nome de todos os campos. Saber de onde vêm as enchentes, e onde os ladrões de gado fazem sua aproximação sorrateira ou onde se escondem. Ter em si cada árvore, cada pedra, e as trilhas pelas quais você não anda há anos, todas, a todo momento, em seus pensamentos, por força de uma arte que nenhum homem comum pode sondar. Cada poço e cada margem de pescador. Cada túmulo e veio enterrado nas minas.

Esta última parte me deixa perplexa. Em meio aos carvões, a barra de Garn fica ora da cor de sangue velho, ora de sangue fresco.

– Por que é ruim possuir tais conhecimentos? Ora, você, um artesão de metais, com certeza aprovaria um conhecimento especial dos veios das minas.

Ele balança a cabeça.

– Se toda essa sabedoria for minha, o trabalho com os metais deixa de ser a minha arte. Se todos os pensamentos dele forem também os meus pensamentos,

ora, aí então ele será eu e eu serei um homem-Bruxo assim como ele, sem nenhum pensamento próprio. Esses pensamentos não são sequer dele, nem dos pais ou antepassados dele. São tão velhas quanto as colinas, essas idéias que existem nele e que dão forma a todos os seus atos e suas palavras. É como se o velho e os velhos que o precedem fossem todos um só, um eu, um modo de ver o mundo, único e imortal através dos tempos. Isso não é natural.

– O meu modo de ver as coisas não é igual ao dele, e nem deve ser ignorado que o velho modo dele continua a existir. A minha forja, o meu fogo, o meu conhecimento das temperaturas e do calor ideais, essas são coisas apropriadas ao mundo que temos agora. Suas imersões e suas cantilenas não têm nenhuma utilidade para mim. Elas ainda me dão pesadelos, e me mantêm longe dele e de todas as suas ações. Esta colina é o melhor lugar para mim. Ela cria uma situação apropriada para as fornalhas, o fogo se dá muito bem aqui.

Agora o metal na forja está quase brilhante demais para se olhar. Ele o puxa para fora com a vara rachada e o leva até o bloco de malhar.

– Mas é claro que você não precisa subir até aqui para ficar longe de um velho que não consegue andar. Por que não morar em algum lugar na aldeia, mais próximo das suas trocas?

Garn ergue o martelo, prestes a recomeçar a barulheira de pardais debandando, mas pára, levanta a cabeça para me encarar com olhos tão cheios de desprezo e ódio que me fazem recuar um passo para trás.

– Morar na aldeia? Há! E como é possível escapar de Olun dentro da aldeia? Você não está ouvindo nada do que estou dizendo?

Ele fala entre os dentes à mostra, um silvo muito mais penetrante do que o da calha esfriando:

– Ele *é* a aldeia.

Depois disso vira para o outro lado. O martelo levanta e cai. Sua melodia ensurdecedora me manda embora, forçando-me a sair daquela clareira de carvão, de volta ao caminho que serpenteia ao lado da Colina da Fera, descendo na direção do fundo do vale. Descendo, no extremo sudoeste, o povoado já pode ser visto, uma longa sombra tocando os campos com os dedos. Fim de tarde.

Atrás de mim, enquanto desço, o som do martelo se torna cada vez mais indistinto. Acima das cabanas distantes, uma nuvem de fumaça.

Apreensão. Ela me atormenta, mas não posso falar nela, nem na sua origem. Ela é como um clarim tocando baixo em meu coração, um frio que congela a minha bexiga. Tem alguma coisa errada acontecendo aqui?

Colina da Fera, pântano e troncos humanos. Mas, enfim, os portões da aldeia já podem ser vistos, e lá dentro parece haver muita comoção e gritaria. Uma fumaça sobe por todos os lados, envolve o sol descendo e afoga o povoado em luz que muda e arde lentamente. Grandes barreiras de escoras que parecem fazer mais barulho do que de vapor, encobrindo o lamento de fantasmas, o urro de bebês ocultos. Meu ritmo acelera, começo a correr na direção do muro de espinhos emaranhados e vapores.

O jovem com a marca de nascença no rosto se inclina no alto da casa de vigia quando me ouve chamando por ele.

– O que está acontecendo aqui? É... – a fumaça invade minha garganta e me faz tossir, deixando-me incapaz de dizer qualquer coisa.

As lágrimas brilham em seu rosto manchado, e, mesmo sabendo que não é da minha conta, me pergunto

se são causadas por desgosto ou por um olho ardendo com a fuligem.

– Um incêndio, entre os celeiros do lado leste. Já está apagado. Ninguém está morto, mas há tantas cabanas quanto garras em uma coruja reduzidas a cinzas.

Passando entre as correntes espiraladas de fumaça, os véus são abertos por uma brisa oscilante, revelando uma mulher agachada. Ela tira a fuligem do rosto de seu filho. Vejo também dois homens parados ao lado de uma ruína derretida, fazendo piadas amargas um para o outro.

– Está vendo como o nosso pai consegue se sair bem?

– Sim. Eu estava quase pronto para arrastá-lo de volta pelo traseiro.

O véu se fecha novamente. Eles riem, e não me vêem passar por eles.

Além das terras ao sul do povoado está a cabana de Olun, intocada pelo fogo e pouco afetada pela fumaça devido a um vento sudoeste. Esta mesma corrente de ar me traz um som que faz o meu passo acelerar mais uma vez. Olun berra mais alto que os grandes suínos pretos que correm à frente, na caçada ao deus-morto. Chego à cabana e entro. Seus gritos ecoam além da avalanche de feitiços e tambores de pele de inimigos, um arrepio que me guia em meio à confusão de objetos mórbidos, até a roda central.

Nu em sua cama de samambaia, ele se contorce e chora, com Hurna ajoelhada ao seu lado, com sua cara de pateta, passando trapos úmidos sobre o peito dele, à meia luz da fogueira no buraco.

Eu me aproximo e agacho para vê-lo mais de perto. Dá para ver que ele tem uma queimadura monstruosa abaixo de um mamilo arrepiado. Bolhas gotejantes crescem na carne chamuscada e enrugada entre espirais

de pele tatuada, arcos e sinais. Ele dá outro grito agudo e em seguida afunda numa fala febril.

Olho para Hurna agora, que também olha para mim, com seus olhos apáticos, frios como a cabeça de um prego.

– Por que Olun está queimado? As chamas da aldeia não chegam até aqui.

Ela balança os ombros rústicos, e murmura uma resposta.

– É quando o incêndio começa, nas cabanas do lado leste, antes de nos avisarem sobre ele. Seu pai grita e me manda olhar. E lá está ela, em seu peito, essa queimadura terrível.

Ela dá um sorrisinho tolo com seus lábios de casca fina.

– Se você me pergunta, eu digo que é um sinal para ele mudar sua crença.

O velho grita mais uma vez.

Se o fogo queima uma aldeia, é possível que ele deixe vergões na pessoa que pensa ser a aldeia? A fumaça correndo igual em seus pulmões e pelos caminhos estreitos do povoado? Uma labareda para defumar peixes sai do controle e a meia légua de distância um peito fica coberto de bolhas com o seu calor? Não. Tais coisas não podem acontecer, a não ser que as pegadas de nosso dias ecoam em suas veias. A menos que seja a urina dos cachorros em tocos distantes que amarelem agora os seus dentes. O nosso céu escurece quando ele fecha os olhos, nossas represas arrebentam se ele molha sua maca à noite? A brisa com cheiro de carne azeda que sopra entre as nossas cabanas é o bafo dele? E a menina morta balança rio abaixo nos intestinos dele, para que o sangue escureça lá onde as unhas do cadáver desobstroem o leito macio e esponjoso, chegando por fim aos diques de troncos dos fundamentos dele?

Não. Não, o velho deve ter queimado a si mesmo, ou essa Hurna marcou com brasas seu peito por brincadeira. É uma dessas duas coisas, porque um lugar não é uma pessoa, nem existe afinidade entre carne e campo.

Nós morremos. A trilha permanece.

As mudanças de vento, os desabamentos e os colapsos que mal podem ser ouvidos entre as brasas opacas são as únicas coisas que marcam o passar do tempo dentro da cabana de Olun. Elas, e a diminuição gradual das queixas do velho, a passagem de suas contorções dolorosas para um único puxão. Um ou outro sobressalto.

Seus gemidos ficam mais suaves: não menos insistentes, mas agora soam como se viessem de longe, como se o velho vagasse perdido e distante de nós. Seus pedidos de ajuda se tornam indistintos enquanto ele se retira para caminhos de penumbra que dão voltas pela aldeia esquisita e complicada de seus sonhos. Nu sobre a cama de galho entrelaçados, ele se acalma. Ele dorme.

Sentadas cada uma de um lado dele, em nosso cone de luz das brasas, grande Hurna e eu não temos muito o que dizer. Dividimos uma tigela de coalhada com pedaços de pão que partimos para fazer a nossa papa. Das pilhas de raridades que nos cercam, pássaros mortos nos observam enquanto tomamos a sopa, derramamos e limpamos o queixo. Seus olhos me perturbam, repletos de um triste conhecimento da morte.

Ao terminar o pão e a coalhada, Hurna permanece sentada em silêncio durante algum tempo, com um olhar estranho, até soltar um grande arroto, acompanhado de um longo estrondo, feito um coro de sapos. Parecendo muito mais confortável depois disso, ela inicia

rapidamente a sua fala a respeito de sua fé, dando a impressão de que quer falar sobre a minha.

– Você concorda com tudo isso, não? – ela faz um gesto para as trêmulas estalagmites de entulhos à nossa volta, que se inclinam como se nos ameaçassem. Minha resposta é apenas dar de ombros, o que ela entende como um incentivo. É como se eu concordasse com a sua visão das coisas. – Não? Bem, você não parece ter essa natureza, e a culpa não é sua. Velhas idéias sujas é o que elas são. A sorte, nestes tempos, é que a maioria das pessoas boas chega a conhecer um caminho melhor.

– Ah, é? E que caminho é esse?

Minha pergunta é feita com desinteresse, e no entanto Hurna se agarra a ela assim como um homem de lábios leporinos a um elogio.

– O meu caminho. O caminho do meu povo. Nós não aceitamos deuses que vivem abaixo da terra e que lá recebem os mortos. Porque a terra é simplesmente o mais baixo dos espíritos, estando a madeira e a água, o ar e o fogo, todos acima dela em ordem de importância. A terra é aquela acima da qual temos que nos erguer, e não dela ficar abaixo! O jovem Garn enxerga isso muito bem, mas Olun não ouve.

Aqui ela inclina a cabeça na direção do velho, contorcendo-se em sua maca, nu com a exceção de suas linhas e espirais, seus desenhos de corvo.

– Seu pai se prende aos seus velhos caminhos e não dá nenhuma atenção à razão. Mesmo quando dizemos a ele que quando estiver morto ele poderá descansar na roda de coração lá na Colina da Fera, sepultado com rainhas, ele não parece se importar.

Seus olhinhos estúpidos ganham um ar malicioso.

– Se você falar com ele, se você disser a ele que o nosso caminho é o melhor, ele pode aceitar o que você diz, ao passo que dá nenhuma atenção a mim ou ao Garn.

Fico nervosa por ela estar tramando contra o velho desta forma, o que é função minha.

Minhas palavras são bruscas:

– Não faz nenhuma diferença para mim onde um homem ou uma mulher são colocados quando morrer. Enterrados no mesmo lugar em que caíram, ou... – corrigindo-me rapidamente, prestes a dizer “atirados no rio”, mas meu pensamento rápido me salva a tempo – ou abandonados para os pássaros. Pode ser que essa seja uma grande preocupação para você e Olun, mas não é de nenhum interesse para mim. Agora, toda essa conversa está me cansando. Minha cama é macia, parece que meu pai está dormindo tranqüilamente, está na hora de descansar. Uma boa noite para você.

Eu a deixo, agachada com sua queixada de peixe ao lado da maca, e atravesso as cortinas decoradas para chegar à minha cama cercada por telas: há um poço fundo e silencioso, feito de peles e de conforto, esperando por mim, esperando por meus ossos exaustos de toda a caminhada deste dia. Depois de retirar tudo, menos o fio de cobre que segura as minhas contas de enfeite, as peles se fecham sobre mim feito águas quentes e escuras. Afundando. Descendo cada vez mais fundo rodopiando na escuridão.

Um cão dá voltas. Seus grandes olhos estão vazios exceto pelo branco que parece acender, com um brilho ameaçador e sem chamas capaz de queimar o mundo. Um fulgor penetrante sai de sua boca quando ele expande sua mandíbula fria e ataca...

Grito e luz do sol me acordam, tão entorpecida em meus pensamentos vigorosos, que som e brilho parecem ser a mesma coisa. O grito é meu, interrompido quando a compreensão recai sobre mim.

Como a manhã chegou tão rápido? Parece que assim que minhas pálpebras se fecham, esses raios grosseiros chegam para erguê-las à força, ainda que estejam cheias de areia e pestanas. Sinto um cheiro de comida enquanto saio de dentro das peles da cama e visto minhas roupas. O sonho que me acordou com todo pavor já acabou, por todos os meus esforços para lembrar dele em meus pensamentos. Ah, bem.

Meu estômago ronca e me faz levantar para seguir o rastro do odor da comida sendo preparada, que permeia os montes de saber, maldição e recordações. Que grande banquete Olun reserva para mim esta manhã? Minha mão empurra as madeiras das portas com suas cordas que rangem, para me deixar sair da cabana e ver a minha refeição.

A menina morta está aos meus pés, estirada de barriga para cima sobre a terra diante da cabana. Uma acusação de olhos sombrios e pasmos, rosto sem expressão, apesar de um sorriso negro logo abaixo do queixo, acima das manchas verde-lodo que marcam o estrangulamento de sua garganta. Branca-azulada. Um leve brilho, o tom do luar em sua pele. Seus dentes de trás travados e expostos através do buraco feito por peixes em seu rosto.

Do outro lado do cadáver, encarando-me, estão os rudes garotos da rainha-bruxa, Bern e Buri, agachados sobre suas coxas cintilantes, tal como um homem cuja sombra adquire carne e osso. Os dois estão nus com exceção do revestimento do pinto feitos de bagres ocos, assustados, de olhos arregalados devido à sua situação angustiante. A feia boca esticada e aberta, mostrando presas amareladas. Eles me encaram, os fortões filhos do barro e seus bagres.

Em pânico, desvio o olhar dos garotos rudes e carecas para a menina morta estirada entre nós. Depois, meu olhar cai em Olun, descansando seu corpo borrado

de sonhos e de ornamentos flácidos, apoiado num cotovelo tatuado, na cama de paus, que é colocada bem ao lado de sua filha assassinada. Embora melhor do que na noite anterior, ele ainda parece doente e debilitado, parecendo muito pior do que nos últimos dias. Sobre o seu peito está amarrado um curativo feito de trapos e lama emplastrada para estancar o corrimento de uma queimadura que despreza toda razão. Os mantos de pele de cachorro estão dobrados sobre seus membros inferiores. Um pouco além dele está Hurna fazendo um ar dissimulado enquanto mexe uma gororoba de peixe e farinha sobre um fogo oscilante.

Esticando o pescoço com veias grossas para me espiar com olhos desencontrados, o velho diz:

– Por que você grita? Nós ouvimos daqui.

O batimento acelerado do meu coração não me permite compreender o que ele diz, e impede uma resposta. Tudo o que consigo fazer é encarar com olhos arregalados o homem-bruxo com sua pele pintada e a sua filha tingida de argila do rio.

– O que ela está fazendo aqui? – é o melhor que consigo fazer passar pelos meus lábios rígidos e pálidos para conter o terror que cresce em mim.

Olun olha para a menina fria e imóvel ao seu lado com surpresa, como se notasse naquele momento que ela está ali. Em seguida olha novamente para mim.

– Ela? É nosso costume examinar os mortos desconhecidos para ver se há sinais de peste ou outras marcas antes de deixá-los descansar. Isso é feito na casa redonda no estado normal das coisas, mas estando debilitado pela minha queimadura não posso ser levado até lá. Por isso Bern e Buri a trazem aqui. Sente-se e observe. Lembre-se que após a minha morte essas tarefas são passadas a você, junto com muitas outras.

O que me resta fazer senão sentar-me como ele me manda? Os dois meninos rudes mostram seu sorriso

dividido, enquanto Olun volta a examinar a menina. O sorriso que dou em resposta é vacilante.

Olun fecha o olho bom e inspeciona a morta apenas com o olho cego e fosco. Uma frágil mão pintada vai saindo furtivamente para se arrastar sobre a barriga dela, fria como pedra polida. Ela apalpa e tateia os seios flácidos. Depois, desce rapidamente, passando pela faixa verde no pescoço, para permanecer mais tempo sobre os lábios empastados do talho abaixo do maxilar. Um dedo acompanha sua extensão e depois sobe para buscar o buraco no rosto corroído, e para acariciar a escara vermelha atravessada por tubos, onde um dia se encontrava sua orelha. Embora não esteja frio, considerando-se a estação, um arrepio toma conta de mim quando ele fala.

– Ela é puxada para fora do rio há um dia. Ela talvez bóia por mais um dia antes de ser encontrada. Portanto, não é assassinada longe daqui, rio acima, ao norte. Sua garganta é aberta por um punhal ou uma faca de lâmina curta, afiada e dura o suficiente para cortar osso, como em seu polegar.

Ainda que eles possam ver que estou olhando fixamente para longe deles, os irmãos Bern e Buri falam comigo revezando. Assim, eles me forçam a olhar para eles.

– Parece-me que ela morre no dia em que você chega. – Essas palavras são ditas pelo irmão da esquerda. Sua voz é lenta e arrastada, com um estranho tom de diversão, embora ele não sorria nem aperte os olhos. Ele fica ali agachado do outro lado da mulher assassinada, observando-me.

– Vinda do norte. Chega aqui vinda do norte, assim como ela. – Este é o outro irmão falando, ainda que na voz e no jeito eles sejam iguais, assim como na aparência. O que eles esperam que eu diga?

O irmão da esquerda fala novamente:

– Você ouve alguma coisa sobre ladrões nas passagens quando você estava na trilha?

Meio submersa em meu terror de que eles possam suspeitar de algo, esta idéia é uma jangada bem-vinda, à qual posso me agarrar.

– Ladrões? Ora, podem ter certeza! Os viajantes que me encontraram pela trilha nesses últimos dias, todos não falam de outra coisa. Um grande bando de homens ferozes, segundo eles, mas para mim os cortadores de bolsa não se mostraram. Não acontece nada em meu caminho até aqui.

Os dois irmãos franzem os lábios ao mesmo tempo e depois balançam a cabeça, pensativos.

– Um bando de ladrões? – diz o rapaz da direita. – Pode ser. Conhecemos esse tipo de coisa. Você tem sorte de não encontrar com eles.

– Sim – acrescenta o irmão da esquerda –, considerando-se que você não deve estar muito mais de uma légua de distância quando ela é assassinada. Muita sorte.

Todos nós balançamos a cabeça seriamente, reconhecendo a minha sorte, e deixamos Olun prosseguir com a investigação.

Ainda com apenas o olho cego visível, o velho transfere a mão para a barriga de carne e correnteza da mulher para explorar o monte de samambaias crespas em sua bifurcação. Seus dedos experientes separam anéis e madeixas, empurrando-os para o lado para ver melhor o pequeno monte branco e frio de onde nasce essa vegetação.

– Não há nenhum machucado.

Ao dizer isso, o velho estala a língua com decepção e um súbito calafrio toma conta de mim: ele não empurra os pêlos para o lado antes de fechar o olho que enxerga. Como ele pode saber se há um hematoma ali apenas com o tato? A mão desce mais agora. Os dedos

avançam feito um amontoado de vermes cegos, ávidos por um acesso para a abertura estreita e rígida da menina, porém, sem resultado. A mão frágil e pintada recua. O homem-bruxo fala.

– A membrana de sua abertura não está rompida.

Os meninos rudes olham para Olun com o mesmo cenho, esticando as sobrancelhas raspadas.

– Ela não foi violentada, então? – diz Buri, ou Bern.

– Isso é esquisito – continua Bern, ou Buri. – Ela é uma menina graciosa, e se é para roubar e matar, por que não transar com ela antes?

Ele não precisa acrescentar "isso é o que *nós* faríamos", porque já está em seus olhos. Em vez disso, seu cenho fica mais forte e, depois de pensar um pouquinho, ele arrisca seu próximo comentário.

– Ela tem alguma doença?

O velho balança a cabeça, de modo que as estrelas ali desenhadas são arrebatadas de forma descontrolada para fora de seu curso.

– Nenhuma doença. Nenhuma marca de peste. Ela está pronta para ser enterrada com segurança.

Ao dizer isso, ele se volta para mim, mostrando toda a dor e a fraqueza fatal entalhadas nas linhas de seu rosto. O velho está mais próximo de sua morte do que indica o meu pressentimento de outro dia, e ainda não me contou sobre os seus túneis ou buracos de tesouro.

– Usin? – ele diz. – Já terminamos aqui. Você pode ir fazer a sua refeição com Hurna enquanto nós preparamos essa pobre criança para o enterro.

Ainda que Hurna não seja minha companhia predileta, não me entristece tanto fazer o que Olun diz, tão grande é o meu alívio de estar longe desses irmãos idênticos e do corpo que eles remexem com tanta minúcia. Seu odor amargo está impregnado em mim enquanto ando da cabana até onde a mulher melancólica e entorpecida por deuses está. Agachada ao lado de sua

fogueira, ela dá à refeição de peixe a forma de bolinhos amassados e cinzentos.

Ela me passa um bolinho que parece um animal deformado, esmagado sob uma rocha ao nascer, tão horrível que é. Não falamos, lembrando ainda das palavras trocadas na noite anterior. O cheiro da menina morta está em toda parte, em meus cabelos e em minhas roupas, e meu apetite diminui. Cada mordida do bolo de peixe leva muito tempo para ser mastigada e não pretendo comer mais da metade dele.

Mudo a direção do meu olhar, de Hurna para o grupo em frente à cabana. Parece que os irmãos fortões são usados para enrolar o corpo em uma lona pardacenta e opaca, sob a vigia do velho, que descansa sobre a maca ao lado. Antes de envolver a cabeça com a mortalha, um dos meninos rudes aponta para a faixa de manchas verdes e brilhantes atenuadas pela água que rodeia a garganta aberta. Ele murmura algo para o irmão, e depois para o velho, que balança a cabeça concordando e responde, longe demais para que eu possa ouvir alguma coisa. Os irmãos dão de ombros e continuam a vestir a morta.

Ao meu lado, Hurna bufa de repente, como se quisesse expressar desprezo.

– Ele não precisa esperar que eu o arraste até o seu ritual imundo. Isso fica por sua conta, menina. Pode ser que lhe sirva para alguma coisa. Com certeza você dará mais importância ao modo como os mortos são colocados para descansar se você fizer a longa caminhada até o túmulo deles.

Ela ri balançando as tetas. No alto, um único corvo olha para baixo ao passar e dá um grito, como se nos alertasse para a aproximação de algo que não pode ser visto a não ser daquela elevada altura. As nuvens se acumulam no lado oeste do horizonte. Na aldeia, as crianças perseguem um porco pintado entre as cabanas,

ora festejando, ora reclamando, conforme a criatura assustada vira para um lado ou para o outro. Um borrão de cores vibrantes correndo e guinchando entre os barracões e os cercados dos cavalos. Que esperança pode ter uma coisa tão estridente e brilhante? Nenhuma. Absolutamente nenhuma esperança.

Um pavor se forma e cresce dentro da minha barriga, cada dia mais, irrequieto e desconfortável tal como um bebê frio e cinzento se revirando em meu útero. Você tem que ir embora daqui, uma parte de mim me diz, antes que o nascer de mais um dia traga outra vez a menina morta para sua frente. Parta com a luz dos lobos, quando apenas os pássaros estão acordados. Saia de mansinho entre as cabanas adormecidas e não volte nunca mais. Não é seguro ficar aqui. Há vultos de sombras por trás de cada acaso, de cada comentário fortuito, e há muitas coisas que se pensa e não se diz. Vá embora. Siga outra vez a trilha e deixe esses sussurros todos para trás.

Porém, uma outra parte de mim retruca: você não pode partir, jogar fora a única chance de ter tranqüilidade e riqueza, não agora que está tão próxima. Pense nos túneis que podem passar, cheios de ouro, logo abaixo de onde você está. Os poços de tesouros, fundos o suficiente para serem usados durante todos os seus dias. Você é uma criança que se assusta com sonhos provocados pelas refeições ruins que faz antes de dormir? Que choraminga quando ouve ruídos na escuridão? Esses terrores noturnos não podem tirar de você os bens do velho, que são seus por direito. Fique. Fique e espere o momento propício. Aguarde o dia em que poderá usar vestidos coloridos e comer com fartura.

E quanto a ela, a menina morta? Se eles descobrem o que você fez...

Não preste nenhuma atenção nisso. Não há nada que estabeleça uma ligação entre você e ela. Ora, agora mesmo os meninos rudes, parecidos como amoras e uma ninhada de melro, preparam a cama na qual ela será carregada para o enterro. Ela não permanecerá muito tempo acima do solo e, quando a terra cair em seu rosto, você poderá afastá-la de seus pensamentos.

Mas se o olho morto do velho realmente enxerga um mundo que não podemos ver...

Isso não é nada além de um truque. Deixe isso de lado e pense no ouro de Olun.

Mas...

Ah, fiquem quietas, vocês duas. Tem um espinho de peixe preso entre os meus dentes e, ao lado de sua cabana, o velho me chama para levá-lo até o campo de túmulos. Estou indo, pai. Estou indo.

Pra variar, a viagem não é longa. Andamos em direção ao sul do povoado. Bern e Buri carregam a noiva fria e nua sobre a sua cama improvisada, enquanto Olun e eu vamos nos arrastando atrás. Acima de nós, folhas mortas farfalham em grandes grupos sussurrantes sob cada ramo de anseio.

O local da cova fica em uma elevação de terra sem ervas daninhas, mais alta que os pântanos encharcados ao redor. As mulheres da aldeia já estão lá reunidas quando chegamos. Elas erguem a cabeça em silêncio, com os olhos apertados, ajoelhadas ao redor de um local em que toda a grama está arrancada e a terra abaixo escavada e amontoada em um lado como se estivesse contaminada, uma ferida exposta da profundidade de um homem. Elas se agacham perto do túmulo e trançam um aro de flores entre tantas mãos.

As mulheres se afastam para dar passagem aos irmãos carecas e sua carga sem vida. Elas dão passos altos, esquisitos e delicados, para não desmanchar a

trança de flores. Uma vez ao lado da cova, Bern e Buri apóiam a maca na grama, um deles entra no buraco para pegar o corpo de novo, e o outro o ergue como os dedos apertados entre os cachos sob os braços da menina. Ela é abaixada dessa forma até a abertura da cova, de olhos ainda abertos, encarando-nos até não poder mais ser vista, com o movimento desajeitado. Cada tranco e cada sobressalto é acompanhado por grunhidos de Bern e Buri. Ao colocá-la no sepulcro, o musculoso menino sobe para se juntar ao irmão na beirada. Corvos dão voltas acima, fagulhas chamuscadas de barulho que se espalham e se rearranjam com o céu vazio ao fundo.

A cerimônia é maçante, sem nenhum alto ou baixo de sentimento, nenhuma interrupção, e tornada ainda mais aborrecida pela luz pálida e monótona desta manhã: as palavras fúnebres proferidas na voz debilitada e áspera feito pele de cobra de Olun, cada frase lançada de forma breve ao mar de palavras, e depois puxadas de volta pela contra corrente da respiração difícil e intermitente. As mulheres, entoando sua resposta aprendida durante muito tempo e com dificuldade, sobre as covas de mães, maridos e filhos, agora derramada sobre uma estranha. Bern e Buri pegam, cada um, uma pá, antes do término dos cânticos, e ficam parados com os pés trocados, impacientes para tapar o buraco e voltar para as tetas da sua rainha.

O chamado e o eco do cântico desaparecem aos poucos, substituídos por outros ritmos. Bern e Buri, em revezamento, metem fundo as pás no monte saído da cova e juntam a terra sobre suas lâminas para derramá-la sobre os olhos da menina morta. O golpe e o corte na terra, o levantamento e o arremesso ruidoso, repetidas vezes. O corpo repousa imóvel sob essa chuva seca e áspera, parecendo um povoado abandonado na região montanhosa do norte, de onde fugiram todas as formas de vida. Silenciosa e parada sob a queda constante de

cinza e lama que agora cobre suas trilhas enrugadas e arbustos eriçados, suas curvas e elevações todas somem. Ficam apenas os seios e o rosto. Agora somente o maxilar, o queixo. Ela se foi.

O túmulo está cheio. As mulheres cantam novamente, e Olun espalha dentes de cachorro sobre a terra úmida que não foi pisada. As pétalas das flores trançadas começam a enrugar e escurecer. Todos vão para casa. Bern e Buri atravessam os campos a passos largos e sincronizados, as mulheres vão atrás deles, todas formando um longo nó que se desembaraça. Seguimos aos solavancos no rastro deles, que logo ficam longe demais para mantermos contato, deixando Olun e a mim na companhia um do outro.

– Por que você espalha dente de cachorro sobre o túmulo dela?

Minha pergunta é feita mais para quebrar o silêncio sombrio dos pântanos do que por qualquer grande desejo meu de saber a resposta, mas o velho responde assim mesmo.

– Para que espíritos de cachorros possam mantê-la em segurança e guiá-la pelos caminhos subterrâneos até a aldeia dos mortos.

Ele parece disposto a falar mais, porém uma tosse horrorosa o ataca e ele não consegue falar.

– Então, ninguém mais, além do senhor e dos mortos, conhece esses caminhos subterrâneos? – esta é a minha pergunta seguinte, feita assim que o seu pigarro diminui.

– É verdade. Parece que é preciso ter um pé ou dois plantados no mundo subterrâneo para conhecer os seus meandros. – Aqui ele ri, um barulho quebradiço e cheio de muco, muito parecido com um caramujo sendo esmagado. – Exceto o velho Tunny. Ele conhece cada volta do caminho, mas todo o conhecimento está em seus dedos. Nada está em sua cabeça. Ele...

Neste ponto o homem-sagaz se cala, acha melhor não me contar mais nada. Pelo menos é o que me parece. Um momento passa. Depois outro. Nenhuma voz do velho arrastado atrás de mim passa por cima dos meus ombros. Viro-me e vejo, a razão para o seu silêncio é clara: seus olhos estão esbugalhados feito dois ovos pintados. Por baixo da louca rede de sinais que marcam sua carne, a pele ganha aos poucos um tom azul fantasmagórico.

Agora não! Não antes de me contar tudo! Solto a maca para correr, e meus gritos alertam o povoado antes que meus pés possam me levar até a metade do caminho. Fora de suas cabanas, as pessoas começam a andar de um lado para o outro, primeiro devagar e depois mais rápido quando vêem quem está gritando e entendem o que pode estar acontecendo. Eles correm em fila na minha direção pela grama alta e cinzenta, e enquanto correm, limpam seus casacos e suspendem seus abrigos de pernas.

Ele ainda está vivo quando chegamos lá, está um pouco menos azul. Seu peito de pássaro movimenta-se para frente e para trás, em súbitos altos e baixos. Ele tenta falar, enquanto um homem grande, com ombros de boi, o retira da maca e o carrega nos braços como se fosse um bebê. Seus lábios balançam, as feridas mexem, mas as palavras não saem. Ele é carregado pelo campo em meio aos murmúrios e sussurros dos aldeões que se aglomeram ao seu redor em um enxame oscilante, rumo às colméias distantes do povoado, já zumbindo com a agitação dos rumores e dos lamentos.

Ela está abaixo do solo, com a boca cheio de terra, um cordão seco e amargo de raízes entre os dentes. Ela vem até aqui para ficar com os bens do pai, e está mais próxima deles agora do que consegui chegar com toda a minha esperteza. Os caminhos secretos de ouro

passando ao seu redor enquanto ela dorme, fede e se desintegra. Cascalhos adornados com pedras preciosas enfiados entre seus dedos do pé, comidos por vermes de prata lá nas casas dos mortos e dos tesouros desperdiçados. Os mortos, separados de todo o mundo por não terem desejos para satisfazer, medos para aliviar, nem necessidades que devam aplacar. De suas órbitas transbordam riquezas tão esplêndidas como seus olhos jamais viram em vida, mas isso não atrapalha de forma alguma o sono deles. O meu corpo, quente e ansioso, se move ao som de tambores grosseiros.

Do lado de fora, além da estranheza desordenada da cabana do velho, o meio-dia vai e volta, assinalado pelos guinchos de pânico abafados por risos de crianças, enquanto o porco pintado é morto nas proximidades da casa redonda.

Olun está morrendo. Estatelado e me encarando do outro lado da cavidade com as brasas, ele não parece respirar, apenas suspirando de vez em quando. Seus olhos não piscam e se fixam em mim, tanto o cego quanto o que enxerga. Ele se afunda na morte e fica distante, deixando de responder todos os meus pedidos e perguntas urgentes.

– Por favor, pai. Resta tão pouco tempo e o senhor precisa me passar todos os seus ensinamentos. Ensine-me. Conte-me como ser uma pessoa sagaz como o senhor antes que a morte coloque uma cortina entre nós.

Olun sorri, rachando de jeito medonho a casca pintada que é o seu rosto, e tenta falar.

– A cortina... – aqui ele tosse, faz uma pausa, se recupera e recomeça. – A cortina está rasgada. Há um modo por meio do qual podemos falar com os mortos e conhecer seus ensinamentos. Paciência, filha. Paciência.

Paciência? E o que é todo o meu penoso trabalho de arrastar escutando todo o seu murmúrio idiota, senão paciência?

– Como, então? Como seus ensinamentos poderão ser passados para mim se você estiver morto? Por favor, pai. Por que não contar agora, enquanto há tempo?

Novamente o sorriso, a pintura da pele sai em cascas.

– Uma prova. Uma prova final. Se você é realmente a mulher sagaz, você tem que aprender a ouvir daqueles que carregam o nome antes de você. Vamos, filha, não tenha medo. Não é tão difícil obter os conhecimentos dos mortos, não para aqueles cujo pensamento é rápido e que têm olhos para ver.

Abro a boca para reclamar, porém Olun ergue a mão trêmula para impedir o meu protesto antes que ele tenha início.

– Não vamos conversar mais sobre isso, porque há uma outra questão: algo que você precisa me dar enquanto ainda estou respirando. Algo que lhe pertença, para me confortar em meu túmulo.

O que é isso? Ele não se apressa nem um pouco para me passar os seus bens, e ainda me pede um presente? Minha língua fica amarga, como se fosse bílis.

– O senhor diz que podemos conversar quando estiver morto. Qual é a necessidade de um maior conforto que esse?

Ele balança sua cabeça salpicada de constelações.

– Não. Embora minha voz possa chegar até você vinda da cova, isso não funciona no sentido contrário. Você não pode falar comigo, ainda que exista um modo de falar com você. Necessito uma lembrança, um objeto que pertença à minha filha para segurá-lo comigo no escuro e me sentir menos solitário. É nosso costume aqui. Que tal essas contas em seu pescoço?

Minha melhor chance parece estar em agradar o velho tolo, para que ele possa ceder e me contar tudo o que sabe. Sem dar nenhuma resposta, apenas dando de ombros, levo às mãos até o nó do fio de cobre atrás do meu pescoço, que prende as contas no lugar. Meus dedos travam uma breve batalha cega e libertam o arco de duras centelhas azuis. Ele é entregue ao velho em sua maca.

Ele não pega as contas, nem olha para elas. Em vez disso, seu olhar ainda está voltado para mim, parecendo fixar-se em meu queixo ou ombros, como se o aro de contas de enfeite ainda pendesse ali. Finalmente, seus olhos se direcionam para o presente em minhas mãos estendidas. Ele estica o braço para pegar as contas, levando-as ao rosto, e começa a chorar.

– Minha filha. Oh, minha filha... – mais lágrimas caem, suas palavras se tornam indistintas como um gemido. Um idiota fungando. Fico constrangida ao ver esta ternura em seus modos, ele que mantém uma aldeia amedrontada a seus pés. E pensar que lhe causa tanto sofrimento o simples fato de separar-se de mim. Como este mundo pode permanecer firme, se todos os seus sábios forem tão fracos assim?

Ele ergue a cabeça e olha mais uma vez nos meus olhos. Há algo feroz em seu olhar. Talvez ele sinta uma irritação consigo mesmo, por chorar assim feito um bebê diante de sua filha. Quando ele fala comigo, sua voz está fria e apática.

– Agora mande Hurna vir até aqui. Desejo conversar com ela a sós.

Não há nada a fazer senão obedecer a sua ordem. Atravessando obstáculos feitos de varas espalhafatosas e tampas enfeitadas com espinhos de peixe, saio de dentro da cabana e chego onde está a mulher com cara de pão, cuidando de sua comida na fogueira. Ela parece surpresa com o fato de ser convocada dessa maneira e,

depois de ficar embasbacada por um momento sem acreditar, sai correndo para atravessar a porta de madeira e ficar ao lado de Olun.

Sento na areia, cansada e decepcionada, com as costas nas paredes de madeira descascada. Meu olhar encontra uma visão entre as cabanas da aldeia. Perto da casa redonda, homens com facas de cobre arrancam a cabeça da carcaça de um porco pintado. Fecho os olhos, deixando do lado de fora um mundo que escapa à minha compreensão rapidamente. Formas apavorantes se transformam e se dissolvem numa escuridão grossa como uma casca de ferida.

As madeiras arredondadas ainda fazem pressão sobre as minhas costas, a terra prensada contra a minha espinha. Longe, na escuridão manchada de cores atrás das minhas pálpebras, há gritos, tosse e estalos, sons da aldeia que penetram o meu cochilo, me fazendo lembrar que o mundo ainda está à minha volta. Os sonhos leves vêm. Pensamentos florescem em imagens, depois se dissolvem.

Garn bate com o martelo em abelhas sobre a bigorna, até que uma massa preta e amarela escorra pelos lados. Ele está de pé com cinzas até os joelhos, que sobem lentamente em uma onda quente e cinzenta e cobrem suas coxas, barriga, tudo menos a cabeça, que têm as feições de um porco. As mulheres do povoado vêm vindo sobre o pântano de pó para amarrarem um aro de flores azuis brilhantes em seu pescoço. Os caules deixam manchas de um verde intenso sobre a carne inchada, e agora percebo que o corpo de Garn não está mais sob as cinzas: a cabeça está separada, e o tronco está pendurado ao lado, petrificado sobre uma vara de madeira. Sua pele saliente está toda pintada com figuras de pássaros.

Mais um grito vêm da aldeia distante, assustando os pássaros que sobem em uma revoada de alarme cego e me levam com eles para o alto, acima do rio. Olhando para baixo, vemos uma mulher cortar a garganta da outra, arrancar suas roupas e atirá-la nas águas vagarosas. Subindo mais ainda, até que as pessoas não sejam mais visíveis e tudo o que vemos são campos e colinas. Os pontos verde-claros agrupados são as cabanas distantes. Essas visões, ainda que estranhas e emocionantes, são familiares para mim, aconteceram em algum lugar há muito tempo, mas onde, quando? Meu corpo se eleva cada vez mais até que o odor acre de cachorro molhado me desperta.

Meus olhos se abrem para a tarde que avançou muito desde que eles se fecharam. Há cachorros por perto? Partes de um sonho voltam na recordação, lampejos de um ventre com escamas pretas logo abaixo da superfície de meus pensamentos, que afundam novamente e desaparece, irreconhecível. Fico de pé, dura, e percebo que o rastro do animal vem da cabana de Olun. Assim, sigo até o seu interior, onde o rastro fica mais forte, espesso o bastante para instigar os olhos. Qual será o tamanho desse cachorro para feder tanto?

Sigo abrindo caminho com os ombros entre os amontoados apavorantes e o jogo de obstáculos. O cheiro de cachorro molhado se torna mais sufocante a cada passo rumo à roda central, o coração do mau cheiro.

Não há nenhum cachorro.

O buraco do fogo, agora aceso, lança uma dança vermelha pelas curvas e frestas da cabana do velho. Do outro lado da cavidade, Hurna está sentada de frente para mim, com os braços em torno dos joelhos e a cabeça inclinada para o lado. A madeira verde entre as brasas se encrespa e assobia, porém todo o resto está

silencioso na clareira rodeada de sucata. Há algo de errado no estado sonoro da cabana. Uma parte foi removida. Um buraco não está mais ali. Ao escutar por mais um instante, percebo o que está faltando: é o ritmo de sua respiração.

O velho-bruxo está deitado sobre a sua maca. Banhado pelos espectros de chamas que fazem mudar e inclinar as sombras, e torcem suas tatuagens, ainda que ele esteja imóvel como uma pedra. Seus olhos úmidos e cegos estão voltados para onde a fumaça do buraco é arrastada em fiapos trançados até sair pela chaminé. Seus dois olhos finalmente se igualam, ambos enevoados e congelados. Com o peito sossegado, as mãos repousam entrelaçadas sobre ele, petrificadas em meu aro de contas, que cintilam com um tom violeta à luz das brasas. A urina, sua oferenda final, molha o manto de pele de cachorro sobre o qual ele está deitado, é de onde o cheiro exala, denso, pegajoso, no calor ao redor da fogueira.

Conte-me seus segredos agora, velho, conforme prometeu. Separe seus lábios grudados pela morte e fale comigo.

– Aconteceu quando você me mandou entrar para falar com ele – diz Hurna. Ela está calma e sorridente, agachada ao lado do corpo de Olun. – Conversamos só um pouquinho e depois ele morre. Mas não se preocupe... – ela nota a angústia em meus olhos, e a confunde com piedade. – Olun tem uma morte justa. Seu espírito trilha o caminho da luz agora, e o melhor de tudo é que não deixa nenhum trabalho para você. As questões de seu funeral já estão sendo cuidadas e não tem nenhuma grande tarefa a ser realizada por você. Está tudo bem.

Está tudo bem? Que os deuses amaldiçoem esta mulher estúpida com a cegueira! Como pode estar tudo bem se Olun morre antes que os segredos de sua riqueza

sejam compartilhados comigo? Como ela pode sentar e sorrir parecendo estar contente, quando todos os meus planos estão virando poeira? Sob os meus pés os túneis de ouro desaparecem, retrocedem para além da lembrança. O que pode ser feito para trazê-los de volta?

Um pensamento me ocorre: arrastando Olun de volta à aldeia após o funeral da menina, pergunto se nenhum homem vivo conhece o caminho subterrâneo, as trilhas dos mortos. A risada do velho, que lembra o som de cascas de caramujo se estilhaçando. Sua resposta que transborda cheia de breu, saindo por entre os cacos de dentes com marcas de espirais: “Com a exceção do velho Tunny. Ele conhece cada curva do caminho, mas todo conhecimento está em seus dedos. Nenhuma parte dele está em sua cabeça”.

– Quem é Tunny?

Hurna olha para mim, assustada a princípio, depois perplexa diante do meu acesso, por não entender a relação entre Tunny e a morte de meu pai. Ela franze a testa, quando fala as palavras são lentas, cheias de uma delicadeza que me deixa furiosa. É como se ela estivesse falando com um bebê.

– Tunny é o porteiro aqui, o velho, que têm as mãos trêmulas, mas você tem outras coisas com que se preocupar agora. É o transtorno da morte de seu pai que embaralha os seus pensamentos. Por que você não descansa e deixa a preparação do velório de Olun para mim? Você precisa de tempo para lamentar e...

Dou as costas para ela e saio cambaleando entre os trambolhos e os empecilhos até encontrar o ar que escurece do lado de fora.

Seus gritos de consolo me seguem:

– Não corra. Você só está perturbada, mas não há necessidade disso. Ele está em um lugar melhor. Ele está no caminho da luz agora...

Uma estranha excitação paira sobre o povoado com o crepúsculo, quando os objetos perdem a definição de suas formas para se fundir com a luz que diminui. De cada cabana as pessoas vão emergindo, rindo, conversando e acendendo as tochas, uma ao lado da outra, clarões amarelos sobre o cinza que se estabelece. Em grupos com seus murmúrios, elas seguem em direção ao portão norte, um grande enxame de luzes amarelo-pálidas que viajam com o mesmo destino que eu. Elas me vêem disparar entre elas, correndo para a cabana de vigia com o suor do desespero na testa e, no entanto, não prestam atenção em mim, envolvidas em sua própria excitação.

O velho porteiro, com as mãos pretas e trêmulas, não está em lugar algum. Seu posto parece vazio e desprotegido, até que um grunhido abafado me leva a espiar lá dentro. Atrás de mim a multidão iluminada pelas tochas atravessa os portões da aldeia e segue o caminho ao lado do rio, num raio de luzes flutuantes.

Dentro da cabana de vigia, perto da parede, a menina de cabelos vermelhos e ombros cheios de sardas está ao lado do jovem com a marca de nascença, cujo nome, eu me lembro, é Coll. Eles estão com os calções abaixados até os tornozelos e os lábios unidos com força suficiente para se ferirem. Um segura o sexo do outro.

– Onde está Tunny?

Dedos assustados se retiram de repente de dentro das coxas do amante para se fecharem entre as suas próprias coxas. Os lábios se separam, presos apenas por uma corrente prateada de saliva.

– Vá embora! Ele não está aqui! Vá embora e nos deixe em paz!

O rosto marcado do garoto fica tão vermelho que todas as suas manchas desaparecem com o fluxo de sangue.

Mas minha pergunta é urgente e não pode ser deixada para depois.

– E então, onde ele está? Vamos, conte-me rápido e vocês ficam livres de mim.

– Ele foi assistir à noite do porco nos campos do Bruxo. É para onde todos estão indo esta noite. É uma pena que você não tenha ido também – ele se separa da menina e faz outra careta, dando um sorriso para mostrar as manchas em seus dentes. – A menos que você queira ficar e experimentar um pouco disto também.

O meu bolo de cuspe acerta em cheio seu rosto. Xingando, ele se levanta com dificuldade e vem na minha direção, lento demais, tropeçando em seus calções. Apenas os seus gritos de raiva me perseguem além dos muros de espinhos pretos e através da escuridão, que fervilha com gritinhos, brados e chamas espalhadas.

A noite do porco. Fogueiras, bonecos e suínos pintados. Procissões tremeluzentes e uma precipitação flamejante que transborda ao longo das margens do rio, refletidas em suas profundezas tal como peixes ardendo em chamas. Noite do porco. Todo ano essa paixão e essas luzes, inflamadas por seus pais e antepassados da mesma maneira, e antes ainda, nos tempos em que os Urkens saltavam e grasnavam nas fumaças do outono. Esta noite não representa um momento único, porque é tão numerosa quanto as estrelas, um cordão de noites puxado em uma roldana de rituais através dos tempos e pendurado com fogueiras antigas no lugar de contas.

Os juncos descoloridos, pálidos e amedrontados, curvam-se ao vento em uma súplica estremecida. Um amontoado de juncos dentro de uma cerca, do qual sai um crânio de pedra cinza-cérebro e rocha amarela esfacelada, rodeado por uma coroa de madeira pegando

fogo. De todos os aldeões aglomerados no campo do Bruxo, apenas alguns encontram espaço para ficar sobre este afloramento, os rostos vermelhos brilhantes de suor e as costas nas sombras enquanto se reúnem ao redor da pira. O resto é forçado a se empoleirar nas beiradas encharcadas do prado, sobre o solo elevado e mais duro. As crianças correm de um lado para o outro nos caminhos estreitos que unem a borda dessa roda humana ao seu eixo chamejante.

A gorda Mag, a rainha-bruxa, tem o seu lugar no alto do monte, sobre a proteção de Bern e Buri. As vozes dos irmãos são carregadas pela brisa através do brejo de juncos, parecendo mais altas e profundas do que quando eles falam comigo. Os dois estão bêbados de caldo de malte. Um deles fica mexendo na capa que protege o seu sexo e depois faz xixi no fogo. Uma torrente de cobre se derrama dos lábios arregaçados de enguia de sua capa, cujos olhos observam tudo, estarrecidos. Seu irmão e a rainha-bruxa riem e aplaudem. O velho Tunny não parece estar entre essas pessoas sobre o monte.

No alto da fogueira, em meio às faixas de fumaça e chamas, há uma figura. É o espécie-de-menino esquisito e sem rosto que eu e Olun vimos as crianças fazendo quando passamos por aqui em direção à ponte. Ao passar pela beira do prado para ver se Tunny está no meio da multidão, o corpo recheado de palha é escondido de mim por véus de fogo e vapor que se elevam, e que agora a brisa faz recuar...

Não é nenhum menino-boneco que assa sobre as madeiras crepitantes. É uma criança. Ela tem um rosto que parece estar virado para mim, olhos vivos com dor e medo, e lábios que se movem para formar palavras desconhecidas e terríveis. O focinho...

Não. Não é um menino. Um porco. Um porco com corpo de menino. É a figura feita de trapos e palha, só que agora tem o rosto que foi arrancado do porco

colorido que é morto esta tarde. É a posição da madeira que faz parecer que ele tomba e se inclina para mim. O ar ondulado pelo calor dá vida aos guinchos silenciosos de sua boca. Um frio espinhoso arrasta pernas de aranha na minha nuca e depois vai embora. Prossigo. Prossigo entre estranhos que se acotovelam, minúsculas fornalhas iluminadas em cada olho.

Alinhada ao longo da meia lua elevada da beira do campo, a multidão se separa em coágulos de pessoas, apenas algumas em cada grupo desgarrado. Eles bebem e riem. Eles seguram as crianças menores no alto para que possam ver o fogo do outro lado do lago de juncos fantasmagórico. Alguns se retiraram para a mata ao lado para fazer sexo, atingidos pelo odor selvagem desta noite, assim como o porteiro das marcas de nascença e a sua garota de cabelos de cobre. Por entre as ervas urticantes saem os gritinhos de dor agradável, as respirações quentes, apressadas. Acima, as contas de estrelas libertinas olham para baixo e sentem na pele um desejo invejoso.

À minha frente, uma fogueira para preparar alimentos é feita num canto do campo do Bruxo, uma irmã menor do fogo central. Sobre ela, espetado do traseiro ao estômago, gira a carcaça de um porco com a pele da cara arrancada. Ele gira sem parar, com um estrondo alto e lento, como se sua carne sibilante recordasse antigas chafurdices na lama fria. De um lado a carne já está cortada até o osso, costelas brancas expostas em um sorriso entre gengivas rosadas que não param de chiar.

Não muito longe disso, Tunny está isolado, um vulto esquálido e esguio com o crânio inclinado para trás, deleitando-se com o cheiro do fogo, do porco assado. E um odor de sexo trazido das ervas atrás dele. Ao seu lado, esquecidas, pendem as mãos manchadas e

trêmulas. Ele vira a cabeça quando me aproximo e me reconhece.

– Ah. Bem. Seu pai está morto, então, não é? – Atrapalhado em sua fala, vejo que não está acostumado a consolar.

– Sim, meu pai está morto. Ele fala de você antes de morrer. Diz que talvez você tenha coisas a me dizer.

– Oh? Que coisas seriam essas, então? – o velho Tunny parece confuso, os dedos de pontas tingidas ficam mais agitados ao seu lado.

– Os caminhos subterrâneos que levam à parte debaixo da aldeia. Olun diz que, além dele, só você, no mundo todo, sabe coisas a respeito deles.

Do outro lado dos canteiros de juncos pálidos a fumaça e os risos são carregados pelo vento do monte coberto pelo fogo onde queima o menino-porco. Tunny franze a testa e balança a cabeça.

– Que caminhos subterrâneos? Isso é conversa dos sagazes, não significa nada para mim. Ora, Olun mal me cumprimenta ou se preocupa comigo desde que a minha doença me força a abandonar minha vocação e assumir a posição inferior de porteiro.

Seus olhos se tornam distantes, abatidos pelas lembranças. Meu olhar muda de direção, dos seus olhos para as suas extremidades paralisadas e enegrecidas. Em meus pensamentos, uma coisa sombria rasteja em direção à luz.

– Antes de ser o porteiro deles, você é...?

– O tatuador deles. Sim.

– E é você que faz os desenhos de corvo em meu pai?

Ele dá uma risada alta que parece forte demais para um peito tão estreito e contraído. Sobre o monte agora, não resta mais nada do menino-porco a não ser uma esfera chamuscada que incha, solta pedaços e se enruga em meio às ruidosas labaredas de luz.

– Desenhos de corvo? Se é esse o nome que ele dá, ora, então, sim. Aquilo é trabalho meu, ainda que não pareçam corvos para mim. Eles não possuem absolutamente nenhum sentido. No entanto, ele me faz copiá-los com todo cuidado de suas cascas de árvore pintadas, sem mudar nem um rabisco que fosse. Quando terminamos, ele queima as cascas pintadas e faz uso apropriado delas. Não se esqueça deste detalhe. Todo ano ele me procura e pede para pintá-los novamente, para mantê-los nítidos. Porém, minhas mãos ficam ruins e Olun não me procura mais, nem qualquer outra pessoa. Quem faz as suas tatuagens agora não é de meu conhecimento.

Ele faz uma pausa, franze o nariz e olha com os olhos apertados para o meu pescoço.

– Quem fez essa no seu pescoço? Deve ser alguém da aldeia, porque não está aí quando você chega.

De que ele está falando? Minha mão se ergue de modo instintivo para examinar a pele macia abaixo do meu queixo. Não sinto nenhuma ferida, nenhuma elevação de uma tatuagem recém-feita. Esse idiota de dedos inquietos está confuso ou cego, e já tenho muito com que me preocupar para dar ouvidos aos murmúrios de um porteiro sem juízo. Ainda espiando o meu pescoço, ele me deixa apertar sua trêmula mão e agradecer-lhe pela ajuda. Depois me observa enquanto me viro e saio andando no meio da multidão iluminada pela fogueira ao longo da margem do prado.

A coisa sombria de meus pensamentos se aproxima ainda mais. Os dedos do velho Tunny conhecem os caminhos subterrâneos, embora o conhecimento não esteja em sua cabeça. O velho Tunny é o tatuador. Ele faz os desenhos de Olun, com os dedos pretos se movendo, a cada ano, sobre aquelas trilhas loucas e cheias de voltas, os desenhos de corvo do velho que não

se parecem com corvos. Agora tudo fica claro. Eles não são figuras de corvos mesmo.

Eles são aquilo que os corvos vêem.

O rio que desce vira uma linha, um traço azul e torto. Os campos em retalhos, todos cercados por amoreiras, cabanas do tamanho de anéis de dedo e florestas encolhidas parecendo lesmas gordas e verdes, todas encrespadas nas extremidades e riscadas com caminhos de veias. Esse é o meio pelo qual o velho conhece cada trilha e cada passagem. Essa é a razão pela qual Olun sente que a aldeia é uma parte dele: o todo dela está gravado sobre a sua pele. Suas colinas, seus lagos. Seus caminhos subterrâneos Seus cofres e buracos de tesouros. É a forma pela qual ele pretende falar comigo enquanto estiver em seu túmulo.

Em meio a empurrões e apertos sou levada de volta às margens do rio que faz curvas até a aldeia. Lançando o último olhar em direção ao monte, me espanta ver que a rainha-bruxa está sozinha diante da fogueira, que Bern e Buri estão em algum outro lugar. Meus olhos varrem minuciosamente a multidão esfarrapada sobre a beira do campo do Bruxo e finalmente pousam sobre os irmãos monstruosos, parados perto do banco de terra no qual o porco pintado é assado. O velho Tunny está ao lado da dupla, com cara de medo e falando com eles. Agora ele ergue a mão e faz um gesto na altura do pescoço. Os dois irmãos concordam com a cabeça. Eles olham juntos para o outro lado do campo de juncos amarelo e tremeluzente, espreitando através da fumaça em direção ao caminho do rio e a mim, embora a essa distância da fogueira não possam me ver.

Viro para o outro lado, meus passos apressados me levam para a escuridão envolvente, de volta à aldeia e aos preciosos e frios restos mortais do velho. Mesmo que Hurna já o esteja colocando em sua cova, isso não representa nenhum obstáculo para alguém tão

habilidosa em ressuscitar mortos quanto eu. Meus pés formigam enquanto caminho ao longo da margem do rio, aquecidos por sentirem todo o meu ouro que está logo abaixo deles.

Há algo em meu pescoço?

Dentro de mim, a coisa sombria rasteja lentamente até a luz. Está faltando alguma coisa, algum conhecimento que ainda não está revelado. Forma-se uma imagem de Hurna em minha mente. Agachada ao lado do corpo de Olun, ela sorri diante da incandescência do carvão no interior da cabana. Que motivo ela tem para estar tão contente? No alto da Colina da Fera à minha esquerda estão as luzes dançantes, de onde um lamento fúnebre abafado se eleva no vazio da noite.

– Ele está em um lugar melhor – ela diz. – Ele está no caminho da luz agora.

A compreensão, quando cai sobre mim, arranca um grito de dentro da minha garganta.

Esqueça a aldeia. Não há nada ali para mim agora. Corro. Subo correndo a Colina da Fera. Não é tarde demais. Minhas lágrimas podem estar enganadas, para ver tanta coisa em uma palavra, um olhar. Continue correndo, cada vez mais alto.

Além disso, qual seria a razão para Olun consentir tal coisa? Ele não tem nenhuma afeição por Hurna e seus deuses, e diz a todo momento que quer que eu obtenha seus ensinamentos e seus bens quando morrer. Ele não tem nenhum motivo para mudar de idéia...

... mas tem também o modo como ele me olha depois de pegar o colar de contas. Seus olhos e sua voz ficam frios e depois ele pede para falar com Hurna como se... Não. Esqueça. Não é nada disso. Dentro de mim uma dor. Minha respiração ofegante, parecida com a de Olun.

Paro no meio da subida para descansar. Olho para trás e duas tochas acesas ainda podem ser vistas, que seguem ao longo da margem do rio rumo às rampas mais baixas da Colina da Fera. Elas parecem vir dos campos do Bruxo, seguindo o mesmo caminho que fiz até aqui. Um grupo de foliões talvez, que comeram e beberam caldo de malte demais, subindo a Colina da Fera para pedir o perdão de algum deus por sua gula antes de voltar para casa. As luzes do fogo deslizam ao longo da beira do rio, seu ritmo se encaixa perfeitamente, como se as pessoas que as carregam estivessem marcando o passo. Elas começam a subir a Colina da Fera. Corro. Continuo correndo.

Sobre o cume achatado se estendem as rodas de muros quebrados, uma dentro da outra, antigas barreiras de terra erguidas por homens e ainda aproveitadas pela grama que parece um metal prateado sob as estrelas. Longe, na direção do outro lado do topo da colina, além da roda central e menor, há um grupo de mulheres reunidas, todas lamentando.

Elas formam um círculo ao redor do fogo.

Gritando e urrando, ordeno que elas parem. Minha figura desvairada e agressiva tomba sobre a grama e a escuridão, esquivando-se entre os vãos das ruínas que separam os muros com tufos de grama e as poças que parecem filhotes de lagos, para chegar até elas. Soluçando, quase desmorono aos pés de Hurna, que está de pé ao lado da fogueira.

Ela sorri com ternura para mim. Do outro lado do campo duas tochas iluminam a colina e se movem em nossa direção. Bern e Buri. O tom da voz de Hurna é entusiástico e generoso, transbordando uma afeição fraterna e estúpida.

– Estamos contentes que você finalmente decide se juntar à nossa cerimônia. E a seu pai. Ele também está contente.

Ela olha para o centro das labaredas, muito mais altas que a fogueira da noite do porco.

Ele está sentado em posição ereta em seu trono incandescente, reduzido pelas chamas a um horripilante bebê de brasas. As órbitas enegrecidas de seus olhos se fixam como se tentassem decodificar mensagens na fumaça, pedindo o adiamento da execução. Atrás dessas órbitas escancaradas, anéis macios e cinzentos ardem lentamente sobre a fuligem do cérebro. Sobre o peito, presas em um espasmo de morte, os dedos incinerados agarram o colar de contas de sua filha. Sua pele descama e sobe aos céus na forma de mariposas de cinza, grandes e lentas, acima do calor, onde esfriam para depois cair em preguiçosas espirais, chovendo em torno de mim.

Bern e Buri estão ao meu lado agora, pacientes e silenciosos enquanto esperam que eu olhe para eles. Do céu, um fragmento preto e quebradiço, rolando como em um sonho, é carregado pelo ar até pousar em meu braço. Sobre ele, pouco destacado sobre o fundo preto, o mais tênue entrelace de linhas prateadas ainda pode ser visto: uma curva suave que talvez seja um riacho ou então uma alameda encoberta, os traços de aranha em feixe que podem ser árvores vistas do alto.

Ele quebra em meu pulso e vira pó, levado pelo vento para ser espalhado sobre os campos de cremação.

NAS INUNDAÇÕES



43 d.C.

Dobrar as canas de junco e cortar os caules. Um bico oco que cospe ferrões. Seu fabrico e seu uso. O método dessas coisas é como uma voz interior que repete infinitamente suas instruções enfadonhas. Ela está em mim há tanto tempo que já nem a ouço mais. Quando ouço, ela me conforta dizendo que não preciso pensar em mais nada senão nesta lista cinzenta e sem fim, e desse modo posso enfim adormecer com ela em meus

lábios: *Dobrar as canas de junco e cortar os caules. Um bico oco que cospe ferrões. Seu fabrico e seu uso*.

Antes de subir o rio em direção aos bancos de areia, olho para trás para ver Salka e nossos filhos brincando. Com filetes de água sobre o peito, ela se vira e me encara longamente com seus olhos negros, antes de olhar para o outro lado e mergulhar o rosto mais uma vez sob a pele do rio. Os pequenos espirram água e formam círculos. Começam uma discussão entre eles, mas a deixam de lado em favor de alguma disputa melhor e mais ruidosa.

Esse ato de olhar para trás toda vez que parto deixando minha família, como se quisesse reunir todos os meus entes queridos em meus olhos e mantê-los ali, tornou-se ultimamente um hábito. Ainda me atormenta o medo de um dia desviar os olhos e, ao olhar outra vez, descobrir que eles não estão mais ali. Parece que não consigo me livrar disso, portanto olho fixamente até perder de vista suas formas, no clarão ondulante que dança sobre as águas. Quando viro para frente, sigo o meu caminho contra a corrente forte e fervente que se fende em minhas coxas.

Eu tive uma outra mulher antes, e outra família. Não vivíamos aqui nas Inundações, e sim um pouco mais a oeste, num acampamento no alto de uma grande colina arredondada, bem acima de um terreno queimado. Um dia acordei e passei entre as panelas borbulhantes da primeira refeição para ir caçar e pescar, e isso foi tudo. Não consigo me lembrar se tinha alguma palavra afetuosa para a minha mulher ao partir naquele dia. Lembro apenas que fiquei nervoso quando vi que a corda-de-fechar de minha bota não tinha sido consertada. Perdi a paciência com sua preguiça. Devo ter dito alguma coisa boba, algumas palavras, não consigo me lembrar. Na falta de linha e agulha, dei na

corda o melhor nó que pude, amarrei a bota e saí mancando no alvorecer. E foi só isso.

Dei um beijo de despedida na minha garotinha, mas não encontrei meu filho para beijá-lo. Ela tinha acabado de comer coalhada. Senti seu hálito quente e doce em meu rosto, e isso foi tudo.

Enquanto andava carregado de redes e lanças no meio de tantas cabanas, vi minha mãe a uma certa distância, do outro lado do povoado. Eu a chamei, mas ela era velha e não me ouviu. Isso foi tudo.

Parei para falar com a mulher de Jemmer Pickey e, enquanto conversávamos, tive alguns pensamentos em que ela aparecia sem as saias e as peles, embora soubesse que nada resultaria disso. Disse adeus e segui meu caminho.

Próximo ao portão principal, em meio às pedras velhas e cobertas de grama da Forja do Ferreiro Garn, vi o homem-bruxo de nossa aldeia parado e perdido em pensamentos, com os chifres amarelos caídos, presos em sua testa franzida. Dentro de um círculo aos seus pés havia muitas marcas, desenhadas no solo pobre com a sua vara de erva-de-passarinho. Ele murmurava sozinho, torcendo os emaranhados de sua barba grisalha entre as pontas dos dedos manchadas. Parecia muito perturbado, como eu jamais havia visto. De repente, levantou a cabeça e me viu quando passei. Fez menção de falar, depois pareceu mudar de idéia. Tenho me perguntado o que ele pretendia dizer.

Passei por ele e saí do acampamento, descendo a colina e passando pelo pico menor onde ficam os terrenos queimados. Ouvi dizer que um dia havia muros ali, grandes rodas construídas uma dentro da outra. Tinham sido desfeitas pelo tempo, mas do declive mais alto da colina do acampamento os círculos ainda podiam ser vistos. Um certo escurecimento da grama, que se podia enxergar melhor ao entardecer. A oeste, onde os

ribeirinhos tinham o seu povoado, fios finos de fumaça desfilavam entre o céu imóvel e as fogueiras distantes. Quando eu ia até a parte mais baixa da colina para ouvir os sons da aldeia atrás de mim, havia um silêncio que se estendia sobre o mundo até as árvores mais distantes. Andei até lá, com trepadeiras enroladas puxando e estrangulando meus pés enquanto descia. Isso foi tudo.

Enquanto caminho com pernas-de-pau entre as águas, mais rasas aqui do que o comprimento de um antebraço, as árvores se inclinam sobre mim e o rio fica na sombra. Sem o sol na superfície da água para ofuscar, o fundo do rio se torna mais claro, até dá para ver os peixes que se movem ali. Paro, fico imóvel como uma pedra. Minhas pernas de madeira são duas árvores enraizadas no leito do rio, enlaçadas e envolvidas pela água. Olho para as pernas-de-pau que parecem tortas abaixo da superfície, curvadas com a idade, embora saiba que isso é apenas algum truque da água. Mexo minha encharcada capa de junco para o lado, ergo a lança e espero.

Quando eu morava no acampamento da colina, demorava mais da metade de um dia para chegar às Inundações. Os cavalos não vão até lá porque o solo é traiçoeiro e cheio de charcos e poças sobre os quais se formam nuvens de moscas minúsculas, um pequeno e raivoso anúncio de tempestade. Muitos homens morreram ali. Os peixes navegam entre os seus dentes.

Cheguei ao meu local de caça favorito no fim da tarde, com a luz do poente subindo feito poeira diante de um rebanho de estrelas que se aproxima. Primeiro juntei gravetos e capim para preparar meu esconderijo, onde eu iria dormir. Ficou parecendo mais um túmulo inflado que uma cabana. Depois, sob a enfraquecida luz a óleo da minha cabana, amarrei canas de junco, mantendo-me ocupado quando a escuridão caiu sobre o pântano.

O pavio de pêlo de cavalo, enrolado feito uma minhoca na gordura coalhada, se recusou a queimar enquanto não gastei meio saco de cordão e quase toda minha mais nova pedra-de-fogo. Sentei-me de tornozelos cruzados sob a luz trêmula e trancei juncos até a aproximação cinzenta do amanhecer. O manto que fiz era longo e verde, com o aspecto de um saco de farelos virado do avesso, fechado no alto a não ser por uma fenda para olhar e um buraco para colocar o bico oco. Dormi só um pouco e despertei antes da primeira luz. Fui cortar árvores novas para fazer minhas pernas-de-pau e procurar um pedaço de madeira da qual pudesse retirar a parte de dentro e fazer minha zarabatana.

Terminei meu trabalho quando o sol completou sua subida pelo ar frio da manhã para finalmente cair exausto e dar início à sua descida. Tirei um trapo enrolado da bolsa e o abri para escolher uma das lascas de ferro presas em fileiras ao longo da tira desenrolada, um tufo de suja lã de carneiro, presa nas pontas mais moles. Escolhi uma delas e coloquei entre os dentes com a ponta para fora, arrastando-me para dentro do manto de junco, segurando com força o bico de madeira oco. Lutei por um momento para ajustar o capuz de modo a conseguir enxergar, depois puxei os paus para dentro do manto e os amarrei com tiras de couro nas minhas pernas.

O bico de madeira estava dentro da minha boca, uma ponta saindo pelo buraco do capacete e o dardo já acomodado dentro dela. Dilatada com saliva, a seta de lã tapou o buraco. Seus fios amargos grudaram na minha língua, se eriçaram dentro da minha boca e eu tive um pouco de dificuldade para deslocá-los sem que o dardo caísse do tubo.

Por fim, pronta minha armadilha, ergui a lança curta e tentei com cuidado ficar de pé sobre as pernas recém-cortadas, usando um único tronco de árvore de

apoio até encaixar os pés. Isso feito, segui meu caminho com delicadeza, um pássaro verde gigante, rumo à parte recortada do curso do rio, na qual mergulhei uma perna de madeira, sem me preocupar se a água estava fria.

Com passos grandes e lentos, que não agitavam a superfície da água, caminhei entre os peixes tolos e as aves aquáticas insensatas, e dei início à caçada.

Parado, com as pernas abertas, uma perca gorda se move entre os meus pés, vai mordiscar as pálidas ervas cinzentas. Meus dedos apertam a haste da lança, mas em seguida relaxam, quando ela muda de idéia: bate a cauda como se desse um tapa na cara e vai embora.

Às vezes eu fico pensando no que os peixes e os patos acham de tudo isso. Sem ser visto, me aproximo e eles me consideram um deles. São estúpidos demais para entender que sou de uma raça mais elevada e quero lhes fazer mal, e por isso desaparecem, sem compreender, um por um, Eles vêem o grande pássaro verde dar passos entre eles, mas não fazem nenhuma ligação com seu parente desaparecido. Ficam cegos, vendo apenas aquilo que desejam ver.

Deve haver feras ainda mais sutis que nós, passeando entre nós, sem pressa, escolhendo, selecionando, capturando, ora uma mulher, ora um homem. Ninguém jamais saberá para onde foram, tão esparsos e dispersos são os crimes, tão poucos e distantes, exceto quando esses monstros sutis sentem a necessidade de se empanturrar e se deleitar. Outro peixe, agora uma pardelha, vem metendo a cabeça entre minhas escoras plantadas. Desta vez não espero, desço a lança com firmeza. Quase erro, atravesso de lado o peixe, levanto minha vara e ele se sacode à luz do sol, gotas de água do rio caindo para todos os lados, como um orvalho mortal.

Eu cacei durante todo aquele dia e mais um, enroscado em meu esconderijo ao escurecer. Ao final tinha muitas aves em meu saco, muitas varas de peixes. Quando mais um dia nasceu, parti para casa. O ar estava bom e limpo naquele dia, como o ar depois de uma tempestade, ainda que nenhuma tempestade tivesse caído. O céu azul coloria todas as poças e lagos do pântano, e grandes nuvens brancas passavam no alto, amontoadas em formas fantásticas que eu não sabia nomear. Minha bolsa estava cheia. O sol aquecia as minhas costas. Cantei as únicas palavras que consegui me lembrar da Canção da Velha Trilha, sobre o menino viajante e como ele encontrou sua noiva. E espantei as garças de um lago, tão ruim era a cantoria. Essa foi a última vez que fui feliz.

Agora eu sento na ribanceira e deixo as minhas pernas-de-pau serem arrastadas pela correnteza enquanto como os peixes. Quando vim morar nas Inundações, eu cozinhava a comida antes de comer, mas agora isso parece uma amolação. Ninguém aqui cozinha a comida. Rasgo a barriga da criatura com a unha e sinto uma satisfação estranha ao puxar um grande pedaço de pele de uma só vez. (Aqui, parcialmente descascado, ele me assusta dando um pulo, mas depois fica parado.)

Prestes a empurrar o meu bico de lado para comer, um movimento no horizonte ao sul atrai meu olhar. Bandeiras vermelhas. Pequenas bandeiras vermelhas que se afastam e depois se juntam, agitando-se em minha direção, vindas de campos distantes. Aperto os olhos para enxergar melhor e depois tiro as pernas da água para ficar de pé. Deixo o bico no lugar.

Não são bandeiras. Não são bandeiras e sim capas, capas vermelhas sobre as costas de homens à cavalo. Um punhado deles, pela minha contagem. Não mais que isso.

Eu os conheço. Homens de Roma, vindos de terras além-mar. Alguns dos jovens da aldeia onde morei antes disseram que esses romanos tinham a vontade de tomar as nossas terras, mas tudo isso é muito complicado, está além da minha compreensão, porque terra não é algo que se possa tomar, nem é uma coisa que se possa possuir. Deixo essas brigas para os homens mais jovens.

Eles estão bem mais perto agora, e desmontaram, guiando os cavalos pelas rédeas, passando entre os atoleiros e a prata brilhante das poças. Um deles segura um cajado coroado com um estranho enfeite de ouro: uma cobra, um homem gordo parado, uma boca aberta com a língua para fora e, finalmente, um homem gordo andando. Capacetes de metal. Saias como as de mulher. Placas de metal sobre o peito.

Os cavalos me vêem primeiro, e se assustam. Enquanto tentam conter os corcéis de trás, os homens dão voltas procurando a causa da perturbação. A princípio eles não conseguem me ver, todo de verde na frente do mato da ribanceira.

Não tenho nenhum motivo para brigar com eles. Grito olá e eles se viram e olham para mim. Minha voz está esquisita, sem prática na fala dos homens, e pelas caras que eles fazem fica claro que o meu cumprimento deve ter soado terrível e incompreensível para eles. Um deles começa a falar um monte de coisas bem alto na língua estranha deles. Dou mais um passo na direção deles, erguendo-me sobre as pernas de madeira, e tento novamente.

Os cavalos gritam e fogem. Os homens correm atrás deles. Eu vejo as capas vermelhas tremulando sobre os charcos. Quanto mais eu grito para eles pararem e não terem medo, mais rápido seus cavalos disparam e mais rápido eles correm atrás. Como deve soar a minha voz, depois de tanto tempo?

Eles se foram, então me sento na beira das águas para comer o meu peixe. Fico pensando em como eles vão contar aos amigos que viram um pássaro muito maior do que um homem, todo verde, que andava sobre o pântano com suas pernas gigantescas e soltava gritos horríveis. Com a boca cheia de peixe frio, começo rir e a gordura espirra na minha barba e nas minhas penas feitas de junco.

Depois de um tempo o riso pára, porque soa mal neste lugar solitário. E como o peixe até a espinha.

Naquele dia, quando voltei para casa andando na direção do meu acampamento na colina, estava pensando na minha mulher, na minha primeira mulher. É estranho, mas o seu nome era Salka também. Eu a conhecia desde que éramos pequenos e brincávamos de correr e beijar nos Campos do Bruxo, que dizem ser assombrados por um menino assassinado. Uma vez eu disse à Salka que tinha visto o menino, parado sobre o morro com a garganta toda cortada e o cabelo queimado. Ela sabia que eu estava inventando, mas fingiu que acreditou e se agarrou em mim, me deixando sentir o seu sexo dentro dos calções.

Avistei a colina, com as fogueiras do jantar ardendo no topo, e meus passos cansados aceleraram ao pensar em chegar logo em casa. Eu não tinha tido a chance de dizer adeus ao meu filho antes de partir. Pensei em brincar com ele durante a noite, enquanto Salka cozinhava a melhor parte dos peixes para nós, envolvendo a nossa cabana com um cheiro delicioso.

Eu estava na metade da subida quando percebi que não havia nenhum barulho.

Jogo as espinhas brancas e oleosas do peixe para dentro do rio, onde elas borbulham por um momento e depois submergem. E se elas pudessem sair nadando dentro da água? Imagino um rio no qual nada além das

espinhas dos peixes deslizam, disparam e quebram as correntes com suas costelas nuas. Paro e sigo caminhando rio abaixo, de volta para a minha família. Sinto uma tristeza crescendo ao meu redor, e desejo estar com eles.

Entrei na aldeia com as varas sobre o ombro e um saco de carnes e penas nas mãos. As fogueiras do jantar queimavam em fogo baixo e imaginei um cachorro latindo em algum lugar entre as cabanas, embora eu me lembre agora que o cheiro de cachorro estava por toda parte. Pode ter sido o cheiro que me fez pensar ter ouvido o barulho.

Assim que passei pelo portão aberto as pedras das ruínas da Forja do Ferreiro Garn chamaram a minha atenção. No centro delas, onde o musgo crescia com um verde mais brilhante, havia uma feia mancha numa área chamuscada. Era como se uma vasilha de cozinhar gigantesca, muito quente, tivesse sido colocada ali, por homens suados que a soltaram com alívio e bolhas nas mãos.

Não ouvi nenhum som vindo dos cercados das feras, no acampamento inteiro, para abafar o som dos meus passos hesitantes, os quais, embora leves, eram ensurdecedores entre as cabanas abertas. No meio da via central encontrei um par de chifres de cor ocre na poeira que seguia a trilha de fios partidos. Não ousei pegá-los do chão. Pasmado, olhei para eles por um momento e depois segui andando.

Uma refeição deixada pela metade. Moedores de milho, os novos e os gastos, empilhados contra uma parede. As moscas pretas em um lombo de cordeiro, com o seu murmúrio vil tão alto quanto o dos homens. A cortina aberta de um quartinho usado há pouco tempo, um punhado de folhas secas intactas ao lado do buraco fumegante. Grandes penachos de fumaça saídos dos restos de fogueiras abandonadas ondulavam sobre os

caminhos por onde eu andava. Assim, todas essas coisas eram vistas apenas de relance e em seguida desapareciam, como em um sonho. O buraco no teto da cabana de Jemmer Pickey, que ele havia jurado consertar desde o inverno passado. O chapéu de um velho boiando em uma poça. As pedras das mulheres lavadeiras, ainda cobertas por roupas secas há muito tempo. Aqui, uma pegada solitária. Ali, uma poça de enjôo.

Do lado de fora da nossa cabana, o meu menino esqueceu de guardar um jogo com o qual estava brincando recentemente. Estavam lá os bonecos de homens que eu havia esculpido para eles em pequenas pedras. Ele os arrumou como se estivessem caçando, espalhados na passagem da porta e reunidos em volta de algum animal montado com gravetos. Achei que talvez fosse um lobo. Ao passar por essa pequena matança abandonada, decidi que ele deveria levar uma bronca, ainda que não muito severa, por ter deixado toda essa bagunça espalhada no caminho.

Estava escuro dentro da cabana. Minha filhinha estava sentada num canto na escuridão. Falei com ela, alguma coisa que agora não consigo lembrar e, ao me aproximar, vi que era apenas uma pilha de peles de animais. Por um momento, naquela escuridão, pareciam ter a forma dela, ali sentada com os braços ao redor dos joelhos e a cabeça inclinada para trás, como ela ficava às vezes. Apenas peles. A cabana estava vazia. Por um momento tudo o que fiz foi ficar ali parado na penumbra. Silêncio. Nada aconteceu. Saí novamente, com cuidado para não pisar nos bonequinhos abandonados do meu filho, para que ele não os encontrasse desarrumados quando voltasse.

A oeste, do outro lado da aldeia silenciosa, o sol se afundava em uma nuvem púrpura. Juntei as mãos ao redor da boca e gritei alô. Ouvi o eco na parede curva do

cercado de feras vazio e em seguida, depois de algum tempo, gritei de novo. As cabanas adormecidas não responderam. Seu silêncio parecia desconfortável, como se soubessem de alguma notícia terrível que não podiam compartilhar comigo. Gritei mais uma vez, enquanto a escuridão ia tomando conta de tudo.

Depois de algum tempo, me sentei no meio das pedras em forma de homem dispostas em círculo diante da nossa porta. Peguei uma delas e fiquei olhando. Do tamanho do meu polegar, ela era maior no alto em baixo, estreita no meio para sugerir um pescoço. Eu tinha arranhado a superfície para formar algo que lembrasse um rosto na bola menor e superior. Tive a intenção de fazê-lo sorrindo, mas, inclinando-o na direção da luz do poente, pude ver que não tinha sido caprichoso com meu cinzel, de modo que ele parecia estar eternamente gritando, com muita urgência, algo que jamais será ouvido.

Quando toquei a pedra imaginei que ela ainda estava quente com o calor da mão do meu filho e a levei até o nariz para sentir o cheiro dele. Perdi o juízo naquele instante. Pus a pedra na minha boca e comecei a chorar.

Desço o rio agora, com as pernas de garça, cauteloso, para a correnteza não me empurrar muito rápido para a frente. Por cima do azedume da lã de carneiro na minha língua, é como se eu ainda sentisse o gosto da pedra. Eu me apresso, para poder estar ao lado da minha nova mulher e dos filhos antes de ficar totalmente dominado pelas lembranças.

Fiquei ali sentado, no meio da roda de seixos arrumada pelo meu filho, aquela noite toda. De vez em quando eu chorava e gemia. Ou então cantava um pedaço da música do menino viajante. Quando amanheceu, me

levantei e dei outra volta pela aldeia vazia. Todas as fogueiras tinham virado poeira cinza e fria, e durante algum tempo fiz um jogo triste na minha cabeça, imaginava que todos estavam apenas dormindo, prestes a levantar, se espreguiçar e andar reclamando, brincando, saindo para o dia que nascia. Mas ninguém apareceu.

Passei novamente pelos portões e em seguida dei algumas voltas do lado de fora do acampamento. Não havia nenhuma pegada ali, nem ervas pisadas como se uma tribo de muitas famílias tivesse fugido correndo colina abaixo, ou como se muitos inimigos tivessem subido por ali. Com a exceção do tufo com a cicatriz de cinzas na Forja do Ferreiro Garn, uma queimadura da largura da metade de um homem, não havia nenhum sinal de incêndio, tampouco havia qualquer sinal de lobos ou, além do vômito na rua, de uma peste repentina.

Desci cambaleando até o pé da colina, circulei toda a sua base e depois dei alguns passos para trás. Voltei para o silêncio da cabana da minha família e entrei engatinhando para sentar-me. Vi, com uma raiva crescente, que minha mulher tinha deixado suas roupas largadas e jogadas pelo chão, um hábito de preguiçosa, motivo de eu reclamar com ela muitas vezes. Falando baixinho contra seus costumes indolentes, me arrastei e, de joelhos, recolhi os trapos espalhados pelo chão.

Suas calças tinham o seu cheiro. Eu as levei até os lábios e as beijei. Afundei o rosto nelas onde estavam gastas, rançosas e agradáveis. Minha vontade ficou dura sob o meu calção, então eu a puxei para fora e depois esfreguei a mão nela com excitação, para frente e para trás. O leite espirrou por entre os meus dedos e caiu em gotas sobre um tapete de capim feito por nossa filha. Logo que o espasmo passou, eu comecei a chorar

novamente, meu sêmen ficou frio e grosso na palma da minha mão.

Depois das lágrimas, veio um pavor enorme e repentino. Não consegui mais respirar. Saí correndo da cabana. Saí correndo da aldeia e desci a colina, com a minha vontade mole balançando enquanto eu corria, escorregava e tropeçava. Quando cheguei ao pé da colina não ousei olhar para trás, porque havia algo terrível naqueles telhados mudos e agrupados, na sua silhueta inerte contra o céu. Continuei correndo pelos campos, soluçando e arfando, com uma névoa rasteira de dentes-de-leão soltando sementes aos meus pés. Não parei até chegar ao povoado à margem do rio, um pouco depois do meio-dia.

Eu me dirigi a eles com excessiva esperança, perguntando-lhes se muitas pessoas tinham passado por ali recentemente. Se tinha havido alguma catástrofe terrível ou um augúrio nas estrelas. Eles ficaram olhando assustados e chamaram as crianças e entraram. Pretendiam ficar dentro das cabanas até que eu fosse embora. Gritei diante das portas fechadas, dizendo a eles que as pessoas do acampamento da colina tinham todas desaparecido. Se eles entenderam o que eu disse, não acreditaram. Como eu não sossegava, um homem grande com lábio leporino me segurou pelo braço e me arrastou para os arredores, onde me atirou na terra e disse que eu deveria ir embora e não voltar mais. Suas palavras ríspidas formavam manchas na fenda do céu da boca.

Eu não tinha para onde ir, a não ser para as Inundações.

Ocupei o meu lugar ao lado do rio assim que escureceu. Meu esconderijo ainda estava intacto no lugar onde eu o havia deixado, com a capa de juncos enrolada dentro dele. Entrei me arrastando de bruços e puxei o meu disfarce de pássaro para me cobrir. Ali

dormi durante a noite e todo o dia seguinte, feito um morto na sepultura grávida, inchada, que era meu esconderijo. E não houve nenhuma outra ocasião em que tivesse ficado tão sozinho.

Vivo aqui, nas Inundações, desde então. Encontrei outra família, outra Salka. Não estou mais sozinho, e também não estou mais enlouquecido de espanto e desgosto.

Eu os avisto agora, diante de mim, descansando na ribanceira perto da curva do rio. Aumento o ritmo da caminhada para estar logo ao lado deles, andando a passos largos pelos redemoinhos, descendo os degraus rasos em cascatas onde os musgos escorregadios balançam como bandeiras na correnteza. Já não tiro as pernas-de-pau há muitas luas, há feridas nas minhas pernas enrugadas pela água.

Salka levanta a cabeça para olhar quando me aproximo, alertada pelo som dos passos na água. Logo, os pequenos também olham enquanto corro na direção deles, vacilante, inseguro e ávido pelo seu conforto, agora mais caindo para a frente do que correndo. Ergo os braços como se pudesse transpor a distância que ainda existe entre nós com um grande abraço. As penas de junco pendem soltas, com dobras balançando por baixo tal como grandes asas verdes. Eu grito para eles através da flauta encurvada do meu bico. Digo que os amo. Digo que nunca irei embora.

Minha voz é esganiçada e horripilante. Eu os assusto. Juntos, em meio a um vigoroso bater de asas, eles sobem aos céus e, num momento, somem da visão.

A CABEÇA DE DIOCLECIANO



290 d.C.

Meus dentes doem.

Daqui onde estou, além dos limites da aldeia, há apenas a noite. O bocejo surdo de novembro sopra sobre a terra fria e enrugada. Uma sombra que engole tudo, de modo que não sei dizer onde a escuridão termina e eu começo. A dor cortante como zinco na minha gengiva é tudo o que tenho para me dizer onde estou, e eu quase

sinto prazer nela, aqui nos campos negros onde o vento úmido corta o meu rosto.

Estou olhando por tanto tempo para este vazio que meus olhos lacrimejam, incapazes de distinguir o céu da paisagem, o que está perto do que está longe. Pior ainda, esta é a segunda noite em que sujeito meus pulmões queixosos a esta provação, a esta vigília no frio miserável antes do inverno. Tudo isso em consideração a uma fábula cretina do povo local, a fantasia de um filho de fazendeiro, com olhos tão próximos que parecia nascido do cruzamento de porco com gente.

Ainda assim, apesar de tudo isso, respondeu quando falei com ele. Não fingiu não compreender minha língua, nem simplesmente cuspiu e virou as costas como fizeram outros aldeões. Porém, falou só de mistérios antigos, relatos fantásticos sobre espíritos perambulantes: em uma colina, não muito longe daqui, depois dos campos de cremação, fica o local de um antigo acampamento, com gramas e ervas daninhas que cresceram por centenas de anos sobre as suas valas e rampas. Um povoado, segundo ele. Um grande número de pessoas que numa noite, de acordo com a lenda, foram devoradas por cães gigantes, sem deixar um fio de cabelo ou uma gota de sangue como sinal de que um dia existiram ali. Como costuma acontecer com essas histórias, o lugar tem sido desde então evitado, afligido pela má reputação. Os fantasmas ficaram, naturalmente. Em certas noites, os olhos flamejantes de cães monstruosos ainda podem ser vistos no alto da colina. O fogo de seu olhar terrível é forte o suficiente para iluminar o céu. Estou esperando por eles, mas não vejo nada.

Na aldeia atrás de mim, vozes distantes, brigando primeiro e depois rindo. Xingamentos infames e indiferentes. O grito abominável de suas mulheres, grosseiro, insinuante. Será que sou eu? Aqui parado, nas

trevas imensas e ameaçadoras, simplesmente porque os idiotas da aldeia vêem luzes no topo de uma colina? Será que sou eu a fonte de todo esse desprezo e essas ofensas ruidosas? Meus dentes estão gritando. Não demora muito. Mais um momento e eu desisto da noite. Sigo para a taverna. Na cama, meus sonhos ruins, importunados pelos piolhos.

Agora que a escuridão roubou a minha orientação e o meu caminho de volta, o clarão repentino de uma nuvem iluminada por baixo parece mais próximo do que deveria, diante do meu rosto, em vez de estar muito acima dos campos. Suas sombras desviam e estremecem, como se fossem saltar na minha direção. Eu recuo, amedrontado, e quase caio antes que meus olhos cansados vejam a dimensão da coisa.

Luzes. Lá no alto, depois dos campos de cremação, onde os mortos são reduzidos a brasas e cinzas. Luzes no alto da colina, que não são lançadas por cães, a menos que eles andem sobre duas pernas.

Eu os encontrei.

Não, não. É melhor não pensar nessas coisas, porque o destino não é provocado: deve haver outras razões, coisas banais que explicarão muito bem esses olhares ameaçadores. Amanhã, à luz do dia, posso subir até lá e ver o que está acontecendo. Ora, aqui estou, praticamente encomendando as cruzes antes de ter um único caco de evidência nas mãos. Posso imaginar Quintus Claudius em Londinium, seu gabinete na tesouraria, como ele estalaria a língua em sinal de desaprovação.

– Primeiro os testes – ele diria –, as balanças e as cotículas de jaspe. Caso se façam necessárias mais provas, utilize a fornalha e a pá incandescente. Depois, e somente depois, anuncie o culpado e traga os pregos.

Acima dos túmulos as luzes cinzas se movimentam e se retorcem. Eu finalmente mudo a direção e começo a

difícil caminhada, tropeçando aqui e ali na terra enrugada. Volto para o povoado na escuridão longa e ininterrupta, passando por becos inclinados de madeira com janelas minúsculas e tortas me olhando de soslaio.

Faz algumas semanas que estou aqui, a taverna não fica mais mergulhada em silêncio hostil quando entro. Em geral eles me ignoram enquanto sigo meu caminho sobre o chão coberto de palha, passando entre poças de vômito e casais copulando, indo em direção à escadaria. Ao menos esta noite eles têm uma diversão melhor, estão em plena celebração da noite do gamo.

O noivo, um jovem de cerca de 13 anos, sobe pelas vigas do salão, bêbado, para ficar de pé sobre um banquinho que se inclina e balança, incitado por seus amigos e tios. Por toda parte do salão inferior da taverna, criaturas de cabeça de cobre urram e batem palmas juntas, num uníssono espantoso, um ritmo que acelera enquanto o jovem vacila sobre o banco e sorri, embriagado, para a platéia abaixo dele.

Agora eles atiram uma corda sobre uma das vigas pretas e pegajosas, com um laço na ponta. Uma curiosidade terrível toma conta de mim e, na parte mais baixa da escada que leva ao meu quarto, eu paro e me viro para olhar. Com o rosto rosado e brilhante de suor, zombando e falando de forma confusa e explosiva, eles colocam o laço da corda no pescoço do noivo, ainda com aquele sorriso tolo no rosto. Um dos brutos, uma criatura grande e gorda, com a cabeça raspada a não ser por um topete, aperta algo que não consigo ver na mão do rapaz e depois vira para a platéia, com a barriga tatuada cintilando enquanto ele silencia as palmas com uma seqüência de grosserias quase ininteligíveis. Ele arrota e recebe ondas de gargalhadas. Na mão do noivo, posso ver agora, está uma pequena faca de bronze. Com a outra mão ele acena alegremente para uma menina morena à frente da multidão insistente, pouco

consciente de onde ele está, como um olhar de quem está fora da realidade.

O homem gordo dá um chute no banquinho.

A corda se estica de modo abrupto com o peso que fica pendurado chutando o ar. As palmas começam novamente, o seu ritmo crescente encobre os estalos mais lentos da viga sobrecarregada. Como é possível que eu seja testemunha de tais coisas? O rapaz se contorcendo entre o chão e o teto não sorri mais, e seus olhos incham de forma assustadora. As pernas magras, rodando, tentam encontrar o ar. Da multidão, como se partisse de um homem só, tem inicio uma espécie de grunhido, como o de um animal no cio.

A natureza do jogo fica clara para mim quando o jovem que está sendo estrangulado lembra que tem uma faca na mão. Erguendo o braço acima da cabeça, com o rosto escurecido tomado por uma concentração horrenda, ele começa a serrar a corda desesperadamente. Comprimida em seu punho trêmulo, a lâmina curta afunda para frente e para trás. Esses movimentos imitam de forma grotesca os movimentos do prazer solitário. Como se estivesse respondendo aos movimentos violentos e familiares da mão, ainda que remoto, um volume se ergue e estica a calça do rapaz. A menina morena aponta para isso e ri. Ao ouvir partes de comentários espalhados em meio à gritaria, entendo que se o jovem sobreviver a este jogo a menina morena será dele. Uma última prostituta antes de seu casamento.

O rapaz rodopia e se move em vaivém, raspando o gume da faca para frente e para trás na corda, com o rosto roxo, soltando um ruído horrível e sufocado. Caso Roma venha a cair, tudo ficará desse jeito. O mundo inteiro.

Incapaz de agüentar mais, eu me viro e subo as escadas cambaleando, o piso desgastado no centro e os

degraus corroídos pelos vermes, empoeirados e verdes pela ação do tempo.

Seguro, dentro do meu quarto sob os beirais pendentes, a porta fechada. Por baixo dela vem o baque surdo do corpo caindo no chão, seguido de aplausos. Assim, mesmo sem querer, sinto-me aliviado. Arrisco o palpite de que a sua traquéia está esmagada e ferida, e ele será levado para casa sem condições de exigir o prêmio oferecido pela sua provação. Sem dúvida, os mesmos amigos que o encorajaram a subir no banquinho cuidarão para que todos os favores feitos anteriormente não sejam esquecidos.

No canto, roupas de cama cinzas e manchadas. Aranhas mórbidas enroladas sobre si mesmas, translúcidas, penduradas em caibros de véus coloridos pela poeira feitos por elas próprias. A menina que usou este quarto antes de mim se mudou para um aposento no andar de baixo, nos fundos, quando cheguei, mas todos os dias encontro um pouco dela: um pente de madrepérola lascado, restos de roupas que estão virando trapos, contas azuis em um fio de arame enferrujado. Às vezes sinto o cheiro de sua alma sobre os cobertores e as tábuas.

Quando vim para Londinium, há seis meses, eu a achei curvada e esquálida, exalando humores vis, a pestilência entre os cais e os quintais estreitos, urina empoçada amarelando o lugar onde ficam as pedras das ruas. Seus habitantes, pescadores trinovantes desajeitados, ou comerciantes cantiacis astuciosos, tinham uma mentalidade tacanha e ao mesmo tempo agradável, apesar de seu jeito emburrado. Eles permaneciam junto aos de sua raça e não faziam muito alvoroço. Porém, recém-chegado, achei que a cidade era Hades, e eles, os seus demônios e quimeras. Integrante de uma equipe de investigadores do tesouro, enviados de Roma a pedido de Quintus Claudius, passei semanas

ali com os meus colegas bebendo vinho avinagrado, aguardando a designação de nossas tarefas e reclamando diante de cada inconveniência que surgia, de cada nova indignação.

Coloco o polegar e o dedo indicador dentro da boca e verifico os meus dentes delicadamente para ver quantos deles estão soltos na gengiva azulada e encolhida. Temo que todos eles estejam nessa condição, e gostaria de estar em Londinium novamente, pois ela seria agora um paraíso aos meus olhos.

Enviado para estas terras intermediárias, ouvindo, há dois meses, relatos de mentiras, eu era uma criança sem nada para me preparar para este lugar, esses coritanis, cambaleando bêbados durante vidas curtas e malditas que eles desprezam, por sua violência impensada e implacável, por suas cicatrizes coloridas, as linhas onduladas de tinta que cortam sua testa e suas costas, tão terríveis e estranhos quanto cães pintados. Quando cheguei aqui, eu ainda tinha uma sensibilidade tão delicada que era capaz de empalidecer ao ouvir algum trecho violento de uma peça teatral contada em verso, e agora eu os vejo enforcar os jovens por esporte e nem sequer paro para pensar nisso.

Acendo o lampião e sento sobre as roupas de cama amarrotadas para tirar as minhas botas militares. No andar de baixo, uma mulher começa a sibilar e bufar, tão ritmada quanto a bomba de uma banheira, indicando, portanto, que alguém recebeu o prêmio do garoto enforcado. As mulheres aqui me deixam transtornado. Elas são tão grandes e sujas, cheiram tão mal, e no entanto não passo uma hora sem pensar nelas. Os pêlos vermelhos debaixo dos braços, molhados pelo suor, enrolados na forma de pequenas foices, os quadris de vaca leiteira balançando por baixo das saias enrugadas. Já faz um ano que não tenho uma mulher, desde a filha mais velha do tintureiro, lá em Roma. Quanto tempo vai

demorar para eu pegar uma prostituta? Expressão apática no rosto branco, peitos sardentos. Nem devo pensar nisso.

Nu no quarto frio de novembro, visto a túnica de dormir que retirei, dobrada, da minha bolsa militar, e que tem o timbre-padrão pintado nela. São poucos os timbres do Império que podem ser vistos por aqui. Há algumas casas de campo espalhadas, nas quais os generais reformados lutam para manter suas amantes. Não muito longe, ao norte deste povoado, um homem chamado Marcus Julius, um veterano da campanha do imperador Aurelianus, ainda mantém uma fazenda modesta. Disseram-me para visitá-lo, caso estivesse passando por perto. Foi uma experiência torturante. Ao descobrir que eu não sentia saudades de Roma, ele pareceu apenas ser capaz de fazer uma única pergunta: “Bem, como estão se saindo os Azuis?” Eu disse a ele que não me interessava muito por corridas de carruagem. Depois disso sua disposição para comigo esfriou, e eu não demorei muito para ir embora.

Imagino que tenha sido ele quem deixou se espalhar o nome depreciativo pelo qual sou conhecido entre a gente da aldeia. Assim, eles não me chamam de Caius Sextus, zombam de mim chamando-me de “Romilius” : “Olá, Pequeno Romano! Você gostaria de possuir esta mulher que está nos meus braços? Trarei um banquinho para que você possa beijá-la acima da cintura!” Todos eles me odeiam, todas as mulheres, todos os homens, embora, para ser justo, não seja sem motivo. Eles sabem por que estou aqui, conhecem a punição para a mentira. Como poderiam ser amigos daquele que veio para cuidar da sua crucificação?

Eu me cubro com os lençóis, do jeito que eles estão. No andar de baixo, a mulher ladra a palavra que significa “coito” na língua deste povo, repetidas vezes. Caso Roma venha a cair...

Deixo isso de lado. Jamais perderemos força enquanto continuarmos a produzir imperadores com a índole de Diocleciano, homens de vulto que dominam sozinhos seus tempos. As audaciosas reformas para deter conspirações e contendas assassinas que ameaçam a nossa estabilidade, dividindo o seu império para que Maximiano se torne um augusto no Ocidente com Diocleciano sendo o augusto do Oriente. Os tecelões e os cervejeiros criticam, reclamam por ele ter fixado o preço dos tapetes e da cerveja, porém a inflação foi contida. Nossa moeda é forte. Sem esta força estaríamos à mercê das regiões incultas.

Meus dentes doem. Os meus e os dos meus colegas também. Ora, no barco em que chegamos até aqui éramos dez, todos investigadores do imperador, todos com a mesma gengiva azulada e encolhida, dores de cabeça, letargias, falhas de concentração e de memória. Um dos mais jovens disse que se sentia como se já estivesse morto e se desintegrando, estúpido devido ás larvas, embora eu não ache tão ruim assim. São apenas os dentes. Ninguém consegue arranjar um nome para esta enfermidade, nem determinar qualquer causa ainda. Nós nos referimos a ela como “a doença”, se é que falamos dela.

Talvez façamos parte de Roma de tal maneira que adoecemos quando ela adoece. Alguma ligação peculiar, uma afinidade entre a carne e a terra. Os reis com seus trapos e braceletes estão nos nossos portões e nós fizemos suas vontades, concedendo-lhes povoados e territórios nas terras que cercam Roma. Assim, é como se as tribos nômades se reunissem tranqüilas ao redor de uma mesa suntuosa no banquete de mendigos, e Roma fosse o arranjo central. Por enquanto eles se sentam com modos educados, mas seu estômago está roncando. Se eles começassem a comer, o mundo todo desapareceria. As trevas que encobrem os campos

gelados às margens da aldeia nos devorariam por completo. As cidades iluminadas rachariam ao meio, aniquiladas ao redor do globo.

Esparramado sob as cobertas, noto que a qualidade da luz do lampião no meu quarto está diferente. Ao olhar para cima, percebo com uma incerteza entorpecida que, o tempo todo, a menina que usava este quarto antes de mim está sentada perto da parede mais distante, de pernas cruzadas, observando o silêncio. Ela se levanta e anda, sem fazer barulho, sobre as tábuas rachadas e desniveladas em direção a uma passagem atrás da minha cama. Levanto-me para seguí-la e noto, enquanto ela vai saindo, que toda a armação da porta é incrustada com moedas escuras e opacas. Fico admirado por nunca ter notado isso antes.

Ao passar pela porta, a sigo sob a luz de sebo por passagens sinuosas entre grandes pilhas de coisas esquisitas e inomináveis. Ela faz uma curva adiante e, quando a luz tênue ilumina suas feições, começo a me sentir confuso. Elas são menores e mais espremidas do que eu me lembrava, de tal modo que parece ser uma outra menina. Não a reconheceria senão pelo fato de estar usando o colar de contas azuis no fio polido com um brilho de bronze.

Agora chegamos ao centro do labirinto, onde estão penduradas peles pintadas. Ao redor de um pequeno fogo vermelho figuras singulares estão reunidas num círculo, esperando, e não falam nada. Há um menino que, a princípio, penso ser o rapaz que vi sendo enforcado, mas este é mais jovem, ainda uma criança, e no seu pescoço a ferida não é a marca de uma corda, mas um corte feio. Ao lado dele está um mendigo, meio inconsciente, com vômito emaranhado na barba, murmurando consigo mesmo. Uma velha sem um pé. Um homem de rosto preto com ramos presos no cabelo. Uma criatura horrível com membros de cegonha, com a

metade da altura de um homem, se levanta, agitada, mudando de um pé para o outro, os ombros curvados sob o teto, tossindo de vez em quando. A menina e eu nos aproximamos e entramos no círculo. Ficamos olhando para as brasas agonizantes como fazem os outros. Do lado de fora, ouço um latido medonho, que parece mais próximo por um momento. Sinto um vazio enorme, uma tristeza esmagadora, diferente de qualquer uma que eu tenha sentido na vida. Começo a chorar. Ao meu lado, o menino com a garganta cortada chega mais perto e segura a minha mão. Ele faz um grande barulho para me dar uma pedra esculpida na forma de um homenzinho. Eu a coloco na boca. O som dos cães é ensurdecedor.

Acordo com o lusco-fusco no meu quarto.

Tem alguma coisa chacoalhando dentro da minha boca.

Um pavor súbito toma conta de mim e eu cuspo, temendo que seja a figura de pedra do meu sonho, com seus olhos rabiscados e sua boca aberta. Mas, não. É um dente. Examino com a ponta da língua a cavidade ensangüentada que ficou para trás, com uma satisfação infantil. Rodo o caco de marfim na palma da mão, deixando a pálida luz do dia enxaguar o gosto que ficou do meu sonho. Penso sobre a noite anterior, os fogos dançando no alto da colina, o que me faz lembrar da minha decisão de cavalgar até lá e fazer a inspeção pela manhã. Assim, visto-me e desço.

Meu desjejum é composto de queijo, frutas e pão, a única comida oferecida que se pode comer com segurança. Desço até os estábulos, onde escolho meu cavalo, uma criatura de pêlo castanho, exalando vapor pelo focinho, com um olhar mais civilizado que qualquer outro que eu tenha visto neste lugar. Ao levá-lo para fora entre os cochos com água, noto a presença de alguns homens que estão parados perto da entrada do estábulo,

vigiando-me. Um deles é o homem gordo de topete que pôs a faca na mão do garoto enforcado. Não reconheço o outro homem, mas eles não tiram os olhos de mim, enquanto monto e sigo trotando na direção dos portões, sem olhar para os lados, tentando transmitir mais despreocupação do que eu consigo reunir no meu coração. Eles me vêem ir embora. Alguma mudança no meu comportamento os alertou. Eles sabem que estou perto de alguma descoberta.

Cavalgo perto da beira do rio na maior parte do caminho. Depois, sigo na direção da colina que aumenta. Vou pelo caminho trilhado que dá voltas pelos campos de cremação. Na metade do caminho até o cume, olho para trás, e o campo é um cobertor de mendigo feito de retalhos, desenrolado debaixo de mim. Mais adiante, na estrada que passa perto do pé da colina, espio os barracões baixos da colônia cristã, estabelecida sobre a protuberância de um monte, depois da extremidade mais distante da ponte. Quase senti uma pontada de afinidade pelos desventurados doidos que discutem de modo extravagante, por serem sujeitos às mesmas suspeitas e desconfianças que os aldeões sentem por mim.

Os religiosos são donos de um dos dois únicos moinhos do povoado. O outro é administrado por um bêbado com um filho vagabundo, que deixa o negócio em mau estado. Os cristãos, irritantes com suas cantorias melancólicas e seu testemunho paralisado, são, no entanto, sagazes em questões relativas ao comércio. Por encontrar sua recompensa apenas na fé, os convertidos trabalham no moinho sem pagamento, cantando juntos enquanto trabalham como escravos. Enquanto eles trabalham arduamente, o principal negócio da aldeia cai sobre eles, e assim os cofres ficam cheios. Em breve, de acordo com os rumores, eles comprarão o outro moinho. Cada vez mais dependentes desses fanáticos tagarelas, os aldeões ficam apreensivos quando seus filhos andam

por ali à toa e em seguida são vistos vestidos todos de preto e cantando ao lado da roda do moinho.

Se eu não encontrar nenhuma prova concreta que relacione um criminoso às mentiras, posso me sair pior do que se atribuísse a autoria das mentiras a esses religiosos renegados. Não há dúvida de que seria uma decisão popular entre os aldeões, absolvendo-me de culpa ou, mais alarmante ainda, de repetições do crime. Melhor ainda, porque o imperador anda, no momento, inclinado contra a seita e com um humor que receberia bem as perseguições. Ainda que uma dúzia de mentirosos crucificados pudesse me render um relatório favorável, uma conspiração cristã contra o tesouro, contra o coração de Roma, poderia me render uma promoção. Veremos.

Viro o cavalo e sigo pela trilha, chegando enfim ao cume, onde reina um silêncio e uma desolação esplêndidos. Exceto por algumas reentrâncias, não se pode ver nada que sinalize o local do acampamento fadado. Quaisquer contornos que ainda possam existir então totalmente cobertos pelas ervas daninhas que se amontoam. Aqui eu desmonto e deixo o meu corcel amarrado babando sobre a grama enquanto examino a extensão plana mais de perto.

Após um momento de inspeção o contorno arredondado do acampamento fica mais discernível, com uma parte franjada por urze branca. O regato da relva crescida, que segue por todo o perímetro, está interrompido em um ponto, talvez indicando o local onde um dia houve um portão. Vou andando até esse local e, ao chegar perto, noto um círculo menor de pedras desgastadas pelo tempo, colocadas dentro da falha. Talvez seja o resto de uma fornalha ou de alguma espécie de forno.

Exceto pelo fato de que há cinzas quentes no centro.

Embora o fogo esteja apagado, essas brasas são a sua voz: elas falam comigo. Alguém acendeu uma fogueira no topo desta montanha, e o fez por mais de uma noite, se o que me disseram é verdade. Grande demais para simplesmente assar uma ave ou aquecer as mãos, esta fogueira foi feita com um propósito, um propósito que parecia secreto. Por que escolheriam este local remoto, evitado por todos os seus parentes supersticiosos? Por que escolher a calada da noite para se ocupar com trabalhos complicados, a não ser que eles sejam secretos? Trabalhos que, caso fossem descobertos, garantiriam aos envolvidos ficar pendurados ao sol até secar.

Para propósitos de falsificação, um local silencioso e isolado, cuja posição elevada permite notar a presença de invasores a meia légua de distância. Uma colina mal-assombrada é a escolha ideal. A fogueira seria necessária para aquecer os pedaços de metal liso até deixá-los macios. Em seguida eles seriam colocados sobre uma bigorna, onde é completada a impressão da moeda. Um perfurador de forma cilíndrica é colocado sobre o disco de metal pesado e sem marcas. No perfurador há uma impressão inversa do mesmo denário de prata. Bate-se no perfurador com um martelo, e dessa forma são cunhadas as moedas saídas do forno.

Fico de joelhos e começo a vasculhar a grama molhada do sereno, seguindo um espiral ao redor dos resquícios da fogueira. Se eles estivessem fazendo as moedas à luz de lampião, às pressas, e se eu estiver com sorte...

Depois de metade de uma hora eu a encontro, caída entre uma tira de cinzas e dentes-de-leão espectrais. Eu a ergo entre o polegar e o indicador, virando-a contra a luz. A cabeça de Diocleciano observa de maneira impiedosa o lado de lá do acampamento incendiado.

Um pássaro dá um grito agudo do arbusto de urze. Eu viro a moeda e percebo, sem surpresa, uma falha no outro lado. Simplesmente, é o reverso de uma outra moeda, de um outro ano, talvez do reino de Severus. Erros de combinação como este são muito comuns, porque, embora uma bigorna com um molde complementar dure 16 mil batidas, basta apenas metade das batidas para desgastar o perfurador, tornando necessário trocá-lo por outro. Se o reverso correto não pode ser encontrado, um outro foi usado em seu lugar, na suposição de que poucas pessoas notariam.

Porém, este Pequeno Romano notou. Ele não deixa passar nada.

Com o meu troféu seguramente guardado no saco preso na cintura, monto para a desconfortável descida até a trilha do rio. Durante o trajeto minha alegria pela descoberta recente toma conta de mim, e saio galopando até chegar de volta ao povoado. O bando junto ao homem robusto de topete observa meu retorno e percebe minha agitação. As ruas estão cheias de decorações dos preparativos para algum festival estúpido. Um menino pequeno vestido de menina caminha à frente de uma procissão, com um porco na coleira, mas, na minha pressa de entrar e subir correndo, apenas registro esta visão ao chegar em meu quarto, enquanto retiro um conjunto de balanças de dentro da minha bolsa militar.

Há três experiências para prata, sendo qualquer uma delas suficiente para estabelecer fraude. A primeira emprega o uso da cotícula, uma pedra de toque de jaspe ou quartzo. Quando esfregada em prata ou ouro, pelas marcas deixadas, um especialista pode identificar a pureza do metal com alta precisão. Já vi isso ser feito, sempre por homens mais velhos, mas não tenho tanta confiança em minhas próprias habilidades.

A segunda experiência requer uma fornalha, com uma pá de ferro incandescente, na qual se coloca o metal a ser testado. Em tais aquecimentos, a prata mais pura emite um brilho branco, ao passo que um tipo inferior emite um brilho vermelho opaco, e o preto indica um metal sem valor. Este teste não é infalível. A pá pode ser molhada com urina humana e, desse modo, fornecer uma indicação diferente.

De modo geral, para moedas, a prova do peso ainda é a melhor e a mais simples. Reunindo as balanças, retiro o denário forjado da minha sacola e o coloco ao lado de uma outra moeda, recém-cunhada, que recebi na casa da moeda de Londinium, para servir de comparação.

Cada moeda genuína deve pesar um sexto de uma onça. O metal adulterado não pesaria tanto, contendo prata mais leve na mistura. Este teste é uma formalidade, no entanto é especificamente exigido por Quintus Claudius. Assim, coloco as moedas, a falsa e a verdadeira, cada qual em um prato de bronze da balança, para comparar o peso das duas. Em seguida observo.

A moeda falsa desce. A moeda verdadeira sobe.

Franzindo as sobrancelhas, retiro as duas moedas e testo a balança antes de recolocá-las, tomando um cuidado especial para ver qual moeda está em qual prato.

A moeda falsa desce. A moeda verdadeira sobe.

Como é possível? A moeda encontrada no acampamento só pode ser uma falsificação, com os seus dois lados desencontrados, e no entanto...

(Subindo as escadas da taverna até o meu quarto vem um som abafado: um dos cães que rondam a pensão. Absorvido pela atmosfera de mistério, mal o registro.)

Desarmo as balanças e monto novamente. Coloco as moedas de volta em seus pratos separados. A moeda falsa desce. A moeda verdadeira sobe. As leis da natureza estão invertidas para que tal coisa ocorra? Como pode um rouxinol pesar mais que um cavalo? Como pode uma moeda, arrancada do antro de um falsificador, pesar mais do que uma cunhada há pouco tempo na própria casa da moeda? A não ser que...

A falsificação. A não ser que a falsificação fosse mais pura, contendo um metal puríssimo, a mais pura prata, mais pura que a da casa da moeda. Mas, não, não pode ser isso. Não é possível falsificar dinheiro mais puro do que o padrão do Império, a não ser...

A não ser que a moeda falsificada não seja cunhada com metal mais puro, e sim que a moeda verdadeira esteja deficiente. Não pode ser. Eu a vi, recém-cunhada. Eu a segurei, ainda quente, na palma da minha mão. Ela é tão pura quanto qualquer outra moeda de Roma.

(Do lado de fora do meu quarto, o som de passos arrastados está mais próximo. Algo se aproxima, e ainda assim não consigo tirar os olhos dos olhos de Diocleciano, argênteos e severos.)

A não ser. A não ser que se corte as moedas.

O sangue arde, fervendo em meu rosto por eu cogitar tal blasfêmia. É grotesco e foge a toda razão supor que o Império seja capaz de tal adulteração, a ponto de, comparados os pesos, uma falsificação imprestável ter mais valor. Ora, se isso fosse verdade, se toda a riqueza de Roma fosse apenas uma capa dourada encobrindo a pobreza, a própria Roma seria uma falsificação, um simulacro, praticamente sem proteções, salvo as notas promissórias, para manter as hordas covardes à distância. É uma verdadeira monstruosidade, este pensamento. É o fim. É desolador, e sem fundamento.

E é verdade.

Ela cai sobre mim, a certeza espantosa, e me esmaga. Quero morrer, ou melhor, queria ter morrido antes que este fato desanimador e deprimente pudesse me matar, antes de eu descobrir quanto somos pobres e que tudo está em ruínas. Embora meu rosto ainda esteja fervendo, meus olhos já transbordaram, lágrimas que ardem como se fossem de vinagre. Atrás de mim a porta está se abrindo. Ouço o som de muitos pés se arrastando, sei que são os homens da aldeia, vieram para me matar, mas não consigo olhar para eles por vergonha: não quero que testemunhem meu estado, vejam Roma assim.

Por fim ergo a cabeça. Eles se avolumam em um bloco maciço diante da porta, com bordões enormes em punho, o homem sombrio à frente, com sua pança e seu topete. Eles olham para mim, rostos de pedra e sem expressão, olham para o pequeno romano, enquanto ele chora sobre as suas balanças. Se é repugnância o que eles sentem por esta cena, ela não é mais forte do que a minha própria. Eles se entreolham e o homem sombrio dá de ombros. Vão me matar agora. Ajoelhado no chão, fecho os olhos e espero o golpe. Baixa um silêncio decisivo.

Em seguida, muitos passos descendo as escadas, uma avalanche de madeira e couro. Ouço o bater de portas distantes. Abro os olhos. Os homens se foram.

Eles viram em meu rosto. Eles viram em mim um homem já morto, a quem não valia a pena assassinar. Roma morreu. Roma morreu, e para onde irei agora? Não para a casa. Meu lar é uma fachada de papel, descascando, desbotada por um sol de ouro falso, pirita barata. Não posso ir para casa, e quem, quem mais me receberia?

Fico agachado, olhando fixamente para as moedas, uma falsa, a outra mais falsa ainda, até a luz começar a enfraquecer e as duas se transformarem em borrões

pálidos na penumbra, sem necessidade de serem distinguidas. Uma sombra cai sobre o semblante nobre.

A escuridão invade o quarto. Não posso suportar estas trevas, que encobrem qualquer tentativa de definição. Levanto e cambaleio, tal como num sonho, primeiro descendo as escadas. Depois, atordoado, erro pelas ruas. As celebrações já estão começando, as ruas carregadas do fedor de uma vida brutal. Eles mijam nas entradas das casas, dão com remos nas cabeças uns dos outros, e riem, e se ajoelham no próprio vômito. Fornicam pelos muros dos becos feito prisioneiros. Peidam e gritam, são tudo que resta, tudo que existirá. Com movimentos lentos, escapo de seus empurrões obscenos. Um jarro de cerveja é colocado com força na minha mão. Com sorrisos vis, me pegam pelo braço, beijam meu rosto marcado pelas lágrimas e me atraem para que eu me junte a eles.

SANTOS DE NOVEMBRO



1064 d.C.

Com a idade, o ato de acordar se tornou uma grande confusão. Não sei mais diante de qual década desta vida meus olhos se abrirão: aleijada e queimada pelo gelo próximo ao portão da velha igreja ou aqui na minha cela do convento, o enjôo matinal diante da primeira mancha azulada na parede. O azul dos mortos.

Minha cama é dura, para que eu sinta os ossos dentro de mim, irrequietos e impacientes para sair. Não vai demorar, eles acham. Ela está velha. Não vai

demorar muito. Sob o lençol escuro e áspero, o frio causa uma pontada de dor no tutano faminto da minha perna ruim e eu sei que é novembro. Ontem à noite, na véspera de Todos os Santos, sonhei que era homem.

Cego pela chuva, ele cavalgava pela noite ameaçadora em cima de um cavalo inquieto até aqui, em Northampton, ainda que em meu sonho fosse Ham Town, não sei por quê. A chuva fina fustigava meu rosto e rajadas de vento frio batiam em minhas orelhas. Enquanto eu cavalgava parecia que todos os horrores de novembro iam cair sobre mim, mandíbulas grosseiras tentavam abocanhar as patas fumegantes do meu cavalo, chorei de medo. Quando acordei, não sabia a princípio em que ano estávamos, coloquei a mão sobre o meu sexo coberto de couro, com medo de que fosse encontrar o instrumento dele ali. *Mea culpa, mea culpa*, que a Virgem Santa me perdoe.

Com um chiado no peito, saio da cama, jogando o lençol desconfortável para o lado. Visto meu hábito de estopa num único e trêmulo movimento, pregas toscas, sombrias sob a alvorada cinzenta. Termino de me vestir à meia-luz e saio mancando pelas galerias de pedras úmidas até as matinas, onde dou graças a Deus por conseguir mancar e viver debaixo da paixão do Nosso Senhor. Dia após dia trabalho, rezo o terço e recito os nomes.

Quando lembram do meu problema nos pés, eles me dão uma tarefa para a qual não seja necessário andar muito, como quando eu cuido dos jardins aqui em Abingdon. Meus punhos de osso se esforçam entre as ervas daninhas e meus pensamentos geralmente se voltam para Ivalde, quando ele cuidava dos túmulos e dos jardins na velha igreja e eu ficava encostada no pilar do portão, pedindo esmolas. Às vezes ele conversava comigo, sua conversa idiota que não fazia nenhum sentido desde um chute que um cavalo de carroça deu

na sua cabeça, quando ele era ainda muito pequeno. Agora me lembro de seus olhos verde-claros e de seu cabelo vermelho-nórdico. Ele não tinha mais que dezesseis invernos, sem nenhuma maldade dentro de si.

– Alfgiva – ele me dizia –, um dia eu partirei e farei uma peregrinação até Roma, tudo pela honra de Drotinum. O que você acha disso?

Com a palavra Drotinum ele queria dizer São Pedro, abençoado seja seu nome. A palavra significa “Senhor”. Ele falava sem parar sobre Roma e todos os lugares aos quais iria, e eu ficava encostada no pilar do portão com suas pedras expostas cravadas nas minhas costas e, que o Senhor me perdoe, eu o odiava. Odiava pelas coisas que ele poderia ver, enquanto eu não via nada além daquele pilar de pedras cinzas, com a mesma grande roda com a árvore e o campo girando ao redor dele todos os dias. O rio lento e raso que descia a colina a partir daquela igreja, e a ponte de madeira escura que com certeza o atravessava desde que o mundo era pequeno.

Ele conheceria o cheiro de portos estrangeiros e cidades todas de ouro, eu ficaria ali, contando as imagens e os rostos, em relevo na pedra, nos beirais da igreja, e ficaria pensando, como fazia todos os dias, como seriam as imagens e os rostos do outro lado da igreja, que eu nunca tinha visto, embora estivessem tão perto. Por essas razões o odiava, que o Senhor me perdoe. No inverno eu congelava, no verão não tinha força para espantar as moscas do meu rosto ou do peito.

Ivalde jamais foi a Roma. Um humor invadiu os seus pulmões no dia em que ele e o nobre Bruning levantaram as lajes da igreja para cavar a terra embaixo delas, atacada pelas minhocas. Eu estava lá com eles. Seu peito nunca ficou bom depois daquele dia, e ele foi enterrado antes do fim do mês. Fiz meus votos logo depois disso, no ano do Nosso Senhor de 1050. Quatorze

anos se passaram desde a última vez em que vi o rosto de Ivalde ou ouvi sua conversa absurda. Que Deus tenha piedade de nossas almas, tanto da dele quanto da minha.

Eu não o odiava o tempo todo, somente quando estava amarga, o que era freqüente, mas nos dias bons eu conversava com ele, dava risadas e desejava boa sorte em suas viagens. Nunca vi Bruning rindo com ele, nem o ouvi dizer uma palavra amável para o menino, embora Bruning fosse o padre da paróquia e o responsável pelo sustento dele. Ivalde cuidava da plantação de cenoura e das sepulturas. O nobre Bruning também nunca jogou uma moeda para mim, apesar de toda a sua riqueza e apesar de me ver todos os dias, coberta de trapos, ao lado do seu portão. Porém, isto é passado, e o próprio Bruning está morto há quatro anos. Eu sou a última pessoa viva que estava lá naquela igreja e viu: Alfgiva, que permaneceu prostrada na sombra desta mesma igreja a vida inteira e depois partiu para ver a luz revelada nela surgir próximo à encruzilhada, ao lado da ponte do rio.

Novembro se demora com o seu gelo pendurado nos beirais, e eu esfrego o pavimento de lajes desgastadas até que o seu brilho molhado, lançado pelos raros raios de luz, ofusque a visão. Rezo e passo as contas do terço. No vigésimo dia deste mês é a festa do Bem-aventurado Santo Edmundo e nos são mostradas gravuras que retratam sua paixão para que possamos conhecê-lo melhor. Nós o vemos primeiro açoitado, e em seguida perfurado por setas, sua fé sempre inabalada, sem renunciar ao seu Deus. Na última figura, sua cabeça foi arrancada dos ombros e rola aos seus pés, e uma fera de quatro patas ali está para guardá-la. A madre reverenda afirma que a fera é um lobo, ainda que sua imagem pareça mais a de um cão. Ele é retratado em um tamanho monstruoso, de modo que tenho medo desta figura e penso nela mesmo quando não a estou vendo.

Nenhum de nós pode saber o que é que anda por baixo da terra.

Assim passam os dias. Uma mulher da Colina da Aldeia do Copo, que fica além do Bosque Sem Garrafa, é possuída por um espírito e vomita animais, como pequenas rãs brancas. Quem me contou foi a irmã Eadgyth, embora eu não tenha ficado junto dela tempo suficiente para saber mais. Ela sofre constipações que deixam o seu hálito terrível, assim como o seu humor, mas é uma boa cristã e trabalha muito.

Nunca andei, desde meu nascimento até os 13 anos de idade, quando morava no quintal ao lado da casa do comerciante de cal, que ficava depois da igreja. Num alpendre de lona e velhas placas pintadas, eu residia sozinha, porque o meu pai havia partido antes de eu nascer e minha mãe tinha sido consumida pela cólica antes que eu completasse 10 anos. Todas as manhãs, com o nascer do sol, saía do meu barracão arrastando-me feito um besouro, carregando o meu peso pelos cotovelos sobre as pedras da alameda até o meu lugar diante do portão. Até hoje a pele do cotovelo está morta e desgastada, sem sensibilidade, e pode ser beliscada em suas dobras cinzentas, que são como argila seca.

Nas tábuas do meu barracão havia figuras de anjos, porém com a metade por fazer, desenhados por mãos sem prática. Às vezes eu fantasiava que eles tinham sido feitos por meu pai, que tinham ficado incompletos com sua partida, mesmo vendo que eles pareciam mais as marcas deixadas pelas mãos de um estranho, alguém morto há muito tempo, ou que tivesse atravessado o rio indo de Spelhoe a Cleyley. Pedi para colocarem essas tábuas com as figuras para dentro e, deitada ao lado da minha vela à noite, imaginava o abraço desajeitado de seus braços sem mãos, omitidas por falta de habilidade para desenhar. Também me imaginava sendo abanada por essas asas inacabadas.

Agora o céu, próximo do inverno, tem uma luz prateada e brilhante, que paira sobre o convento de Abingdon, aqui nos campos longínquos a noroeste da velha igreja, onde estou há tanto tempo. Com a aproximação da festa de Santo Edmundo, meu sono fica mais inquieto, irrequieto, carregado dos mais deprimentes sonhos, nos quais cavalgo pela noite do furacão como homem com os pensamentos em uma confusão penosa e inimigos seguindo-me de muito perto, ou, pior ainda, acordo e grito de desespero pela morte do meu irmão, ainda que na verdade não tenha nenhum, nem nunca tenha sentido falta de um.

No dia da festa, acordo com a boca cheia de palavras que tiram o juízo da pobre irmã Aethelflaed, na cela ao lado da minha. Com voz de urso, resmungo algo sobre assassinato: “Na Cidade do Inferno meu irmão Edmundo foi primeiro esfolado do pescoço até as partes pudendas, e por isso chorou e se lamentou, esparramado no chão como se vestisse uma roupagem de sangue que os homens de Ingwar viraram do avesso, mostrando a harpa vermelha e fétida que estava por baixo”.

Eu consolo a Irmã Aethelflaed, acalmando-a, ainda que, na verdade, esteja mais assustada que ela. Tenho pensamentos dentro de mim que me deixam envergonhada diante de Deus. Outras vozes e outras vidas falando em mim, não apenas em sonhos, mas durante os trabalhos do dia também. Eu me sento no jardim, ao lado do poço, com a perna boa dobrada por baixo, estou ocupada com a lavagem das batas quando me pego pensando quão tolo foi meu irmão Edmundo por se apegar à sua fé durante as primeiras torturas, para depois renunciar a ela aos gritos, em sua dor mortal, implorando que o matassem.

Minhas mãos ficam paralisadas nas águas geladas do poço, os dedos ficam amortecidos e a bata que estou enxaguando se desprende deles e flutua em uma espuma

fina das folhas de novembro. Penso que, se eu fosse capturada naquele momento, louvaria a Odin, pelo seu único olho e pelo pálido bando de corvos cobrindo os seus ombros, se ele me livrasse daquela morte. Esta águia de sangue, que ela não abra as asas manchadas de sangue para desnudar meu coração...

Não sei dizer quanto tempo fico ali sentada até voltar a mim e me levantar com um grito pelos horrores que sofri enquanto estive perdida em desvaneios. Pálida e trêmula, com a minha perna ruim arrastada, inútil, atrás de mim, vou até a Madre Reverenda e conto a ela que sou atormentada por sonhos que podem ser fruto de uma possessão do demônio, e peço permissão para ser flagelada de modo a me livrar desses pensamentos doentios. Ela fica preocupada por causa da minha fraqueza e da minha idade, ordena que eu reconsidere e peça uma penitência menos dura e rigorosa. Conto a ela minhas maldições, sozinha em minha cela, todos os rosários recitados sem resultado. Imploro que ela me deixe ser flagelada, alegando que os golpes afastam o que as orações não conseguem conter, para que a minha alma imortal não seja colocada em risco. Por fim ela consente, com a condição de a penitência ser aplicada no dia seguinte, para que eu ainda tenha tempo de considerar mais uma vez o rigoroso caminho que, com todo coração, decidi trilhar. Não devo recuar diante disso, porque temo por minha fé diante dessas visões pagãs e acometimentos noturnos. Virgem Sagrada, perdoe-me, salve-me.

Mais tarde, sozinha em minha cela, com os demônios de sombras delineados pelas velas, que saltam e giram nas paredes quando me movimento, penso em Ivalde, morto há tantos anos. Ele se aproximou e sentou ao meu lado lá no portão, onde eu estava, numa manhã fria, antes da primavera. Com sua voz lenta e tola, ele me contou que havia iniciado sua peregrinação naquele

mesmo dia. Estava indo, disse, para Roma, embora Bruning tivesse brigado e ralhado com ele, dizendo que Deus e São Pedro tinham mais o que fazer, não iam dar atenção a um menino jardineiro imbecil.

Embora eu não gostasse de Bruning, só naquele dia achei conveniente concordar com ele e dar vazão ao meu rancor, também porque eu não tinha dormido bem e estava cansada de Ivalde e toda a sua conversa incessante sobre Roma. “Você deveria ouvir Bruning”, eu disse a ele. “Apenas os ricos e respeitáveis, como ele, deveriam se considerar dignos de uma viagem a Roma! Ora, você não passa de um simplório. Pode ter certeza de que São Pedro não se importaria nem um pouco com você ou com uma pobre aleijada como eu.” Ele ficou magoado com minhas palavras, como ficaria um bebê, e começou a gaguejar em suas tentativas de professar sua fé em Drotinum. Virei o rosto para o outro lado e não falei mais com ele até ele ir embora, com um ar pesaroso e totalmente aturdido.

Em meu coração eu tinha certeza de que essa nova conversa sobre peregrinação não daria em nada, que na manhã seguinte eu veria Ivalde abaixado, cuidando de sua plantação, com os seus sonhos vãos mais uma vez abandonados, como havia acontecido muitas vezes antes, mas não foi assim. Ele desapareceu, disse Bruning, durante a noite, em uma carruagem que ia para a costa, com a esperança de encontrar um navio no qual ele poderia seguir até a Normandia e dali para Roma.

A partida de Ivalde deixou o bom Bruning bastante enfurecido por alguns dias. Pareceu-me que o padre tinha grande desprezo pelas ambições do pobre Ivalde. Sem dúvida Bruning sentia que, se alguém pudesse rogar a São Pedro, ele, Bruning, deveria ser, por direito e pela hierarquia, o primeiro da fila. Eu via o padre corpulento com o rosto vermelho, xingando em voz baixa

enquanto se curvava para arrancar as ervas daninhas entre as fileiras de nabos do jardim abandonado. Era Ivalde quem ele xingava, eu sabia. Assim, os dias viraram semanas e, somente na festa da Paixão, Ivalde nos foi entregue de volta.

Naquela tarde eu estava sentada ao lado do portão, com uma grande nuvem cinza pairando pesada e baixa, pronta para se rasgar na torre baixa da igreja, um calor triste e deprimente no ar. Minhas roupas estavam todas úmidas nesse calor miserável, e eu ficava o tempo todo puxando a saia que grudava nas minhas pernas. De onde eu estava, maltrapilha e largada ao lado do portão, não notei a presença de Ivalde até ele subir o arco da ponte do rio, descendo a colina acima da encruzilhada. Mesmo quando percebi a estranha figura desajeitada se aproximando, a princípio não reconheci Ivalde, tão diferente o rapaz estava após as suas viagens. Apenas quando ele chegou à encruzilhada e eu vi seu cabelo vermelho, soube quem era, e confesso que senti uma alegria vil ao ver que ele não poderia ter chegado em Roma.

Enquanto subia a colina com aquele andar pesado que antes não tinha, havia algo nele que eu não consigo colocar em palavras, como se fosse uma imagem muito minha conhecida, vista muitas vezes no passado, embora não saiba dizer onde: este idiota abatido com os fiapos de grama amarelados presos no cabelo, cambaleando sobre a ponte na direção da encruzilhada, feito alguém que acabou de retornar de uma batalha. Havia uma expressão em seus olhos, como se ele não soubesse onde deveria estar, apenas que deveria estar ali. Ele subiu a alameda com o céu ofuscante em suas costas, e eu pensei: “Isso já aconteceu antes”, e o vi se aproximar, com um aspecto ao mesmo tempo estranho e familiar, tal como uma esquisita figura pintada enfeitando o baralho de uma cartomante.

– Voltei, Alfgiva – ele disse, quando chegou perto de mim. Sua voz soava abafada, sem a vida que teve um dia. Toda sua tolice não estava mais ali, embora não me agradasse nem um pouco a distante esquisitice que havia ficado em seu lugar. Ficou parado, mas não se deu o trabalho de ajoelhar-se ao meu lado para falar, nem olhou para mim, permanecendo o tempo todo com o olhar fixo voltado para a igreja. Sua expressão não denotava nenhum sentimento, nem sequer um piscar de olhos.

Com o pescoço esticado para trás, feito um pássaro, falei com ele enquanto ele continuava ali, parado e sombrio, sob o céu prateado e brilhante.

– Ivalde, por onde você andou? Não foi para Roma?

Ele então olhou para mim, seus olhos ficaram nebulosos, como se ele não me conhecesse. Os passarinhos ficaram em silêncio nos galhos e as sombras da tarde pareciam ter parado de se arrastar para o leste. Por fim, Ivalde falou, com a voz fraca e incerta, quase como se contasse a história de um outro rapaz, alguém que tivesse conhecido há muito tempo e de quem se lembrasse apenas vagamente.

– Para Roma, não. Eu não fui a Roma. Embarquei três vezes, mas ele apareceu para mim e eu quase tive um ataque. Ele me disse que eu tinha que voltar. – Seu olhar se afastou de mim, voltando-se para a igreja. Puxei a perna da sua calça enquanto falava com ele.

– Quem te mandou de volta? É de Bruning que você está falando? Ele ficou na igreja desde que você partiu. – Lentamente, e sem tirar os olhos da igreja, Ivalde balançou sua grande cabeça cor de cobre, fazendo os talos de grama se soltarem de seus cabelos. Acompanhei com os olhos a grama caindo aos seus pés, os quais só então notei, com susto, estarem ensangüentados, as botas esfarrapadas.

– Não. Não o Bruning. O Drotinum. Ele me mandou de volta. Ele ou um de seus anjos. – Ivalde olhou mais uma vez para mim e pude ver que seus olhos verdes estavam cheios de lágrimas. – Ah, Alfgiva – ele disse. – Ah, Alfgiva, o que foi que aconteceu comigo?

Enquanto seu rosto ficava rosado, depois enrugado, quando ele caiu em prantos, consegui apenas ficar olhando para ele. Totalmente incapaz de responder à sua pergunta, arrisquei perguntar algo:

– Ivalde, o que você está dizendo? O Drotinum mandou você voltar? Você não está se referindo a São Pedro?

Ele começou a confirmar com a cabeça, em seguida balançava a cabeça de forma violenta, com os olhos apertados, lacrimejando.

– Não sei. Parecia um anjo, com as asas verdes dobradas e com o dobro da altura de um homem. E disse que eu tinha que voltar. – Ao dizer isso, ele abre os olhos e me encara com um olhar feroz. – Alfgiva, ele falava por meio de uma flauta, e atravessava a parede sobre grandes pernas compridas e finas, feito um pássaro.

Ele olhou novamente para a igreja, e vi que estava tremendo.

– O recinto era pequeno demais para ele, e ainda assim ele ficava em pé com toda a sua altura. O teto se dissolveu em fumaça, de forma que eu podia olhar através dele, para Drotinum, acima de mim, com olhos cheios de preocupação.

Ele ficou em silêncio. Uma flâmula de nuvem negra se desenrolou lentamente, pairando sobre a igreja e lançando suas sombras no jardim e nas sepulturas, seus montes de grama, prenhes de esqueletos.

Este não era Ivalde, sua estupidez de sempre estava levemente afastada, notei a mudança nele. Eu me arrepiava e sabia que acreditava no que ele dizia, ainda que não me sentisse contente. Por um momento fiquei ao

seu lado, compartilhando o seu silêncio, entretanto não pude mais conter a minha dúvida e perguntei se esse anjo, esse Drotinum tinha aparecido para Ivalde mais de uma vez. Ele mostrou grande sofrimento quando confirmou com a cabeça. Eu sabia que se Ivalde alguma vez havia desejado, em sua inocência, um sinal dos céus, estava arrependido e desejava não ter mais aquelas visões.

– Da primeira vez que ele chegou perto de mim, não o vi, mas, enquanto subia a rampa do navio, senti como se algo maior que um cavalo estivesse bloqueando meu caminho. Meu rosto e meus dedos formigavam se eu ameaçasse dar um passo para frente. Com isso, fui ficando com medo e não consegui entrar no navio. Ele partiu sem mim. Eles me deixaram dizendo que eu esperasse o próximo navio para a costa da Normandia. Fiquei irritado comigo enquanto esperava, chamando a mim mesmo de covarde, e jurei que embarcaria no próximo.

Parecendo agora retomar a compostura, ele contemplou a igreja. Agachado acima da porta, esculpido em pedra, estava o símbolo da luxúria, com as pernas abertas e os lábios frios e musgosos do seu sexo escancarados, junto com seis companheiros, três para cada lado.

A expressão de Ivalde pareceu relaxar e acalmar. As neblinas distantes se ergueram outra vez em seus olhos quando ele falava.

– Quando a embarcação chegou, sua partida estava prevista para o amanhecer. Então eu disse que, até lá, ia dormir no barracão de pescador que eu tinha encontrado na beira da areia, acima do gramado. Acordei no meio da noite com os pés emaranhados nas redes de pescar escorregadias e encontrei o anjo parado acima de mim. Suas tristes penas verdes estavam encharcadas, pingando. Ainda que eu não ousasse olhar,

fui tomado por uma compreensão esquisita de que coisas menores, sem cabelo e cegas, caminhavam com dificuldade no chão perto dos tocos de suas pernas horríveis e finas. Ele tinha o olhar de um homem triste, mas falava por um bico que parecia uma flauta, e me dizia que eu tinha que voltar. Acordei com o mijo nas minhas pernas e não ousei sair da cabana no dia seguinte, até saber que meu navio tinha partido. A terceira vez, em que embarquei no navio e fui mandado de volta, foi a vez de que falei antes, quando ele atravessou a parede enquanto eu estava lá sentado e acordado, e ele me instruiu, de modo que saí correndo do navio com medo, correndo também para longe daquela cidade na costa. Corri, e quando comecei a correr não parei mais, até chegar aqui. Vim pelo cume da montanha, a oeste da cidade. Foi lá que o vi novamente, há menos tempo do que uma vela levaria para queimar até a metade.

Saindo pelas portas da igreja como se tivesse nascido da vagina fria que ficava aberta na escultura de pedra acima dele, o gordo Bruning veio andando a passos largos sobre a grama molhada, pela qual se arrastava a bainha de seus mantos escuros, de modo que ele mais parecia planar, sem os pés. Ele gritava com Ivalde, com uma fala nervosa demais para fazer qualquer sentido. No entanto, Ivalde ignorou sua aproximação e continuou falando comigo, contemplando a torre da igreja acima da cabeça de Bruning.

– Ele estava esperando quando cheguei ao topo da colina e pude ver a cidade se estender diante de mim. Ele ficou longe de mim, desta vez, sozinho em um pedaço de gramado chamuscado, do outro lado de um grande círculo no qual as árvores tinham sido derrubadas. Alto e verde, eu o confundi a princípio com uma árvore nova e em seguida fiquei imóvel feito uma pedra, congelado, com um medo terrível quando ele

acenou para mim. Ainda que estivesse longe demais para ser ouvido, não conseguia me lembrar de nenhum som que tenha sido feito, eu parecia ouvir sua voz de flauta como se ele estivesse ao lado do meu ombro. Ele disse que as relíquias de um amigo de Deus estavam escondidas debaixo da igreja, e que eu tinha que contar a Bruning. Eu me apressei. Quando olhei para trás tudo o que vi foram duas árvores novas, com os troncos juntos, parecendo duas pernas.

Bufando de modo vigoroso, Bruning estava diante de nós, intimidando Ivalde e zombando dele por sua tentativa fracassada de ir a Roma.

– Então, afinal o Senhor não achou conveniente favorecer a sua peregrinação? O que foi que eu disse! Você voltou se arrastando com a esperança, esperança vã, eu diria, de que eu possa ter ainda alguma tarefa para você. Bem...

Nesse momento, Bruning se calou, incomodado tanto pela vaga indiferença de Ivalde, quanto pelo seu silêncio. Uma expressão de incerteza obscureceu o rosto do padre, e foi como se naquele momento ele pela primeira vez se sentisse vencido. Ele pôde perceber, através de um sentimento sutil, uma diferença na postura do menino jardineiro, que Ivalde havia chegado mais perto do mundo dos espíritos do que o próprio Bruning jamais estivera.

Quando o padre já estava em silêncio e abalado, Ivalde lhe relatou a história de suas viagens, como a havia revelado para mim, chegando enfim à instrução dada pelo fantasma, cavar por baixo do chão da igreja, onde um amigo em Deus seria encontrado.

Bruning olhava estarrecido para o rapaz enquanto ele falava, porém não o interrompeu nenhuma vez com zombarias, nem comentários. Quando Ivalde terminou, o padre estava pálido e pelo jeito não ia conseguir falar durante algum tempo. Quando falou, não havia sinal de

rancor ou superioridade que pudesse ser notado em sua voz, que estava fraca e vacilante.

– Venha, Ivalde – ele sussurrou. – Encontrarei pás para nós.

Eles seguiram pelo caminho que ia até a porta da igreja, deixando-me para trás, totalmente esquecida, embora eu os chamasse. Eu os observei durante algum tempo e em seguida decidi que os seguiria, ainda que a distância fosse mais longa do que eu estava acostumada a me arrastar. Com os meus cotovelos frios encharcados pelo sereno, me arrastei pela grama com os olhos fixos na porta e na estátua acima dela, agachada e olhando de soslaio com olhos de cratera. Até hoje sinto a grama molhada resvalando na minha barriga e a dor nos braços, do modo como senti naquele momento. Essa foi a última vez que me arrastei.

A Irmã Aethelflaed está roncando na cela ao lado, e a minha vela está derretendo. Quando lembro que amanhã serei açoitada, um temor toma conta de mim e eu o reprimo rapidamente. Volto minha atenção às preces e súplicas, para que eu possa de uma vez por todas me livrar dos sonhos terríveis nas horas que precedem a primeira luz do dia. Com o lençol áspero puxado sobre as minhas costas frias, me viro de lado com a orelha rente à madeira dura da cama. Há uma mancha sob o meu rosto, onde a madeira ficou mais escura e mais macia pela ação da baba de centenas de mulheres, adormecidas...

Estou descendo uma colina em meu cavalo, na escuridão, com os gritos selvagens dos homens de Ingwar vindos do topo distante atrás de mim, longe demais para que eu possa compreender o que eles dizem. Perto da base da colina há um lodaçal traiçoeiro, no qual meu corcel perde o apoio e afunda até as ancas, revirando os olhos esbranquiçados e o tempo todo relinchando de forma medonha. Fico com medo de que

os inimigos que se aproximam de mim possam ouvi-lo. Assim, em pânico, eu o abandono e sigo na direção dos campos, com os pés pesados, gigantescos com o volume da lama. Maldições vikings pairam na noite, bruscas e animalescas, atrás de mim. Os juncos pálidos se erguem diante de mim à luz da lua, e no meio de seus vultos indistintos surge um grande monte de terra, tal como o crânio de um gigante de gelo, morto há muito tempo, caído de cabeça nas ervas daninhas do rio. Às minhas costas, mais próximos agora, homens rudes gritam uma palavra que se torna cada vez mais clara, um nome, e, com os juncos até a cintura, eu sei que esse nome é o meu. Quando suas botas pesadas de pele pisam os bambus atrás de mim, eu sei quem eu sou, e o choque desse reconhecimento me lança para fora do sono e de volta à escuridão da minha cela, com o nome do sonho ainda preso na língua.

Ragener. Ragener Bem-aventurado, irmão de Edmundo e, como ele, assassinado pelos invasores do Norte, quando se negou a honrar os deuses deles. Ragener Santificado usando, assim como Edmundo, a coroa dos mártires, sendo o dia de sua festa depois do dia da festa concedida ao seu irmão. Como poderia eu, entre todos os homens e as mulheres vivos, ter esquecido?

Fico deitada no escuro, sozinha com a batida cega de martelo do meu sangue, sentindo o jato se chocar sobre os penhascos transparentes de fria blasfêmia em meu rosto. Em nossas lições nos ensinam que os irmãos santos não se submetiam aos usurpadores vikings, nem renunciavam ao verdadeiro Deus, e por isso foram açoitados e feridos por flechas, decapitados por fim, mas com a alma intocada. Em meu sonho as coisas acontecem de modo diferente. Edmundo está morto, os pulmões quase arrancados para fora do peito, sendo suas últimas palavras uma negação de Deus, enquanto

seu irmão Ragener foge aterrorizado na noite, planejando sua conversão a Odin para escapar de todo o tormento que Edmundo sofreu. Não posso acreditar que tenham vindo de Deus esses sonhos que contrariam tanto tudo o que é ensinado por seus padres. Fico deitada em minha cela, totalmente desperta, perguntando-me qual a origem dos meus sonhos, se não Deus, até a manhã deste dia 21 de novembro, o dia do Bem-aventurado São Ragener, dia em que finalmente serei flagelada para afastar estas visões que são hoje tão abomináveis para mim.

Ao sentir a minha falta nas matinas, a Madre Reverenda vem até minha cela. Peço dispensa de todas minhas tarefas naquele dia, para me preparar melhor para a penitência que terei que suportar à noite. Mais uma vez, a Madre Reverenda expressa suas dúvidas tanto em relação à provação em si, quanto suas estimativas das minhas chances de sobreviver aos golpes, considerando minha idade avançada e minha deficiência física. Enfim, vendo minha convicção, ela concorda que eu fique em minha cela o dia inteiro, para que eu possa ficar em paz comigo mesma e com Deus.

Sento em minha cama com o joelho encostado no peito. As horas vão se arrastando através de uma névoa ainda carregada de inquietude. Quando finalmente a Irmã Eadgyth é enviada à minha cela, para que eu possa ser levada ao local da penitência, percebo que a minha perna boa ficou adormecida por ter estado imóvel durante essas horas. Assim, a Irmã Eadgyth tem que me carregar agarrada em seu braço até o local da minha punição, com a cabeça perto da minha e a respiração vindo direto no meu rosto. Incapaz de andar, apenas consigo me lembrar da última vez em que as minhas pernas falharam, quando me arrastei com os cotovelos e a barriga sobre as pedras frias do portal para dentro da nave da igreja, onde Ivalde e Bruning já estavam sem

camisa, arrancando o grande pavimento de lajes do chão com as suas pás, os lajedos planos sendo retirados com alavancas por uma das extremidades e colocados de lado, expondo dessa forma a área escura de terra que estava por baixo, entrecortada de sanguessugas.

Enquanto Eadgyth me ergue e me carrega pela extensão da galeria, sou incapaz de dizer onde estou ou em que ano estamos. Sou tão anônima quanto uma pessoa que acabou de ressuscitar. Eu me arrasto pela nave da igreja para onde estão Bruning e Ivalde, cavando e atirando montes de terra de qualquer jeito, que ficam altos e desmoronam sobre os lajedos. Arrasto o meu peso sobre a terra até a beira do buraco. Então, com o rosto na terra, eu sou Ragener, chorando e suplicando, enquanto fortes mãos vikings me agarram com força por baixo dos braços e me puxam para cima com violência. Eu cambaleio ao lado deles em direção ao morro esbranquiçado que se avoluma entre os juncos. Suas mãos se transformam nas mãos da Irmã Eadgyth, que agora me ajuda a entrar na salinha de pedra, onde o cavalo de madeira e lombo de couro foi preparado e onde a Madre Reverenda está aguardando.

A voz dela parece estar muito distante. A Irmã Eadgyth me despe até a cintura e me coloca de bruços sobre o cavalo com os mamilos apertados contra o couro frio. O frio que sinto no peito é como o que senti quando estava deitada no chão da igreja, com os dedos apertados na ponta do lajedo que marcava o limite do buraco, onde Ivalde e Bruning cavavam. Bruning estava de pé de um lado da cova, enxugando o suor do seu peito caído. Ivalde, com as costelas aparecendo dos lados, estava de pé lá dentro, coberto até a cintura, com a terra caindo de sua pá. Eu tinha acabado de arrastar o meu corpo até a beira do buraco para espiar em baixo, quando a terra do fundo desmoronou sob os pés de

Ivalde, com um bocejo largo das trevas e o ruído do solo solto caindo.

Uma chuva de terra corre do monte descoberto e cai nos juncos ao redor de sua base. Os bandidos de Ingwar me arrastam até a pedra achatada no topo do monte, riem das minhas lágrimas e das minhas tentativas patéticas de agir como se fossem amigos, enquanto arrancam as roupas do meu corpo. Quando fico despido eles riem da minha masculinidade e me atiram com a cara no chão, com um dos homens ajoelhado diante de mim e me prendendo para baixo pelos antebraços. Eu olho para ele com o sangue transbordando em meus olhos. O sangue corre do meu couro cabeludo, onde eles bateram, e, visto através dele, o rosto do homem é mais terrível do que jamais imaginei ver nesta vida, com a barba trançada tingida com listras de todas as cores e drogas enlouquecedoras em seu hálito, neste ano do Nosso Senhor de 870.

Em cima do cavalo de couro, segurando os meus pulsos, a Irmã Eadgyth exala um hálito quente e rançoso em meu rosto e o ano é 1064. Em algum lugar atrás de mim a Madre Reverenda ergue por cima dos ombros o mangal de couro cru. Por um tempo que parece não ter fim ouço o assobio das tiras de couro não curtido cortando o ar frio da sala e uma dor alucinante corre dos meus ombros e costas até tragar todo o meu ser em uma luz terrível.

No ano do Senhor de 1050 Ivalde grita para Bruning pedindo ajuda, batendo as pernas em meio à cascata de terra na tentativa de subir pelas paredes do buraco, enquanto o fundo vai desaparecendo nas trevas. O padre gordo dá um pulo para a frente para puxar o rapaz, enquanto fico deitada espiando por cima da borda do orifício, com o pavimento da laje gelando minha barriga. Vejo que a base do buraco abaixo de mim desabou sobre cavernas ou túneis que existiam ali. Por

um momento parece que avisto o monte indistinto que mais tarde se descobre estar escondido aí, contendo os ossos do mártir São Ragener, irmão de Edmundo. Com muito esforço, tentando enxergar algo na escuridão, percebo seu contorno tênue por apenas um instante até a minha atenção se voltar para uma forma maior no escuro abaixo de mim, com um som que sugere um movimento de algo enorme mudando de posição. Tenho somente um momento para me maravilhar antes de acontecer algo excepcional. O bom Bruning, quando tiver se recuperado, descreverá o que vimos como o Espírito Santo manifestado através de sua radiação espantosa, eu, porém, estou com a cabeça rente ao chão, sobre a abertura do buraco e eu *vejo*. Quando ele abre os seus olhos monstruosos eu estou olhando fixamente para eles. Uma luminosidade sufocante está por toda parte. Um pouco mais distante, no nada branco e vazio, Bruning faz sons como se fosse mulher.

Eu grito quando o primeiro homem viking enfia sua rigidez em mim, mas depois do terceiro eu apenas soluço um pouco e depois choro comigo mesmo ao pensar em minha vida e neste fim terrível. Quando o último homem tira a sua arma de dentro de mim, sou virado de costas e em seguida começo a suplicar novamente, professando minha submissão a Odin.

Ouço minha própria voz aterrorizada, como uma blasfêmia em meus ouvidos, até que um de meus captores me silencia tapando a minha boca para que seus companheiros zombem de mim. Tento compreender a dimensão do que está acontecendo comigo. O menor de meus torturadores traz agora uma faca. Antes que ele me toque com ela eu começo a gritar.

O açoite corta as minhas costas e eu me contorço. Irmã Eadgyth segura os meus pulsos com força enquanto a Madre Reverenda reza, à distância, e há um barulho alto que não pára por um instante sequer.

Bruning grita, Ivalde grita, e a luz branca está em toda parte. Algo de dimensões hediondas flutua acima da minha cabeça enquanto estou deitada no chão da igreja. Mais tarde, depois que a luz havia desaparecido, encontro Bruning e Ivalde sentados perto da parede com o olhar fixo no horizonte e o chão aberto diante deles. O padre gordo afirmará que as asas que roçaram a minha nuca eram asas do Espírito Santo, e o orvalho que ele lançou sobre o meu cabelo ele chamará de água-benta. Porém, por que ela seria grudenta e espessa como o sêmen de homem ou o lodo de um rio velho? E por que o Espírito Santo não se manifestou aqui na forma de um pássaro, mas de um terrível leque flutuante de luminescência verde-clara, tremendo e rodopiando na brancura deslumbrante? Além disso, ele não era totalmente sólido, de modo que partes dele pareciam passar através de partes de outras coisas sem nenhum dano, atravessando os grandes pilares de madeira que sustentam a igreja como se fossem ar. Há um vozerio terrível. Confusa e excitada, levanto-me num pulo e saio correndo da igreja. Somente quando estou no meio da descida da colina, aproximando-me da encruzilhada, percebo o que fiz.

Em 870, os homens cortaram o meu peito. Eu não acreditava que qualquer sofrimento infligido a um homem fosse comparável em horror a este, pelo qual estou passando neste momento. Eles colocam a mão dentro da cavidade para puxar as costelas para cima e para fora e eu vou além da dor. Estou montada em um cavalo de carpinteiro dentro de uma sala fria e sei que sou uma mulher idosa. As minhas costas estão em farrapos. Eu grito pedindo socorro a Odin. Com isso, a mulher que me chicoteia passa a me chicotear com mais força. Estou deitada em uma fogueira fumegante com a garganta cortada e cozinho em um grande crânio de ferro ou amarrada em uma estaca. Apodreço como a

cabeça de um traidor pendurada no alto dos portões desta cidade. Sou uma criança. Sou um assassino, um poeta e um santo. Sou Ragener. Sou Alfgiva, e fui além da dor para o torturado êxtase que apenas os mártires conhecem, chegando ensangüentada ao paraíso, mãos queimadas até os tocos ou toda atravessada por flechas, nosso peito aberto e entregue, de onde verte a grande luz do nosso coração.

Sou erguida, e o barulho que ouço é como um grande estrondo em meus ouvidos. Se estou no céu, então de onde vêm tantas fogueiras?

MANCANDO ATÉ JERUSALÉM



1100 d.C.

Rígido como aço novo, o sol corta um pedaço de nuvem, embora sua luz pareça esgotada pelo esforço. Estou velho, e apesar disso este mundo exaustivo e sem fim ainda está aqui. Minhas hemorróidas incomodam, ao se esfregarem na sela, razão pela qual, nesta manhã chuvosa, estou cheio de um fel colérico e duas vezes esbofeteei o meu escudeiro. Quando começamos a descer a rua dos judeus em meio ao mau cheiro e à

gritaria da feira de cavalos, ele passa a seguir atrás de mim, para que eu não veja o veneno em seu olhar.

Mais adiante, meus cães continuam correndo entre os mercadores e seus cavalos mordidos pelas moscas. Com mandíbulas cor-de-rosa, úmidas e enrugadas como uma vagina, aqui e ali, eles abocanham e mordem um calcanhar ou uma pata de cavalo por brincadeira. A multidão recua para eu passar, indivíduos grosseiros da Saxônia, com saliva no queixo. Porém as jovens são muitas vezes belas. O som dos cascos do meu cavalo de batalha sobre a terra batida é alto, e a feira fica em silêncio, como quando o barulho da saia de uma bela mulher silencia uma casa de cerveja. Eles encostam sua testa sardenta em mim quando eu passo, e olham para cima assustados. Se eu não estivesse manco e envelhecido, iria para a cama com suas esposas e suas filhas na frente deles, antes de lhes arrancar a cabeça...

Não devo pensar em cabeças.

Meu escudeiro e eu passamos. A multidão se aglomera mais uma vez atrás de nós e recomeçam a balbúrdia e a troca de mercadorias. Nossa passagem no meio deles foi uma ferida logo curada. Na minha frente, à esquerda, a igreja em ruínas se ergue pesada em seus muros de arenito, parecendo ouro sujo, com o nome de São Pedro. Por intercessão do santo foram encontradas aqui as relíquias de São Ragener, pelo que diz a lenda. Uma freira meio louca de Abingdon, morta há vinte anos ou mais, falou de um anjo ou uma ave sagrada dentro da igreja que curou suas pernas aleijadas.

Bom para ela. Eu, no entanto, estou coxo e cheio de dores. Sei que suas visões são apenas os delírios que aparecem para a mulher depois que cessam seus sangramentos mensais. Desde a Cruzada, estou aborrecido com Deus. Um raio de luz desce dos céus e atinge a igreja, suas janelas abertas parecem se encher

de brilho, embora eu saiba que a luz seja falsa, sucumbindo à rajada do vento.

A chuva desta ilha: já estou molhado dentro da minha jaqueta pela chuva enfrentada durante a caça, hoje pela manhã. A umidade nestas redondezas causou um inchaço em meu rosto, mas as minhas reclamações são fracas e sem convicção. Já houve algum despertar matinal naqueles desertos sagrados em que eu não acordasse com a barriga preta de moscas, o suor cobrindo minha pele, formando uma poça entre meus mamilos, rezando para ver mais uma vez esta luz tênue do norte, esta chuva fina em meus olhos? O sol aqui apenas nos lança as suas sobras, já tendo esbanjado sua grande generosidade nas distantes terras pagãs, entre as colinas de areia.

A igreja fica para trás. À nossa direita, a alameda do Mercador de Cal dá voltas em direção aos pavimentos mais altos do castelo, enquanto descemos a ponte na encruzilhada das estradas, onde o portão do pátio fica aberto. Passamos ruidosamente entre as grandes pilastras de tijolos do portão e pelas bandeiras. Os meninos que ficam no pátio, que instantes atrás estavam com certeza me xingando, como fazem todos os filhos de meretrizes, vêm correndo com sorrisos para pegar a rédea do meu cavalo, gritando: “Olhem! É Lord Simon. Ele chegou”.

Meus olhos, aparentemente sem vontade, erguem-se até a janela do aposento de Maud, que dá para o quintal. Não há ninguém ali. Desço do cavalo, com um moço de cada lado, coloco os braços atrás do pescoço de cada um e, com meu peso sustentado desta forma, sou dirigido até a grande porta, uma perna arrastada atrás, raspando nas poças prateadas enquanto passo. Certa vez, cheia de paixão, Maud disse que se deitava em sua cama e chorava pedindo para ouvir esse som, esse rangido, porque ele indicava que eu havia voltado.

Recebo auxílio para subir os três degraus largos e estou dentro do castelo. Em minha sacola, um par de patos está endurecendo, esfriando junto com seu engrossado sangue. Olhos negros que se fixam, sem piscar, na escuridão.

Na fortaleza do meu aposento, meus trajes miseráveis e enlameados são tirados de mim. Em seguida sou enxugado e vestido para fazer minha refeição: carne de carneiro fria, pão quente e feijões azedos. Maud não come comigo. O ruído da minha faca e do meu prato ressoam no silêncio.

Ao sugar o molho morno de meu bigode, posso sentir seus passos nos quartos acima e a vejo com os olhos da mente, toda sua amargura pode ser percebida em seu comportamento. Ela vai até a cadeira ao lado da janela, a cabeça tombada para baixo, apertando o peito com o queixo pequeno e pontudo. Os braços cruzados com força embaixo dos peitos em botão. Dedos brancos e frágeis apertando os cotovelos. Ela é esguia, tem 29 anos e um modo de andar desajeitado. Ela não ri, nem procura conversa agradável, fica lá, emburrada e carrancuda. Às vezes me parece que seria o mesmo se eu não fosse casado com ela, mas com sua mãe. Bem... Isso não faz mais sentido agora.

Um pedaço da carne de carneiro entrou na cavidade do único dente de trás que restou no meu maxilar e está meio esfacelado. Minha língua faz invisíveis e complicados movimentos para retirar o naco de carne. Maud, nua. Há cerca de quinze anos. Eu a sentei sobre o meu joelho uma noite, não muito tempo depois do nosso casamento, apertando seus ombros para ela não se afastar. Tentei fazer com que ela brincasse com o meu velho, mas ela fez caretas e jurou pela Virgem Santa que não o faria. Quando soltei o seu braço para segurá-la pelo pulso e forçá-la a obedecer, ela se livrou de mim, pulou do meu colo para se encolher entre as cortinas.

Se eu ao menos tivesse batido nela com mais força, naquela ocasião, ela passaria a me tratar de maneira mais doce. Se eu tivesse tirado o cinto e surrado seu traseiro magro até sangrar. Se eu tivesse agarrado seus cabelos ou torcido seu peito até ela berrar. A raiva faz o meu coração bater mais depressa, seguido por uma contração sem esperança da fera esquecida que repousa abaixo da minha grande barriga. Não é bom mexer com o meu humor desse jeito, ou eu acabo ficando doente. Enquanto a pelota de carne se mantém firme contra os esforços da minha língua tateante, volto meus pensamentos para assuntos mais amenos.

A igreja que estou construindo na subida, perto da trilha das ovelhas, está pela metade, a relíquia pagã que havia ali antes foi demolida para que possamos usar a sua base em nossa própria construção. Alguns de seus tijolos são esculpidos com antiguidades monstruosas e obscenas, muito semelhantes à bruxa de pedra com a boceta aberta que se pode ver agachada acima do pórtico da velha igreja de São Pedro. Esses nós podemos dispensar, exceto quando a necessidade e a escassez de materiais nos obrigar ao contrário. Já somos forçados pelas circunstâncias a manter uma pilastra incrustada com uma ornamentação bárbara em forma de serpente, uma espécie de dragão teutão olhando de soslaio enrolado pela extensão da coluna. Eu ficaria ansioso para que esse vestígio não ofendesse, se toda boa gente já não estivesse ofendida pela minha proposta da igreja em si.

– Lord Simon, isto é uma pilhéria do senhor?

E dizem mais:

– Lord Simon, reconsidere seu projeto. Se for feito como está, vai ser uma afronta ao próprio Deus.

Eles ainda dizem:

– Mas, Lord Simon, e quanto à tradição que acompanha tais coisas? (Tradição que tem a forma de

uma cruz, nem é preciso dizer.)

Eles criticam e reclamam para o mundo inteiro, como se eu tivesse erigido um monumento a Moloch ou feito um tabernáculo para os judeus. Eles resmungam e fazem o sinal-da-cruz e colocam cada pedra com uma expressão tão séria, como se temessem que sua alma imortal ficasse presa entre os muros a qualquer momento.

Um círculo. Tudo o que peço é que eles construam algo circular, tal como foi o templo erguido por Salomão em Jerusalém. Circular, sem um canto onde o Demônio possa encontrar força ou esconderijo. Circular, para que Deus possa, da mesma forma, não conhecer nenhum esconderijo. Se Ele estiver lá, então Ele deve Se mostrar. Se ele estiver lá...

A ponta da barba era fina e prateada. Seus cílios estavam grudados, o nariz havia desmoronado, deixando em seu lugar um buraco. O cheiro era de pimenta, quente e seco. Em sua expressão, algo estrangeiro e incompreensível, ali no canto da boca, onde havia ficado descosturado, os pequenos dentes marrons à mostra...

Fecho os olhos e empurro o meu prato. Levo a mão ao rosto e não consigo evitar de gemer pelo que está em mim, pelo seu peso. Os servos olham para mim, mudos e assustados, e depois olham uns para os outros. Eles recolhem meu prato quase cheio, minha taça quase vazia, e se retiram rapidamente e com medo para as cozinhas distantes. Passos apressados, rápidos e suaves feito a chuva, atravessam o corredor vazio e ressonante, depois se calam.

O breve rangido da minha cadeira, sendo afastada da mesa para que eu possa me levantar, soa abominável e solitário nesta sala gigantesca. Eu chamo John, meu escudeiro, que vem depois de muito tempo e me ajuda a chegar até meu aposento, trajeto tedioso e demorado durante o qual brigo com ele da seguinte forma:

– Por que demorou tanto para atender meu chamado? Imaginou que tinham nascido pernas novas em mim e que eu poderia voltar dançando para meu quarto, sem seu auxílio?

Ele segue cambaleando com o ombro comprimido sobre a cavidade do meu braço, e, olhando para o pavimento de lajes, dá início aos seus “Não, Lord Simon” e “Deus me livre”, dizendo que estava sentado na privada quando o chamei pela primeira vez. Ao ouvir isso eu digo que se ele me fizer esperar mais uma vez, será chicoteado até cagar nas calças.

Com essas palavras, tenho a sensação de que presencio algo que já foi visto antes. Já passei antes por estes corredores, maltratado e aleijado, com pensamentos de chicotadas ardendo em minha cabeça? Sinto uma vertigem longínqua e sonora: vozes sarracenas falando em zumbidos com o seu Deus-Demônio do outro lado das dunas. Eu me levantei rápido demais após a refeição, só isso. Dispenso John na entrada do meu aposento, fecho a porta rápido e sigo o meu difícil caminho até a cama, usando o encosto de uma cadeira para me apoiar.

O quarto está frio, mas estou aquecido pelas cervejas quando me entrego aos cobertores. Aqui posso fazer a digestão e ficar sozinho, sem o pensamento em Maud para me perturbar, estando os aposentos dela acima do outro lado do castelo. Ainda que o ar de novembro seja gelado, não é nada comparado ao frio oco que penetra os ossos no deserto, quando acaba o dia. Fico contente por estar aqui descansando. Acima de mim, nas madeiras do teto, fissuras e espirais me fazem pensar em um mapa de territórios antigos e ainda não conquistados...

O bom Papa Urbano agiu como Pedro, o Eremita, lhe havia rogado: ele nos chamou para carregar a Cruz, para nos juntar à sua Cruzada e livrar a sua Terra Santa

do opressor maometano. Embora as primeiras expedições de Pedro e de Walter, o Pobre, tivessem sido dizimadas pelos turcos, não deveríamos ficar parados. Assim, no 96º ano deste milênio, dirigimos as nossas embarcações para Constantinopla e nenhum de nós pensava em outra coisa que não fosse voltar para casa rico.

Grande Deus, salvo a imensidão daquele céu pagão e cruel. Ele enlouqueceu os homens. Enquanto estávamos a caminho de nos juntar a Robert, duque da Normandia, para pôr cerco à Antioquia, encontramos um sujeito com a pele tão queimada quanto a de qualquer sarraceno, cantando alto hinos em francês culto, enquanto andava em círculos entre os montes de areia carregada pelo vento. Sozinho, sem os seus companheiros, sabe-se lá há quantos dias ou semanas, ele cavava com paciência uma trincheira longa, que dava voltas e ia até a cintura, estendendo-se ao longo das dunas até onde nossa vista alcançava. Ele nos amaldiçoou quando quebramos uma pequena parte dos lados ao passarmos com as montarias. Sobre o seu peito queimado pendiam os trapos de Flandres, com o seu verde vivo desbotado e amarelado sob a luz sem sombras do deserto.

Prosseguimos um pouco, deixando-o com os seus gritos, estão olhei para trás e, com estranha surpresa, vi que sua trincheira sem fim, vista de longe, não serpenteava para a frente e para trás sem sentido, como parecia quando vista de perto. A distância, ela se transformava em uma enorme linha de escrita que se desenrolava sobre as dunas, rabiscada com uma caligrafia gigantesca e irregular. Em muitos lugares palavras e letras tinham sido apagadas pela areia carregada pelo vento. Dessa forma, me ocorreu que este pobre ser deve passar os dias andando de um lado para o outro pela extensão fatigante da mensagem, refazendo

muitas vezes seus traços e curvas, vertendo hinos de seus lábios negros e ressecados. As únicas palavras que consegui ler foram "Dieu" e uma outra que deveria ser "humilité", escritas sobre um declive macio da colina sob tons de violeta. Sua mensagem, e disso não tenho a menor dúvida, era destinada ao Todo-Poderoso, o único que reside a uma altura na qual é possível ler a totalidade do texto. Nós o deixamos agachados sobre os morros de um "m", cavoucando de modo frenético para apagar as marcas de cascos nos lugares onde nossos corcéis haviam estragado sua escrita.

E assim nos aventuramos, saqueando as cidades menores que ficavam ao longo da nossa rota até Antioquia. A pilhagem tem som exclusivo: centenas de ruídos menores misturados em uma única confusão. Um bebê chorando, o estrondo poeirento de uma pedra desabando e ganidos de um cão ferido. Cavalos em pânico. Uma fileira perdida e trêmula de cabras em fuga, mulheres sangrando pelas entranhas e homens pelo nariz. Gritos roucos, ininteligíveis, mergulhados numa linguagem destinada apenas à guerra. O repique mortal da espada, o berro de crianças violentadas, tudo em uma só voz proferida e estalada na garganta daquele momento, enegrecida pela fumaça. É o que eu ouço agora.

Nós incendiamos seus santuários com tochas. Tiramos suas vidas, suas esposas, seus cavalos, sedas e jóias, e alguns de nós ainda tiraram mais coisas. Um dos meus capitães usou um cinto com línguas infiéis penduradas, até o repreendermos por causa do fedor que exalava. Eram coisas grandes e pretas, maiores do que se poderia supor, e não havia duas iguais. Essas barbaridades não eram estranhas para nós enquanto estávamos naquele lugar, mas tenho pensado nelas desde então e sei agora que tais ações são totalmente indignas. E há outros que ainda foram mais longe que eu

nessa direção. A algumas léguas de Murzak, passamos montados ao lado de uma companhia de cavaleiros da Itália que se alimentaram da carne de maometanos assassinados, alegando que, uma vez que seus inimigos não tinham almas cristãs, eles eram quase animais, e poderiam, portanto, ser devorados sem contrariar os dogmas. Ficou muito claro que eles enlouqueceram por comer cérebros pagãos, e eu não podia deixar de me perguntar como seria seu retorno às terras cristãs. Dias depois, no caminho de volta a Murzak, passamos por esses territórios, encontramos suas cabeças, cuidadosamente colocadas em círculo, voltadas para dentro, entre os montes de areia brilhante, retalhos de suas túnicas azul-celeste amarrados sobre os olhos, vendando aqueles homens já cegos, por razões de cultos que nem podíamos imaginar.

Eu desejava, com todo meu coração, ver Jerusalém, a cidade das escrituras que o pagão Juliano, imperador de Roma tentou, em sua vaidade, reconstruir e que foi destruída por Deus antes que as fundações pudessem ser assentadas. Um furacão e sublevações no solo, cheio de focos de chamas, aniquilaram os seus trabalhos. Alguns vêem isso como uma prova do descontentamento divino. (Minha igreja circular ao menos tem as fundações no lugar certo, caso aconteça algo a ela a partir daí.) Eu desejava andar entre aquelas colinas, e ver o coração antigo de pedras empilhadas, de onde os versos sagrados foram vertidos, mas o que vi em lugar disso! Seria melhor que a minha cabeça tivesse sido colocada, com uma venda, naquele círculo horrível dos canibais romanos, com o sangue congelado feito gema de ovo em minha barba.

Não devo pensar em cabeças.

Em algum lugar do castelo, abaixo da minha cama, abaixo do chão do meu quarto, há uma movimentação de vaias, passos e recriminações. Grande, frio e cheio de

ecos, feito para durar mil anos. Lembro-me de quando havia apenas o salão baronial de Waltheof aqui, todo de madeira e barro, infestado de pulgas, antes de o rei ter decidido que um cavaleiro da Normandia poderia vigiar esses distritos melhor do que um conde saxão.

Pobre Waltheof. Encontrei-me com ele uma ou duas vezes e me pareceu uma pessoa agradável, ainda que quase desprovida de inteligência. Como recompensa pela sua colaboração na Conquista, William, o Bastardo, primeiro deu a ele o Condado de North Hamun, e depois o matou como se fosse um traidor, quando se cansou dele. Tão graves foram as calúnias e acusações jogadas sobre sua cabeça que o velho chegou a pensar que sua traição de fato ocorreu. Teria ele conspirado contra o rei? Pareceu-lhe que assim foi. Não foi esse, afinal, o testemunho dado por sua esposa Judith? Que William, estando velho e cheio de medos, queria consolidar sua própria posição cercando-se de conterrâneos no baronato era um raciocínio que estava muito além da capacidade de Waltheof. Assim como não teve capacidade de compreender que Judith, sendo sobrinha de William, testemunharia da forma que seu nobre tio lhe pedisse. Levado até o cadafalso aos prantos, ele chegou até mesmo a gritar para que Judith o perdoasse, diante do que a prostituta traidora reagiu encolhendo-se e olhando para o lado, envergonhada. Ela era a criatura de seu tio, pronta para fazer o que ele ordenasse em todas as circunstâncias.

Todas as circunstâncias, exceto uma.

A lua do lado de fora da janela da minha torre está mais fraca com o cair da tarde. Caio num sono leve, entorpecido pelas cervejas. Quando acordo e vejo as janelas enchendo-se com o início da escuridão de novembro. Lembro-me de uma tolice, desencavada pelos meus pensamentos enquanto a razão dormia. Nas terras devastadas da Palestina, em alguma região que não se

encontra o mapa, totalmente desprovida de pontos de referência, encontro um pé humano saindo da areia. Com muita alegria me ocorre que o que está enterrado ali é a minha perna verdadeira, como se a coisa aleijada e desprezível que tenho arrastado comigo durante esses anos fosse uma mera representação sua. Desejoso de poder andar como andei um dia, ajoelho-me e começo a cavar a areia ao redor do tornozelo e da panturrilha, quando de repente noto uma pessoa me observando.

Olho para cima, num sobressalto, e vejo uma mulher arrastando a barriga pelas lentas dunas numa velocidade terrível, até onde estou agachado ao lado do pé projetado para fora da areia. Vestindo um hábito negro de freira e com alguma espécie de deficiência que não consigo discernir, ela se arrasta na minha direção, descendo as encostas secas. Agora eu a ouço me rogando pragas, maldições cruéis, dizendo que a perna é dela e mandando-me deixá-la ali. Fico com medo, tanto de seu ódio implacável quanto de sua velocidade de besouro, enquanto ela impulsiona sua carcaça com dobras pretas pela descida de uma pequena colina, em meio a uma chuva de areia. Começo a puxar de modo frenético o tornozelo projetado na areia, tentando arrancar a perna de lá e ir embora com ela antes que a freira me alcance, mas ela está emperrada. No momento terrível antes de despertar, percebo que há algo embaixo do solo do deserto que me puxa, algo que está escondido mas é terrivelmente forte e puxa a perna como se fosse sorvê-la por baixo. Depois disso acordo com as mãos molhadas e o meu coração de bigorna tinindo, aqui dentro desta torre escura.

Sinto muito medo. Tenho medo de estar morto, tenho medo de não ser nada, e esse grande desconforto que consegui manter à distância por tanto tempo me faz companhia agora. Vejo a minha vida, a vida de todos nós, nossas guerras e cópulas, todo o nosso movimento,

filosofia e consciência, e não há chão por baixo disso tudo, e essas coisas não se sustentam sobre nada. Além da minha janela, as primeiras estrelas emergem em um firmamento sem propósito.

Após algum tempo, chamo John, e ele responde com tanta pressa que eu imagino que ele está sentado desde cedo do lado de fora do meu quarto, por temer estar ausente quando eu o chamasse. Estou agora em pé sobre a cama, vestindo meu calção. Ordeno que ele vá buscar Lady Maud para mim. Depois que ele levanta e acende um candelabro, me ajoelho ao lado da cama para urinar na bacia. O jato é grosso e escuro, com melancolia observo o meu pinto inflamado e com um cancro de sífilis: mais uma relíquia trazida da Terra Santa.

Nunca vi Jerusalém. Quando chegamos a Antioquia havia ficado muito claro que a maior parte de toda a luta (e do espólio) teria acabado, portanto nos contentamos em tomar uma rota que dava mais voltas e nos levava a cidades e povoados de infiéis com menos defesas e menor probabilidade de já terem sido saqueados. Tomei para mim uma mulher nativa de um desses locais, para carregá-la durante as minhas viagens, e por algumas noites consegui me divertir bastante. Porém, na nona noite ela se matou. Mulheres desse tipo eram numerosas. Certa vez, quando tais coisas haviam se tornado costumeiras entre nós, experimentei um menino, embora nunca tivesse gostado, porque o cheiro dos meninos infiéis não é agradável. Com o passar do tempo, tais prazeres de certa forma foram superados pelo calor, por uma lassidão carnal, um enfraquecimento das ambições do corpo.

Havíamos guinado para longe, quase chegando ao Egito, quando nos deparamos com os cavaleiros de vermelho e branco. Durante toda aquela semana nossa viagem tinha sido árdua e cheia de acontecimentos

esquisitos, como quando, cinco dias antes, vimos o chão se dividir sob a nossa maior e mais carregada carroça. Toda a parte da frente da carroça se afundou em uma cova repentina que se abriu por baixo. Descemos com dificuldade para ver o estrago, através dos véus de poeira que subiam, e encontramos uma tumba antiga ou um recinto para ossos que se estendia à nossa volta na escuridão do ar viciado, sobre a qual os raios brilhantes e rigorosos agora incidem após uma espera de séculos. Ela quase dava a sensação de uma capela, com suas pilastras enormes que desciam, moldadas não com cimento, mas com luz. Amontoados por toda parte estavam os crânios, alguns deles esmagados feito ovos mórbidos sob as rodas de ferro da nossa carroça caída, cacos pontudos da casca amarelada sobre as areias brancas. Levamos quase um dia inteiro para erguer a carroça da cavidade e, ao fim do trabalho, estávamos todos tossindo terrivelmente e cuspindo grandes pedaços de gelatina. Algum tempo depois, entre os soldados subordinados, um rapaz chamado Patrice jurou ter visto uma cidade brilhante e trêmula flutuando na alvorada, com todo o seu peso assustador suspenso bem acima das dunas mais distantes. Houve mais incidentes semelhantes a esses naqueles últimos dias, antes de encontrarmos os cavaleiros de outras terras.

Avistamos suas luzes ao cair da noite, quando as distinções entre o céu e a areia estavam confusas e ainda não tínhamos montado acampamento. Temendo que tivéssemos nos deparado com o inimigo, fizemos silêncio absoluto, no qual a correria dos ratos da areia e o pio noturno dos besouros verdes poderiam ser ouvidos. Ouvimos a cantoria daqueles homens, carregada pelos ventos serpenteantes que varrem a imensidão do deserto, vigorosa, enérgica e francesa. Aliviados, nós os saudamos e fomos acolhidos por suas tochas.

O líder da companhia, que reunia oito ou nove pessoas, era um homem que eu conhecia de forma distante, chamado Godefroi, vindo de Saint-Omer. Pareceu bastante contente em me encontrar. Assim, sentamos e conversamos enquanto os meus companheiros faziam juramentos no escuro, em meio a muito ruído, e as cabanas dos Nobres eram montadas na escuridão sem fim, além do alcance da luz das fogueiras. Fiquei maravilhado ao ver que Saint-Omer tinha um resto de vinho acomodado em seu colo. Uma vez que nada parecido com uma bebida forte havia tocado os meus lábios por quase meio ano, ele gentilmente me ofereceu um pouco de vinho. A bebida me aqueceu rápido, e uma segunda dose produziu em meus ouvidos uma música baixa e agradável, que fez dispersar o sussurro desprezível e incessante dos insetos do deserto, considerado pelos sarracenos como o uivo do Demônio.

No alto, grandes constelações giravam, para as quais as fagulhas da nossa fogueira ascendiam em seu minúsculo mimetismo. Fiz algumas perguntas ao meu anfitrião sobre o emblema curioso que ele e seus companheiros usavam, com uma cruz vermelho-rosada sobre um campo branco, e ele contou que formavam uma ordem nova, que ainda não havia nascido de forma plena, mas já se sentiam satisfeitos com seu destino maior. Gostei dele, porque não parecia se vangloriar, apenas falava de seus desígnios sem dar grande importância a eles, como se já tivessem sido alcançados. Embora alguns anos mais novo que eu, pareceu-me que ele detinha uma sólida sabedoria e uma firme certeza, que revelavam um homem mais experiente. Por isso continuei ouvindo-o, encantado e nem um pouco tonto com o vinho.

Após algum tempo, um outro da ordem de Saint-Omer veio juntar-se a nós, e este se chamava Hugues, de Payens. Sendo ainda mais jovem que Godefroi, seu

entusiasmo em relação à recente irmandade superou a do seu amigo mais experiente, ainda que neste caso isso possa ser explicado pelo fato de ele ter tomado mais vinho. Abordando sem pudor os assuntos em que Saint-Omer tinha sido bastante contido, falou sobre toda a riqueza e o prestígio que lhes pertenceria no tempo devido. Ele se referia a uma fortuna que poderia abarcar o mundo com a sua força. Sobre isso apenas o censurei de forma delicada, dizendo que, se palavras fossem fortunas, ele seria comparado a Creso, e perguntei de onde ele imaginava que essas riquezas poderiam surgir.

Ele ficou ofendido com isso e se tornou ainda mais arrogante, virando os lábios com desprezo de modo tão desequilibrado que vi: ele realmente estava bêbado. Ele deu a entender, ainda que de forma obscura, algo sobre um certo tesouro guardado pela sua ordem, diante do qual, em breve, o Papa em pessoa ficaria de joelhos. Nesse momento, Saint-Omer pôs a mão no braço de seu companheiro como se fosse dar-lhe um conselho e sussurrou algo que não pude escutar. Em seguida os dois se desculparam pelo seu cansaço, logo se retiraram. Permaneci sentado sob uma fina lua infiel até as brasas da fogueira se esgotarem, fazendo-me pensar em tudo o que eles tinham dito, suas insinuações e afirmações absurdas. Por fim, decidi que os pressionaria a falar mais no dia seguinte. Se esta decisão tivesse sido esquecida durante o sono, como acontece com muitos ímpetos mais nobres, eu poderia vir a ser procurado pela caduquice e pela morte como um homem feliz.

A batida repentina, porém desanimada, na porta do meu aposento me faz despertar dos meus devaneios e, quando ordeno que entre a pessoa que está batendo, lá está Maud, com o jovem John, irrequieto e se mexendo com desconforto ao seu lado até ser dispensado, fechando a porta ao se retirar.

Ela fica ali parada e tranqüila num silêncio horripilante, observando-me sem benevolência e sem solidariedade. Em seguida olha para o meu urinol e faz uma careta, diante do que eu o escondo debaixo da cama antes de encará-la novamente.

– Eu lhe pediria para sentar-se. – Faço um gesto para a cadeira, posicionada no meio do caminho entre a porta e a cama para auxiliar a minha passagem de um lado para o outro no quarto.

– Como o meu senhor desejar. – Neste momento ela limpa a cadeira antes de se sentar, como se quisesse ficar livre de contaminações. Com este tipo de conduta ela está acostumada a transformar todas as suas palavras e atos em uma repreensão sutil e mal disfarçada. Como se a sua vagina não cheirasse mal. Como se as suas fezes fossem de ouro.

– Como tem passado o meu filho?

O olhar que ela me lança em resposta, inexpressivo e impenetrável, é na verdade toda a resposta que eu poderia exigir: ou ela não sabe, ou não se importa. A criança está sob os cuidados das amas, em algum lugar no conjunto leste do castelo. Sua mãe o rejeitou desde o nascimento e não quer vê-lo, odiando-o assim como odeia o homem que o colocou dentro dela e o modo como isso foi feito.

Ela olha para o lado e fala, com um ar indiferente:

– O jovem lorde Simon, tanto quanto sei, foi atingido por uma gripe. Tirando isso, ele tem passado bem, se isso agrada o meu senhor.

Seus olhos, congelados pelo desprezo, se movem de modo insolente de um lado para o outro, entre as poucas posses que mantenho em meus aposentos: um porta-jóias com quatro anjos com trajes maometanos e relevo em ouro sobre a tampa, um falcão empalhado e o dedo de um tártaro em uma corrente fina e brilhante. Por meio de cada peça e de cada olhar ela me julga.

Após a morte de Waltheof, William, o Bastardo, ficou ansioso para que eu assumisse o cargo deixado vago pelo morto. Mais do que o cargo, eu estava destinado a assumir sua viúva, Judith, como minha esposa, para reforçar o meu direito a todas as suas terras. Ora, ela era sobrinha de William, e tinha até então obedecido a todas as ordens do tio. Ainda assim, neste caso ela se recusou a fazer a vontade dele. Judith, que com falso testemunho fez com que seu marido tivesse a cabeça separada do corpo sem nenhuma outra razão senão o desejo do Bastardo. Judith, que sabia que, caso rejeitasse seu senhor, perderia o direito a todas as suas terras e títulos. Judith, que preferia copular com um bode do que perder a proteção de seu tio.

Judith se recusava a casar comigo.

Ela disse que era porque eu tinha um pé defeituoso, mas sei que ela estava mentindo. O que elas temem em mim, essas mulheres?

Maud me observa de onde está sentada. Ela espera que eu fale ou a dispense. Não faço nenhuma das duas coisas. Durante esse poucos anos, desde que ela deu à luz o nosso filho, seu frescor da juventude se foi. Os dentes que ela perdeu com os trabalhos da maternidade modificaram os traços que deixavam seu rosto rechonchudo e gracioso. Cada vez mais vejo o queixo e o nariz de Judith, os traços duros e bruscos da mãe espelhados na filha.

Quando William disse que Maud seria a minha noiva no lugar de Judith, ainda assim ela não cedeu, mesmo que isso significasse desperdiçar a virgindade da sua filha. Todas as súplicas e lágrimas de Maud não abalaram sua decisão implacável. Por que ela me temia tanto, a ponto de oferecer a gatinha sem pêlos que era sua filha em meu altar, no lugar da sua própria pessoa?

O silêncio neste aposento não pode mais ser suportado, então começo a falar da minha igreja, das

gloriosas janelas da capela-mor, dos arranjos únicos de sua nave.

– A nave será redonda, Maud. Pronto! O que você acha disso?

Ela lança um olhar fixo, com os olhos de Judith.

– Tenho certeza de que não é importante quais pensamentos eu possa ter, meu senhor. Não tenho conhecimento de tais coisas.

Sabendo que há uma critica escondida por trás dessas afirmações amenas, minha ira começa a aumentar e insisto ainda mais neste mesmo ponto.

– Se perguntei, você pode ter certeza de que é importante. Se você realmente não tem conhecimento de tais assuntos, vai me entreter ouvir seus pensamentos ignorantes. Agora, deixe de rodeios e responda de forma direta. Qual é a sua opinião a respeito de uma igreja construída em forma de círculo?

Ela se mexe na cadeira, e fico contente ao vê-la confusa. Ela se torna menos segura em sua insolência e não me olha nos olhos, e em sua fala imagino ouvir um tremor, ausente até o momento.

– Alguns talvez dirão, meu senhor, que essa não é uma configuração hospitaleira para a adoração cristã.

Neste momento ela engole e finge se perder no exame dos anjos pagãos sobre a tampa do meu porta-jóias. Virada de perfil, ainda há beleza em seu rosto. Ocorre-me que, se ainda estivesse equipado para atacá-la, ela não se mostraria tão furiosa comigo e, diante de tal pensamento, a fúria cresce em dobro.

– Você acha que me importo? Não vale um peido o que alguns possam dizer. A opinião que estou pedindo é a sua, e vou ouvi-la, apesar de todas as suas malditas evasivas! Deixe os ignorantes pensarem que o meu trabalho não condiz com sua cristandade malnascida. Ainda assim ouvirei o que você tem a dizer a respeito!

Um breve silêncio dela, que se assemelha muito ao rufar de um tambor, por carregar o mesmo ar de expectativa.

– Meu senhor, sou forçada a admitir que devo concordar com aqueles que dizem tais coisas.

Levanto-me de onde estou sentado e, segurando-me nos pés da cama, saio cambaleando na sua direção. Ela se encolhe para trás.

– O que você entende disso? O que você sabe sobre o cristianismo e seus costumes? Venha! Você virá comigo para ver a minha igreja neste instante, para que eu possa ensinar-lhe a ter a sensibilidade devida!

Ela tem um sobressalto diante desta reação.

– Meu senhor, está escuro demais. Não posso me arriscar a sair com o senhor esta noite, em que irá chover com certeza.

Dou mais um passo na direção dela, ainda agarrando o pé da cama e ouço o estrondo da trovoada em meu coração.

– Por Deus, mesmo que tivéssemos certeza do fim do mundo, ainda assim você teria que fazer o que quero! Levante-se!

Ela chora, furiosa por saber que não pode me contrariar. Seus olhos úmidos cospem veneno. Sem pensar muito percebo que estou roçando as costas da mão nas minhas partes pudendas, o velho ser dentro de mim desperta ao encontrar tal ardor nela. Quando ela fala, sua voz é áspera e cheia de ódio, como a de um basilisco. Sei que ela me derrubaria se tivesse coragem.

– Não vou! Arraste-se pela tempestade para vangloriar-se de sua relíquia disforme se quiser, mas eu não irei com você!

Arriscando perder o equilíbrio, solto a cama e tombo para a frente, segurando as costas de sua cadeira e me apoiando diante dela. Seguro a cadeira dos dois lados de seus braços, com o rosto a menos de um palmo

de distância do rosto dela. Ao falar, vejo a espuma branca da minha saliva salpicando seu rosto magro, depois que ela virou a face, com os olhos apertados com força.

– Então te arrastarei pelos cabelos, ou pedirei aos homens que façam isso por mim! Devo deixá-la nua e lhe dar uma surra?

Derrotada, ela balança a cabeça, dando pequenos soluços e sufocando-os no peito estreito, com uma linha de muco no lábio superior. Deixo o silêncio ferver por um momento, durante o qual nada além da minha respiração pode ser ouvido. Depois, ergo-me para ficar ao lado dela, com uma das mãos ainda na parte de trás de sua cadeira, e chamo John.

Quando ele aparece, sua palidez e timidez, tão visíveis, mostram que, com certeza, devia estar ouvindo atrás da porta. Ele olha para Lady Maud, que vira o rosto para o outro lado, para que sua descompostura não fique evidente, e em seguida ele olha para mim.

– Meu senhor?

Ordeno que ele reúna homens com o brasão e em seguida ajude Lady Maud e a mim a montarmos um cavalo. Digo também que estamos dispostos a visitar a igreja e que ele deveria nos fazer companhia e aos nossos serviçais montados. Ele parece confuso e amedrontado, lança um olhar de questionamento silencioso para Maud, que não o retribui. Assim, ele faz uma reverência e se retira, e tudo é feito de acordo com a minha vontade.

Finalmente, saímos do castelo pelo portão ao lado da ponte, com Maud ainda chorando enquanto cavalga ao meu lado e John e os homens com o brasão olhando para a frente, fingindo não notá-la. A chuva que risca a escuridão é fina e malévola, não removendo completamente um odor de fumaça que permanece no ar. Quando pergunto sobre a origem desse cheiro, meu

escudeiro me lembra que esta é a noite em que os aldeões acendem as fogueiras para o deus Bel, no cair da noite, entre as quais eles passam com o gado, para torná-los imune às doenças. Quando subimos da encruzilhada até os estábulos, vejo o céu de um vermelho infernal atrás da torre desmoronada da igreja de São Pedro, indicando onde tais fogueiras foram armadas sobre o prado que segue até os fundos da igreja. Muita comemoração vinda desse lado pode ser ouvida quando passamos montados em nossos cavalos, seguindo para a rua dos judeus.

No limiar do amontoado de casebres semitas, viramos à esquerda e damos início a nossa subida cansativa e prolongada, pelo caminho íngreme que vai do mercado de cavalos até as redondezas das vilas e das rilhas de ovelhas um pouco mais além, onde se encontra a minha igreja, em seu estado inicial.

A fumaça das fogueiras está por toda parte, carregada pelo vento, e por isso não consigo deixar de me lembrar do cheiro de fogueiras mais antigas, em trevas mais antigas. A fogueira de quando me sentei e conversei pela primeira vez com Saint-Omer, a fogueira perto da qual montamos o nosso acampamento na noite seguinte, depois de cavalgar com a companhia de vestimentas estranhas de Saint-Omer durante um dia. Ali sentado, ao lado das chamas precipitadas e inconstantes do mato queimado, eu lhe fiz mais perguntas sobre as afirmações que ele e o jovem Hugues haviam feito. O já mencionado Mestre Payens não estava presente nessa nova ocasião, tendo ido com alguns de seus companheiros para um local distante de onde estávamos acampados por razão de algum serviço ou prática peculiar da ordem.

Agachado ao meu lado, com o rosto bronzeado pelas chamas, Saint-Omer vangloriou-se mais uma vez de que, com a sua ordem, ele iria elevar-se até que eles ficassem

ricos além dos sonhos de Avareza, com um prestígio que ultrapassaria o de Alexandre. Insistindo para que eu juntasse minha causa à deles, prometeu que todos os que ficassem do seu lado desde o início receberiam grandeza e recompensas, quando eles finalmente recebessem sua herança.

– Como pode ver, meu Lorde de Saint-Liz, ainda que a nossa elevação possa ser garantida, há certos preparativos a serem feitos que nos auxiliariam muito quando enfim chegarmos ao poder. A nossa forma de adoração, por exemplo, exige que formemos um círculo, coisa difícil de fazer no formato comum de uma igreja. Portanto necessitaremos que sejam erguidas igrejas pelo mundo afora, de acordo com o nosso próprio modelo, conforme o grande templo de Salomão em Jerusalém.

Aqui ele faz uma pausa significativa, como se quisesse que eu entendesse claramente a oferta feita por ele: caso eu auxiliasse o seu projeto construindo uma igreja singular, seria recompensado cem vezes quando chegasse o momento esperado de sua nova ordem. Balancei a cabeça em protesto veemente.

– Pela minha fé, Lorde Godefroi, eu precisaria de mais do que ar e promessas para aderir a tais projetos arriscados. Embora não duvide de suas intenções, como será alcançada essa grande riqueza da qual vocês falam? De onde virá esse poder terrível?

Ele se virou para mim, com a metade do rosto no brilho das chamas e a outra metade no escuro, e sorriu.

– Ora, de Sua Santidade o Papa. Não tenho dúvidas de que os cofres de Roma se revelarão adequados à nossa demanda.

Ao ver o transtorno completo e mudo com o qual recebi esse anúncio, ele continuou a pressionar, enquanto no deserto ao nosso redor, demônios cantavam através das gargantas dos insetos.

– É como disse o Lorde de Payens quando estava cheio de vinho demais para conseguir ser discreto: possuímos um mistério conosco. Temos um segredo escondido dentro de nossa ordem que em breve poderia se tornar uma revelação. Para poder dizer mais, preciso ter a sua promessa de silêncio. Mais do que isso, preciso ter a garantia de que esse grande conhecimento tenha ficado claro para você, que você mesmo tenha compreendido por qual meio teremos um motivo de orgulho. Então, você construirá para nós o local de adoração que lhe descrevi.

Pensei nisso durante algum tempo e por fim consenti, concluindo que, caso Saint-Omer não cumprisse sua promessa, eu já ficaria satisfeito em saber aquilo que me seria revelado. Nesse caso, eu também não teria obrigação de realizar as últimas condições exigidas por ele. Tendo feito um juramento de silêncio, indaguei quando, finalmente, seria informado dos tais fatos de grande interesse, aos quais ele havia aludido.

– Ora, depois desta noite de sábado, se este é o seu desejo.

Nesse instante franzi o cenho, tendo perdido toda a noção do que é mês, semana ou dia enquanto estive entre as areias infinitas. Era sábado de verdade?

Saint-Omer prosseguiu em sua fala, sem considerar a minha confusão.

– Neste exato momento, o jovem Lorde de Payens e todos os meus cavaleiros estão reunidos em um lugar não muito longe daqui, fazendo preparativos enquanto aguardam a minha chegada, para que seu serviço possa ser iniciado. Se o senhor for até lá em minha companhia, tudo o que eu disse terá a sua comprovação.

Tendo assim decidido, saímos da auréola da fogueira e pedimos licença para nos retirarmos antes de dar início à nossa caminhada penosa pelas dunas até onde Saint-Omer disse que seus companheiros estavam

isolados. Minha perna não estava tão ruim naquela época como acabou ficando mais recentemente. Mesmo assim me apoiei no braço de Saint-Omer enquanto avançávamos pela areia, a mesma areia que sobrecarrega e retarda o meu passo nos terríveis sonhos de vôo que tenho tido ultimamente.

Acima de nossa cabeça, a quantidade de estrelas era assustadora. Aquela vasta multidão de olhos de prata antigos que viram tantas gerações virarem pó, sem nunca piscar, nem sequer deixar cair uma lágrima. Enquanto atravessávamos os montes frios de areia, perguntei a Saint-Omer quando a sua ordem alcançaria a posição que eles previam.

– Daqui a cinco anos – ele respondeu, acrescentando: – Se não cinco, dez – como se fosse uma simples correção. Desde então aprendi, com alguma amargura, que, se não dez, quinze seriam o suficiente. E, se não quinze, então vinte. Enquanto eu subia aqueles montes chuvosos e escorregadios com Godefroi Saint-Omer naquela noite distante, parecia estar sendo embalado pelos coros de besouros, e não pensei em fazer perguntas sobre tais eventualidades.

Além disso, estávamos naquele momento chegando ao topo de uma cadeia de montanhas, cujos declives caíam diante de nós até uma planície nivelada, onde havia luzes. Um anel de velas acesas que tremia no escuro, com outro anel semelhante, porém menor, no centro. Na trilha circular entre essas fronteiras flamejantes, figuras pálidas moviam-se em um cortejo lento, de onde vinha um murmúrio oceânico que era transformado em um canto gregoriano pesaroso, enquanto descíamos a colina em direção às velas e aos cavaleiros cantando em círculos. A roda de fogo interna ficava sobre uma pedra achatada usada para o serviço como um altar improvisado. Havia algo em cima dele que não consegui distinguir, por entre os brilhos que

dançavam inclinados nos pavios que o rodeavam. Descemos rapidamente a encosta na direção do fulgor, Saint-Omer e eu, e quando seguimos algo parecia brotar no ar, movendo-se de forma ruidosa e horripilante: monstruosos insetos do deserto rumo à sua extinção fulminante e cheia de luz nas chamas das velas. Desatento e guiado por Saint-Omer, pude apenas seguir o exemplo deles. Vozes tristes ascendiam, e nós descíamos, descíamos...

A chuva que bate com força em meu rosto agora é como as carcaças flutuantes dos insetos que batiam em meu rosto naquele dia. Embaixo dos cascos dos cavalos de nosso grupo, as nódoas verdes e fibrosas das fezes de cavalo dão lugar às jóias negras e duras de estrume, com as quais fica claro que chegamos à trilha das ovelhas, para onde os rebanhos emaranhados e infestados de carrapatos são trazidos do País de Gales. Maud pára de chorar por algum tempo, enquanto descemos, apesar de seu rosto estar molhado, mas isso pode ser da chuva.

Uma escuridão que parece mais presente e mais concreta se ergue no alto de uma pequena colina à nossa direita, em contraste com a escuridão mais pálida atrás. É a minha igreja construída pela metade, com suas oito grandes pilastras erguidas na direção do miasma revolto dos céus. Faço um sinal para John e para os homens solenes com o brasão, estendo o braço e pego as rédeas do cavalo de Maud, e puxo nós dois para fora do muro baixo de pedra que limita o lado mais baixo do terreno da igreja. Ela cresce acima de nós, incompleta e ainda assim já sugerindo sua grandeza final, enquanto somos auxiliados por nossos serviçais para apearmos e subirmos pela encosta de grama molhada que leva a ela. Das sombras vem um ruído apavorante e o arrastar de pés calçados com ossos. Maud dá um grito de susto. Mas

não é nada, apenas ovelhas que pastam por aqui e arrancam as ervas daninhas ao redor da igreja.

Seguro Maud pelo braço com tanta força que ela estremece, apoio-me nela enquanto me aproximo do círculo de pilastras que se elevam de forma compacta na escuridão sem estrelas, na direção de seus arremates circulares e esculpidos. Entre as oito grandes colunas a fenda profunda da cripta aberta pode ser vista, onde degraus de pedras brutas vão dar na lama remexida pela chuva. Apesar de Maud se encolher, eu a puxo para perto da abertura, para ficarmos entre as pilastras, nas quais me encosto e encontro apoio.

Agora Maud reinicia o seu choro e, quando olho para onde estão o meu escudeiro e meus homens com o brasão, atrás, num pequeno espaço, vejo que eles também estão desconcertados, não sei se pela igreja volumosa ou se pela minha conduta. Grito, para ser ouvido acima do zunido do vento e do chiado da chuva, apontando para as fundações de corte alongado e para as paredes incompletas da chancelaria que ficam no lado mais distante da câmara mortuária aberta.

– Ali! Você está vendo? Aquele será o Martyrium, que representa a Paixão do Nosso Senhor, ao passo que essas câmaras, uma vez fechadas, representarão a gruta na qual ele se deitou, lá no Getsêmani. Venham! Venham comigo até elas. Eu lhes mostrarei...

Com o choro sufocado, Maud se afasta de mim e corre da beira da cratera das colunas até onde estão, mudos, John e os homens de brasão. Ali pára, vira, olha para mim, com os olhos arregalados de medo e o queixo pontudo tremendo feito a agulha de uma bússola fixada em meu norte. Ralho com ela e com os homens que ficam ali parados sem fazer nenhuma menção de que vão arrastá-la de volta para mim.

– O quê? Ficaram com medo deste mero arcabouço, desta mera anatomia que ainda não é uma igreja?

Ficarão muito mais assustados quando virem sua torre! Se não querem vir comigo até as câmaras, danem-se! Irei sozinho!

De certa forma espero, diante disso, que John venha em meu auxílio, mas ele simplesmente permanece ao lado de sua Lady Maud e olha para mim em um transe de medo muito semelhante ao dela. Amaldiçôo os dois e lhes dou as costas, segurando firme nas pedras salientes dos muros já construídos da câmara. Desço lentamente as escadas escorregadias cobertas de musgos. Arrastando uma perna, sigo rumo ao mistério.

De volta ao deserto, descemos até os cavaleiros no círculo, Saint-Omer e eu, passando a ouvir o seu canto com mais clareza enquanto eles caminhavam em seu grande anel, acima do altar cercado de velas. Em seus lamentos sem melodia, vez ou outra ouvi o sagrado nome de Jesus, e tive a certeza de que não havia nenhuma presença demoníaca em seu ritual. Atravessamos o círculo externo de velas e, diante da nossa aproximação, os cavaleiros que cantavam se afastaram para nos deixar entrar no círculo interno de luzes, em direção ao altar que eles guardavam.

Próximo do altar, Saint-Omer se inclinou para sussurrar em meu ouvido, e suas palavras eram claras, apesar de estarmos em meio ao canto de seus irmãos.

– Está me vendo, meu Lorde de Saint-Liz? Está vendo o rosto de nosso Baphomet, de nosso ente louvado, perante o qual as nações da terra certamente se curvarão? Olhe mais de perto.

Lá, além das chamas cintilantes...

Estou de pé agora sobre o limo produzido pela chuva aqui na câmara sem tampa da minha igreja incompleta. Acima de mim, espiando por entre as colunas, estão os rostos de meus serviçais e de Lady Maud, que se aproximaram com passos hesitantes para poder me ver melhor em meus delírios.

Embora a chuva violenta forme poças dentro das órbitas dos meus olhos, ergo o rosto para eles quando berro.

– Aqui! Esta é a gruta onde Cristo dormiu e, acima de mim, no grande círculo da nave estará o símbolo de sua ressurreição...

De sua ressurreição. Ao lado de Saint-Omer, eu me inclinei para a frente, apertando os olhos para poder enxergar através do anel de velas acesas, para ver o que estava sobre o altar de pedras brutas, no centro. Girando ao nosso redor com suas vestimentas de uma brancura fantasmagórica e uma cruz sangrenta sobre cada peito, os cavaleiros cantavam "Jesus, Jesus..."

Segurando-me nas paredes úmidas da cripta para não cair, começo a mancar ao redor do grande círculo de pedra, arrastando o meu pé aleijado pelas poças fundas e marrons, gritando enquanto sigo.

– Vocês pensam, feito idiotas, que *isto* é blasfêmia, esta circularidade sagrada? Ora, se vocês soubessem o que eu vi...

Sobre o altar, sua pele era negra e enrugada com a idade. Os pêlos que ainda pendiam do couro cabeludo ou do queixo eram longos e prateados, brilhando à luz das estrelas e das velas.

– Ali – veio a respiração de Saint-Omer próxima ao meu ouvido. –Ali. Está vendo?

Os olhos tinham sido alinhavados com força, e restava uma expressão estranha, indecifrável, no canto da boca, ali onde os lábios haviam afrouxado e se descosturado. Tratava-se de uma cabeça, mas não saberia dizer de quem era, só que deveria reduzir todos os papas e potentados à mera servidão.

– Ali – disse Saint-Omer. – Está vendo?

Eu sigo chapinhando em minha volta desajeitada pela câmara mortuária e, no entanto, as palavras que grito não carregam mais significado do que o da saliva e

dos estalos de uma fogueira para o deus Bel. Estou chorando, cambaleando, urrando, enquanto as máscaras congeladas de Maud, John e todos os serviçais perplexos estão lá no alto, olhando para mim, julgando-me.

– Estou velho e quase em meu túmulo, e mesmo assim ninguém se mexe! Eles não se importam nem um pouco comigo! Alcançarão seu reino depois que eu me for, para que não haja nenhuma recompensa para mim, nem aqui, nem em nenhuma outra vida! Se vocês soubessem o que eu sei...

Descobri de quem era a cabeça. Ocorreu-me com tamanha força e certeza que dei um passo para trás, como se a areia sob os meus pés pudesse se abrir de repente e lançar-me direto para o inferno.

– Ali – disse Saint-Omer. – Está vendo?

Escorrego e caio na lama, praguejando. Ainda assim, nem os homens, nem Maud fazem um movimento sequer para me ajudar. Estou chorando enquanto me arrasto de joelhos pela cripta, agarrando-me nas pedras salientes da parede irregular para ficar quase de pé.

Contemplei a cabeça com um terror mortal. Suas feições pareciam lançar e torcer as sombras à luz das velas. Então era tudo mentira, assim como todas as Cruzadas e os batismos. A pedra central na qual a fé se apóia foi retirada de mim, e em seu lugar me foi deixada esta relíquia odiosa, mumificada e escurecida, que parecia me imobilizar com o seu olhar costurado com tripa de gato, parecendo mover o canto solto de sua boca para formar um sorriso horroroso. Morrerei e nada restará de mim a não ser vermes e ossos. Serei removido, estarei ausente nas trevas infinitas e insensíveis, onde não chega nenhum pensamento. Não me erguerei até a nave do renascimento, ecoando vozes de anjos, como não acontecerá com mais nenhum de nós, porque o céu se tornou um lugar vazio e os homens mortos não sobem, nem fazem pedras recuarem. Nossas

almas não conhecem nenhuma forma de elevação, tampouco possuem um destino final.

Rindo, chorando, com o meu pé inerte arrastando atrás, dou voltas e voltas, sem parar, sob um céu vazio, para o qual nem homem nem mártir jamais subiram, nem viu a chama do homem reacender depois que o seu brilho se foi, nem jamais soube de nenhuma ressurreição.

CONFISSÕES DE UMA MÁSCARA



1607 d.C.

Fico decepcionado por ter que contar que nos últimos tempos estou de novo com uma crise de identidade, perseguido por pestilentos pensamentos. Idéias estéreis e inúteis se agitam à toa dentro da cápsula de pergaminho desta máscara de sorriso tolo, na qual me transformei. Pior que isso, elas provocam uma terrível coceira dentro e atrás do meu crânio, onde, temo, ainda exista algum coágulo seco de memória. Um invólucro cinzento de esponja quebradiça, torcida e seca,

incrustada no interior da concha, como fungos e relíquias encontrados nas páginas de livros velhos.

Noto que, ao conseguir fazer meu crânio se inclinar para a frente e para trás, como tocado por uma brisa, a ponta de ferro do prego raspa o local da irritação, trazendo um pouco de alívio. Porém, isso não dispersa a minha principal fonte de agravo, a saber, sou capaz de pensar e sentir, quando imaginava (sem nada imaginar) que estava pelo menos livre dessas entristecedoras tarefas.

Quando foi a última vez em que soube de alguma coisa? Sem visão, não consigo determinar quanto tempo desfrutei aqui, oscilando e fedendo, desde a última vez em que recobrei os sentidos. Se não me falha a memória, foi no verão, quando a cúpula desta catedral de ossos vibrou com o zumbido de frade das moscas de barriga verde. O mascar das larvas, onde um dia brilharam os sonhos. Não consigo lembrar se foi no último verão ou no verão anterior a esse. Lembro apenas que fiquei pendurado aqui por vários meses, o que dá, de acordo com os meus cálculos, o ano de 1606, terceiro ano do reino do bom Rei James, que o Todo-Poderoso apodreça seus olhos (habilidade que o Todo-Poderoso empregou com grande sucesso em diversas ocasiões e da qual eu mesmo posso dar testemunho).

Com o outono, o vento é úmido sobre o papel de cadáver enrugado da minha fronte, e traz um silêncio entre as varejeiras. É outubro, então? Novembro? Mas de que ano? Na verdade, pouco me importa, anseio apenas por esquecer as datas e conhecer a eternidade. Imaginei que tinha conseguido isso, da última vez. Imaginei que tinha ido embora. Em vez disso, mero sono. Mais um desmoronamento da razão, corroída pelos vermes, para despertar novamente, desta vez cheio demais de tédio para ficar horrorizado.

Eu me pergunto se meu pai ainda está vivo. Pobre Tom, tão louco quanto eu. Quase tão limitado em seus movimentos, enclausurado pela lei em suas terras em virtude de sua fé. A cabana esquisita, de três lados, construída com a intenção de simbolizar a Trindade e, por meio dela, ridicularizar seus captores. Escondida na típica linguagem própria de meu pai, mística e oculta, suspeito que a zombaria tenha passado acima das cabeças de seus carcereiros, não alcançando seu propósito.

Três andares. Três lados. Três janelas feitas de triângulos de vidro em cada lado, em cada andar. Grandes números, três e nove, colocados nas paredes de tijolos, simbolizando não sei que coisa. Ainda que me lembre da vez em que meu pai fez um grande esforço para me explicar o significado deles.

– Eles representam datas, pequeno Francis. Datas contadas a partir de nosso verdadeiro começo nesta Terra e da fundação do Éden.

À medida que ele falava, sua grande cabeça cinzenta balançava para a frente, para dar ênfase ao que estava dizendo. As últimas bicadas exaustas de um pássaro aleijado e velho.

Os cálculos de meu pai eram baseados num calendário elaborado por um certo bispo (cujo nome não me lembro) que havia estabelecido, a seu gosto, a data precisa do início do mundo. Para minha decepção, devo confessar que este importante aniversário também me foge à lembrança, mais uma recordação comida pelas moscas. Lembro, no entanto, que a Criação foi concluída numa segunda-feira.

Até esse ponto, ainda que não pudesse ser considerado são no sentido comum, as razões de meu pai para construir a cabana estavam, ao menos, ainda dentro da minha capacidade de compreensão: ele desejava erguer uma afronta triangular a toda sensatez

e, dessa maneira, celebrar a Santíssima Trindade, em cujo nome foi ele encarcerado. Além disso, ele desejava datar sua construção a partir daquela manhã de segunda-feira primordial na qual o Todo-Poderoso dignou-se a conceder a Luz.

Porém, esse não foi o limite das estranhas preocupações de meu pai. Além dos números enormes expostos em relevo, em sua cabana, havia letras também, a maioria delas fazendo parte de jogos de palavras curiosos, feitos com o nome da família, Tresham, que é abreviado “Tres”, isto é, três, o que nos leva de volta ao Pai, Filho e a seu pombo celestial.

(Se me é permitido arriscar um aparte e, com atitude modesta, uma censura, devo dizer que, em todos os meses que tenho esperado para atingir o reino dos céus, não fui visitado nenhuma vez pela tal ave abençoada, mas uso um gorro de estrume dos seus primos.)

Eu ficava em pé diante da porta abobadada do Salão Rushton, observando meu pai enquanto ele, por sua vez, inspecionava, do outro lado dos campos, a construção de sua loucura. Andava cheio de cerimônia de um lado para o outro, o tempo todo dando gritos de encorajamento para aqueles que estavam trabalhando na construção da cabana:

– Por obséquio, Cully, mais para a direita! Não se esqueça de fazer as medidas com múltiplos de três, se o senhor me preza! Deixe as inclinações bem feitas nos cantos, não arreganhadas feito pernas de prostituta!

Aqui em Northampton existe uma igreja feita em círculo, erguida nas blasfemas proporções da época das Cruzadas contra o sarraceno. De acordo com as conjecturas, ela foi construída dessa forma curiosa para que Satã não possa encontrar um canto onde se esconder. O que dizer da cabana de meu pai, então? Ela com certeza estava cheia de demônios em todos os

cantos, diabos por todos os lados, levando-o, por meio do orgulho e do rancor, na direção da insanidade. O que leva todos nós rumo a tais catástrofes? Não foi, com certeza, a voz do Todo-Poderoso que o guiou a um tão lamentável fim, e sim aquela voz emitida da fornalha, da boca do forno, deixando rastros de saliva de minério branco.

Apesar de todas minhas afirmações e juras de ter compartilhado da crença de meu pai desde a sua conversão, ainda sinto dificuldade em aceitar e apoiar um Deus que daria ao senhor Thomas Tresham, como recompensa por sua fé, a prisão domiciliar e, em seguida, o destinaria a passar o resto dos seus dias construindo uma grande fatia de queijo de pedra. (Estou reclamando apenas do tratamento que o Todo-Poderoso deu a meu pai. Note que não discuto a Justiça descarregada sobre mim, considerando-a correta, até um certo ponto. Este ponto, devo dizer, está enfiado de modo incômodo pela minha traquéia defeituosa, onde forma, não sem dor, uma saliência no meu cerebelo coberto de teias de aranha. Tirando isso, devo congratular o Senhor por sua sempre lembrada tolerância.)

A igreja redonda e a construção triangular feita por meu pai, essas enormes formas, sólidas e simples, estavam tranqüilamente colocadas sobre o mapa do condado. Arrumadas com cuidado e método, ao longo dos séculos, por deuses lentos e cretinos, pareciam blocos de construção para crianças, com muito poucos pedaços no lugar certo, para permitir adivinhar seu desenho final, se é que existia algum desenho final. Às vezes, enquanto os pensamentos vêm e vão neste plano turvo e confuso, que é o único que me resta, chego a me sentir como um acrobata numa longa, crítica queda, acontecendo em algum lugar distante. A sensação de cair numa aguardada abertura na margem do Tempo,

embora eu não saiba como. Se existe algum desígnio pré-determinado, minha situação presente parece sugerir que não sou considerado essencial para a sua realização.

Eu decoro o portão norte da cidade. Apesar de não ter olhos, consigo notar que não me moveram enquanto eu dormia e vivia o sonho doce e tranqüilo de estar morto. Além disso, é claro, não substituíram os vigias alojados na guarita da entrada da cidade, John e Gilbert, a quem reconheço pela voz e pelo perfume distinto e isolado do xixi que cada um faz na parede da guarita, todas as manhãs, ao se levantarem, num ritual quase uníssono.

É assim: primeiro, Gilbert acorda com todo o peso da cerveja da noite anterior forçando sua bexiga e começa a tossir, grave e rouco, como sua voz, e a cuspir pigarros. John é despertado pelos ganidos do colega e também começa com os seus, porém num registro mais agudo, parecendo ser o mais novo deles. Enquanto isso, Gilbert salta da cama, veste a calça e as botas e sai cambaleando para fazer xixi. O som que ele faz parece não ter fim e, como costuma ocorrer com esses sons, provoca em John uma solidariedade que o faz correr e se juntar ao companheiro. Ele então acrescenta sua corrente escassa ao tremendo jorro da represa já aberta. No fim de seus trabalhos de rega, os dois homens soltam gases, primeiro Gilbert e depois John, o tom mais uma vez refletindo seus respectivos temperamentos e idades, um grave, outro agudo. Um *crumhorn* e um *penny whistle*.[1]

Todos os dias eles fazem isso, tão inalteráveis quanto o canto dos pássaros que anunciam o alvorecer, e suas outras funções diárias não parecem ser menos rotineiras. Do amanhecer ao entardecer eles se esforçam no trabalho, ou se esforçam ainda mais para não trabalhar. Quando conseguem ficar conversando,

seus diálogos são os mesmos, todos os dias, repetidos frase por frase. Não duvido que os pensamentos que têm hoje sejam exatamente os mesmos que tiveram ontem e que serão requentados e de novo servidos, no dia seguinte. Eles se distraem, felizes, com esta monotonia vil. Alguém que desconhecesse nossa situação poderia concluir com facilidade que eles estavam pendurados no poste, não eu.

Meu pai, eLivros em suas terras e cuidando de sua loucura tripla. Catesby, Fawkes e os outros, todos envolvidos em suas diversas determinações, nos círculos de seu hábito e de sua razão. Todos nós estamos presos em nossa própria armadilha. Cada um de nós está imobilizado em seu lugar, e cada homem tem o seu prego.

Ultimamente Gilbert e John têm se referido a mim (quando chegam a falar de mim) como “Charlie Lá No Alto”. “Francis”, um nome que soa mais honrado, obviamente não combina com os desajeitados ritmos de sua fala tanto quanto “Charlie”:

– Para que lado está soprando o vento, jovem John? Dê uma olhada no Charlie lá no alto e repare em que parte do cabelo dele as moscas estão pousando!

Um dia eu tive lindos cachos, hoje sou um cata-vento para idiotas.

Mesmo assim, de um modo geral, me agrada pensar que ainda tenho alguma função e existe algum propósito para minha existência, ainda que seja insignificante e medíocre. Não apenas indico a direção do vento, mas também um ponto de encontro, um local de fácil referência, onde jovens amantes podem combinar de se encontrar. Seus coitos breves e quase sempre alegres, ao lado do muro abaixo, onde os pássaros pousam, despertam em mim uma pontada de dor imaginária, muito semelhante à pontada causada ao ouvir as micções altas e torrenciais de Gilbert todas as manhãs.

Embora o meu equipamento para realizar tal ação não exista mais, eu também gostaria de comer uma prostituta ou mijar numa parede de vez em quando. Na verdade, não sei dizer qual é a mais lamentada das duas satisfações ausentes. Gostaria de ter tido mais tempo para apreciar ambas, enquanto ainda estava vivo. Pois é...

Além de meu uso como totem para os agarramentos de jovens rapazes, também sou capaz de oferecer meus serviços como alvo para os mísseis de seus irmãozinhos. A maioria das vezes seus tiros passam longe. No entanto, ao recobrar os sentidos desta última vez, descobri que um dos diabinhos mais talentosos havia conseguido alojar um pedaço de carvão do tamanho de um punho na cavidade do meu olho esquerdo. Devo confessar que isso me agradou bastante. Imagino que minha máscara adquiriu, com a assimetria, um ar maroto e até elegante, de um monóculo de azeviche com lente fosca.

Pensando bem, um longo tempo se passou desde a última vez em que fui alvo para as pedras do tiro-ao-alvo das crianças. Elas andam afastadas, sem dúvida atrás de alguma diversão mais nova. Se eu não fosse uma máscara, chamaria para que voltassem.

Tenho a impressão de que este sempre tem sido o meu obstáculo maior, o fato de não poder falar abertamente, dar às pessoas a bem-comportada expressão que elas esperam ver. Se a verdade pudesse ser dita, a crença católica de meu pai não era a minha. Porém, quando ele me fez a proposta, tudo que fiz foi balançar a cabeça, concordando feito um fantoche. Não fiz diferente com Fawkes, Winter e os outros, que anunciavam suas insurreições fantasmagóricas lá na guarita de Ashby. Enquanto eles falavam com imponência, tudo o que eu fazia era protestar de forma branda contra o otimismo negligente de suas ações.

Jamais disse “não”. Enquanto apodrecia na Torre, atormentado por um aumento terrível das luzes, todos os dias agradecia, com educação, aos meus carcereiros, quando eles traziam as papas que eu não conseguia comer, e desse modo eu livrava a minha cara naquela situação. Livrar a cara se tornou assim o principal empenho de minha existência mortal, após o que, justamente, me tornei uma cara que outros usam quando querem se livrar de situações. Cuidado, você que não quer criar escândalo! Estremeça, você que não presta atenção em si mesmo, e veja o que me trouxe a timidez, agora que até minha moela se tornou um espetáculo público. Veja, você que é submisso: esta ponta de ferro representa toda a terra que você vai herdar.

Testando os sentidos que me restaram, poderia parecer que todos os coágulos de cérebros que estão incrustados na beira desta bola de ossos ficaram em total desarranjo, de modo que meus pensamentos estão mais lentos e eu cochilo mais. Breves intervalos de sono com relâmpagos de sonhos brilhantes e tolos.

Não sonho com a vida que tive. Em todos os meus sonhos sou como estou agora, pendurado no alto e sem visão. Em um deles eu estava pendurado na entrada de fora de uma cidade mais antiga do que esta, embora a sensação seja de que se tratava da mesma cidade. Estou em companhia de outros fragmentos de corpos pendurados e esquecidos ali, mas para a minha decepção eles são apenas troncos. A minha é a única cabeça colocada no meio deles. Naquele jeito engraçado das coisas acontecerem nos sonhos, noto que os restos mortais sem cabeça e sem membros ainda são capazes de falar, mas através de seus órgãos genitais. Passo a fazer companhia a um deles, o tronco de uma mulher cuja conversa é sempre sobre planos, truques e ardilezas, embora insuficientes, pelo que parece, para poupá-la desse fim horrendo. Maquinamos um plano

entre nós para combinarmos os nossos melhores recursos, colocando, de alguma forma, a minha cabeça sobre o seu pescoço esfarrapado. Ela me conta, ecoando através de suas partes pudendas, que sabe de algumas pernas e pés que poderiam resolver se juntar à nossa conspiração. Ah... Mas o sonho termina antes que possamos pôr em prática esse encantador plano de cooperação e fugir.

Um outro sonho era mais simples. Estou sobre uma pedra baixa e achatada, ainda aquecida pela luz do sol, embora a brisa da noite rodopie ao meu redor, uivando por distâncias sem fim e carregada do perfume do deserto. Estou cercado por vozes que cantam, circulando pela escuridão, parecendo ser de homens carrancudos e insípidos que andam ao meu redor. Há um rangido abafado de areia pisada e o estalo de juntas de armaduras. As palavras que eles murmuram são estrangeiras, nomes estranhos e bárbaros, que não consigo lembrar ao despertar graças ao estrondo do dilúvio matinal de Gilbert.

É uma pena. Tinha esperança de que os sonhos que temos na morte pudessem fazer mais sentido do que aqueles que temos quando estamos vivos. Esses sobressaltos noturnos não têm nenhum significado que eu possa compreender, embora perceba que todos eles nascem de tempos distantes, sem dúvida da terça ou quarta-feira que se seguiram à segunda, com certeza agitada, da Criação, como acreditava meu pai.

Assim adormeço, sonho, balanço e me decomponho.

Agora é mais tarde, e tenho companhia.

Fui perturbado algum tempo atrás por alguma coisa pesada, roçando na construção de pedras logo abaixo de mim de um modo desajeitado. Os rosnado de John e Gilbert que vieram de baixo me permitiram concluir, por fim, que eles estavam lutando para erguer uma escada,

pela qual talvez fossem subir para se juntar a mim neste poleiro elevado. A princípio esta intrusão grosseira me causou pânico, temia que estivessem vindo para me levar para baixo, onde ficaria sujeito a alguma nova indignidade. Após algum tempo, no entanto, seu diálogo com forte sotaque deixou claro que não seria esse o caso.

– Coloca ele do lado do velho Charlie lá em cima, pra eles formarem um par.

Isso veio de Gilbert, que estava no chão e, com certeza, segurava a escada firme, enquanto deixava a subida para John, o mais ágil. A resposta do jovem saiu de perto de mim, sua voz esbaforida quase em minha orelha. Senti um odor atordoante de queijo rançoso, que a princípio supus vir do hálito dele.

– Estou tentando, mas este aqui está mais fresco do que o Charlie quando veio, e não é tão fácil pendurá-lo. Me segura firme agora, eu quase caí.

Isso prosseguiu por algum tempo até que por fim o jovem gritou, avisando Gilbert que tinha conseguido.

– Muito bem, John. Agora você pendura a bolsa no pescoço dele, senão ninguém vai reconhecer o desgraçado.

Xingando entre dentes, John evidentemente fez o que lhe foi mandado, porque pouco depois ouvi o som dos degraus vergando, seguido dos ruídos da escada sendo retirada. Com isso, os dois porteiros dirigiram-se para dentro da guarita. Notei que o cheiro de queijo permaneceu.

Seguiu-se um silêncio, depois um som parecido com o ranger de dentes, um gargarejo feio que transformou-se em engasgos, soluços e, finalmente, palavras.

– Por Deus! Por Deus, onde está o capitão agora, e que cheiro é esse de putrefação ao seu lado? Seus mil homens fugiram, eles que se uniram a Pouch e sua causa justa?

Logo me dei conta de que era a mim que ele tinha se referido como o cheiro de putrefação ao seu lado, quando seus delírios recomeçaram:

– Não temam, rapazes! Pouch segue lutando! Mesmo que eles tenham prendido seu capitão, eles não reduziram ao silêncio seu poderoso coração! Por Pouch! Por Pouch e pela justiça!

Eu tinha desejado uma companhia e lá estava ela, apresentando-se a mim, talvez de uma forma mais verborrágica do que a que eu esperava.

– Vejam como seu capitão foi tratado, com suas tripas em Oundle e o traseiro em Thrapston! Levem-no para casa, meninos! Levem-no para Newton-in-the-Willows pela ponte Barford! Chorem por Pouch em meio às árvores que choram! Não lhes contei, mas na bolsa do capitão existe material suficiente para se defender contra todos os que vierem. Ainda chegará o nosso dia se permanecermos firmes, não recuarmos, nem perdermos a cabeça!

Limpo a garganta de tudo, menos da haste de ferro enfiada nela e me dirijo a ele.

– Seu conselho, senhor, por mais bem-vindo que seja, chega bastante atrasado. Sinto dizer que é tarde demais.

Uma pausa cheia de espanto se seguiu, o único som era o rangido sutil de meu companheiro em sua tentativa de virar a cabeça sobre o ferro, para me olhar melhor.

Após algum tempo, ele falou novamente.

– Pelo sangue de Jesus, senhor! Pouch nunca imaginou ver um homem reduzido ao seu estado ainda possuidor de sensibilidade e fala.

Mais uma pausa, na qual ele deve ter pensado em incluir a audição na lista das minhas habilidades restantes e, diante disso reconsiderar seus impetuosos comentários iniciais.

Quando prosseguiu, foi num tom mais suave.

– Senhor, por quaisquer insultos que possam ter sido atirados como carvões sobre sua... – ele balbuciou qualquer coisa e depois continuou, pouco convincente. – Isto é, sobre o senhor. Por quaisquer desatenção e injúria que tenha tido que de suportar, aceite os pedidos de desculpas do capitão.

Eu me chacoalhei de algum modo em meu pino, fazendo o movimento mais parecido com um perdão que pude fazer.

Sem jeito, o capitão fez mais um esforço para começar uma conversa.

– Já está aqui há muito tempo?

Era inacreditável, quem o ouvisse falando poderia pensar que estávamos esperando uma carruagem.

– Isso depende... da data – respondi após alguma reflexão.

Com o máximo de precisão que poderia determinar, tendo perdido a conta de um dia ou mais, ele me informou que estávamos na última semana de outubro do ano de 1607. Isso pareceria indicar que estou suspenso aqui há quase dois anos. Enquanto lutava para aceitar essa idéia, o capitão Pouch (é esse o seu nome) continuou a sua tagarelice.

– O senhor sabia que tem uma coisa no seu olho?

– Sim, sabia. Se não estou enganado, é um pedaço de carvão.

– Que estorvo. O senhor tem a solidariedade do capitão. Com sua licença, o que são esses espetos pálidos e ossudos que saem do seu crânio? O senhor foi afligido por esses tumores enormes em vida?

– Não. Isso é cocô de passarinho.

Desanimado por essa catalogação da minha ruína mortal, tento direcionar a conversa para outro assunto, perguntando ao meu companheiro como ele veio parar em uma situação tão desoladora.

Com indignação e cólera crescentes em sua voz, ele rompeu a fazer um discurso feroz sobre o mundo e suas injustiças.

– Sim, isso sim é uma pergunta! Como foi que Pouch veio parar aqui, ele que não fez nada de errado, a não ser defender o seu direito inato de homem inglês? A tirania, senhor! Tirania cruel e as ordens de déspotas derrubaram o capitão, assim como derrubariam qualquer um que lute pela justiça!

Faço comentários encorajadores, revelando que também tinha sido vítima de um opressor, ao lutar em defesa da minha liberdade. Esta afinidade recém-descoberta pareceu alegrá-lo (onde quer que essa história possa ter se passado, em Thrapston ou em Oundle), e ele prosseguiu com o vigor renovado.

– Então, o senhor é o irmão de fé do capitão Pouch na adversidade! Ele era um homem simples, senhor, que vivia em Newton-in-the-Willows, perto de Geddington, onde está a cruz da abençoada Eleanor.

– Conheço esse lugar. Continue.

– Pouch tinha outro nome então, senhor, e estava contente com seu pedaço de terra, mas não ficaria assim por muito tempo. Havia uma serpente aninhada no Éden do capitão, pronta para dar o bote.

– Os tiranos aos quais o senhor se referiu anteriormente?

– Os mesmos. Uma família de ladrões vadios que, com sua riqueza mal adquirida, haviam se apoderado das terras, deixando as pessoas boas dos arredores ficar apenas com os restos, para cultivar seu alimento! Pior, enquanto essas mesmas pessoas de bem se amontoavam em suas sobras de mato, os canalhas resolveram erguer uma grande construção imponente, cuja visão com certeza esmagaria ainda mais a alma daquelas pessoas boas!

Tive um súbito pressentimento quanto ao rumo que a narrativa ia tomar. Como havia dito a ele, conhecia Newton-in-the-Willows muito bem. Tinha uma boa razão para isso.

Com timidez, fiz uma interrupção:

– Esta grande construção a que se refere seria um pombal?

– Então você conheceu aquela coisa feia e cheia de soberba? Sim, um pombal gigantesco. Já ouviu falar de tal ostentação? Como se não fosse ruim o suficiente, eles já haviam se apossado da igreja de nossa aldeia, Santa Fé, afirmando que era a capela particular deles! Um dia, quando essa ofensa não pôde mais ser suportada, o capitão reuniu ao seu lado mil homens e jurou que iriam demolir as barreiras erguidas ao redor dos cercados da família.

– Seria essa a família Thresham?

– Sim! Já ouviu falar deles?

– Vagamente.

Todo domingo, antes da prisão domiciliar de meu pai, íamos de carroça até Newton-in-the-Willows. Enquanto atravessávamos a ponte Barford, meu pai tornava a contar a história de um monge fantasma que, segundo diziam, residia às margens do rio Ise e que, na calada da noite, seguia com os viajantes parte de seu trajeto, para depois desaparecer mais adiante na estrada. Toda semana eu tremia com a história de meu pai, como se a estivesse ouvindo pela primeira vez.

Ajoelhado sob a estranha luz pálida da cor de mármore que entrava pela janela da igreja de Santa Fé, eu abaixava a cabeça e rezava. Pelo que lembro, rogava ao Deus Todo-Poderoso principalmente que, quando passássemos pela ponte Barford, na volta, não descobríssemos que o monge que desaparecia estava em nossa carroça. Em mais de uma ocasião ocorreu-me que as minhas orações e a minha presença na igreja de

Santa Fé não tinham outro propósito senão o de afastar o perigo sobrenatural a que me expunha somente para chegar à igreja toda semana. Parecia-me que, se eu simplesmente não fosse à igreja, tanto eu quanto o Todo-Poderoso poderíamos economizar tempo e esforço consideráveis. Eu lutava para afastar tais pensamentos, com medo de que Deus respondesse a essa blasfêmia, se não com uma visita do monge, com algo pior. Porém, ainda que essa idéia sacrílega persistisse, eu não era, como podia constatar, atacado pela terrível punição sobrenatural que temia.

Pensando bem, talvez tenha sido...

Depois da igreja, caso houvesse tempo antes de nosso jantar ser preparado, eu ia com meu pai ao pombal, que para mim parecia grande como o céu, repleto de uma brancura de anjos sentimentais e alvoroçados. Quando eu era jovem, não fazia bem a distinção entre a pomba comum e seu correspondente simbólico pentecostal, acreditando na época que meu pai tinha um bando de Espíritos Santos.

Talvez ele tivesse. Talvez essa seja a razão pela qual eu não tenha sido tocado pela asa celestial. Talvez não haja mais cativeiros externos.

Ao meu lado, cortando meus devaneios, a cabeça do capitão Pouch continuava sua diatribe contra a monstruosa família Tresham, recontando como ele tinha inspirado seus mil seguidores, dizendo-lhes que o que ele carregava na bolsa pendurada em seu pescoço (de onde ele tirou seu nome[{2}]) seria suficiente para repelir todos os inimigos.

Assim confiante, ele os liderou, bradando até as barreiras de cerca viva onde eles tinham feito algum estrago, durante algum tempo, antes que a nobreza da região e seus seguidores a cavalo, enfurecidos, chegassem ao local para andar de um lado para o outro e dispersar a massa.

Parecia que depois desse ponto as lembranças do capitão ficavam menos claras. O momento em que foi levado para a forca ainda lhe era nítido, embora, por sorte, ele se lembrasse pouco do instante em que foi pendurado, ou do esquartejamento que, evidentemente, se seguiu.

Perguntei-lhe se sabia como estava a família que ele tanto desprezava. Ele respondeu com algum regozijo que naquele mesmo ano meu pai, Thomas Thresham, tinha adoecido e, logo em seguida, falecido.

Ele está morto, então. A grande rocha de granito de sua cabeça balançou para a frente pela última vez. Finalmente estava livre das demarcações frustradas da terra que havia se tornado sua prisão, estava livre na companhia de outros mártires. Agora, sem dúvida, ele sabia a data da Criação, inclusive a hora exata. Sem dúvida ele agora entendia a paixão desnorteante do Senhor pelo número três e executava absorto a função de corrigir ângulos para os anjos, enquanto eles trabalhavam em algum anexo de seu paraíso de três cantos.

Quando enfim terminou sua história, Pouch pareceu achar que seria educado perguntar sobre a minha. Fez isso apenas por polidez, não por interesse genuíno. O capitão, na verdade, não tinha espaço em si para nenhuma história grandiosa e heróica além da dele próprio. Mesmo assim insistiu em ouvir meu relato, para eu não ficar aborrecido com seu desinteresse.

– Vamos lá, conte ao capitão a nobre batalha que o senhor enfrentou e que o trouxe para este lugar lamentável. Qual é seu nome, senhor?

Após um momento de hesitação, respondi.

– Charlie.

– E o seu crime?

– Gritei “Abaixo o Rei” em local público.

Durante toda minha vida aprendi a desenvolver uma naturalidade com a qual passava despercebido por trás desta máscara suave e vazia, para evitar situações desagradáveis. Agora que não havia restado nada de mim além da máscara, esta habilidade ficou ainda mais fácil de ser usada.

O tempo passou. Antes do pôr-do-sol, que eu reconheço por sua leve promessa de frio iminente, houve algo desagradável.

Eu tinha ouvido os pássaros pousarem, dois ou três deles, com baques pesados. Por um momento fiquei admirado com a volta, depois de tanto tempo sem suas visitas. Quando Pouch começou a gritar, minhas dúvidas foram respondidas.

Por sorte, não tive que suportar essa cacofonia infeliz por muito tempo. Com a chegada da noite os corvos voaram para casa. O capitão estava passando bem depois que tudo acabou, tendo perdido apenas um olho e um lábio. Mas quem o ouvisse gemendo e choramingando poderia até pensar que o céu havia desabado. Para ser imparcial, é preciso lembrar que eu tive mais tempo para me resignar com a nossa condição.

A não ser por um soluço ou outro, ele não falou novamente até o meio da noite, quando, com voz trêmula, começou a descrever as estrelas que conseguia ver com seu olho remanescente. Falou sobre seu número e sua majestade fria e indiferente.

Espiei para fora do meu pedaço de carvão e continuei não vendo nada.

– Isto é o Inferno? – ele sussurrou. – Há estrelas neste lugar? Isto é o Inferno para Pouch?

Já meditei mais de uma vez sobre que esquema de teologia poderia ser aplicado onde nos encontramos. Parece-me que, em concordância com o estranho sistema numérico de meu pai, existem três possibilidades: primeiro, pode ser que, afinal, aqui seja o

Inferno, porém em uma outra esfera e não abaixo da terra, como se poderia supor de imediato. Minha segunda hipótese é que, em meu caso específico, pode ser que eu seja considerado um traidor tanto pelo Deus da fé Protestante quanto pelo da Católica e, encontrando-me preso entre dois campos, sou simplesmente esquecido pelos dois, deixado aqui para virar pó. O terceiro e, segundo minha consideração, mais provável de todos os teoremas, é que a vida é ordenada de acordo com os princípios de uma religião desconhecida e secreta que não possui nenhum seguidor, ninguém pode decifrá-la, nem ter acesso aos rituais capazes de garantir alguma proteção.

Ao amanhecer, os pássaros (corvos, pelo som que fazem) voltaram e levaram os restos do capitão Pouch, enquanto, receio, ele estava mergulhado em alguma espécie de transe causado pelo horror. Não o ouvi dizer uma palavra sequer.

Ouço as crianças cantando, em algum lugar distante lá embaixo, e espero que elas atirem outro pedaço de carvão, para me suprir com um segundo olho preto brilhante, mas elas estão interessadas em outras coisas. À medida que as palavras de sua canção chegam até mim, entendo o que estão prestes a realizar e, com minha compreensão repentina, torno-me quase tão moribundo quanto Pouch.

– Lembre-se, lembre-se – elas cantam, elas ordenam. – Lembre-se, lembre-se.

Costumávamos nos reunir para beber na cabana triangular de meu pai. Bob Catesby, Guido Fawkes, Tom Winter e os outros, conversando sobre coisas de rapazes e jurando que chegaria o dia em que os católicos não mais se curvariam sob o jugo do opressor protestante. Uma vez caminhamos em peregrinação a Fotheringay Castle, a norte de Oundle (onde, se é possível acreditar nele, as tripas do capitão Pouch estão atualmente

enterradas). Vimos onde a boa rainha Mary se ajoelhou diante do cepo e entregou sua alma a Deus, tendo sua cabeça decepada com nada menos que três golpes desajeitados, diante dos quais seu cachorrinho saiu de baixo de suas saias, mas não de seu lado.

Não me recordo quem foi o primeiro a propor o plano. Mas temo que tenha sido eu mesmo, ainda que involuntariamente, quem colocou todo o desastre em ação. Bebendo na cabana, eu havia começado um relato apaixonado de todas as injúrias e injustiças que tinham roubado a liberdade de meu pai. Curiosa e obscuramente, quase me vangloriava, como se o glamour da condição infeliz do Tresham mais velho pudesse desse modo ser transferido para mim. Para minha própria desgraça, fui eloqüente demais, e ainda não havia terminado meu relato quando vi meus camaradas embriagados de pé, jurando que essa calúnia monstruosa não poderia deixar de ser vingada.

Achei que tudo seria esquecido assim que estivéssemos sóbrios, mas a idéia de uma grande vingança, por meu pai e pela totalidade das massas católicas, havia, de alguma forma, sobrevivido à bebida. Animados pelo vinho quente e pelo fervor justiceiro, meus companheiros logo decidiram que deveríamos não apenas dar um golpe de protesto: deveríamos nos encarregar de fazer nada menos que soar um alarme, um toque de clarim que reunisse numa revolta gloriosa todos os que depositavam sua fé em Roma. Nós mesmos realizaríamos o grande resgate de nossa fé!

Tendo testemunhado tudo o que havia acontecido a meu pai por pecados muito menores contra o Reino dos Céus, tive medo. Aconselhei meus companheiros dizendo que esse plano maluco poderia significar a ruína, não o resgate da fé desta ilha. Porém, faltou persuasão a meu conselho, como sempre faltará aos conselhos de uma máscara. Quando eles começaram a falar em

enfrentamentos na própria sede do Parlamento, vi que não tinha coragem de cumprir o que havia prometido a eles, e por minha própria natureza também não era capaz de recusar abertamente e parecer um covarde. O que eu deveria fazer? Meu rosto foi ficando opaco e paralisado, nada podia ser lido nele.

A noite veio mais uma vez. Pouch estava errado em sua estimativa da data. Estamos em novembro. Do outro lado dos campos, para além da cidade, um odor de lenha queimada corrompe o ar e, nas ruínas de minhas faculdades mentais, tenho uma imagem de fagulhas vermelhas subindo para cercar as estrelas. O que inflama as chamas da paixão de um homem? Qual foi a promessa que levou Fawkes e Catesby a prosseguir, ou que inspirou os mil homens do capitão Pouch?

Lembro-me das palavras do capitão quando à matéria mantida naquela bolsa pendurada em seu pescoço pelo jovem John, a tal que afastaria todos os inimigos. Para mim, é como se fosse certo que aquele talismã escondido guardava a faísca secreta capaz de acender todas as causas e rebeliões nobres. Apesar de seu atual estado deplorável, não consigo conter minha curiosidade.

– Pouch? Capitão Pouch? – eu assobio. – Acorde, senhor. Tenho uma pergunta que preciso fazer.

Ele geme e gira de leve, se inclina de um lado para o outro. Quando responde, sua voz é suave e sonolenta. Ele parece não saber onde está.

– Eu sou John Reynolds. Meu nome é John Reynolds e não enxergo.

Não tenho mais paciência para agüentar tais divagações, meus pedidos se tornam mais insistentes.

– Diga-me, Pouch, o que o senhor tem dentro dessa bolsa pendurada em seu pescoço? Qual é a fonte de poder que lança mil homens desatentos para baixo dos cavalos de seus inimigos?

Sua fala é indistinta e borbulhante:

– A bolsa?

– Sim, senhor. A bolsa. O que há dentro da bolsa?

Alguns momentos passam, e então ele fala:

– Um pedacinho de queijo verde.

– Só isso?

Ele não arrisca uma resposta, não posso mais extrair uma única palavra de seus lábios retalhados. Está bem. Aí está a minha resposta. Aí está o Graal que os homens deixam para as suas amadas antes de seguir tranqüilos ao desfiladeiro, à garganta fumegante da Guerra: um pedacinho de queijo verde. Quão amargo deve ser, então, sentirmos pela primeira vez o cheiro rançoso daquilo pelo qual lutamos.

Naquela noite de novembro, há dois anos, quando Catesby correu para a guarita de Ashby, pálido e sem fôlego, enquanto estávamos sentados à espera de notícias, já estava claro que o plano tinha sido traído. Fawkes tinha sido apanhado numa emboscada e, como conseqüência, Catesby e outros quatro tinham voltado de Londres revezando seus cavalos febris para dar a notícia terrível.

Alguns de nós pensaram, no desespero, em partir para o País de Gales, e havia até mesmo uma infeliz conversa oca a respeito de entusiasmar todos os católicos galeses a fazer de nossa revolução intempestiva um sucesso, ainda que em nossos corações soubéssemos que éramos todos homens mortos. Os outros foram para o Oeste, acabaram morrendo na fuga ou sendo capturados e depois mortos na forca, esquartejados e queimados. Eu mesmo sentei e chorei com meu pai no Salão Rushton, esperando a chegada dos homens do rei, para me levar à Torre. Eles sabiam onde eu estaria. Eu lhes havia dito na carta que escrevi para o meu cunhado, Lorde Monteagle, na semana anterior.

Como pagamento por minha traição eles pelo menos me livraram da execução pública, deixando-me, em vez disso, morrer na Torre, após uma doença prolongada por oito semanas. Enquanto estive encarcerado, os guardas sentiam prazer em me contar cada detalhe a respeito da morte de meus amigos. Uma história desta natureza ficou comigo: um dos mais azarados – não Catesby, Fawkes ou Winter, um que eu não conhecia tão bem – foi levado ao seu local de execução, decapitado e depois cortado em quatro. O carrasco ergueu sua cabeça para balançá-la diante da massa, gritando:

– Vejam! A cabeça de um traidor!

Ao que a cabeça respondeu:

– Tu mentes.

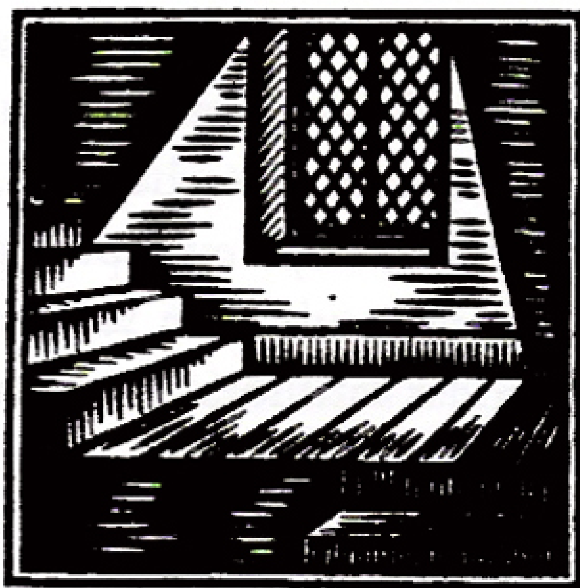
Desde então tenho esperança de dividir um cesto com uma cabeça que tivesse tal vigor, ou ainda, descansar ao seu lado na prateleira de alguma sepultura comum. Porém, é melhor que isso nunca ocorra. Sem nada além do rosto para mostrar, eu não poderia encará-la.

Em algum lugar nas minhas trevas, as crianças cantam acima dos ruídos e estalos das chamas. Antes de cantar para nós ou de montar suas fogueiras para sustentar nossa efígie, elas haviam queimado um boneco que representava Sua Santidade o Papa, e antes disso, sem dúvida, houve algum outro sacrifício, nos tempos da segunda-feira primordial, no primeiro fogo.

As labaredas e o som são uma coisa só. Se eu olhar com atenção com a jóia negra que é o meu único olho, vejo sua cusparada e seu clarão, no centro daquele carvão úmido e frio que é a minha noite. Foram os meus amigos que eles queimaram, não eu. Esta última libertação me foi negada, ser consumido nesse brilho eterno que é na verdade uma única chama despejada através das eras.

O calor e o brilho das labaredas crescem de repente e saltam, lançando sua luz trêmula dentro das órbitas da máscara, de modo que as sombras estremecem e parecem formar uma expressão facial onde, na verdade, tal expressão não existe, nem nunca existiu.

LÍNGUA DOS ANJOS



1618 d.C.

Carrego em meu casaco uma caixa de rapé, embora já não tenha mais o hábito de usá-la. Na parte de dentro da tampa há uma pequena pintura, de moças gregas ou romanas no banho. Elas estão sentadas com as coxas e as nádegas achatadas contra os azulejos e se debruçam umas sobre as outras, seios roçando ombros, rostos roçando barrigas. Pérolas produzidas pelo vapor formam linhas em suas costas, os pêlos sobre cada monte de

Vênus ficam enrolados, por causa da umidade, na forma de pequenos nós.

Penso em mulheres com freqüência demais, talvez, para minha idade. A enlouquecedora presença feminina, cada movimento impetuoso e cada som é uma pincelada sufocante na tela dos meus pensamentos. Suas saliências e reentrâncias. Suas dobras úmidas e ocultas, que se abrem feito Bíblias perversas de seda rosada, ou suas rendas, mármore sobre os braços. Suas entradas e saídas. Suas costas. Sua frente. Vaginas quentes e lábios de pele de megera, orvalhados com ouro amargo. Na minha imaginação elas ardem, selvagens e explosivas, gritando, incandescentes em meu pênis, meu centro. Posso fechar a tampa desta caixa de rapé cheia de ninfas, mas o fecho dos meus sonhos está quebrado e seu conteúdo não pode ser esquecido tão depressa.

Um dia acreditei que, quando me tornasse um homem e me casasse, não seria mais atormentado pelas visitações provocadoras de câimbras desses súcubos, demônios que traçavam o mapa dos litorais salpicados de espuma da minha paixão e encerravam sua cartografia de caracol em meus lençóis, perturbando o meu bom senso com diversões úmidas e febris.

Assim esperava, mas não foi o que aconteceu. Embora casado com uma mulher amável, cujo buraco aconchegante foi transformado em palco com cortinas de veludo, onde eu representava meus atos mais obscenos, a maré de imagens-sombra em vaivém não baixava, apenas ressoava mais alto dentro das latitudes da cama, de colo quente nas praias do sono, acima do ronco do cônjuge e do ruído cadenciado dos percevejos. Sem quaisquer esperanças de alívio, temporário e imediato, da mania de mulher, ou ginecomania, como diriam os gregos, procurei saciar minha sede por novidades carnais com prostitutas e empregadas. Quando isso era suficiente apenas para aumentar o já

grande apetite, buscava consolo no pensamento de que logo estaria velho e as necessidades de meu John Thomas com certeza estariam mais fracas e desesperançadas, e poderiam ser facilmente ignoradas.

Infelizmente, mesmo com a neve sobre o telhado, ainda há incontrolável fogo no porão, alimentado por ramos de salgueiros e troncos avantajados. É coisa demais para minhas boas intenções. Ultimamente meu desejo parece estar pior do que nunca, bastam as insinuações mais triviais para levar minhas meditações ao seu indecente caminho, coberto de imundices.

Os solavancos desta carruagem ao longo da esburacada rua Kendal se transformam num instante no balançar de uma carruagem de núpcias, a pelve de todos a bordo se mexe para a frente e para trás em uníssono, sugerindo a fantasia de que, se não fosse por alguns palmos de distância, eu poderia estar balançando para a frente e para trás dentro da jovem senhora sentada ao lado de sua filha, no banco em frente ao meu. Quando seus olhos da cor de um lago (que cena secreta e brilhante eles viram?) se erguem para encontrar os meus, suas pupilas de ova de rã parecem crescer, escuras e abertas: inquisitivas. Para que nenhum de meus pensamentos seja percebido em miniatura dentro do meu olhar, viro o rosto para onde as colinas Lakeland se estendem do outro lado da janela da carruagem, um harém titânico de pele de ardósia, todo adormecido, com a grama molhada e lustrosa em tufos nos seus eretos montes, ou subindo por uma escada de teias cada uma das encostas férteis, até os morros coroados com mamilos.

Já se vão algumas semanas desde que parti de Faxton para a minha viagem pelo circuito judicial, passando primeiro pela própria Northampton, onde confirmo meus vários compromissos e suas datas, depois em carruagem até o portão norte da cidade, ausentando-

me para as minhas rondas anuais. O portão tinha muitas cabeças penduradas, como amoras pretas num arbusto com espinhos de ferro, maduras e pesadas, frutos horrendos da revolta. Ainda que as cabeças de conspiradores católicos penduradas aqui, há muitos anos tenham se desgrudado e caído, rolando na poeira e na terra, o gosto forte de salitre da insurreição permanece no ar viciado da cidade. Os rostos dos homens parecem estar todo o tempo tingidos de vermelho, tal como bolhas nos dedos de um incendiário, podendo sangrar a qualquer momento.

As coisas são iguais por toda a terra. Presidi inquéritos judiciais de Nottingham a Crewe, para julgar os desordeiros que são trazidos diante de mim: homens pobres que são magros e homens pobres que ainda conseguem ser gordos. O jovem arrogante, o velho servil, o que está preso às muletas e o mutilado. Nos olhos de todos há uma afinidade, ainda que a pele deles seja pálida como aveia, ou rosa como o alvorecer, ou bronzeadas como selas. Olhos verdes, azuis ou castanhos, não importa. Todos têm uma matiz igual, que é da cor do grande ressentimento, com faíscas e promessas de chama.

As mulheres são um outro caso. Mesmo com a grande amargura só delas, continuam seu trabalho incessante e, para todos os efeitos, parecem habitar um mundo separado do calor do nosso mundo, trilhando caminhos de um outro, uma terra feminina. Terra que não é afetada pelos empurrões e tensões do entusiasmo, dos Impérios e das revoltas dos homens. Elas assam o pão. Elas lavam as roupas e dão à luz bebês que podem beijar e nos quais podem dar palmadas. Nos intervalos das nossas guerras, vamos até elas para mamar, na sua indiferença profundamente invejável, a estabilidade duradoura dessas mães. As que já são mães e as que ainda serão. Essas deidades salpicadas de tempero.

Assim divinizadas, sua profanação se torna de imediato mais doce ao pensamento e às sensibilidades secretas dos homens.

Passando por alguns sulcos ou buracos na estrada, os solavancos de coito da carruagem se tornam agora mais insistentes e inesperados, gemendo como a cabeceira da cama de uma meretriz, quando arranca e sacode rumo ao surpreendente final da viagem, um gasto fantástico de carne de cavalo, madeira e ferro. Em meio a esses solavancos, a criança sentada em minha frente bate com o joelho na porta da carruagem, e sua mãe é então chamada para confortá-la.

Ela o faz com um murmúrio de pombo, estranho e suave, no qual importa menos o sentido das palavras que o tom calmante e envolvente de sua voz de maré baixa.

– Ooh. Ooh, não faz mal, a pele não rasgou, mas você vai ganhar uma bela manchinha aqui, não é? Ooh, sim. Vai, sim. Uma bela manchinha.

Esses ritmos antigos e apaziguadores embalam a criança, cada "ooh" de pombo é uma gota de bálsamo, uma gota de óleo para suavizar as águas encrespadas e instáveis de seu rosto, onde ele pode ser visto, abaixo da aba preta de seu gorro. A estrada sob a carruagem logo se torna mais lisa, e a criança volta ao sono espasmódico e assim permanece até chegarmos a Kendal.

Ainda que sua majestade absorta não possa ser vislumbrada sob o chapéu solene e amarrado de forma rigorosa, sei que seus cabelos são castanhos avermelhados, longos, e que caem até a cintura quando não estão presos e crucificados com grampos. Ela se chama Eleanor, embora sua mãe pareça chamá-la na maior parte das vezes de Nell, que, na minha opinião, não é tão bonito. As duas vêm do extremo norte, perto de Dundee, para morar com alguma velha senhora, dona de um quarto para alugar nas proximidades de Kendal. Ontem à noite, quando vi as duas pela primeira vez, na

estalagem das carruagens, momento em que cada um de nós fazia uma pausa em nossos diferentes rumos a um destino comum, fiquei conhecendo sua difícil situação.

Como o marido faleceu recentemente, a jovem viúva Deene (este é o nome da mãe) veio com Eleanor para Lakelands, onde uma amiga garantiu que ela poderia encontrar emprego como costureira. Ela gastou suas magras economias com a viagem até aqui, e o que sobrou ficou para o aluguel da primeira semana. Aquela coisinha adorável e sem sorte apostou tudo nos conselhos de sua amiga e no acerto de sua escolha. Agora é tarde, não há como voltar atrás. Pelo jeito ambos temos expectativas de negócios à nossa espera, quando chegarmos ao destino, sejam elas camisas para costurar ou homens para enforcar.

O peito da viúva desce e sobe, e desce novamente, com a sua imaginada brancura encoberta sob o preto abotoado, parecendo assim ainda mais lívido e deslumbrante em meus pensamentos. Uma tela de sardas enfeita a ponte íngreme de seu nariz. Suas mãos pálidas e cansadas repousam no colo e cobrem seu calor secreto.

Conheci a filha primeiro, de uma maneira que me assustou. Cruzei com ela no meio da escadaria da estalagem. Ela estava parada, com a janela para o oeste às suas costas, incendiada pelo pôr-do-sol, parecendo mais um espírito em eclipse do que uma criança. Quando a vi, parei e fiquei boquiaberto, de tanto que ela me lembrava uma outra criança, numa outra escadaria, a quem eu próprio não tinha visto, apenas dela ouvira falar, anos antes.

Francis, o único fruto de minha união com Lady Nicholls, infelizmente havia se envolvido em misteriosas transações com John Dee, o conhecido charlatão que vivia em Mortlake, perto de Richmond. Quando foi convidado a ir até a casa de Dee e passar lá a noite, ele

viu coisas que seria melhor não ter visto. Mas nada do que pudesse ter testemunhado o deixou tão perplexo quando ter dado de cara com uma menina pequena, parada no meio das escadarias daquela horrorosa casa de falso médico, com uma janela voltada para o oeste derramando luz de rubis atrás dela. Mais tarde, quando ficou sabendo que não havia crianças na casa, com a exceção da filha já crescida de Dee, Francis concluiu não ter visto uma criança viva, mas algum espectro de criança, perdido em seu caminho até o Paraíso. Sua voz e suas mãos tremiam enquanto ele me contava isso. A imagem descrita era tão vívida que foi como se eu mesmo tivesse encontrado a pequena menina fantasma, parada nas sombras do pôr-do-sol. Assim, naquela noite em que encontrei Eleanor, iluminada da mesma forma no patamar da estalagem, por um momento tive medo de coisas que pensava ter deixado para trás com a infância. Fiquei olhando para ela com o que deve ter parecido uma expressão assombrada até ela falar.

– Oh, senhor – ela disse. – Espero que o senhor seja um homem bom. Fiquei brincando lá fora e deixei a minha mãe no quarto onde vamos passar a noite. Agora não consigo mais encontrar nosso quarto. Logo vai ficar escuro e, se eu não voltar, ela vai pensar que me perdi.

Embora a menina se sentisse tranqüilizada ao encontrar alguém que pudesse auxiliá-la em seu apuro, mais tranqüilizado fiquei eu ao constatar que ela tinha uma voz mortal, um parente, carne e osso. Aliviado, prometi que a ajudaria a encontrar o quarto de sua mãe. Ela sorriu e segurou minha mão, enrugada e com manchas de velhice, com sua mão de concha rosada. Em seguida ela me guiou pelas escadas estreitas.

Logo ficou claro que a criança, voltando de sua brincadeira, havia procurado o quarto que dividia com a mãe no primeiro andar, quando na verdade seu alojamento estava no andar de cima, no patamar mais

alto da estalagem. Bati na porta, hesitante, e logo fui atendido por uma mulher encantadora, com olhos de jade e cerca de 25 anos. Seu grande alívio por encontrar logo a filha deu lugar a uma gratidão efusiva, conferida a mim, seu benfeitor. Ainda que eu só tivesse passado alguns momentos com a menina e não tivesse feito mais que levá-la até o andar de cima, era como se, pelo que dizia a mãe, eu tivesse arrancado a criança das salivantes mandíbulas dos lobos.

– Oh, o senhor a trouxe de volta. Olhei pela janela e tinha escurecido tanto. Não tinha idéia de onde ela estaria e fiquei com medo de enlouquecer. Nelly, agora agradeça ao cavalheiro por tudo o que ele fez.

Sua filha fez então uma mesura rápida e envergonhada, murmurando seu agradecimento, olhando o tempo todo para as tábuas empenadas do pouco chão que seu quarto possuía. Vi que ela tinha os olhos de oceano da mãe, o mesmo rosto afilado com sua impressionante linha que fazia lembrar a urgente delicadeza da escrita em itálico. Dois anos mais fariam dela uma menina esplêndida na cama.

Enquanto eu sorria para a filha, o que ela sem dúvida tomou como afeição paternal, a mãe de Nelly não parou de expressar seu reconhecimento e sua admiração, a cabeça inclinada para trás, os cílios erguidos como tampas de porta-jóias cheios de esmeraldas voltadas para mim.

– Pensar que um cavalheiro tão nobre quanto o senhor se curvaria para ajudar pessoas como eu e Eleanor, ora, senhor, me deixa de fato sem ar. Olhe para as belas roupas que o senhor veste! O senhor deve ser um grande médico ou então um lorde para se vestir com tamanha elegância!

Disse a ela, modesto e bem-humorado, para não parecer vaidoso demais, que eu não era nenhuma das duas coisas, era, na verdade, juiz. Confesso que senti

certo prazer diante de sua falta de ar e dos seus olhos arregalados. Lembrava-me, no passado, de ocasiões em que as mulheres ficavam entusiasmadas, até mesmo licenciosas, na presença de uma autoridade como eu. Com a mão sobre o peito, como se quisesse impedir suas palpitações, ela deu um pequeno passo para trás, talvez para avaliar de novo minha escala, como se faz com montanhas ou algum outro traço pictórico. Antes ela me considerava pequeno e próximo de suas mãos, agora me enxergava grande e distante. Como um deus, vi meu reflexo duplicado em espelhos iguais e verdes e, diante de sua excitação, também fiquei um pouco excitado.

– Oh, o que o senhor não vai pensar de nós, agora que sabe que somos tão pobres? Nunca vi um juiz, acho que nunca pensei que fosse ver uma figura tão nobre. E aqui estou, diante de um, tão perto que poderia tocá-lo. O senhor deve ter vindo aqui por assuntos importante, com certeza.

Disse a ela que tinha um caso para julgar em Kendal. Ao saber disso, seu ardor aumentou.

– Kendal! Ora, esse é justamente o lugar para onde a pequena Eleanor e eu pretendemos ir na carruagem da manhã. Nell? Você ouviu? Vamos viajar para Kendal com um juiz.

Ainda que mal pudesse compreender qual era o meu ofício ou o poder que ele representava, Eleanor olhou para mim como se tivessem prometido a ela que seria carregada até o seu destino por São Cristóvão em pessoa. Ela segurou a mão da mãe, parecendo estar com medo que uma delas pudesse subir de repente aos céus, devido àquele simples acontecimento. A viúva Deene, era essa a forma breve com que ela se apresentava, ficou empolgada, nesse meio tempo, pela especulação doentia a respeito do julgamento que em breve eu iria presidir. Ainda que seu tom fosse sempre de horror e fascinação, já observei mais de uma vez que as

preocupações do belo sexo com a sepultura geralmente mascaram igual inclinação para o lado carnal das questões da vida. Sempre que algum tipo rude é enforcado, pode-se ver, pelo modo como a multidão tateia com seus dedos sujos, o descontrole lascivo que este vislumbre de sua mortalidade desperta. As mulheres, mais tarde, realizarão uma imitação da dança final do enforcado, contorcendo-se sob o peso e as investidas de seus maridos. Então me pergunto se a maioria de nós não foi concebida ao som de cordas rangendo e das batidas de línguas negras esticadas. Uma concepção assim seria, com certeza, responsável por nossa obsessão, pela vida afora, com todas as maneiras repentinas e dolorosas que existem para deixá-la. Era esse interesse que a mãe de Nelly não parava de demonstrar.

– É um assassino que o senhor vai julgar? Queira Deus que não haja esse tipo de coisa em Kendal, não se eu e Nelly formos viver lá.

Eu lhe assegurei que o indivíduo que seria levado à minha presença não era nenhum cortador de gargantas, e sim um ladrão de ovelhas de pouca importância, embora isso não aliviasse muito sua curiosidade.

– E ele será enforcado, senhor? Que coisa deve ser, dizer se um homem deve viver ou morrer.

Seu rosto ganhou uma coloração, de modo que sorri um pouco, notando que ela já estava tomada pelo encanto da minha toga e do meu martelo.

Como resposta eu a olhei nos olhos e falei em tom de muita gravidade.

– Se ele for culpado, madame, e eu não tiver nenhuma dúvida de que ele o seja, nesse caso ele vai sacudir um bocado, a menos que tenha um amigo para se pendurar nas pernas e dar-lhe uma morte mais rápida.

Eleanor ficou pálida e segurou as saias da mãe com força. Lançadas ao teto por um lampião baixo, as sombras das duas se fundiram em uma. Uma coisa escura com muitos membros. Ao notar que sua filha havia ficado com medo, a viúva se voltou para a menina e ralhou com ela, talvez severa demais, sem dúvida com a esperança de causar boa impressão a um juiz, mostrar que ela era uma boa disciplinadora.

– Não faça estardalhaço, minha menina! Você sabe o que já lhe disse. Devemos agradecer às estrelas por podermos conversar com um cavalheiro tão nobre quanto... – aqui suas palavras sumiram e, desviando o olhar da menina, ela me lançou um olhar inquisitivo, diante do qual entendi que ela ainda não sabia meu nome.

Eu me apresentei, para eliminar seu desconhecimento.

– Eu sou Sua Excelência o Juiz Augustus Nicholls, vindo de Faxton, em Northamptonshire, a serviço da justiça. Agora estou em desvantagem, madame. Quem, me pergunto, seria a senhora?

Parecendo um pouco perturbada, ela se apresentou como senhora Mary Deene, a última de Dundee, ao meu dispor. Deixei meu olhar cair de seu rosto para os contornos macios mais abaixo e disse-lhe que ouvir isso me agradava muito. Nós dois rimos, ela de modo um pouco nervoso, enquanto Eleanor olhava primeiro para um, depois para o outro, percebendo que havia significados lançados por baixo da superfície de nossa conversa feito lindos peixinhos. Mas ela era incapaz de compreendê-los antes que desaparecessem numa cornucópia de prata.

Trocamos mais algumas palavras, de pé, na soleira da porta de seu quarto de sótão de fundo rebaixado, porém algo além das palavras foi passado entre nós: certos modos de respirar falam por si mesmos. Algumas

frases tinham uma inclinação, alguns silêncios eram eloqüentes. Foi, pelo menos, o que me pareceu. Ambos declaramos nossa felicidade em ter a companhia um do outro na viagem do dia seguinte, até Kendal. Também expressamos esperança de ter motivos para um encontro enquanto estivéssemos lá. Assim, feliz ao pensar que meu primeiro contato com a viúva Deene tinha sido satisfatório até aquele momento, saí em meio a muitas mesuras e toques acidentais.

Em meu aposento, maior, no andar abaixo, soquei o travesseiro de penas até que ele ficasse com uma forma mais adequada para receber o sono. Recostando-me, fechei os olhos, e a escuridão surgiu atrás das pálpebras tal como a cortina de um teatro. A viúva Deene e Eleanor, ambas nuas e com seus cabelos de outono soltos, dançavam juntas uma febril cançoneta, ao som agudo de violinos franceses, pálidas, rodopiando naquele palco secreto.

Pela janela da carruagem viam-se os campos de novembro transformados pela enchente em planícies de espelhos deslumbrantes. As nuvens, no alto, pairavam cinzentas e pesadas como catedrais. Duas bezerras mortas na enchente boiavam inchadas numa vala. Seus olhos arregalados encontraram de passagem os meus, globos de vidro preto agora enevoados e esfumaçados de branco pela morte.

Além de uma troca de gracejos, ao subirmos pela primeira vez para a carruagem, esta manhã, e dos diversos olhares demorados desde então, poucas coisas mais significativas se passaram hoje, entre a viúva e a minha pessoa. Como imagino que em breve chegaremos aos arredores de Kendal, onde as Deenes deverão ficar alojadas, seria melhor se eu alimentasse a idéia de um encontro, para não perder minha oportunidade. Se mãe e filha desembarcarem a um quilômetro da estrada e não forem mais vistas durante esses três dias em que estarei

em Kendal, ora, o que será de mim? Terei que dormir sozinho, ou pagar alguma prostituta para esquentar minha cama e não voltar para a minha esposa e para Faxton sem lembrança de jogos amorosos para manter aquecida minha mente ao longo dos meses de inverno.

Nossa carruagem segue por seu caminho na terra ampla, com as montanhas distantes elevadas até as nuvens, ou com nuvens que se assemelham a montanhas. Um pouco além, do outro lado dos campos arados sem cultivo, entrevejo um grande cão preto de fazenda saltando, num ritmo furioso, entre os sulcos e a mata coberta de geada, parecendo acompanhar com facilidade nossa veloz carruagem, num galope paralelo a nós. Tento reavaliar a distância entre ele e a carruagem, que é, talvez, muito maior do que imaginei a princípio. Nesse caso o cão deve ser enorme, para parecer tão grande a tal distância.

Não. Nada disso, agora vejo a verdade, e fico envergonhado com a minha tolice: o animal não é um cão, é um cavalo. Um grupo de árvores oculta, da minha visão, a sua forma, antes que eu possa confirmar esta suposição lógica. Ao mesmo tempo a viúva Deene começa a falar atrás de mim, de modo que minha atenção é totalmente desviada da criatura para outras preocupações, menos abstratas.

– Logo vamos descer, não é mesmo, Nelly?

Essa fala, embora dirigida à criança, parece mais dirigir-se a mim. A menos que eu me engane, com este anúncio de sua partida iminente, a viúva Deene espera provocar uma reação de minha parte. Não querendo que um ser tão luminoso sofra uma decepção, me viro da janela da carruagem para falar com ela, erguendo minhas sobrancelhas separadas, demonstrando algo parecido com consternação.

– Minha cara, será possível que a senhora e sua filha querida sejam levadas para longe de mim tão

depressa? Isso é ruim demais! Depois de muitas semanas solitárias nessas estradas, encontro enfim companhia de verdade só para tê-la arrancada de mim em seguida? Espero que, enquanto estiver em Kendal, possamos nos encontrar, os três, e desse modo continuar nossa amizade, mas agora...

Deixo minhas palavras dissolverem-se e abro as mãos, com um ar infeliz, como se segurasse entre elas uma não dita palavra de pesar, feito um Atlas sombrio.

A pequena Eleanor, agora desperta, enfim se sente tocada pela minha atuação. Virando-se no assento para olhar para a mãe, ela segura a mão da mulher mais velha com as suas mãos menores e olha com sua carinha de loba, a própria personificação da sinceridade.

– Mamãe, não veremos mais o cavalheiro? Ele foi tão gentil. Eu não gostaria que ele se fosse.

A mãe agora olha para mim e, mais uma vez, embora dirija-se à criança, suas palavras são destinadas a ouvidos mais velhos e mais astutos.

– Fique quieta, menina. Ora, imagine o que as pessoas de Kendal pensariam do juiz se ele fosse visto com pessoas como nós! Eu sou uma viúva recente, o que já é motivo bastante para eles afiarem a língua. Não precisamos envergonhar Sua Excelência de quebra.

Balanço a cabeça em negação dolorosa, como se tais considerações não pudessem estar mais distantes de meus pensamentos, embora, na verdade, o que ela diz faça muito sentido. Não é apropriado nem decente que eu seja visto, fora de minha cidade, com pessoas do tipo delas. Ao longo dos meus anos de vida aprendi que a Inglaterra é menor do que muitos supõem. Às vezes parece que não posso pôr a mão dentro das calçolas de uma moça de Yorkshire sem que ela seja a filha da prima de segundo grau da melhor amiga da minha esposa.

Apesar de Kendal ficar longe de Faxton, começo a pensar melhor sobre a prudência de uma ligação com a

viúva Deene, até que sua filha começa outra vez a falar com sua voz fina, dando uma nova sugestão:

– Ele não poderia, então, nos visitar na casa da senhora gentil onde vamos nos hospedar? Você disse que ficava fora da cidade. Assim as pessoas não teriam como reparar onde ele estaria indo, quando fosse nos visitar. Diga que ele pode.

A mãe ergue os olhos mais uma vez até os meus, parece hesitar. Ocorre-me que a proposta da menina cabe direitinho nos meus propósitos, e sou atraído pelo laço secreto e furtivo que já se forma entre nós: uma sugestão de confiança mútua que pode ser levada adiante. A viúva Deene me observa com atenção, esperando por um sinal de minha resposta à idéia de Eleanor, antes que ela ouse arriscar sua própria opinião. Chegou o momento de confirmar o nosso encontro amoroso e, inclinando-me para a frente, no balanço da carruagem, coloco a mão sobre o joelho da criança e o afago, como um tio faria. Sob a cobertura leve de sua saia, o músculo da perna é minguado e teso, muito semelhante ao de um pássaro.

– Ora, que menina esperta, capaz de pensar em tais coisas! De minha parte, não me importo nem um pouco de ser visto em companhia de duas damas adoráveis, mas isso não seria nada bom se comprometesse a reputação de sua mãe na cidade em que ela irá trabalhar. No entanto, graças a você, garotinha querida, temos a solução! Ficaria encantado em visitar a residência de vocês e desfrutar de sua hospitalidade, quando for possível, se sua mãe consentir.

Parece que aprendi o truque de falar através da criança, assim como sua mãe faz. O modo de fazer isso é falar com uma olhando para a outra. Quando o objeto de um olhar tem encantadores olhos cor de água do mar e lábios arrancados das roseiras, esta não é uma tarefa desagradável. A viúva, que devolve meu olhar, parece

ficar com as bochechas coradas. Desviando os olhos para as tábuas desgastadas do piso da carruagem e com um pequeno sorriso secreto, ela balbucia seu acordo. O prazer contido que sinto diante de sua concordância provoca uma similar exaltação em mim, numa determinada parte do meu corpo.

– Oh, senhor, eu... ora, é claro que consinto. O senhor não precisa de modo algum me pedir permissão. Para nada.

Seu olhar então levanta das tábuas gastas do piso, por entre as quais são vistas lascas soltas da estrada de Kendal. Ela examina meu rosto para ver se entendi seu último comentário, seu convite velado. Satisfeita por seus subentendidos não terem caído no vazio, de novo ela desvia os olhos, antes de prosseguir. O tremor na sua voz, tão fraco que mal pode ser percebido, chega a me deixar emocionado.

– O senhor verá a casa onde ficaremos hospedadas. Não é longe daqui, e fica a menos de um quilômetro de caminhada de Kendal. Porém é melhor que venha quando tiver escurecido, já que as pessoas estão sempre prontas para pensar mal das outras.

Concordo prontamente com isso, e prometo que a visitarei na noite seguinte, antes de presidir o julgamento pela manhã. Uma foda sem dúvida melhorará bastante a minha disposição e, numa escala modesta, poderá suavizar as circunstâncias fatigantes que se seguem à condenação de um homem. Ocorre-me que, uma vez que ela é viúva sem fundos e de caráter incerto, pode ser que um xelim sirva para conseguir que a pequena Nelly se junte a nós, prestando também seus serviços. Penso nas banhistas da minha caixa de rapé, em como elas trançam os cabelos finos e encaracolados umas das outras. Uma espuma de mulheres que surge das profundezas quentes de suas fontes de água.

A criança está falando com a mãe agora, satisfeita com a notícia de que irei visitá-las, puxando a manga do vestido da viúva com excitação.

– Mãe, vai ser tão bom ter um cavalheiro para cuidar de nós. Sinto tanta falta disso enquanto o papai está longe de nós no...

A senhora Deene lança um olhar penetrante e ameaçador para a criança, de modo que as palavras morrem nos lábios da filha. Fica claro que as dores da viuvez ainda estão fortes no peito desta mulher, ela não suporta ouvir Eleanor falar de seu pai falecido. No entanto, existe algo na expressão pesarosa que a menina faz diante dessa reprimenda silenciosa que me deixa comovido, de modo que sou levado a completar a sua fala, na esperança de poder suavizar o seu erro e deixá-la numa situação favorável com a mãe.

– Enquanto seu pai está longe de vocês, no Céu, com Nosso Senhor. Claro que é muito natural que vocês sintam falta dele, e ainda mais natural que queiram estar na companhia de um homem. Nisso vocês são iguais a todas do seu sexo.

Nelly parece confusa, mas um sorriso de grande alívio e gratidão ilumina o rosto de sua mãe e me dá coragem para continuar:

– Não tenha medo, porque amanhã à noite vou lhes fazer uma visita. Não pretendo ocupar o vazio deixado por seu bom e querido pai, isso não seria possível, mas acredito ser capaz de realizar aquelas que eram, com certeza, suas responsabilidade menos penosas. Ou seja, cuidar de sua filha e de sua esposa.

Antes dessa última afirmação faço uma pequena pausa, ergo meu olhar e procuro os olhos da dama. Trocamos um olhar de tamanha intensidade e compreensão, que não é possível suportá-lo por muito tempo. Um silêncio agradável e carregado de intenções

baixa em seguida. Parece-me que ela está imaginando as mesmas ardentes cenas que passam pela minha cabeça.

Sorrindo para mim mesmo, olho outra vez pela janela da carruagem, porém o cão, ou potro, visto antes, não está mais ali. As árvores negras e desfolhadas passam rapidamente, amontoadas como o pêlo rijo das costas de um javali velho.

O silêncio continua até chegarmos a um chalé baixo, todo de pedras escuras, coberto de palha marrom da cor dos ratos, um pouco afastada do caminho que dá voltas na colina até Kendal. Aqui as Deenes têm que desembarcar. Ansioso para mostrar minha força, apesar da idade, ajudo a retirar da carruagem a pouca bagagem que elas têm, uma única maleta de pano surrado. Quando a entrego, minha mão toca, de modo quase acidental, na enluvada mão da viúva.

Uma menina gorda e desmazelada, de mais ou menos 15 anos, sai do chalé. Seus cabelos emaranhados têm a mesma cor opaca da palha. Suas feições são impassíveis. Olhos que parecem estúpidos e um pouco separados demais coroam o nariz achatado, mais plano que saliente. Sua boca é grande, com lábios grossos demais. Em certas circunstâncias não seria impossível recorrer à sensualidade própria de sua feiúra. Ela pára com a mão grande e branca, cor de gordura, sobre o pilar do portão do chalé e contempla, sem expressão, a carruagem. Quando olho para os degraus da entrada da casa, atrás dela, vejo uma mulher gorda e acabada, que se arrasta do interior com o auxílio de uma bengala. Ela não ultrapassa a porta e fica de pé sem se mexer, emoldurada pelo batente manchado de piche, formando um retrato repugnante. Seu queixo e maxilar são como uma massa ondulada que se funde com o contorno maciço das tetas e da barriga. Os olhos pequenos são pretos e úmidos, como caroços de ameixa afundados no sebo. Ela fica apoiada sobre a bengala, tal como a

menina cretina escorada no portão (que deve, imagino, ser sua filha), observando a carruagem sem uma palavra ou olhar que se possa perceber.

A viúva Deene sorri para mim e diz, sem emitir som, “Até amanhã”, antes de se virar e seguir em direção ao chalé, rebocando sua filha. A menina de cabelos de barbante apoiada no pilar abre o portão em silêncio, deixando Nelly e sua mãe entrarem naquela que será sua nova casa. Quando fecho a porta da carruagem e me recosto em meu assento, Eleanor e a senhora Deene se viram para acenar para mim, exatamente quando o cocheiro mete as esporas nos cavalos e sou levado para Kendal. Sorrindo, carinhoso, aceno também, enquanto elas somem de vista. Até amanhã à noite.

Vários minutos passam em busca infrutífera pelos campos ao redor, atrás da besta vista anteriormente. Em seguida o cais estreito e contorcido da cidade de Lakeland surge ao nosso redor. Chego ao meu destino. A corte está instalada numa casa melancólica, porém majestosa, de tijolo e madeira, perto do centro de Kendal. Ficarei hospedado em seus aposentos superiores, construídos unicamente para este propósito. Depois de sair da carruagem e caminhar um pouco sobre o chão de pedras do pátio do tribunal, para melhorar a circulação nas minhas pernas, convoco um assistente para levar minha bagagem pela escada de pedras gastas, e dali para o meu quarto.

Subo as escadas na frente, enquanto ele, um homem de meio idade, vem se arrastando atrás de mim, ofegando e reclamando. Há um patamar no meio da escadaria, nele há uma janela que dá para o oeste. Cheguei em Kendal no fim do dia, o céu, para além do vidro, está vermelho, e sou tomado pela sensação inquietante de ter visto isso antes. Quando me aproximo do patamar sinto um medo pavoroso de que a pequena Nelly esteja ali parada, com seu cabelo chamejante,

apesar de tê-la deixado para trás, na estrada de Kendal. Por que esta idéia desperta tamanho terror em mim, não sei. Quando chego ao patamar ele está vazio. Continuamos a subir a escada.

Meu quarto é frio, porém confortável. O assistente promete que alertará os diversos funcionários do tribunal sobre minha chegada. Poderei vê-los, assim como o réu, na manhã seguinte. Ele deixa minha bagagem ao lado da porta e se retira. Fico sentado na cama, parado, num silêncio súbito, estranho para mim, depois de todo o balanço e ruído da estrada. Após algum tempo me levanto e vou fechar a janela, impedindo a entrada dos insetos e da noite invasora. Por falta de qualquer outro passatempo, me preparo para ir para a cama.

Esses quartos vazios, no meu itinerário: penso muitas vezes que todas as minhas cópulas arrebatadas são apenas esforços para espantar as almas penadas dessas tumbas, desses abandonos.

Sem roupa agora, meus pensamentos se voltam para meu filho, Francis, que está em Faxton. Que nuvem encobre o menino (que já está perto dos 50, devo admitir, não é mais um menino). Uma abominável manifestação do espírito parece ter tomado conta dele, que nem a esposa, nem sua doce filha Mary, minha neta, conseguem dispersar. Ele fica melancólico, imóvel. Apenas lê, de vez em quando, e parece totalmente desmotivado.

Dee foi o causador disso, ou então não sou um juiz. Já faz 25 anos que Francis manifestou esse lamentável interesse por coisas milagrosas e seguiu, pela primeira vez, o conselho do charlatão, indo para Mortlake, onde prometeu ao médico cem libras se Dee lhe ensinasse como consertar e prender a lua, assim como outras nebulosas coisas desse tipo. Enquanto a rainha Bess estava viva, Dee contava com sua atenção e era muito

procurado para resolver questões de feitiçaria. Essas horrorosas práticas eram então respeitáveis, por mais difícil que seja entender e aprovar esse comportamento hoje.

Quase um ano após a sua primeira visita à casa de Dee, aconteceu algo que causou a mudança em Francis, que piora e continua até hoje. Os detalhes dessa história não foram completamente esclarecidos para mim, mas pelos fragmentos que sou capaz de juntar parece que Francis teve a oportunidade de ler alguns documentos relativos aos experimentos e rituais do médico, realizados enquanto Dee tinha a seus serviços um homem chamado Edward Kelly, um vadio inescrupuloso que morreu na prisão.

Embora nos últimos anos, eu tenha muitas vezes implorado que ele revele o conteúdo daqueles documentos, meu filho insistiu que seria melhor para a minha alma que eu permanecesse na ignorância. A julgar pelo modo como ele se assusta e estremece sempre que uma janela bate e pelo seu ar sempre doentio e atormentado, pode ser que ele tenha razão. O pouco que chegou a revelar foi suficiente para estimular as suposições mais macabras, aludindo a invocações de presenças terríveis, para depois transcrever suas poderosas, porém incompreensíveis, anunciações. Dee, ao que parece, compilou até certo ponto uma gramática da língua dos espíritos, para que esses “anjos”, como ele os chamava, pudessem se comunicar e ele pudesse, por sua vez, decifrar suas declarações. Esses transcedentais assuntos representavam os aspectos do trabalho do médico que mais interessavam ao meu filho e, mais tarde, passaram a perturbá-lo. Já eu encontrei motivos de forte interesse nas informações que Francis deixou escapar a respeito das transações mais terrenas de Dee.

Entre os papéis mostrados a meu filho, naquela fria noite de março de 1594, havia alguns que descreviam

repugnantes rituais de natureza carnal, enquanto outros documentavam uma combinação, ordenada pelos espíritos, que mandava o médico e seu serviçal Kelly compartilhar suas esposas. Se Francis sentiu que, com essas revelações, Dee estava propondo, de forma sutil, que meu filho deveria incluir sua própria esposa em algum acordo semelhante, eu não sei. Tudo que sei com certeza é que Francis deixou evidente que se sentia insultado, e uma pontada de raiva foi trocada entre o médico e meu filho, que saiu esbravejando do gabinete de Dee e subiu, rumo à cama reservada para ele.

Assim deu-se que, enquanto ele subia para o quarto, sufocado por palavras furiosas e não ditas, Francis encontrou a criança. De pé, o rosto na sombra, com o tom vermelho sangrento do anoitecer atrás dela entrando pela janela do oeste, ela ergueu os braços com as palmas das mãos voltadas para o meu filho, como se quisesse impedir a sua passagem. Com a auréola de chamas, ela falou com Francis num idioma estrangeiro, com todas as vogais aspiradas e poucas consoantes entre elas, algo que soava como “Bah-zoh-deh-leh-teh-oh-ah” e assim por diante. Uma seqüência de sons selvagens e sem sentido.

Francis estava a ponto de perguntar quem seria a menina e o que ela queria com ele, quando, de repente, ela deu um passo de onde estava em frente à janela para as sombras do patamar, e a luz plena do pôr-do-sol, agora não mais bloqueada pela presença dela, brilhou nos olhos dele, ofuscando sua visão, fazendo-o apertar e desviar os olhos. Quando ele voltou a olhar para as escadas, ela tinha desaparecido e não havia nenhum traço de sua presença, a não ser um perfume que o fez lembrar da mirra.

Apesar da discussão e do medo que tinha sentido, Francis parecia não conseguir ficar fora de Mortlake. Resolvidos os problemas com Dee, ele fez visitas

freqüentes à casa do médico, ao longo dos seis anos seguintes, forçando minha neta Mary, contra os meus conselhos, a acompanhá-lo em mais de uma ocasião.

Dee, a essa altura de sua vida, passou a confiar num homem chamado Bartholomew Hickman, do mesmo modo como um dia confiara em Edward Kelly, necessitando, ao que parecia, de alguém para recolher os éteres dele com um copo e informá-lo das mensagens que os “anjos” transmitiriam. Tudo isso chegou ao fim por volta da virada do século, quando, se é possível acreditar em meu filho, descobriu-se que este Hickman era um impostor, ou, pelo menos, um vidente que havia conversado apenas com espíritos falsos e enganadores. Quase uma década de trabalho foi destruída desse modo e, no final de setembro daquele ano, meu filho e minha neta compareceram, em Mortlake, a cerimônias amargas e frustrantes, em que os documentos advindos do tráfico de Hickman com o mundo espiritual foram reduzidos, de modo infame, a cinzas.

Admito que achei esplêndido que um falsário fosse desmascarado dessa forma, mas Francis não se consolava. Meu filho considerou o caso uma grande catástrofe, cuja verdadeira dimensão eu nunca poderia conhecer. Até mesmo minha neta Mary parecia ter um manto sobre ela e, às vezes, me dirigia um olhar assustado, como se de repente me conhecesse sob um outro aspecto. Eles não voltaram mais a Mortlake depois disso, nem fizeram mais negócios com John Dee. Pouco antes de o rei James, um Soberano Devoto, subir ao trono, o Mágico percebeu ter caído em desgraça e assim começou o seu grande declínio. Poucos anos se passaram até Dee chegar à penúria e, em seguida, falecer, em Mortlake, acompanhado apenas por sua filha. Disso se concluiu não ter nenhum espírito ali comparecido, naquele momento, para assisti-lo em sua morte.

Visto a minha camisola e subo no aparelho sanitário do meu quarto de hóspedes, feito de madeira, para fazer meu cocô, duro e doloroso em sua passagem. Com meus preparativos terminados, sopro a vela à luz da qual me despi e pulo direto para a cama. Puxo os cobertores até cobrir minhas orelhas. Sem sua confortadora presença, desde criança, não consigo dormir.

Fico aborrecido ao constatar que meus pensamentos ainda estão ocupados com o doutor Dee, porque existe nele algo perturbador que não consigo esquecer. É bastante difícil avaliar um homem assim, muito bem-sucedido nas ciências materiais e políticas para ser considerado um idiota, e capaz de acreditar que falava com os anjos. Poderia uma mente tão fina divertir-se durante tantos anos copiando sílabas sem sentido nas suas tabelas, mapas e diários sem fim? Se não é assim, se, por algum inverossímil golpe da razão, todas as mensagens que Dee transcreveu são reais, então o que devemos pensar de um céu povoado por anjos incoerentes, recitando absurdos credos sem sentido na linguagem dos bebês? Eu vi a "língua dos anjos" uma vez, trabalhosamente copiada por meu filho em um diário que ele tinha. Era uma grade com o que pareceu ser, para mim pelo menos, mil quadradinhos, cada um com algum símbolo ou notação escrito dentro, como se fosse, no fim, um autêntico mapa da loucura, aquele continente cercado por névoas, de onde poucos retornam para contar o que viram.

Não devo mais me preocupar esta noite pensando em magos ou astrólogos. A visão do médico de cabeça de caveira e barba branca, como meu filho o descreveu para mim, dança irritante atrás das minhas pálpebras até que, com um esforço da vontade, sou capaz de afastá-la e colocar em seu lugar diversas imagens da viúva Deene em variadas e impróprias posições, logo acrescentadas da recordação da menina serviçal, de

coxas grossas, que ficou parada ao lado do chalé e olhou para mim com olhos vazios e obtusos.

Minha linha de pensamento se condensa, formando gotas de sonhos contra o frio do meu travesseiro, e uma nuvem murmurante baixa. Uma rachadura se abre na noite para me deixar entrar, deslizar, afundar e dormir...

Acordo antes do sol, com o assistente que me ajudou com a bagagem batendo na porta do quarto para dizer que na sala de jantar há uma refeição preparada para mim. Agradeço com um grunhido e levanto na escuridão para tentar me vestir da melhor maneira. Enquanto amarro os sapatos lembro-me de um sonho que tive durante a noite. Estava em Mortlake com o meu filho e o doutor Dee, mas, no sonho, seu nome era doutor Deene. Ele nos mostrava um pergaminho amarelado e dizia “Aqui está um mapa da loucura”. Quando Francis e eu nos aproximávamos para examinar o pergaminho, víamos que, na verdade, tratava-se de um mapa do nosso condado, ou seja, de Northampton. Mais ainda, parecia-me que o mapa não estava desenhado sobre papel, e sim tatuado sobre uma substância muito semelhante à pele humana. Pensei em procurar por Faxton, mas não o encontrei em nenhum lugar do mapa, o que me encheu de um súbito e disforme pavor. Nesse momento, o doutor Dee, ou Deene, decidiu assegurar-me que tudo ficaria bem se ele e eu compartilhássemos nossas esposas, embora talvez ele não tivesse dito “nossas esposas” e sim “nossas vidas”. Ao ouvir isso, comecei a chorar e não me lembro de nada depois.

Adequadamente vestido e conduzido até a sala de jantar, diante de um prato de peixe cozido numa crosta de mingau de aveia, sou apresentado ao funcionário responsável pelos prisioneiros, que irá trabalhar comigo no julgamento de amanhã. É um sujeito robusto chamado Callow, com um nariz que parece um morango

e longas costeletas que formam um contorno branco no seu rosto rosado de caranguejo. Enquanto arranco espinhos do peixe para colocá-los ao lado do meu prato como se este fosse a prateleira de um ossário minúsculo, ele me informa mais uma vez sobre detalhes do caso que irei julgar. Um morador da região, chamado Deery, foi acusado de roubar uma ovelha e um carneiro de seu dono legítimo. O carneiro foi vendido, e diversas partes de ovelha em salmoura foram encontradas em sua propriedade. Sendo assim, sua culpa está mais clara do que a luz do sol.

O intendente Callow, responsável pelos prisioneiros, diz que, após a refeição, podemos ir até a cadeia de Kendal e ver o canalha em sua cela, assim como os outros, autores de crimes menos perigosos, que também fui chamado a julgar, depois que Deery for condenado. São bêbados e prostitutas, um vendedor acusado de usar medidas desonestas, diversos homens envolvidos em brigas e um trapaceiro.

Ao ar livre, com peixe e mingau de aveia pesando na minha barriga e no meu hálito lançado como fumaça no ar gelado, caminho ao lado do intendente sob uma névoa sombria pela alameda de chão liso e perigoso, após a geada. O céu apresenta uma faixa verde-água e dourada na extremidade leste. A oeste ainda há estrelas. Dos campos fora de Kendal sobe, aos poucos, uma composição polifônica de cantos de pássaros, a voz de cada um deles soando límpida e distinta.

A cadeia, construída com toscas pedras cinzas, fica bem no centro da cidade, parecendo um sapo gigante paralisado pela própria feiúra. Suas paredes têm fendas e rachaduras por onde entra o vento, é tão frio dentro quanto fora. Ela se resume a um pequeno espaço, onde os carcereiros ficam sentados, entalhando madeira para passar o tempo, e diversas celas abarrotadas, mais adiante.

Na primeira dessas celas está uma menina de cerca de 13 anos, com cabelos claros e despenteados, amamentando o seu bebê, uma coisinha pálida e sarapintada do tamanho de um rato e, pela sua aparência, com pouca expectativa de vida. Cada vez que ela tenta colocar o peito amarelado em forma de cone entre os lábios do bebê, ele vira o rosto cinzento e enrugado para choramingar. A mãe olha rápido para mim, sem interesse, e depois volta o olhar melancólico para o filho. O intendente me conta que ela está presa por se envolver em briga, e nós continuamos pelo corredor.

A cela de Deery é a seguinte. Ele está sentado na beliche e olha sem expressão para a parede. Não volta o olhar para nós quando começamos a interrogá-lo diretamente. Ainda jovem, Deery tem a aparência de alguém que já foi bonito e forte, agora gordo, os fortes ossos de seu rosto de menino ainda visíveis, apesar de enterrados numa vastidão macia de banha. Ele fica ali sentado, os pés separados, os antebraços apoiados nas coxas, pulsos tão grossos quanto a cintura de uma criança, e punhos enormes. Os dedos entrelaçados formando um nó de corda de âncora apoiado entre os joelhos. Sua imobilidade é perturbadora e total.

Pergunto a ele se sabe que eu o julgarei no dia seguinte. Ele apenas dá de ombros e continua não olhando diretamente para mim. Quando pergunto se sabe que a forca é a punição para roubo de gado, parece apenas entediado com minhas palavras e, após alguns momentos, cospe uma bola de catarro assustadoramente amarelo no canto da cela. Fica claro que a conversa entre nós dois é impossível e, após um exame superficial dos outros ocupantes da prisão, o intendente Callow e eu saímos do antro de podridão da cadeia para o ar cortante de Kendal. O céu está claro agora e a cidade está devidamente desperta. A carroça de um vendedor

de madeira, com imagens de santos e mártires pintadas do lado, passa, puxada por um cavalo surrado. Meninos pequenos sobem no telhado da padaria para se aquecer e sentir o aroma da chaminé do forno, e um velho curvado caminha pela alameda, cheio de gaiolas de madeira penduradas, dentro das quais pequenas galinhas se queixam.

Não tendo mais nada para fazer até os julgamentos, no dia seguinte, me despeço do intendente e passo a manhã vistoriando Kendal, parando numa estalagem, ao meio-dia, para fazer uma refeição de torta de carneiro e nabo. Assim revigorado, faço um agradável passeio, durante a tarde, pelos campos das redondezas. Pouco antes de voltar aos meus aposentos, onde poderei me preparar para o encontro desta noite com a viúva Deene, ocorre-me estar numa tensa expectativa, de maneira nenhuma relacionada com aquela dama e seus encantos. Por fim percebo que uma parte de mim, não sei como, tem visões do animal que vi ontem, correndo ao lado da carruagem. Rio alto de minha própria tolice. Não estou nem próximo do local onde o vi pela primeira vez, que fica do outro lado da cidade. Além disso, que interesse pode ter para mim um cão vadio, ou pônei, ou o que quer que fosse aquela criatura?

De volta aos meus aposentos, visto roupas mais finas e coloco mais pó na minha peruca. Esperando que a noturna batalha silenciosa do paraíso, na parte oeste do céu, siga seu curso sangrento, saio secretamente na primeira neblina lilás do crepúsculo, tomando muito cuidado para não ser visto por nenhuma pessoa ligada ao tribunal, levando debaixo do braço minha bengala com ponta de ferro por temer batedores de carteira.

Um azul sombrio, que muda rapidamente para cinza, baixa sobre as colinas de Lakeland com a luz do ocaso e, pelos campos inundados, um mergulhão enlouquece de tristeza. Chego logo às cercanias da

cidade, prossigo pela entrada de Kendal rumo ao chalé onde a viúva e sua filha estão hospedadas. A lama de cor mostarda que agora adorna minhas botas engraxadas parece pequena perda, comparada com as grandes recompensas que, espero, estão me aguardando. Uma viúva, com experiência da vida conjugal, ávida para retomar o aspecto carnal dessa vida, é melhor divertimento que qualquer empregada em serviço, cheirando a leite azedo. Ouso supor que a autoridade que o cargo me confere pode ajudar muito a torná-la receptiva aos meus caprichos, por mais exóticos que eles sejam.

Dos dois lados da estrada cada vez mais escura, as valas transbordam e gorgolejam como um homem atingido no coração. Por toda parte uma neblina gelada se eleva, o que me deixa ansioso para avistar logo as luzes do chalé, na trilha diante de mim. A última vez que passei aqui foi numa carruagem e não estava tão escuro. Eu me pergunto se não cometi nenhum erro. Será que o chalé fica assim tão longe de Kendal, ou terei passado por ele, na penumbra, deixando-o para trás? Decido que se não encontrar logo a moradia da mulher gorda, retornarei ao local onde estou hospedado, apesar de isso significar abrir mão da companhia da viúva. Fico muito aliviado ao fazer uma curva e, enfim, avistar o brilho pálido e amarelado da luz de candeia vista através das cortinas, um pouco adiante no caminho.

Com imagens da viúva Deene como eu imagino vê-la em breve dominando todos os meus pensamentos, exceto aqueles dedicados à querida Eleanor, meu passo se torna mais rápido e, antes que eu perceba, estou diante do portão do chalé. Uma onda de emoção baixa agora em mim. Um nervosismo peculiar, já sentido antes em situações similares: metade luxúria, metade medo de me decepcionar, com as coisas acontecendo diferente do que imaginei. Desta vez não há só essas duas metades,

há uma leve apreensão, que não consigo definir. Mas todos os temores devem ser deixados de lado. Se vou enforcar um homem amanhã, esta noite devo penetrar uma mulher. Sigo feliz, por um caminho calçado com conchas, para bater na porta pintada com piche.

O tempo de um Pai Nosso passa antes que a porta seja destrancada. Fico frente a frente com a garota cretina que vi parada perto do portão, ontem. Ao encontrá-la agora, já não estou tão certo de que ela seja realmente idiota. Será que, na verdade, ela se move assim lentamente de propósito, como uma forma de insolência? Ela me encara em silêncio por um tempo excessivo antes de fazer o favor de falar, e quando, por fim, fala, mostra um sorriso lascivo e astuto, um ar licencioso aparece no muro chapado de seu rosto.

– Você é o juiz delas, então?

A voz é rude e lisa feito alga marinha, sua lenta pronúncia das palavras acrescenta-lhes maliciosa insinuação, que logo descubro ser permanente. Quando respondo que sim, que realmente sou Sua Excelência Juiz Augustus Nicholls e pergunto seu nome, ela dá um sorriso ao mesmo tempo brincalhão e inclinado para o flerte, e me olha nos olhos por alguns úmidos momentos antes de responder.

– Sou Emmy. Mas você vai querer a Mary. É melhor entrar.

Sou guiado por um corredor tão estreito que, quando ela se estica sobre mim para fechar a porta da frente, ficamos os dois imprensados por um momento, cara a cara, naquele vestíbulo muito pequeno. Seu peito farto é pressionado contra a frente do meu casaco, achata-se e parece desaparecer, como a falsa lâmina de uma adaga de palco. Esta sublime compressão dura apenas um momento, logo ela está ao meu lado de novo. Quando me viro e sigo na direção do recinto iluminado,

no final da passagem, eu a ouço fechar a porta e passar o ferrolho.

Outra porta, parcialmente aberta, leva ao fim do corredor à minha direita. Quando passamos por ela, olho de relance para dentro. Ainda que seja iluminada apenas pela luz vinda do corredor por onde passamos, consigo enxergar uma vasta coleção de pratos pintados e figuras feitas de porcelana, dispostas sobre uma enorme cômoda antiga, parecendo perfeitamente guardadas dentro desse recinto, que tem ainda um belo tapete no chão. Ao lado da cômoda, também consigo ver um tamborete adornado e uma mesa de aspecto singular, baixa e de cerejeira polida. Embora eu não consiga ver, ao passar, todo esse primeiro cômodo, fico com a impressão de um espaço pequeno e jeitoso, repleto de peças tradicionais orgulhosamente arrumadas de modo que não haja espaço para ninguém entrar. Este recinto tem uma aparência imaculada e intacta, bastante diferente da deteriorada frente da casa, mas eu sigo rumo à luz do fim do corredor e não penso mais nisso. Emmy vem andando atrás de mim, ouço seus pés chatos, descalços sobre as tábuas. Ouço a sua respiração.

A passagem me leva a uma sala tão diferente da que acabei de ver que elas parecem estar em continentes diferentes, separadas não por alguns metros de parede, mas por um oceano. Da minha contemplação do cômodo requintado, cheio de belos objetos, sou lançado numa choupana miserável, onde a textura deformada das paredes está coberta de fuligem e há, por toda parte, um cheiro composto por carne torrada, podre e mofada, e aquele odor que as mulheres velhas têm, que parece ser de entranhas e mijo. Entendo que é deste modo que os pobres têm que viver, com tudo o que têm de belo, valioso ou admirável amontoado num quarto, mantido apenas para mostrar aos outros, no qual eles próprios não podem entrar, exceto para limpar ou tirar o pó. Suas

verdadeiras vidas se passam atrás desses santuários atravancados, em montes de esterco deprimentes como este, em cuja entrada estou agora.

Um misto de fogão e lareira, de ferro e ardósia, encostado na parede do fundo, aquece de modo sufocante a sala. Ao lado dele, com sua bengala escorada nele, num banquinho de pernas arqueadas, está sentada a senhora obesa e enrugada que vi ontem. Seus olhos, que parecem pedaços de carvão na coalhada, se fixam rapidamente em mim assim que entro, com a cabeça abaixada para não bater nas baixas vigas de madeira. Olhando de perto, noto que ela sofre de umidade nos pulmões, por isso respira com chiado, fazendo o seu peito monstruoso levantar feito uma onda sob o seu avental, e um tremor que faz a sua carne turva vibrar, nas bochechas e no pescoço papudo.

Colocada bem no centro desta câmara repugnante, está uma mesa, muito grande para um lugar tão apertado. Tem-se a impressão de que o chalé foi construído ao redor da mesa, já que ela é larga demais para ter passado pela porta e, além disso, é muito velha, com a superfície marcada por facas, marcas feitas por mãos de pessoas mortas há muito tempo. Cinco cadeiras estão posicionadas ao redor da mesa, duas delas já ocupadas por Eleanor e sua encantadora mãe, que me olham e sorriem assim que entro. Já havia me esquecido de como era intenso o verde de seus olhos, e decido que posso suportar este ambiente horroroso se ele for iluminado por tal formosura.

– Juiz Nicholls! O senhor veio, como prometeu. – É a viúva Deene quem fala, e a animação e o antegozo em sua voz provocam em mim prazer e uma certeza de que tudo vai dar certo entre nós. Ela arrasta sua cadeira para trás, sobre o piso de pedra bruta. Levanta para atravessar a sala e me cumprimentar. Colocando a mão frágil em meu cotovelo, ela me guia até meu assento, em

frente ao seu. De pé, apoiada no umbral da porta, Emmy sorri com afetação para o grupo. Enquanto tento ignorar a menina, converso sobre trivialidades com a viúva e com Eleanor, até que a velha inchada, sentada ao lado da fornalha, interrompe a sua chiadeira por um momento para se dirigir a todos nós.

– Nós vamos jantar agora. Emmy, pare de ficar olhando para o cavalheiro e trate de me ajudar para servirmos a comida. – A voz dela, arrastada por um grande excesso de congestões, borbulha tal como um pântano.

Emmy, com um suspiro expressivo, sai de sua posição ao lado da porta e vai até a lareira, onde ajuda a trouxa inchada a se erguer de seu banquinho. As duas, já estou convencido que são mãe e filha, passam, em seguida, a encher, com conchas, grandes tigelas de cozido, tirado de uma panela sobre o fogão, e essas tigelas são colocadas diante de cada um de nós. Emmy se senta ao meu lado, com muitos astuciosos olhares de soslaio, enquanto a velha senhora, com alguma dificuldade, afunda a sua massa ofegante na cadeira da cabeceira da mesa.

Com a respiração recuperada o suficiente, entoa uma oração:

– Senhor, abençoai esta refeição que preparamos para o nosso convidado. E que possamos ter sucesso em todas as nossas ações.

Ainda que inculta e informal, a bênção é bastante apropriada. Esta noite, se a sorte estiver comigo, irei para a cama com a viúva Deene. Espero ter muito sucesso neste empenho. Murmurando, então, um “amém”, que é sentido com o coração, ergo meu garfo e começo a comer, sorrindo para a viúva do outro lado da mesa e recebendo o seu sorriso em troca. Penso ver algo secreto neste sorriso, reservado apenas a nós dois. Encorajado deste modo, com apetite aumentado, ataco o

monte de carne e legumes diante de mim, surpreendido pelo inesperado sabor agradável.

As mulheres reunidas ciscam sua comida e me observam com atenção enquanto devoro a minha, sem dúvida apreensivas, com receio de que esta alimentação tão simples e tosca não atenda às minhas expectativas. Desejando espantar seus temores, meto grandes garfadas pela boca e, entre uma mastigação e outra, elogio a excelência do jantar, porque, com toda sinceridade, ele está delicioso. Bem temperado e apimentado, cada porção engolida provoca uma fina camada de suor na minha testa e sobre o lábio superior. Um ardor se espalha, transformando minha boca numa caverna infernal, em brasas, com estalactites molares e cada partícula da minha consciência centrada ali. Com pessoas da minha espécie, que têm uma queda para o fogo e gostam de pimenta na comida, a dureza de enfrentar uma refeição assim é parte de seu encanto. Aterrorizado pelas chamas em minha língua, é como se os outros instrumentos de sensibilidade estivessem igualmente mergulhados num novo estado: os olhos podem lacrimejar ou os ouvidos podem vibrar, e por todos os lados da carne do corpo, um formigamento solidário. Costumo pensar que tal estado deve ser semelhante àquele descrito pelos místicos, no qual todas as outras preocupações físicas são ignoradas diante da intensidade de uma experiência divina.

Penso em Francis, com os olhos fundos, gaguejando, dominado pelo medo desde a interrupção abrupta de seu trabalho com Dee, com o comportamento de um homem que foi condenado, e que, enquanto isso, tem que suportar uma espera longa e torturante, até a forca ser construída. Não posso deixar de pensar que ele poderia ter limitado seu interesse pelo sublime ao deleite de um simples prato como o que tenho diante de mim neste

momento. Já comi quase metade do que me foi servido, tão grande é o meu apetite.

Enquanto estou perdido neste devaneio gastronômico, as mulheres à minha volta comem em silêncio, salvo pelo ruído das facas na louça de barro, com muitos olhares lançados para mim ou trocados entre elas. Eleanor, que pode ter recebido uma porção menor do que nós adultos, já raspou o prato e, virando-se, estende-o para a grosseira velha doente do fígado, sentada à cabeceira da mesa, à direita da criança.

– Vó, posso comer mais?

Assim, a montanha envelhecida de gordura gira a cabeça na direção da menina de um modo perturbado, com o pescoço tão inchado que nem parece se mover, notando-se apenas que suas feições, de alguma forma, nadaram pela cabeça flácida até virar para o outro lado.

Sua voz é aguda e estridente, fazendo com que a menina recue e se encolha, com medo.

– Eu não sou sua avó, menina malvada!

Diante da severidade da reprimenda, um silêncio constrangedor cai sobre o grupo, quebrando com habilidade pela viúva Deene que, com um sorriso nervoso, tenta se desculpar pela filha.

– É claro que não é. Não é mesmo, minha doçura? É que como ela tem sido tão gentil conosco, você passou a vê-la assim. Então, Nelly, não é desse jeito que são as coisas?

Eleanor, ainda pálida e trêmula por causa da bronca, concorda com a cabeça e olha fixamente para o prato vazio, o que parece abrandar o dragão ofegante à sua esquerda. Esta velha murcha, sentada aqui ao meu lado, agora se vira para falar com Emmy, instruindo a jovem para se levantar e servir uma segunda porção para quem mais quiser.

Recuso, relutante, a oferta, balançando a cabeça. Sinto um peso baixar em mim, e com isso, fico com medo

de já ter comido demais. Se esta letargia empanzinada não diminuir, temo pelo meu desempenho com a viúva, mais tarde. Ficarei sem forças para montar nela, mal tenho força suficiente para levar mais uma garfada aos lábios. Diante de minha muda recusa de mais uma porção, Emmy inclina a cabeça para o lado e me olha de forma zombeteira, com a concha na mão e a panela enrolada num pano debaixo do braço. Aqueles lábios grandes e carnudos se curvam num sorriso lascivo antes de começar a falar.

– Acho que o juiz já comeu o suficiente. Olha o suor na testa dele, como se esta sala estivesse quente demais.

Apoiando a panela e a concha sobre a mesa, ela então se curva um pouco e seu rosto fica próximo ao meu. As outras três, sentadas, parecem observar atentas, todas com expressões extasiadas, mas indecifráveis, muito semelhantes aos passarinhos. As pontas dos meus dedos parecem dormentes. Ouço um ruído distante, meu garfo, caindo no chão. De perto, vejo que Emmy tem a pele estragada. Espinhas em acampamentos densos, reunidos nos cantos do nariz. Sua voz é lenta e grossa como melado derramando.

– Não fique atormentado com o calor agora, juiz. Minha mãe disse que todas nós vamos tirar a roupa para você mais tarde. Portanto, estamos felizes que o fogo esteja tão alto.

O que ela está dizendo? Do outro lado da mesa, a viúva Deene começa a falar num tom de reprovação que não a ouvi usando nenhuma vez antes.

– Tome cuidado, Emmy. Ele pode não estar tão indisposto como aparenta.

A adolescente parece não dar atenção a esse comentário, apenas empina a cabeça para me examinar mais de perto, como se quisesse decidir antes de falar.

– Ah, não. Acho que ele não agüenta mais, com certeza. Além disso, conheço um jeito de ficarmos

sabendo logo.

Ela se ergue novamente, afastando-se de mim. Sem deixar de sorrir, levanta os braços pesados e os cruza atrás do pescoço, onde estão os fechos da sua bata, que ela começa a abrir. Ninguém diz nada. A sala está em silêncio, exceto pela respiração imperfeita da velha. Minha cabeça está rodando e ocorre-me, um pouco tarde, que existe algo muito impróprio aqui, nesta câmara sufocante.

A esta altura Emmy já abriu os fechos o suficiente para colocar os dois ombros para fora do vestido, seguidos por um braço e depois o outro. Finalmente, com um sorriso triunfante, ela arranca tudo até os quadris, ficando totalmente nua acima da cintura. Estou sonhando? Os seios de Emmy são grandes e compactos, ela os segura agora com as mãos. Auréolas chatas, marrons e violetas, coroam cada peito, os mamilos roxos projetados feito dedões de bebê. Ela vem para meu lado, balançando uma teta em cada mão e descubro, com uma leve ansiedade que parece distante, que não consigo mais me mexer. A música em meus ouvidos fica mais alta, embora eu ainda ouça Emmy falando perto da minha orelha.

– Vamos lá. O que você acha deles? Não são umas coisas adoráveis? Ora, aposto que você gostaria de chupá-los, se pudesse. É o que cavalheiros gostam de fazer, ouvi dizer.

Agora ela inclina o corpo mais perto de mim, de modo que seu aroma de almíscar é irresistível. Erguendo um seio, ela vira o mamilo para a minha boca mole e aberta, passando-o de um lado para o outro, lentamente, no meu lábio inferior, dobrando-o e virando-o, depois colocando-o reto novamente nos meus dentes. Tento fechar os dentes no bico escorregadio, mas não consigo.

– Pare com isso, Emmy! – É a viúva Deene quem fala. – Eu só agüento o jeito de agir das pessoas desta

família por estar ligada a ela pelo matrimônio, mas nem todos aqui querem ver dia e noite a sua libertinagem.

Em resposta, Emmy balança o corpo de modo sensual para a frente e para trás, fazendo os seios pularem para dentro e para fora entre os meus lábios entorpecidos e imóveis. Parece que a senhora sentada à mesa acha isso tudo tão cômico que começa a gargalhar, do fundo de seus pulmões poluídos e ruidosos. Como a alegria é contagiosa, a pequena Eleanor começa também a sorrir, lançando olhares cautelosos para a cara séria de sua mãe, a viúva Deene, como se estivesse perguntando se ainda é permitido rir. Por fim ela não mais consegue se conter. Dá vazão ao seu contentamento fungando pelo nariz, diante do que a viúva não consegue mais manter a sua postura de repreensão, de quem se sente insultada, também extravasando o riso contido. Agora as quatro estão rindo.

O divertimento dura um certo tempo e depois vai desaparecendo, quando Emmy tira o seio da minha boca, e uma gota de cuspe solitária pende, num fio de saliva que vai até o pomo-de-adão, onde aperta a forca. Ela dá um passo para trás para me ver melhor. Seu sorriso é desdenhoso, cheio de desprezo.

– Ele não vai durar muito agora. Nós poderíamos começar a dividi-lo, assim que estivermos sem roupa, para não manchá-las.

Agora a velha fala de algum lugar à minha direita. Minha cabeça pende frouxa no encosto da cadeira. Não tenho forças para virá-la, tendo apenas que ouvir o harpejo fleumático da sua voz.

– Não seja tão maluca, garota. Olhe como os olhos dele viram de um lado para o outro! Ele ainda tem vitalidade, se cortarmos agora, iria espirrar para todos os lados. Vamos esperar até ele apagar de vez. Quando o

sangue não se movimenta mais, a sujeira não é tão grande.

Sinto medo, apesar da névoa entorpecente que parece pairar ao meu redor. Elas disseram que eu deveria ser cortado? Faço uma tentativa de protesto, porém não consigo emitir nenhum som a não ser um gemido abafado. O que aconteceu comigo?

Do outro lado da mesa, Eleanor entra na discussão, virando-se para a matriarca sentada na extremidade da mesa.

– Posso chamar a senhora de avó agora? – A mulher dá o seu consentimento ríspido através de uma tosse. – Vovó, está quente demais aqui dentro. Posso tirar as minhas coisas, igual à tia Em? A senhora disse que faríamos isso mais tarde.

Aqui a mãe, a senhora Deene, faz uma interrupção apressada.

– Não ligue para o que a tia Emmy faz. Não permitirei que você cresça se comportando como a família de seu pai.

A mãe de Emmy, inclinando-se para dentro do seu campo de visão, tomba seu corpo enorme para a frente, na cadeira, para plantar os cotovelos sobre a mesa e lançar um olhar feroz para a viúva Deene.

– A sua Nelly está nessa com todas nós. Foi o que combinamos e assim será. Não esqueça, a razão de tudo isto é o pai dela e seu marido. Irmão de Emmy e meu filho. Você entrou para esta família, jovem Mary Deene. E você é uma Deery. Os Deery são unidos.

Há uma pausa, na qual a mulher mais jovem parece murchar debaixo daqueles olhos indomáveis. Seu olhar baixa para o colo e ela fica intimidada. Assim, a megera prossegue, dirigindo-se mais uma vez a Eleanor.

– Se você está disposta a tirar a roupa como todas concordamos antes, deve fazê-lo, para que elas não fiquem manchadas e salpicadas quando começarmos o

trabalho sangrento. Na verdade, nós poderíamos até começar a nos despir também. Ele vai apagar antes que eu tire as minhas anáguas, você verá.

Faço um grande esforço, até mesmo para respirar, e ondas de escuridão chocam-se dentro de mim, chocalhando ao arrastarem suas garras de espuma na praia pedregosa dos meus pensamentos, revolvendo idéias enterradas, trazendo-as à luz cintilante. Penso em Francis, e entendo o modo como ele se assusta com cada ranger de porta. Penso em Dee. Penso em Faxton, mas não consigo formar uma imagem dela em minha mente. Tudo o que consigo ver são ruas desertas que passam por ruínas deploráveis e, antes que elas desapareçam, há uma grande área de grama abandonada, sem marca de torres, cercas ou valas.

Ao meu redor, as mulheres tiram as suas vestimentas em meio a muito sussurro e riso. Eleanor, seu corpo sem saia e sem pêlos parecendo quase assexuado, passa saltitante para ajudar a avó na prolongada tarefa de descobrir aquelas formas brancas e enormes. A barriga pende em dobras sobre as partes pudendas quase sem pêlos, e os que restaram são meio amarelos, meio grisalhos, como graxa de vela suja e esparramada. Apoiada na outra extremidade da mesa, nua, está Emmy, com a bunda branca na madeira escura e arranhada, ajudando a senhora Deene a prender seu cabelo avermelhado. Seu nome era Deene? Ou Dee? Ou Deery? Não consigo me lembrar.

Ela está sentada e me observa do outro lado da mesa, nua em pêlo, mantendo os olhos em meu rosto enquanto Emmy faz uma trança com suas madeixas acobreadas. A sala parece uma fornalha. Vejo uma esfera cristalina de suor percorrer a clavícula da mulher que está sentada e desaparecer no borrão de luz entre os seus seios. A cena me lembra muito alguma coisa que vi antes, mulheres úmidas ajeitando os cabelos umas das

outras, mas, confuso como estou, não consigo lembrar onde.

À minha direita, a avó de Nell sai sem constrangimento do emaranhado de suas roupas, amontoadas aos seus pés. Auxiliada pela inocente e bela Eleanor, ela retira um estojo de facas de algum lugar acima do fogão. Selecionando as facas trinchantes, ela e a menina começam a afiá-la numa parte do fogão que não consigo ver, apenas ouço o ruído rascante do ferro na pedra. As ondas de luz e sombra que, na frente dos meus olhos, parecem rolar pela sala cheia, ficam mais rápidas agora, em ondulações sucessivas.

Entediadas na espera de que minha respiração estrangulada cesse, as mulheres nuas logo me ignoram. Sentadas em volta de sua mesa, elas conversam sobre coisas sem importância, como se eu não estivesse aqui, morrendo entre elas. Discutem seus problemas de saúde, o preço do arroz e o que farão quando John sair da cadeia. Sem roupas elas parecem não ser humanas, parecem um grupo especial de irmãs esquisitas. As Parcas, ou as Górgones, saídas da mitologia. Tudo ao seu redor é uma radiância etérea que parece evaporar, formando cores mais definidas nos seus limites. Os menores gestos deixam atrás de si, no ar, seus traços, e um braço que desce se torna uma asa cintilante, esplêndida e em movimento. Elas estão conversando, mas eu não consigo mais saber o sentido do que dizem.

Suas palavras são de um vocabulário de luz, os lábios movem-se em silêncio, como se estivessem do outro lado do espelho, e, em meus ouvidos, a música atinge uma clareza perfeita, suas repetições e frases agora cheias de convicção. Acima dos ruídos das altitudes, cada sílaba estrangeira é límpida e ressonante, dolorosamente familiar em sua profundidade estranha, um murmúrio em camadas ecoando em todas as coisas. Eu conheço esta música.

Eu conheço.

PARCEIRAS DE TRICÔ



1705 d.C.

Dentro da cabeça das corujas e das fuinhas existem jóias capazes de curar a febre intermitente, a cólica. O relâmpago é a semente de Deus que atinge um freixo, ali crescem Suas sementes, com cabeças redondas e caudas pequenas, entre as raízes. Uma mulher ou um homem podem colocar essas sementes na boca e depois ter a Visão, para que possam concentrar todos os seus pensamentos numa fogueira e viajar, com sua fumaça, até o céu. Lá encontrarão a cegonha ou a garça que os

carregará para mais alto, até onde a Grande Catedral possa ser vista, coberta por suas abóbadas perfeitas, formadas apenas pela Lei e pelo Número. Engoli meu próprio mijo, e vi essas coisas.

Há menos de uma hora, o senhor Danks, o sacerdote de Todos os Santos, veio, com a Bíblia e os intendentes, até a cela que divido com Mary. Depois, nos tiraram dali e nos penduraram numa forca, no portão norte da cidade, até quase morrermos, com o pescoço quase esmagado. Derrubadas, fomos em seguida acorrentadas aqui. Com as marcas das cordas no pescoço como se fossem os gloriosos grilhões do nosso ofício, estamos sentadas meio conscientes e resplendorosas em nosso trono de lenha.

Amarrada aqui ao meu lado, a mão pequena e quente de Mary está sobre a minha. Como eu, ela não está com medo, acalmada pela brisa que vem invisível do terraço, tranqüila na luz cor de malva que envolve os pastos à noite. Mesmo que nossas gargantas não estivessem tão feridas, a ponto de nos impossibilitar a fala, nenhuma palavra precisaria ser trocada entre nós para sabermos o que sabemos. É o mesmo Reino. O mesmo pensamento no Reino, e o pensamento no Reino é o próprio Reino. Eles vão me queimar, e ainda não completei 25 anos.

Pelos campos frios de março os pássaros fazem subir algo delicado e terrível com as correntes de som mais o jogo do eco. Nós duas somos as últimas que serão queimadas na Inglaterra. Duendes e seres coloridos nos disseram isso, seres que residem nas cidades mais elevadas, onde todos os dias são um único dia e não há ontem nem amanhã. Depois desta, não mais haverá velas de sebo humano acendidos com um pavio de saia. Nenhum outro belo rosto vai se cobrir de horrendas bolhas.

Agora ergo lentamente as minhas pálpebras, até abrir os dois olhos. Mary, ao meu lado, faz a mesma coisa, ao mesmo tempo. Ao ver isto, o rebanho reunido diante da nossa fogueira solta uma exclamação de espanto e dá um passo para trás, aterrorizado, afastando seus rostos saídos do chiqueiro. A viúva Peak, que disse ter nos ouvido tramando a morte da senhora Wise, puxa agora uma cruz sobre o seu peito murcho e cospe, enquanto Parson Danks começa a ler em voz alta, no seu livro comido pelas traças, suas palavras que parecem manchas de fuligem sujando a manhã.

Se vocês soubessem, seus macacos de celeiro, quem vocês vão queimar aqui. Não é por mim que digo, mas pela Mary, que é bonita onde sou feiosa. Se vocês pudessem ver os cantos dos olhos dela quando está contando algo engraçado, aí sim, vocês a conheceriam. Se experimentassem o gosto forte da sua xana, de manhã, quando ela ainda não despertou, vocês virariam, envergonhados, o rosto, apagariam suas tochas. Espalhada em seus pêlos de mulher, minha baba transformava-se em jóias. Dentro de cada uma delas havia uma mansão de homenzinhos pintada em aquarela, pequenina e brilhante. Quando ela sobe as escadas é como música e, na época do sangue de cada mês, pode falar na língua dos gatos, mas para onde foi tudo isso? É como se não fosse nada. Queimem tudo isso, entreguem tudo às brasas, seu cabelo ruivo, os desenhos que ela faz.

É verdade que conversamos a respeito dos nove duques que comandam o Inferno. Depois de conhecer o lugar, não sinto mais medo, porque ele é bonito e há, em sua boca, pedras preciosas. É como a entrada do Céu, quando vista pelos traídos e amedrontados. Quando negociei com seus embaixadores, descobri que, na verdade, eles são cavalheiros, nobres e justos. Belial é como um assombroso sapo de vidro, com muitos olhos

ao redor da testa. Ele é profundo e continua misterioso, enquanto Asmodeu se parece mais com uma primorosa teia de desenhos em torno da cabeça: retorcido, feroz, habilidoso nas artes matemáticas. Apesar de sua ira e de seus caprichos, eles não nos maltratam, e são mais do que belos em suas formas. As pessoas deveriam admirar e sentir inveja dos que estimam esses tão maravilhosos casos da Natureza.

Agora um homem de sobrancelhas grossas, que não conheço, aproxima-se com uma tocha e a encosta nos panos amarrados e na palha em cima da lenha. Fechamos os olhos e suspiramos. Não vai demorar, meu amor. Não é muito longe. Agora os balcões invisíveis já não estão muito acima de nós.

Nós nos conhecemos quando eu tinha 14 anos e vim de Cotterstock para Oundle porque meus pais queriam se livrar de mim. Mary tinha exatamente a minha idade, era pálida e sardenta, com pernas e braços grandes. Ela deixava eu me esconder no quintal do seu pai, nos primeiros meses frios. Algumas noites me escondia em seu quarto, quando sua irmã e seu irmão não estavam lá. Passeávamos pela cidade e criávamos jogos. Quando a noite chegava, lançávamos um desafio: qual das duas tinha coragem de ficar parada na passagem de pedras do Hotel Talbot, que dava para o pátio escuro dos fundos. Jurávamos ter ouvido o fantasma da velha rainha Mary, que havia dormido ali uma noite, antes de lhe arrancarem a cabeça, subindo para o segundo andar, com a cabeça enfiada debaixo do braço. Grito. Nos abraçamos ali no escuro.

Algumas vezes arriscávamos atravessar o chão encharcado de mijo e cerveja do pátio e passar pela alameda Drummingwell, nos fundo do Talbot. Ficávamos paradas ouvindo o Poço Retumbante, que produziu um som muito parecido ao de um tambor na noite que antecedeu a morte do rei Charles, e também em outras

ocasiões, como na morte de Cromwell. Ficávamos muito atentas para escutar o som do poço, prendendo a respiração, porém nunca saiu nenhum som de lá.

Corríamos para os campos para nos esconder entre os laburnos silvestres e, em nossa fantasia, éramos selvagens de traseiro azul, vindos da África, arrastando-se meio despidos, com expressões ferozes e cômicas, entre os caules que balançavam lentos. Fincávamos os dedos uma na outra e primeiro dávamos risadas, depois sentíamos um calor e ficávamos sérias. Encontramos um musaranho morto, duro e com o pêlo brilhante, como se sua morte fosse apenas uma camada de verniz. Uma tarde eu a vi fazendo xixi entre plantas chamadas malmequer-dos-brejos, fechei os olhos diante do tremulante jorro de ouro trançado que abria um buraco, ensopando o solo abaixo dela, mas ainda continuei ouvindo a sua música tamborilada e ainda via seu jorro dourado em meus pensamentos.

Agora vem o primeiro beijo da fumaça, um estalado e carinhoso beijo de marido, no nariz. E, como se fosse com um marido, ficamos de olhos fechados enquanto tudo acontece. O tempo suficiente para que ele empurre a língua ácida e sufocante até metade de nossas goelas. Anéis úmidos e ardentes que se enfiam em nossas narinas contraídas. Espero que os feixes não sejam verdes e úmidos, nem difíceis de queimar, porque quando o nosso pacto foi feito o Homem da Cara Preta disse que não sentiríamos o fogo da punição. Um silêncio sibilante sobe espumando em meus ouvidos, como se indicasse uma aproximação insondável, mas desaparece de repente, quebrado pela crepitação de folhas que nos envolve por todos os lados. Silêncio, Mary Philips, e não tenha medo, porque uma promessa nos foi feita, a mim e a você.

Encontramos um jeito de viver que me convinha e também um pequeno quarto em Benefield, onde eu me

hospedaria pelos próximos dez anos, ainda que raro era o dia em que não nos encontrávamos. Íamos crescendo e compartilhávamos a grande aventura do nosso pequeno barco, que, às vezes, nos levava da terra do laburnos, cheia de fantasmas e jogos secretos, para nos lançar entre as ilhas sombrias que são os homens.

Nós nos chafurdamos neles, homens, nos poucos anos seguintes, não foi, Mary? Embora confesse ter me chafurdado mais, você não ficou sem a sua parte. Coveiros, sacristãos, taberneiros e açougueiros, ainda com o cheiro da morte em suas mãos. Eles nos pagaram cervejas ordinárias no bar da entrada do Talbot, nos encostaram contra o muro do cais como quem mija no meio do caminho, depois cambaleando de volta para a esposa e a lareira. Por causa disso, dormia pouco com eles, mas quando o fiz fiquei surpresa: quando não estão acordados, eles são muito mais macios ao toque, e mais parecidos com mulheres. É uma pena, então, que eles fiquem de pé.

E ficavam de pé realmente. Eles se levantavam antes de mim, indo embora antes que meus olhos estivessem propriamente abertos. E quando os via passeando com a família no domingo, apenas as esposas lançavam duros olhares para mim, com expressões sérias. Se, mais tarde, elas me vissem no mercado, em grupos de duas ou três, gritavam para mim “Lá vai a prostituta”, ou então ensinavam seus filhos pequenos a me ridicularizar, gritando “Shaw, a prostituta” e “Nell, a Meretriz” sempre que me viam passar. Como é que uma coisa tão simples e agradável como a entrada de uma protuberância numa rachadura pode provocar tanto desprezo, vergonha e sofrimento? Por que temos que fazer da parte mais doce de nosso ser uma pedra a mais para ferirmos uns aos outros?

Agora vem uma coisa curiosa. Mexendo-me nas minhas amarras, abro mais uma vez os olhos, e então

descubro que tudo está parado. O mundo, a fumaça, as nuvens, as multidões e as chamas saltitantes, tudo está parado e sem ação. Imóvel.

Como é estranho e encantador este reino sem movimento, perfeitamente correto. As extremidades, pontudas como dentes de dragão, da fumaça congelada, olhadas atentamente, têm uma beleza perdida pela visão normal. Outras bordas denteadas, menores, surgem idênticas, como fetos, da espiral-mãe retorcida. E pensar que eu nunca tinha notado isso.

Olhando para baixo, sinto uma leve surpresa ao notar que estamos queimando, eu e Mary, as duas juntas. Estas nossas saias desbotadas nunca pareceram tão belas como agora, com a superfície cheia de fogo, luz e cor, carregadas de rubis com chamas que não se movem. Não há nenhuma dor, nem mesmo calor, embora eu veja um de meus pés carbonizado. Em vez de dor sinto uma pontada de tristeza, porque sempre achei que o pé fosse a parte mais bonita do meu corpo, apesar de Mary dizer que gosta dos meus ombros e pescoço. Quando estivermos despidas de forma andaremos verdadeiramente nuas, saídas de nossas cinzas, e não haverá parte de nós que não seja bonita.

Mesmo com Mary estrangulada muito além do ponto em que seria possível falar, posso ouvir sua voz dentro de mim dizendo “Elinor, oh, Elinor”, mandando-me olhar dentro das chamas que subiram sem nenhum movimento aparente, até o meu peito, como um emblema cruel.

Olho para estas estalactites invertidas, de ouro e luz, e em cada uma há um momento, mínimo e completo, preso no âmbar cintilante. Aqui está o meu pai, dando uma surra na minha mãe, que está curvada sobre a mesa da cozinha, gemendo. Vejo isso como se estivesse diante de uma porta aberta. Nesta outra está o sonho que tive quando era pequena, uma casa sem fim, com mais livros

do que os que há no mundo. Aqui vejo quando cortei o ombro num prego, e aqui, o musaranho morto, lustroso e frio.

Sob a base das chamas todas, há um vazio claro e imóvel. Uma lacuna misteriosa entre a morte da substância e o nascimento da luz, com o próprio tempo suspenso neste vácuo de transformação, esta pausa entre dois elementos. Entendo agora que sempre existiu apenas um fogo, que ardia antes do começo do mundo e que não será apagado até que o mundo acabe. Vejo os meus amigos nas chamas, os que não nasceram e os que já morreram. Vejo o rapazinho com a garganta cortada. Vejo o homem maltrapilho que fica dentro do crânio de ferro flamejante. Quase os conheço, quase tenho uma sensação do que eles querem dizer, suas cartas escritas num alfabeto bárbaro.

No início era tudo uma brincadeira, a figura desenhada com sangue de porco e a vela. Imaginamos que não ia dar em nada, e não que seria realizado com extraordinária facilidade. Alguns nomes foram ditos em voz alta, e no final havia respostas vindas de algum ignorado lugar, de uma névoa animada que baixou em nossos pensamentos. Isso foi em fevereiro do ano passado, quando todos os lagos estavam cobertos por uma camada de gelo.

Nuas e tremendo, ficamos agachados em meu quarto apertado, escutando as surpreendentes palavras que podíamos ouvir dentro de nós mesmas. Essa audição era do tipo que não pode ser alcançada por meio dos ouvidos, e que às vezes parece mais uma mudança de humor ou de visão do que uma fala. Ouvimos muitas coisas.

Somos todos, cada um de nós, os fragmentos sangrentos e pungentes de um Deus que foi rasgado em pedaços pelo choro de nascimento da Eternidade. Quando todos os dias se acabarem, Ela que é Noiva e

Mãe de todos nós juntará cada migalha de ser espalhado num só lugar, onde voltaremos a saber o que sabíamos no início das coisas, antes da terrível divisão. Todos os seres se dividem entre aqueles que são e aqueles que não são. Entre eles, o segundo tipo é o maior, e tem mais importância. Conhecer o pensamento é estar em outra terra. Tudo é verdadeiro. Tudo.

No princípio nada além de uma voz interior, o Homem da Cara Preta se tornou visível aos poucos. Primeiro tivemos a sensação de haver alguém sentado na cadeira vazia que ficava num canto do meu quarto, mas ao olharmos para lá não vimos ninguém. Com o tempo, nós duas conseguíamos percebê-lo olhando pelos cantos dos olhos, mas se olhássemos diretamente para ele, desaparecia.

Ele era alto e terrível, com os cabelos e costeletas de uma fera, os olhos de um amarelo-cabra, brilhante e claro, no negro-de-fumo pintado de seu rosto. Uma luz escura e roxa pairava ao seu redor, e sua carne parecia ser toda bordada com tatuagens, linhas enroscadas como serpentes ou uma nova caligrafia. As coisas, que eram galhos ou chifres, brotavam dos dois lados de sua cabeça e, quando ele falava dentro dos nossos pensamentos, sua voz era profunda o suficiente para esfriar o ar. Ele nos disse que tínhamos que esticar as mãos, mas apenas eu ousei fazê-lo. Mary estava assustada demais.

Fiquei ali por alguns momentos, com a mão estendida, e, no início, não senti nada exceto vergonha pela ridícula situação. Em breve, no entanto, pude sentir o toque muito suave de algo bastante semelhante a dedos ao redor dos meus próprios dedos, e muito frio de quebra. Quando ele falou, foi só para mim porque, quando Mary e eu conversamos depois, ela confessou não ter ouvido nada nesse momento.

Ele disse:

– Elinor Shaw, não tenha medo de mim. Faço parte da Criação, assim como vocês.

Em seguida disse alguma coisa que não entendi, e perguntou se poderia tomar algo emprestado por um ano e dois meses. Não era algo sólido, o que ele desejava, era algo imaterial. A princípio fiquei com medo, acreditando que pedia a minha alma. Ele me tranqüilizou, dizendo que não estava pedindo nada mais que a Idéia de mim, para a qual tinha um uso que meu entendimento não poderia conceber, e seria apenas por pouco tempo. Mesmo neste dia, da minha morte, ainda não sou capaz de compreender para quem a Idéia de mim poderia ter algum valor.

Ele prometeu, em troca da Idéia, que nos ensinaria a evocar duendes, conversar com eles e conseguir sua obediência. Além disso, prometeu que não sentiríamos o fogo do inferno nem a punição.

Não sei ao certo como foi obtido o pergaminho onde fizemos nossas marcas com sangue, para selar o acordo. Durante algum tempo achei que nosso visitante o havia tirado de algum lugar, embora não possa imaginar de onde, uma vez que ele estava nu. Hoje tenho a impressão de que poderia já estar no meu quarto, antes mesmo que ele chegasse, esquecido, até que naquela noite nós o encontramos, por acaso. Ele insistiu que assinássemos com sangue, dizendo que cada função humana e seu fluido possuíam um poder espantoso, atraente para aqueles espíritos desencarnados que não o possuíam, por isso o viam como uma substância singular. Continuando no assunto, ele disse que poderíamos deixar os duendes se aproximar à medida que nos alimentássemos dos líquidos do nosso sexo, ato que os aplacaria, fazendo com que nos favorecessem. Ele disse isso sem malícia nenhuma, como se para ele não houvesse nenhuma vergonha em tal ação, embora eu

tenha corado, assim como a minha Mary, quando disse isso a ela.

O que aconteceu depois eu não posso dizer. Disse, em minha confissão, que o Homem da Cara Preta foi para a cama com nós duas e fez o que quis conosco, e foi quase isso o que aconteceu, mas num outro sentido das coisas, diferente do que estamos acostumados. Não tenho certeza se ele chegou a estar na cama conosco do mesmo modo que nós estávamos ali, em carne e osso, ou se as coisas que pensamos que ele fez conosco, afinal, não fizemos nós, uma com a outra. No entanto nós duas sentimos ele ali conosco naquela movimentação e confusão deliciosas, aquela intensidade de presença bem diferente de um homem, que nos penetrava, excitante e gelada.

Estávamos fora do compasso dele. A nossa cama era cada cama na qual homens e mulheres nasceram, treparam ou morreram. Quando Mary lambeu meu rabo, ela viu uma curiosa flor de luz que se espalhava dali, e nós começamos a rir. Mas em nosso pensamento a voz dele nos disse:

– Vejam esta Rosa de Energia. Existe uma ao lado de cada portal do corpo.

Depois disso, nós duas ficamos mais sérias.

Quando alcançamos a nossa Satisfação, houve um momento diferente de qualquer coisa, momento em que o mundo todo desapareceu e era como se nunca tivesse existido. Em seu lugar, apenas uma brancura perfeita. Nós éramos a brancura. E uma era a outra sublimada. E não éramos nada. Depois, se após tudo aquilo pudesse de fato existir um depois, dormimos até a manhã. Acordamos sozinhas com uma vela apagada e um pergaminho ensangüentado.

Agora meus braços e ombros estão em chamas. Ao meu lado, em baixo das saias de Mary, ouço o chiado e o silvo de seus pêlos de amor chamuscando, símbolo

animal sagrado e secreto de nossa espécie. Quão gloriosos eles devem agora estar, emplumados com fogos esplêndidos, parecendo uma visão. Eu esfregaria meu rosto neles, embeberia meu queixo em faíscas em vez de baba. Eu os veneraria. Eu os adoraria. Ainda não há nenhuma dor.

Fomos acusadas de, em pouco mais de um ano, matar quinze crianças, oito homens e seis mulheres com a nossa arte diabólica. E de eliminarmos do mundo quarenta porcos, cem ovelhas e trinta vacas. Fazendo as contas, parece que enfeitiçamos três animais por semana. Havia mais, cerca de dezoito cavalos, dos quais tinha me esquecido. Por toda Oundle, e até Benefield e Southwick, nenhuma formiga foi pisada sem que fôssemos responsabilizadas de alguma forma pela morte do pobre bichinho. Quando não tinham mais assassinatos pelos quais nos acusar, começaram a fazer uma lista de nossos pecados menores, dizendo que éramos companheiras de cama e também “parceiras de tricô”, o que nos deixou bastante contentes.

O que tricotávamos com a nossa graxa e o nosso barro, nossos pequenos alfinetes? Para ser honesta, aquilo tudo era apenas um divertimento egoísta. Contudo, quando passamos a conhecer melhor o Reino Superior e nos sentimos envolvidas com ele, tornamo-nos mais reverentes, as duas. Ainda assim dávamos gargalhadas, curvadas sobre o nosso tricô, lançando maldições e encantos em filas infinitas, e transformando palavras em maravilhas.

Ah, se fôssemos contar metade de tudo o que aconteceu, os duendes que invocamos, bem como muitas criaturas desse tipo, ainda superiores. Como já disse, a facilidade de fazer isso é assombrosa, se alguém puder apenas presenciar. Tínhamos quatro tipos de duendes atendendo ao nosso chamado, todos de utilidades e cores diferentes. Alguns eram confusos e vermelhos.

Esses tinham conhecimentos tanto de artes quanto de diversas outras matérias. Uns eram insistentes, pareciam enguias decoradas, ou então troncos com caudas, e, apesar de não parecer tão inteligentes quanto os outros, podíamos ouvir os pensamentos dos outros em seu nado e meneio, e enviar nossos sonhos pelo mundo em suas ondulações.

Alguns duendes eram pretos, pele espelhada na qual todas as coisas eram refletidas. Esses tinham forma semelhante a dos homens, ainda que menores nas medidas, e eram usados para profecias ou para a visão a distância. Lampejando em sua testa, vimos o tempo das trevas que se acabou e, por estar escrito em suas barrigas de ébano, sabíamos que viriam os dias de fogo cadente.

Os duendes brancos eram como furões, ou talvez como gatos esguios, com mãos muito pequenas, como as dos homens velhos, com algo que lembrava também as feições de um homem velho. Esses só serviam para causar danos. Nós não os usávamos. Não muitas vezes, pelo menos.

É preciso deixar os duendes ocupados todo tempo, caso contrário ficam entediados na companhia de mortais e vão embora. Além disso é preciso que sejam recompensados por cada tarefa. Eu e Mary cuidávamos do pagamento, deitadas de costas no círculo de giz, com nossas saias levantadas e os joelhos separados. Depois que terminávamos, ficávamos sempre cansadas. Não podíamos vê-los enquanto se afundavam entre nossas coxas, apenas os sentíamos algumas vezes, sugando os nossos pequenos botões.

(Naquela noite terrível em que Billy Boss e Jacky Southwel, os guardas, foram mandados atrás de nós, fomos examinadas. Todos os homens ali presentes observaram aqueles botõezinhos que, dissemos, os nossos duendes haviam sugado. Eles pareceram muito

impressionados, como se nunca tivessem visto nada igual. Ao descrevê-los, diziam que eram como um mamilo ou um pedaço de carne vermelha lá em nossas partes íntimas. Sinto pena de suas pobres esposas, se é que têm esposas.)

Além de duendes, invocávamos criaturas muito especiais, parecidas com cães enormes, ou com asnos, às vezes chamados Shagfoals. Eles têm olhos chamejantes e alguns são muito velhos. Vivem perto de encruzilhadas ou em pontes, onde decisões têm que ser tomadas e onde o véu entre o que é e o que não é fica esgarçado, fininho, rompendo-se facilmente.

Os tais Shafgoals possuem uma espécie de cria, muito menor e ainda mais horripilante, preta e cega, com longas línguas curiosas. A presença deles arma uma atmosfera de medo nas coisas, mas torna mais complexa a realidade, o que resulta num prazer refinado e chocante quando nelas pomos as mãos. Enviamos dois deles para Bessy Evans depois que ela disse não ter nenhum divertimento na vida. Olhe a gratidão que recebemos.

Ainda me lembro daquela manhã, Mary e eu paradas no quintal de Bessy, ela falando sem parar sobre seu John e que ele não a tocava há mais de um ano, dormia num quarto separado, longe dela. Dissemos que ela era boba de viver uma vida tão sem graça. Ela então perguntou se poderíamos arrumar alguma coisa que pudesse lhe fazer bem. Juramos fazer o melhor possível e, na manhã seguinte, quando a encontramos, ela parecia uma mulher diferente, contando-nos que havia sonhado com duas coisas que pareciam toupeiras, elas haviam ido até sua cama e sugado suas partes íntimas, tanto na frente como atrás. Disse que foi ao mesmo tempo assustador e agradável. Depois, quando testemunhou contra nós, ela jurou que essas visitas noturnas lhe causavam tanto medo que mandou chamar

o senhor Danks, o sacerdote, que foi até o seu quarto várias noites, e eles rezaram juntos para afugentar as criaturas.

Quatro noites! Segundo ela mesma admitiu, foi o tempo em que a vaca mal-agradecida sentiu prazer com os nossos hábeis filhotes, antes de pensar em chamar um padre, e só fez isso porque nós íamos parar de enviá-los e ela queria um homem em seu quarto, para substituí-los. Quatro noites!

Vou lhes contar uma coisa. Apesar de, em geral, eu gostar menos de homem, algumas vezes não tenho nenhuma afeição pelas mulheres. Quando penso nas coisas que fizemos para elas por sermos do mesmo sexo, e como todas correram a nos acusar assim que foi de seu interesse. Quando elas assavam bolinhos e ainda eram solteiras, ou quando achavam que seu homem tinha outra mulher, a coisa era diferente. Falavam assim: “Nell, livre-se disso para mim”, ou “Mary, faça ela ficar mais gorda que um porco e traga ele de volta”. Nós curamos os seus bebês com difteria e fizemos feitiços para que verrugas fossem parar no pinto de homens infiéis. Enviamos partículas azuis de luz para aliviar suas câimbras e lhes demos orações fortes para repelir os que estupram e roubam. Nós entramos em delírio, profetizamos e lemos o futuro em suas fezes.

Mas nós matamos?

Acho que sim. A velha mãe Wise pelo menos, e, sim, talvez o menino dos Irlanda. Não posso dizer que não tivemos intenção, porque com certeza tínhamos, quando pedimos aos céus nossos encantos, mas, eu pelo menos, me arrependo agora. Raiva, ressentimento, rancor, todos esses sentimentos vulgares, são luxos perigosos a que a pessoa que lida com a Arte não se pode permitir. Eles voltam para você, feito cachorro faminto. Eles devoram tudo.

Com a senhora Wise, foi porque ela não queria nos vender leite magro. Mas havia outras coisas por trás disso. Primeiro, ela fazia parte do grupo de esposas cara de rato da aldeia que nos chamavam de prostitutas, e compartilhava com elas essa opinião. Isso porque Bob Wise, seu marido, pôs a mão no meu peito e me beijou quando ficou bêbado na penúltima Festa da Lavoura.

É engraçado agora pensar nisso: ele estava vestido para a Festa da Lavoura com os trajes do Homem Bruxo, como todo ano. Seu rosto estava pintado de preto, e ele tinha galhos e ramos amarrados em volta da cabeça, como se fossem chifres, porque essa é a tradição. Perguntei se ele estava usando chifres porque sua mulher estava do mato com outro, ele respondeu que não se importava com o lugar onde ela estivesse desde que, em vez disso, ele pudesse ficar comigo. Em seguida me beijou na boca e pegou minha teta por algum tempo. Embora ele fosse robusto, grosseiro e muito mais baixo, por que não pensei na fantasia de Bob Wise quando atraímos o Homem da Cara Preta pela primeira vez? Qual é o significado dessa semelhança, e por que eu não havia pensado nisso até agora?

Não importa. Quando sua esposa se recusou a nos vender leite magro, ainda me chamou de todos os nomes que existem para se referir a uma prostituta. Por isso fiquei com raiva. Lembrei das muitas vezes em que andei entre as bancas da feira de Oundle com seus gritos e zombarias ainda ressoando em meus ouvidos que ardiam, cheia de fúria e assustada demais para responder. Corri para casa e entrei no quarto de Mary para acordá-la, parecendo uma centena de tijolos numa ventania. Estava tão fora de mim que, durante algum tempo, ela não conseguiu entender nada do que eu disse. Quando me acalmei um pouco, preparei uma figura de cera cheia de alfinetes espetados. Mary chamou um duende branco que parecia um arminho com

mãos de bebê e atendia pelo nome de Chupa-o-Meu-Dedão, ou às vezes, quando queria, Jelerasta. Ele apareceu, falando de vez em quando em inglês, mas com mais freqüência numa língua que pensamos ser grego. Tomou o néctar da Rosa de Luz das partes pudendas de Mary e, em seguida, foi encarregado de transferir aquelas feridas aglomeradas no meu boneco de sebo, perfurado como um mártir, parecendo um porco espinho no meio de todas aquelas agulhas. Isso foi à tarde.

Naquela noite a viúva Peak veio nos visitar. Ainda que o nome de seu marido fosse Pearce, ela é chamada de viúva Peak porque tem entradas no cabelo, como acontece com homens de idade avançada, formando uma ponta na frente[3]. Ela foi nos ver para pedir sorte com os homens no Ano Novo, e já estávamos na véspera. Demos-lhe um escrito com um encanto, mas ela não ia embora, continuava sentada conosco quando a porta se abriu com o vento e o relógio da igreja bateu meia-noite. Chupa-o-Meu-Dedão entrou, voltando de onde tinha sido enviado, deslizando pelo chão para sentar-se no colo de Mary, cujo calor e perfume ele adorava.

A viúva olhava com fascinado terror para o duende, depois virava o rosto, como se não tivesse certeza do que exatamente era aquilo que ela via, ou se ela estava realmente vendo alguma coisa. Vê-la tão transtornada nos fez sorrir, já que, uma vez, há muito tempo, ela havia abusado de nossa hospitalidade. Acho que Mary esperava acabar de assustá-la quando disse, apontando para mim:

– Olhe aí, a bruxa que matou a velha mãe Wise espetando alfinetes na primeira boneca de cera que ela fez!

Depois disso a viúva Peak saiu, e nós duas rimos muito, sem pensar por um instante que palavras muito mais cautelosas deveriam ter sido ditas.

Ficamos sabendo no dia seguinte que, depois de ter se despedido de nós, a viúva foi correndo para a casa da mãe Wise. Lá ficou sabendo que a mulher tinha morrido passava pouco da meia-noite, depois de sentir muita dor. Que a sua alma vil e frustrada descanse em paz. Não me sinto tão mal por ela quanto pelo pequeno Charlie Irlanda, que matamos, eu acho, uma semana antes.

As duas mortes estavam relacionadas. No caso da senhora Wise, Mary utilizou Chupa-o-Meu-Dedão, mas minha boneca de cera e os alfinetes teriam, com certeza, feito o trabalho sozinhos. Ela ficou contente com isso porque, assim, encontrou trabalho para o duende, deixando-o feliz. É fato que os duendes se afastam ou se tornam rabugentos se não estão sendo utilizados sempre. O trabalho parece deixá-los mais fortes. Mais fortes eles exigem mais trabalho, e assim por diante. Depois que a pessoa os invoca, fica ocupada em encontrar tarefas para eles, semana após semana.

Mary chamou Chupa-o-Meu-Dedão pela primeira vez um pouco antes do Natal, quando, assim como eu com a senhora Wise, foi tomada por um acesso de fúria. Tudo começou com o Charlie Irlanda, que, com outros meninos de sua idade, andava pela aldeia de Southwick, onde nós passávamos muitas vezes. Mary tinha ido a Southwick procurar um pernil que pudéssemos preparar para o jantar. Quando saiu do açougue foi cercada por uma gangue de meninos, com Charlie Irlanda à frente deles. Instigado pelos amigos, ele a chamou de bruxa velha e prostituta, e perguntou se ela queria pegar no peru dele por um quarto de pêni.

Nunca a havia visto tão descontrolada como quando ela chegou em casa naquela noite. Não disse uma palavra, foi para o seu quarto onde, após um silêncio, pude ouvi-la fazendo barulhos como se estivesse tendo um ataque e depois a ouvi falando em voz baixa, mas não sabia com o quê ou com quem. Algum tempo se

passou até que ela abriu a porta e apareceu nua, com a criatura branca e insinuante com cara de fuinha sussurrando em francês, enrolando-se em seus calcanhares. Depois saiu em disparada do seu quarto e da casa, sumindo de nossas vistas.

Não vimos mais o duende naquela noite. Mary me contou que o havia instruído a viajar pelas alamedas escuras e desertas até encontrar a casa dos Irlanda, em Southwick, onde ele deveria morder e sacudir as entranhas do menino, afligindo-o com cólicas e dores. Pensar nos padecimentos dele diminuiu a intensidade de sua fúria, e nós duas acreditamos que isso tinha acabado, até que, na noite seguinte, a criatura com dedos de bebê veio até nós mais uma vez.

Andava de um lado para o outro e tagarelava nas mais variadas línguas diante da nossa lareira. Primeiro emburrava e depois ficava enraivecido, porque não dávamos mais trabalho para ele fazer. Ele nos encarava com ódio no olhar ou puxava nossas mangas com suas mãozinhas quentes e macias. Não ia embora, apesar de nossos apelos ou ordens. Em seguida começou a reclamar conosco em inglês, foi quando nos disse que tínhamos de chamá-lo de Jelerasta, e que não nos deixaria dormir antes de encontrarmos uma tarefa para mantermos as boas graças dele.

Nas primeiras horas da manhã, completamente arrasada, implorei à Mary que inventasse uma missãozinha para a fera, caso contrario eu enlouqueceria. Fraquejando diante da minha fraqueza, ela concordou. Chupa-o-Meu-Dedão (ou Jelerasta) foi mais uma vez enviado para mordiscar as vísceras da criança azarada e, como ficamos sabendo mais tarde, fez com que ele emitisse sons parecidos com os de um cão. Quando, na noite seguinte, tornou a nos visitar, a criatura estava maior e mais persistente, não nos

deixando escolha senão enviá-la mais uma vez a Southwick e à casa dos Irlanda.

Desta vez ele voltou quase imediatamente. Parecia furioso e irritado. Disse, misturando um pouco os idiomas devido à sua ira, que os pais da criança, sem dúvida aconselhados por intrometidos que resolveram interferir, encheram uma vasilha com o xixi do menino, dentro da qual jogaram alfinetes e agulhas de ferro e depois enterraram tudo debaixo de sua lareira. Chupa-o-Meu-Dedão, por razões que não podia explicar, ficou impedido de entrar na casa por causa dessa proteção. Por isso voltou, para não nos deixar dormir a noite inteira, com beliscões e puxões terríveis e frases irritadas em idiomas estrangeiros.

No dia seguinte, nós duas fomos ver a mãe do menino, arrependidas e com os olhos lacrimejantes. Confessamos nosso crime e imploramos para que ela desenterrasse e nos entregasse a vasilha. Ela concordou tolamente em fazer o que pedíamos, em troca de que seu filho ficasse bem. Naquela noite o duende branco Jelerasta matou Charlie Irlanda em sua cama, enquanto nós dormíamos profundamente, tal como bebês recém-nascidos. Usamos os alfinetes e as agulhas que encontramos dentro da jarra com mijo para cuidar da mãe Wise na semana seguinte. Depois disso Chupa-o-Meu-Dedão pareceu ficar satisfeito, e não o vimos desde então.

Foram esses nossos assassinatos. Por eles me responsabilizarei, por nenhum outro mais. Não matamos o filho dos Gorham, nem deixamos a viúva Broughton aleijada por ter nos negado vagens de ervilha. Tampouco derrubamos o cavalo do coche de John Webb, quando ele disse que éramos bruxas, porque seu cavalo morreu muito antes de conhecermos o Homem da Cara Preta. Não éramos bruxas naquela época, nem éramos chamadas disso, apenas de prostitutas. Além disso, o

cavalo era velho e estava apodrecendo em pé. Quem se daria ao trabalho de usar feitiçaria para matá-lo, quando para isso bastaria um vento forte?

Veja bem, quando Boss e Southwel vieram nos visitar, nós confessamos prontamente todas essas coisas, como se tivéssemos escolha. Eles nos empurraram, nos fizeram chorar e nos disseram que, se não confessássemos, seriamos mortas, mas se confessássemos o assassinato de 'Lizbeth Gorham e alguns outros seriamos libertadas. Apesar de não termos acreditado na segunda parte da promessa deles, acreditamos na primeira. Portanto, fizemos um relato completo de todos os nossos atos, tanto os reais quanto os outros.

Finalmente houve uma espécie de julgamento, mas era tão evidente a geral opinião ruim voltada contra nós, com Bob Wise e a mãe de Charlie Irlanda gritando dos balcões, que já se sabia seu resultado antes mesmo de começar. Assim sendo, os procedimentos foram concluídos com uma pressa nunca vista e fomos levadas para a cadeia de Northampton, para esperar até sermos queimadas.

A esta altura, não tínhamos mais razão para fingir, nem conter os nossos poderes. Enquanto estávamos presas amaldiçoamos e demos risadas dia e noite, e fomos responsáveis pelas cenas mais alarmantes.

Houve uma tarde em que permitiram a entrada de visitas para conhecer a cadeia, gente que vinha se impressionar e se assustar com os internos e sua desgraça. Um homem chamado Laxon e sua esposa tinham vindo especialmente para ver as famosas bruxas que seriam queimadas. Os dois ficaram algum tempo parados diante de nossa cela e, embora o marido não tivesse muito o que dizer, sua esposa tinha muitos bons conselhos a dar. Ela falou de um modo muito devoto sobre o erro dos nossos modos, e nos disse que a nossa

situação era uma prova de que o Demônio nos havia abandonado, como fazia com todos aqueles que o seguiam.

Pode-se imaginar com facilidade que logo me cansei dos conselhos da senhora Laxon e assim pude me valer de outros meios para resmungar certas palavras e abjurações na língua dos anjos, de modo que num minuto ou mais as saias e a bata da mulher estavam subindo pelos ares, ainda que ela e o marido dessem altos berros e tentassem impedir que elas continuassem flutuando daquela maneira, até que toda a sua roupa estivesse virada do avesso, acima da cabeça e que ela estivesse exposta em toda a sua nudez. Eu e Mary rimos ao ver isso, e eu disse à mulher que havia provado que ela era uma mentirosa.

Alguns dias depois nós ainda tínhamos ataques ao lembrar da expressão da senhora Laxon, e fizemos tanto barulho que atraímos o encarregado da prisão à nossa cela, que ameaçou por-nos a ferros. Recitamos o Gorgo e o Mormo para ele, depois do que ele viu-se obrigado a rasgar toda sua roupa e a dançar pelado no pátio da prisão por uma hora ou mais, até cair exausto, com a espuma branca ressecada em seus lábios.

Nós nos divertimos. No final eles nos aprisionaram e nos queimaram até virarmos pó. Eles possuíam uma Magia mais forte. Embora seus livros e histórias fossem sem vida, tristes e não tão belos quanto os nossos, eles tinham um peso maior, por fim nos arrasaram. A nossa Arte diz respeito a tudo que na vida pode mudar ou se modificar, mas com todos aqueles seus escritos sem fim eles tentam sufocar e parar a vida, esmagada debaixo dos manuscritos. De minha parte, queria o Fogo bem depressa. Ao menos ele dança. A paixão não é diferente disso.

Olho ao redor e vejo que já é mais tarde, o céu está escuro agora, embora há pouco tempo fosse manhã.

Aonde foi toda a multidão? Mary e eu quase desaparecemos. Um olhar fixo, inchado e coberto de pó, em meio às cinzas que esfriam. Amanhã meninas pequenas irão dançar entre as nossas costelas, os ossos curvados, chamuscados e amontoados, feito raspas de unhas de gigantes sujos. Elas cantarão, e chutarão para o alto as nossas nuvens cinzentas e sufocantes, e se o vento soprar nossa poeira nos olhos de alguém, ora, então poderá haver até lágrimas.

As brasas encolhem, uma a uma. Em breve, sumirão. Em breve apenas a Idéia de nós permanecerá. Há dez anos, no campo de laburnos, olhamos para os olhos uma da outra e prendemos a respiração. Um besouro produz estalos, lá embaixo, na grama. Estamos esperando.

O SOL PARECE PÁLIDO SOBRE O MURO



1841 d.C.

17 nov – quarta-feira – Acordei em minha casa e de Patty em Northborough senti muito medo embora não sabia por que nem do quê – digo casa porque este lugar não chega a ser um lar para mim & por isso não pode ser chamado assim – pela manhã escrevi uma carta para o senhor Reid em Alloa & perguntei se ele poderia me emprestar alguns de seus Jornais Escoceses não tendo feito nenhuma leitura de Jornal há alguns anos eu ficaria muito agradecido por saber de alguns incidentes

divertidos ou ler alguns artigos literários mas se ele será bondoso a ponto de enviá-los para mim não sei – junto com a carta incluí uma Canção que é destinada ao Menino Harold mas acho que não é grande coisa e posso deixá-la de fora si for muito ruim – toda a atmosfera de “nuvens de vapor e tempestades” derrama uma luz melancólica sobre as coisas de modo que tenho de me esforçar & me animar caso não queira me sentir tão pra baixo como fiquei quando preso na Prisão de Matthews Allens na Floresta desci caminhando ao lado do velho Córrego à tarde e pensei em Mary porque na Verdade não penso em mais ninguém apesar de minha nova esposa Patty Turner & nossos filhos serem todos muito bons comigo sou um homem de sorte que tem duas esposas mas confesso estar preocupado sem notícias de Mary há tanto tempo – faz doze meses que não a vejo e ela também não respondeu desde a última vez em que escrevi para ela ao chegar em Northborough em julho depois de minha fuga ousada & caminhada que dizem chegar a 130 km temo que ela tenha me esquecido enquanto estive em High Beech e fiquei triste ao chegar ao nosso Local secreto perto do Ribeirão onde nos sentamos pela primeira vez quando éramos jovens e estávamos na Primavera da Vila há cerca de trinta anos o arbusto de Pilriteiro debaixo do qual brincamos está grande demais e não deu para saber qual deles era & mesmo assim imaginei que minha Primeira Esposa poderia ter perdido alguma coisa quando o êxtase do amor nos emocionou debaixo da sombra daqueles ramos muitos anos antes – uma Fita ou Fivela que eu pudesse encontrar agora ao afastar o emaranhado de galhos e folhas caídas mas tudo que consegui foi me afundar até o joelho no pântano úmido e frio e meter o olho num espinho que ficou lacrimejando e quase fiquei cego a Luz estava fraca naqueles lados e via-se o Sol prateado por entre a fumaça dos Campos mais distantes & ele parecia mais a Lua – voltei mancando para o chalé com a bota toda encharcada e com dor no pé que ainda está

bastante machucado desde que usei aquele Sapato ruim com a metade da sola solta durante a minha Caminhada de Essex   Patty havia saído para seu trabalho de limpeza & por estar cansada não sentiu muita Compaixão por mim quando voltou – disse a ela que havia procurado a fivela da Mary no Pilriteiro perto do Riacho & machucado o olho mas ela estava mal-humorada & não queria ouvir nada daquilo & começou sua velha história de que Ela era a minha única Esposa e que eu nunca cheguei a casar com minha doce Mary   Ela disse que não queria ouvir falar do riacho nem do que eu e Mary tínhamos feito lá & se machuquei o olho foi por minha própria culpa porque fui mexer na sebe enquanto poderia estar ganhando dinheiro agora que estamos tão pobres   fiquei indignado e lhe disse que tinha escrito para Matthew Allen há algum tempo perguntando o que tinha acontecido com o salário que minha filha a Rainha Victoria havia me prometido porque me disseram que o primeiro trimestre havia começado antes do último pagamento ou então sonhei com isso   Patty começou a chorar e ficou irritada sem motivo como as Mulheres fazem muito & disse algo detestável da Mary que não escreverei nestas páginas – depois Ela disse que não continuaria vivendo assim por muito tempo & que nesta sexta-feira temos de ir até a cidade de Northampton para ver um lugar que em sua opinião seria melhor para mim do que o tempo que fiquei em Essex cuja menção me fez sentir uma grande pedra de angústia afundar dentro de mim – eu teria lhe perguntado mais coisas mas com seu temperamento furioso e explosivo ela foi para a cama batendo os pés e eu fiquei aqui sozinho escrevendo estas palavras à luz fraca e amarelada do Lampião que se derrama do alto da prateleira acima da mesa   então ficarei num asilo por não haver nenhum outro lugar em Northampton adequado para mim na opinião deles – Bom então é isso & isso pode ser resolvido mas fico triste quando penso em toda a distância que percorri andando em minha fuga de Hich Beech para depois descobrir uma

outra prisão aqui em casa – lembro-me do domingo em julho quando fui libertado do meu cárcere por algum tempo para caminhar na floresta Epping onde encontrei alguns viajantes que descobri serem ciganos como aqueles com os quais morei uma vez em minha juventude mas esses eram de outro tipo e vestiam peles & couros cheirando a fumaça com cabelos compridos e marcas de pinturas bárbaras no rosto – parece estranho agora pensar nisso apesar de que naquela época não parecia – me aproximei bastante rápido dessa companhia rude & eles me contaram que há pouco estavam de luto fazendo a vigília e depois enterrando uma mulher viajante de sua ordem numa Sepultura entre as árvores – me disseram que ela havia tido um problema no pé & olharam para mim de forma muito esquisita quando disseram essas palavras por isso fiquei com medo não por algum motivo que eu possa identificar – depois de algum tempo chamaram minha atenção para um menino pálido & infeliz com cara de idiota que estava emburrado e parado na extremidade do acampamento e outras crianças viajantes tentavam espantá-lo atirando pedras sem pena Ele chorava e soltava ganidos cada vez que elas o acertavam na canela & meus companheiros me disseram que esse era o filho retardado daquela que eles haviam enterrado há pouco e era incapaz de se sustentar ou trabalhar pelo bem comum & portanto tinha sido banido agora que não tinha Mãe para cuidar dele   senti grande dor em meu coração por causa do menino mas ele logo saiu correndo entre os carvalhos do verão & não se falou mais dele cumprindo o código severo & brutal sob o qual essas pessoas vivem embora eu confesse que nós em nossas Cidades e Aldeias não sejamos tão diferentes nem menos duros na expulsão de um homem   um dos Ciganos pareceu simpatizar comigo e se ofereceu para me auxiliar em minha fuga da casa de loucos escondendo-me ali em seu acampamento   isso me pareceu uma idéia bastante boa e decidi aceitá-la e ainda disse-lhe que embora não tivesse dinheiro lhe conseguiria

50 libras se ele me ajudasse a fugir antes do sábado seguinte com o que ele concordou prontamente – não tenho certeza sobre o que acontece em seguida – às vezes me parece que todos meus encontros com o Cigano se passaram naquele única tarde de domingo enquanto outras vezes acho que uma semana inteira passou e voltei lá na sexta-feira e encontrei meu novo amigo parecendo nada ansioso para realizar nosso plano então eu não falei muito sobre isso & voltei lá dois dias depois encontrando o acampamento deserto todos eles tinham ido embora – se essas coisas ocorreram ao longo de uma semana ou numa única tarde não sei mas de qualquer forma era denovo um domingo quando fiquei entre as árvores sussurrantes e vi apenas um círculo escuro e queimado na grama mostrando que meus amigos ciganos tinham estado lá algum dia e além disso encontrei um grande chapéu velho e um gorro de palha do tipo que eles chamam de pudim de ameixa – coloco o chapéu no bolso pensando que ele poderia acabar sendo útiu em outra oportunidade e com a Vontade de Deus acabou sendo já está tarde & estou cansado de tanto escrever – Patty com certeza está acordada agora e se eu tomar cuidado não irei perturbá-la ao ir para a Cama e assim não teremos nenhuma briga Ela é boa pra mim apesar de sua língua ferina mas quando deito a seu lado queria estar me deitando ao lado de Mary Clare, que um dia foi Mary Joyce eu sou um idiota & assim vou pra cama

18 nov – quinta-feira – Fiz nada

19 nov – sexta-feira – Ontem à noite tive um sonho no qual voltava para Northborough e a encontrava deserta com o meu chalé totalmente vazio e a minha primeira esposa Mary desaparecida Em seguida no sonho eu estava casado denovo e morava nos juncos perto do rio com minha nova Esposa Patty Clare que um dia foi Patty Turner & os nossos filhos mas à maneira esquisita dos sonhos era como se minha Segunda esposa & filhos fossem todos

patos com olhos escuros e penas verdes até que em meu sono gritei e os assustei e eles saíram voando para longe mim para o outro lado do brejo & quando acordei meu rosto estava molhado de lágrimas   fui para Northampton num coche com minha Segunda Esposa & nosso Filho John que aos 15 anos de idade já é um homenzinho de verdade   muito elegante & com uma expressão séria – senti orgulho dele & ainda me diverti ao vê-lo segurar o braço da Mãe quando descemos do coche porque ele fazia o papel do Marido muito melhor do que eu fazia – uma garoa desagradável pairava por toda a cidade suspensa como um velho lençol cinzento sobre a sua campina e mesmo assim eu a adorava   Há um apelo neste Condado e quando eu estava longe daqui na prisão do senhor Allens eu o sentia bem & ouvia sua doce voz que chegava até mim numa canção depois de atravessar os campos & quilômetros que nos separavam e meu Coração se comoveu   embora tenha vivido em Essex e tenha ido a Londres mais de quatro vezes ainda assim meu lar é aqui & não prevejo que eu tenha algum dia a Força para partir mais uma vez nem disposição para isso – a Cidade está muito mudada desde a última vez em que vim aqui e não lembra as imagens afetuosas que eu tinha dela quando estava aprisionado no Castelo Norman pouco mais que uma pilha de pedras cheia de terra em volta cercada & murada – as belas Igrejas antigas no entanto estão bem mas muitas das grotescas e extravagantes figuras esculpidas em pedra na igreja de Saint Peter foram destruídas   eu queria andar até a rua Sheep para ver sua maravilhosa igreja redonda mas Patty ficou cansada & preferiu sentar nos degraus entre os pilares da igreja de Todos os Santos e foi depois a uma Hospedaria pra comer pão & queijo & um pouco de Cerveja não me lembro agora do nome mas ficava no lado alto de uma alameda onde havia Ursos e não ficava muito longe da Igreja redonda do Santo Sepulcro – lá ouvimos uma turbulenta conversa sobre a Taverna de um louco construída ali perto em Kings Thorp de onde sai a estrada

para Boughton onde começaram a cavar uma Mina de carvão – parece que o Engenheiro era uma espécie de patife & tinha deixado pedaços de Carvão perto do Buraco para enganar os interessados e para que ele pudesse vender sua parte com Lucro maior – não fico surpreso com isso porque os Homens de Negócios são sempre Trapaceiros & Mentirosos como Edward Drury vindo de Stamford e o Editor John Taylor que me devem quase 50 libras das quais não me esqueci apesar de tudo que eles dizem sobre minhas faculdades mentais estarem adoentadas   á tarde quando não consegui mais adiar fomos andando até o Asilo na estrada para Billing & tenho que confessar que sua aparência é muito boa para um Lugar desse tipo com muros antigos de pedra marrom que têm um ar rústico & árvores do outro lado que cresceram demais ainda que na chuva ele adquirisse uma atmosfera lúgubre   nós conhecemos um senhor chamado Knight na minha opinião um sujeito muito sério mostrando muita atenção pelas minhas perguntas – ele parecia muito interessado na minha Primeira Esposa & perguntou quando A vi pela última vez ao que respondi que tínhamos estado juntos há apenas um ano em Glinton e com isso ele disse Não pode ser porque você ficou quatro anos em High Beech e com isso fiquei confuso e atrapalhado em meus Pensamentos & assim ele não Insistiu mais   ele conversou com Patty a sós por algum Tempo enquanto John & eu andamos pelo Jardim – nós Ficamos juntos & nos demos as mãos e nenhum dos dois disse Nada olhando para o terreno do asilo ao longo do laço prateado do rio Nene e todas as Aldeias Mais Distantes   depois de um curto espaço de tempo Patty se juntou a Nós dizendo que estava tudo combinado & que encontrariam um lugar para mim em um mês diante do que fiquei Desanimado porém dei a entender que estava contente por Patty e pelo Menino – eles dizem que posso sair para caminhar quando Quiser & que não serei um prisioneiro como me fizeram ser em Essex então talvez não seja tão Ruim mas isso é o que

veremos e enquanto isso devo dar a entender que as coisas andam tão Bem quanto o Destino permite   quando retornamos a Northborough não falamos muito então fiquei sentado olhando pela janela do coche contemplando os campos que escureciam quando ouvi o grito rouco e curto de um Gaio em algum lugar acima da palha enegrecida que sobra no campo após a colheita passamos por uma Hospedaria onde os Homens Cantavam uma balada obscena & apesar de Patty ter feito um escândalo e brigado com o pequeno John por ele ter ouvido atento a canção me fez sorrir – Quando fugi de High Beech naquela terça-feira em julho fiz o caminho sugerido pelo meu amigo o Cigano mas logo errei e deixei passar a alameda para a cidade de Enfield e quando me dei conta estava me afastando de Enfield na estrada onde encontrei uma Hospedaria muito parecida com aquela na qual o meu coche e de Patty passou esta noite exceto pelo fato de que a Hospedaria da estrada de Enfield era mais silenciosa e tinha uma aparência mais esquisita – assim que a vi achei que fosse uma Ruína abandonada com o telhado desmoronado mas ao me aproximar logo vi que era uma Taverna tão boa quanto qualquer uma no país   o nome na tabuleta pendurada era O Trabalho em Vão que me pareceu original e aos que perguntei sobre ela desde então nunca ouviram falar de tal Lugar – quando passei por Uma pessoa que eu sabia ter saído pela porta vi que era o menino Retardado que tinha sido expulso do acampamento Cigano   ele tinha um Ferimento feio no joelho que parecia ter piorado & sua fala era tão estúpida que não consegui entender metade do que disse mas quando perguntei o Caminho para Enfield ele apontou e gesticulou e entendi o que queria dizer e segui andando cheio de ânimo e confiança – assim cheguei finalmente à Estrada de York para Stevenage antes do escurecer   excalei um portão de potreiro & depois de algumas cercas de estacas de um quintal onde havia um Alpendre com um feixe de trevos amontoados para a minha Cama – deitei

com a cabeça voltada para o norte para não perder o rumo quando acordasse mas tive um sono interrompido e sonhos inquietantes imaginei Minha primeira esposa deitada ao meu lado repousando a cabeça sobre o meu braço esquerdo e depois me pareceu que durante a noite ela foi levada para longe de mim e acordei muito angustiado ao ver que ela não estava mais ali ainda que ao acordar tenha ouvido alguém dizer "Mary" mas procurei e não havia ninguém por perto então agradeci a Deus por seu cuidado de me providenciar uma cama ainda que não uma refeição & mais uma vez me pus a caminho do norte   passava um pouco das sete quando chegamos ao chalé nossa casa & estava muito escuro e o jovem John foi direto para a cama ao lado de seu irmão e não demorou muito para eu & Patty começarmos mais uma discussão sobre Mary – mas eu penso Nela apesar do que ela diz porque sei bem que ela está cansada e completamente Desnorteada em relação aos meus Trejeitos porém suas palavras não fazem sentido para mim – ela Diz John Você não percebe que nunca se casou com ela apenas a conheceu quando ela era menina e por isso você Diz que ela é sua Esposa quando a única que tem sou eu & assim por diante até minha pobre cabeça começar a girar sem parar e mais uma vez ela vai se deitar sem mim e eu fico sozinho sem nada além da luz amarela e das páginas amareladas para me consolar mas não há nenhum consolo   não há nenhum consolo

20 nov – sábado – muito mal-humorado o dia todo & assim fiz pouco mais que revisar de novo a canção que Enviei pra o senhor Reid e que agora me parece melhor do que da última vez em que foi relida

Penso em ti quando o dia nasce
& só quero saber do meu amor
quando à noite a sombra escurece
& só penso em ti com ardor

Vago sozinho pela campina
vejo o céu no brejo espelhado
& espero meu amor menina
Só a ti quero ter ao meu lado

A canção continua mas estou mais que satisfeito com o início   preciso ser mais rápido e completar Menino Harold antes de ser confinado por que se não fizer assim não sei quando ela será concluída   à tarde fui denovo andar pela área de propriedade publica e desci pelo Riacho por que mesmo sabendo que isso me deixaria melancólico & me faria pensar outra vez na grande injustiça dos homens serem desprezados quando em posições sociais inferiores e mais ultrajados ainda se tentam sair dessas posições   quando estava em Helpstone eu era Johnny Cabeça nas Nuvens & quando me considerei superior à massa medíocre em virtude de uma verdadeira natureza Poética eles riram de Mim e daquilo que diziam ser minha pretensão – e mesmo quando me tornei mais conhecido e fui chamado a Ler para a Nobreza depois que acabava era levado para comer na ala dos Serviçais o que me leva a pensar que não ficarei tranqüilo em nenhuma camada da Sociedade e assim não me sinto em casa em parte alguma   até mesmo os pais da minha Mary ficaram contra mim & parece-me que acharam que eu era malnascido demais para andar por aí com sua filha que vinha de uma classe com melhores condições   eles fingiram ter outras razões para me impedir de encontrá-la & inventaram que eu teria cometido algum crime mas agora penso que não passava de Orgulho o que os fez jurar que ela não se encontraria comigo e desse modo nos mantiveram Separados para não nos encontrarmos nunca mais   mas depois disso não sei dizer quando nos casamos   minha Memória é ruim & eu fico confuso com freqüência não pensarei nisso agora   quando acordei na Segunda manhã de minha viagem segui na direção norte e havia andado só uma curta distância do lado esquerdo da

entrada quando vi uma cavidade debaixo do declive muito semelhante a uma caverna onde um homem e um Menino dormiam encolhidos como se estivessem dentro de uma cova aberta – eu os chamei e eles acordaram tal como Lázaro e por instantes achei que o menino fosse o Idiota que expulsaram do acampamento Cigano o mesmo que eu tinha visto pela última vez no Trabalho em Vão porque eles realmente se pareciam muito e no entanto quanto mais eu olhava menos tinha certeza e por isso não disse nada o homem era mais velho com uma aparência descuidada e quando quis me informar sobre o caminho ele falou com algum sotaque parecido com o das pessoas de Derbyshire me dizendo que a aldeia mais próxima a norte dali era Baldeck agradeci e segui meu rumo rapidamente pareceu-me que um cheiro de coisa queimada pairava ao redor dos dois como se suas roupas estivessem cheias de fumaça mas isso era mais da minha fantasia & nunca mais os encontrei – segui andando por algum tempo & em algum lugar nos arredores de Londres encontrei uma Taverna que era chamada de O Navio onde um homem com uma casaca Larga a cavalo me jogou um pêni para eu comprar um pouco de cerveja – não tive tanta sorte mais tarde quando passei por dois tropeiros insolentes e mal-educados um deles tinha uma barriga grande de cerveja e os dois tinham um jeito muito ameaçador assim decidi não pedir mais nenhum Pêni a ninguém que encontrasse continuei minha jornada pela Colina do Jack que nada mais é do que uma loja de cerveja e algumas casas com aparência de que foram construídas há pouco tempo & vi uma placa de distância informando que eu estava a mais de 45 km de londres – as placas de distância eram alcançadas rapidamente no início do dia mas quando a noite caía elas pareciam muito mais espaçadas & assim passei por muitas Aldeias das quais não consigo me lembrar agora apesar de que em Potton encontrei um homem do campo que caminhou comigo até eu ter de parar e descansar sobre um monte de pedras-de-fogo à

beira da estrada eu estava mancando com um pé machucado por um cascalho que entrou no meu sapato quase sem Sola aqui meu companheiro tinha de encontrar um coche e logo se despediu e saiu andando ficando fora do alcance da visão – após algum tempo continuei enfraquecido e com fome na esperança de encontrar logo um lugar para dormir mas não foi o que aconteceu & andei solitário passando pelas casas iluminadas no meio da escuridão e vi as cenas alegres lá dentro que quase me fizeram chorar enquanto eu seguia faminto e desamparado – logo não sabia mais se estava seguindo para o Norte ou para o sul e assim um desespero tomou conta de mim & fiquei quase convencido de que estava voltando para High Beech e para meus carcereiros até que avistei através das árvores da margem da estrada uma luz tão brilhante quanto a da lua que quando me aproximei se revelou uma candeia pendurada na barreira de pedágio de Temsford de onde saiu um homem com uma vela que me observou com atenção ele me disse que quando atravessei o Portão deveria estar indo para o norte e assim continuei com mais ânimo e até mesmo um pouco da minha velha força enquanto cantarolava a melodia de Mary da Região Montanhosa um pouco depois encontrei uma casa estranha totalmente solitária e perto de um bosque ela tinha uma placa que não consegui ler colocada de um jeito estranho dentro de uma espécie de calha ou goteira & a própria casa parecia ainda mais esquisita lembrando uma monstruosa cabana de barro e junco de um tipo que eu nunca vi antes – havia uma espécie de varanda na frente da porta onde por estar exausto entrei escondido e fiquei muito contente ao ver que pudia me deitar com as pernas esticadas os moradores tinham se retirado para o alto e eu podia ouvi-los se revirando em suas camas enquanto eu ficava estirado sobre as pedras debaixo da varanda & dormi como uma pedra até o amanhecer quando acordei refeito & abençoei a Rainha pela minha Boa Sorte como tenho de

fazer agora que estou em Northborough com Patty e meus filhos apesar de não estar Aqui aquela que Desejo

Penso em ti na lua brilhante
& ao meio-dia ensolarado
& ando contigo – triste amante
Sob a lua mas ao seu lado

Penso em ti sozinho no escuro
Em quão felizes estamos –
O sol parece pálido sobre o muro
& no outono um ciclo fechamos

21 nov – domingo – Fiz Nada

22 nov - segunda-feira – Resolvi hoje que andaria até Northampton sozinho para descobrir como poderia ser fácil visitar minha Segunda Esposa e família enquanto estiver preso lá no asilo   não pensei que seria em obstáculo tão grande para uma pessoa como eu que já andou distâncias tão grandes e quase que eu estava certo só não estava lembrando deste problema na perna que me fez ficar um pouco lentos   aí ao amanhecer antes que Patty ou as crianças tivessem levantado e me pus a caminho dos campos que agora estão desertos e congelados e portanto bons para a caminhada apesar de seu aspecto sombrio e triste passei entre as aldeias e me comovi ao ver a vida simples nas primeiras horas do dia com meninos indo para a escola correndo pelas alamedas & jovens cães galgos esquálidos no encalço da Lebre nas tocas de grama e madeira – nos pastos à minha Esquerda vi alguns Ciganos mas eles não eram do tipo que eu havia encontrado na floresta de Epping nem do tipo que encontrei depois Disso na Estrada   quando acordei naquela manhã de quinta-feira nos limites de Temsford levantei e andei alguns metros da varanda de pedra onde havia feito minha cama na noite anterior mas quando virei

a cabeça e olhei para a estranha casa de junco e barro na qual havia me abrigado ela não estava mais ali nem a placa que tanto tinha me Esforçado para ler mas encontrei um velho pedaço de calha com um buraco preso a uma árvore jovem que tinha crescido dentro dele & concluí que na penumbra talvez possa tê-la visto como um poste com uma placa   tentando decifrar esta questão continuei andando e passei por São Neots onde descansei por meia hora ou mais num monte de Pedras-de-fogo até ver uma Cigana alta e jovem sair pelo Portão da Cabana na estrada e em seguida vir até onde eu estava sentado   ela era uma jovem mulher com um rosto honesto e muito bonito & no pescoço ela usava um cordão de velhas contas azuis feitas de um Vidro gasto e turvo   fiz algumas perguntas que ela respondeu de bom grado e com bom humor embora algum Tempo depois comecei a notar algo encoberto e malicioso no seu jeito como se ela estivesse escondendo algo – mesmo assim andei com ela até a cidade seguinte já que sempre apreciei a companhia de mulheres bonitas e enquanto caminhávamos ela me disse que seria melhor baixar a copa do meu grande chapéu com alguma coisa e ela disse diminuindo o tom de voz que eu poderia ser notado o que me fez acreditar denovo que havia algo astucioso e dissimulado nela mas não fiz nenhuma observação & nem respondi nada finalmente ela apontou para a torre de uma pequena igreja que ela chamou de Igreja Shefford e disse que eu deveria acompanhá-La por um passagem que ela conhecia e que era um atalho que poderia evitar uma Viagem de cerca de 25 quilômetros – a essa altura eu estava com medo que ela tivesse a intenção de se Livrar de mim se eu a seguisse saindo do meu caminho embora sem dúvida isso fosse apenas a minha tola Fantasia então agradeci e disse que temia me perder no caminho e não encontrar o rumo para o norte denovo & que era melhor ficar na estrada diante do que ela me desejou um bom dia e entrou numa casa ou loja do lado esquerdo   segui viagem e estava tão abatido que não

tenho nenhuma lembrança dos lugares pelos quais passei exceto que a estrada parecia quase tão tediosa quanto eu em certos trechos & eu muitas vezes erguia a cabeça Num sobressalto e via que estava andando enquanto Dormia o dia & a Noite se tornaram uma coisa só para mim porque eu não conseguia mais saber a diferença entre um & outro – estava perdido em relação ao Tempo e com freqüência pensava estar em Outro lugar e não sabia meu próprio nome nem o Ano que corria pensei nisso enquanto andava em Northampton agora no frio de novembro – parei apenas uma vez para me sentar num muro de pedra perto de um Moinho e comer Pão & Queijo que eu havia trazido no bolso para me sustentar – com o decorrer do dia o tempo melhorou e as nuvens grandes se dividiram e deixaram a luz do Sol passar e incidir sobre o campo e me deixar Feliz por algum tempo até encontrar o nome Dela nos meus lábios

Não espero te encontrar agora
Começam as enchentes do inverno
Pelo galho nu o vento chora
Triste como o meu ser interno

Pelas estações penso em ti
Na primavera as flores vejo
No inverno triste e nu aqui
Nada além de ti pede meu desejo

já basta disso eu me levantei totalmente refeito e segui em direção à cidade apesar de meu Pé ainda me causar alguma dor não foi difícil avistar Northampton à minha frente apesar de toda a fumaça desfraldada como bandeiras na brisa constante do outono parei para tomar uma bebida em Becketts Well porque foi lá que parou Thomas o Mártir julgado e Condenado e ali ele ouviu mais gritos de reclamação do que eu e em seguida atravessei o portão de Dern para a Cidade todos nós somos

condenados de alguma maneira mas para a maioria de nós não há nenhum Julgamento e somos avaliados por medidas que não conhecemos como podem aclamar um Homem por seu Verso num minuto e no minuto seguinte derrubá-lo como se fosse um carvão incandescente quando ele já teve os seus dias favoráveis É um enigma além da minha capacidade mental & seria necessário um Homem muito melhor do que eu para respondê-lo no terceiro ou quarto dia da minha caminhada desde Essex não sei por qual estava tão Famito que comi a grama que crescia na margem da estrada para matar a fome e matou & tinha um gosto muito parecido com Pão e portanto gostei e segui com mais ânimo do que antes – depois de Um tempo lembrei que tinha tabaco mas minha caixa de fósforos estava vazia e não tinha como acender o cachimbo então masquei o tabaco em vez de fumar & engoli os pedaços de fumo quando acabava de mascar e depois disso não sentia fome passei por Bugden e depois Stilton onde estava mancando tanto que resolvi deitar sobre uma calçada de pedras e quase dormi & enquanto isso escutei vozes que considerei serem de Anjos uma vez que de início não entendi sua língua Um deles que parecia uma mulher jovem disse pobre criatura e depois uma outra mais velha disse Oh ele está fingindo mas depois acrescentou não não está Quando me levantei e segui mancando pelo meu caminho – ouvi as vozes mas não olhei para trás & não vi ninguém de onde pudessem vir as vozes e fui a caminho de Peterborough e da minha Casa do outro lado das campinas do verão estou sentado mais uma vez perto deste Diário sob o pórtico da igreja de Todos os Santos aqui nos degraus e posso ver pela colina da rua Gold onde ficam os agiotas & depois da feira de Éguas & a torre de Saint Peter até onde está a ruína lamentável do castelo próximo à ponte se é que chega a estar em algum lugar – depois que cheguei à cidade pelo Portão de Dern logo após o meio-dia andei durante algum tempo & ao descobrir que era dia de Feira resolvi visitar esse local na alameda Drum

não muito distante da igreja onde estou agora & escrevo aos rabiscos à luz do sol todos os mercadores formavam uma cena animada com muitas listras e cores variadas em suas barracas e as frutas e embrulhos de linho novo e brilhante em exposição & eu gostaria de me lembrar agora de metade de todas as coisas que eles gritavam   as lojas e casas construídas ao redor da praça do Mercado são na maior parte novas & erguidas depois do grande incêndio que aconteceu aqui quando a praça ficou cercada de chamas & todo o povo da cidade fugiu passando pela porta da frente da casa galesa onde os mercadores vindo do Pais de Gales são pagos e depois ficaram seguros saindo pelos fundos   existe uma excelente Hospedaria antiga na praça há trezentos anos onde negras marcas de fuligem ainda podem ser vistas sobre a velha pedra polida & agradeço a Deus em sua grande Providência por salvar todos os que não foram queimados naquele dia – depois de algum tempo quando cansei do alvoroço do mercado fui até o cemitério nos fundos da igreja e andei entre as lápides por um tempo   encontrei a inscrição de Mat Seyzinger o famoso cocheiro do Nottingham Times que vi uma vez & que em seus dias tinha muitos seguidores – não há mais pessoas como antigamente tampouco as pessoas têm hoje o humor ou profundidade de caráter que tinham então – Jem Welby virou seu coche em frente a essa mesma igreja e quando lhe pediram para explicar o que aconteceu Ele disse que havia derrubado seus passageiros na estrada para contá-los Sem dúvida hoje ele seria considerado Louco & seria preso como eu serei   Cheguei ao asilo na rua Billing pouco antes de ouvir os Sinos bater três horas onde estou sentado agora próximo ao portão – Em meu Caminho até aqui meus pensamentos eram Mary isso & Mary aquilo & nada além de Mary Em minha fantasia ralhei com ela por ter ficado tanto tempo longe de mim & em seguida pedi que ela fosse boa e me perdoasse por ser tão confuso com todos os meus sentimentos   será que eles estão certos em dizer que nós não nos Casamos – não

pode ser porque eu me lembro que nesse dia nós andamos perto do córrego Ela & eu e tudo ficou certo & nós nos casamos diante de Deus eu me ajoelhei com ela debaixo de uma cobertura de pilriteiro de onde vinha uma luz muito esverdeada & disse Pronto esta é a nossa Igreja por que tentam me manter longe Dela e me contam essas Histórias é de se esperar que eu fique Louco Oh Mary mary por que você não vem me ver agora não estou em lugar nenhum a não ser no Desespero quando vim de Essex até aqui mancando & perturbado da cabeça por querer comida vim por Peterborough cheguei perto de Walton & depois Werrington e estava na estrada com a casa da minha Primeira Esposa não muito distante de modo que meu coração estava leve & quando vi uma carroça que veio em minha direção com um homem uma mulher & um menino dentro não pensei em nada disso porém quando ela chegou perto de mim parou e a mulher pula para fora da carroça & tenta me colocar dentro dizendo Oh John john você não me reconhece Mas eu não a conhecia e por isso achei que estivesse bêbada ou louca como eu – mas então o homem sentado com ela diz Ora John esta é a sua esposa & eu olhei denovo e era a Patty e o nosso filho o jovem Charles ao seu lado – ainda que me assuste o fato de não ter reconhecido ela fui tomado por uma Alegria ao pensar que tinha uma Esposa comigo novamente e assim logo poderia ter duas & então pedi que me levassem para Northborough para ficar ao lado de Mary logo avistamos a igreja Glinton mas Mary não estava lá e tampouco pude obter alguma informação sobre ela além da velha história de que ela teria morrido há seis anos mas não dei atenção a este engodo porque não faz um ano que os papéis diziam que eu estava morto e enterrado ou então eles estavam certos e isto é o Inferno bati na porta dos vizinhos dela & disse que achava que Ela estava aqui e eles disseram Bem você pensou errado como o Porco do Bruxo & bateram a porta – sentei no degrau do chalé de Mary em Northborough &

chorei enquanto Patty & o nosso filho ficaram olhando e Disseram vamos embora John não vê que ela não está aqui – peguei uma pedrinha da passagem que um dia talvez seu pé macio roçou & coloquei na boca & tudo estava perdido e Patty me colocou na carroça   No caminho para nossa casa que é chamada de Chalé do Poeta pelas pessoas das redondezas Patty se sentou ao meu lado enquanto eu chorava e quase chorou ao me ver tão abatido & o tempo todo ficou dizendo Ora John o que faz você dizer que ela é sua esposa Você a conheceu quando tinha 14 anos de idade e ela dez e nunca mais a viu depois por que você diz isso por que por que por que e eu não sei e não posso responder   fico aqui sentado perto do portão do asilo e vejo o sol se estender sobre a cansada pedra marrom atolada no brejo e tão pesada quanto o meu Coração   tudo isso desaparece como poeira ao Vento & nada está seguro – lamento pela cerca viva murcha e pelo Terreno cercado & fico desolado ao ver a campina cheia de tijolos – embora no Mercado e na Cidade os aventais & os toldos sobre as lojas sejam muito semelhantes a flores de um tipo diferente & então também desaparecerão   o tempo desenredará a todos nós & agora as sombras se movem sobre o muro do asilo tão rápido que seu movimento pode ser visto   sentei debaixo do Pilriteiro com ela depois e disse Pronto agora estamos casados & a fiz prometer que não Contaria a ninguém o que tínhamos feito   me viro com os olhos espremidos na direção da torrente de luz que jorra como fogo do oeste & por um instante vejo aquela Doce criança parada contra a luz como Um anjo mas é um saco de pano preso na cerca de estacas do hospício & que nunca mais será livre

E a vida segue nesta terra
Ainda que eu fique aqui
Ou em liberdade ou em guerra
Mary eu só penso em ti

EU VIAJO COM CINTA-LIGA



1931 d.C.

Eu viajo com cinta-liga. Vendendo-as, veja bem, não vestindo-as. Isso sempre provoca risos. Você sempre descobre que o riso é a melhor forma de começar as coisas, seja conversando com um cliente, ou com uma jovem dama. Ou, neste caso, com um policial. Muitas vezes no carro que me leva e traz, da alameda Angel para as sessões de inquérito judicial, faço algum comentário, sabe como é. Só para provocá-los, como você também deve fazer. Outro dia passamos por uma jovem na rua e, para ser honesto, o rosto dela, nunca vi

igual. Apontei para ela chamando a atenção do rapaz ao qual estava algemado. Eu disse “É, de nada adianta só olhar para a lareira quando se quer atiçar o fogo”. Como se pode imaginar, isso provocou um sorriso. Eles são humanos como qualquer um.
Reparei que na esquina, bem em frente ao tribunal, existe um banheiro feminino cujos fundos dão para a grande igreja de Todos os Santos. Fica alguns degraus abaixo e dá para ver apenas uma volta da escada que desce e vira, com azulejos brancos até a metade da parede. Posso lhe dizer que gostaria de saber o que se passa lá embaixo. Imagine só, se você pudesse dar uma olhada, hein? Fecho os olhos e as vejo, puxando as calças pela bunda grande. Já tive sonhos, sabe, quando era pequeno, em que estava no banheiro das mulheres. Dá pra ver que eu já era um macaquinho atrevido desde essa época. Haveria aquela sujeira verde acumulada entre os azulejos e só Deus sabe como seria o cheiro. Igual ao de todas as xoxotas do mundo juntas, aposto. Agora vem um pensamento. Se os homens fossem honestos para admitir, aposto que você não encontraria um que não tenha pensado nessas coisas uma ou duas vezes.

Há muitas mulheres que vêm ao tribunal e se sentam no balcão. Você ficaria surpreso ao saber de algumas coisas que vejo de relance. Não é por mim que digo, mas tenho um grande número de seguidores, sou uma espécie de Retrato de Ídolo sanguinário, não que tenha má aparência entre as coisas naturais. É claro que não tenho de fazer muito para estimulá-los com a Lillian sentada ali e me encarando todos os dias diante do banco dos réus. Não ficaria nada bem se eu fosse visto lançando olhares para alguma moça sentada na fileira dos fundos, tendo minha própria esposa como espectadora. Não depois da comoção causada quando os

jornais publicaram o que eu disse para a polícia, sobre como meu harém me deixa afastado de casa.

Meu advogado, o senhor Finnemore acha que desta vez meti os pés pelas mãos, mas ele não é o que se poderia chamar de um homem mundano. A meu ver, a opinião pública, em sua maioria, tem uma posição benevolente diante de um malandro ousado e uma admiração secreta por um grande galanteador. Se eles tivessem tido metade da diversão que tive, estariam muito contentes. Ainda assim, Lily não ficaria feliz no papel de mártir, portanto preciso tomar cuidado para não ser apanhado flertando do banco dos réus. Uma menina morena e peituda, uma gracinha, às vezes vem aqui durante seu intervalo para o jantar e fica parada no canto olhando para mim. Gostaria que ela usasse cinta-liga feita pela minha firma que represento. Como eles estão situados perto daqui, em Leicester, há uma grande chance de que ela a use. Dependendo de como você vê a situação, já estou praticamente debaixo da saia dela. O que me diz disso?

Lillian já recebeu bastante demonstração de solidariedade e arranjou trabalho numa loja aqui na rua Bridge para se manter enquanto comparece às sessões do julgamento. O posto no qual estou preso, na alameda Angel, fica logo à esquerda da rua Bridge. Passamos em frente à loja todas as manhãs, a caminho da corte. Por sorte é uma lojinha de doces, o lugar certo para uma menina doce. Ela é perdidamente apaixonada por mim e sempre será. Não gosta de sentar no colo, o meu modo predileto de segurar uma mulher, mas em todos os outros particulares, ela é a melhor esposa que tenho.

Pensando bem, acho que vou lhe pedir que me traga cem gramas de balas de mentol de eucalipto, para ver se aliviam um pouco minha garganta. Todos esses depoimentos estão acabando com ela. Se não tomar cuidado, ficarei totalmente sem voz antes de terminarem

comigo, e nesse caso vou fazer o quê? Muitas pessoas me consideram o melhor barítono amador que já se apresentou no Frien Barnet Social Club em Finchley, onde a minha “Trombeteiro o Que Você Está Tocando Agora” sempre causava deleite. Tenho um conjunto muito bom de gaitas de fole e não gostaria que uma coisa como esta as emporcalhasse. Sei que os homens em geral não apreciam um rapaz que tenha um tipo de voz mais suave, mas a maioria das mulheres parece preferi-lo. Não seria bom ter de falar com voz rouca no banco dos réus e estragar tudo isso, seria?

Ele se debatia como uma cavala, batendo no pára-brisa do meu Morris. Estava longe de ser uma coisa agradável de se ver, posso lhe afirmar, e quanto ao barulho não era diferente. Isso é que é um gato escaldado. Qualquer um poderia esperar que ele saísse de lá frio e sem saber de nada, mas foi o fogo. O fogo o acordou. Serei bastante honesto, chego a ouvir seus gritos agora. Não eram palavras que se pudessem identificar como pertencentes à nossa língua, era uma barulheira terrível. Quando ele deu um chute para abrir a porta lateral, pensei “É isso aí, Alf. Você veio até aqui e já fez, já era”. Só então, é claro, a fumaça e as chamas chegaram embaixo dele e ele cumpriu seu destino. Caiu para a frente sobre o banco dianteiro, com uma perna para fora do carro, e isso foi tudo. É claro que Joe Soap ficou parado a favor do vento e não se mexeu até meus olhos começarem a lacrimejar. Que visão deve ter sido a de quem estivesse olhando para nós dois.

Vi a foto do meu Morris Minor que eles publicaram no jornal *Daily Sketch* e quase chorei. Era um cupê gracinha, e não estava muito velho. Estava no seguro por 150 libras, mas nem espero o retorno desse dinheiro, sendo as coisas como são. Julgando pelo que se viu na fotografia não sobrou muito daquela bênção. Os pára-lamas ficaram jogados como costelas e dava para

ver onde a borracha havia se soltado das rodas, deixando os aros expostos. Se um dia eu pegar os sujeitos que o roubaram, mas, não, espere aí, isso não foi verdade, foi? Eu inventei isso. Dá trabalho, às vezes, lembrar de todos os detalhes.

Essa era a pior parte de ter duas esposas ao mesmo tempo, além de todo o custo envolvido. De vez em quando era difícil lembrar da minha história, posso lhe dizer. Todos os mínimos detalhes. A qual das duas eu havia contado isso. Com Lillian não era tão ruim porque ela é bastante desatenta por natureza, pouco propensa a notar quando cometo algum deslize. Com Ivy, no entanto, o caso era outro. Faz menos de seis meses que casei com ela, e ela é rápida para perceber as menores coisas.

Casei com Lil em novembro de 1914, portanto há mais de dezesseis anos. Em todo esse tempo, se ela teve alguma suspeita, guardou para si. Mesmo quando a prova era colocada diante dela, como quando trouxe o bebê, meu e da pequena Helen, para ela tomar conta – não o que morreu, o segundo, o nosso pequeno Arthur –, mesmo assim ela aceitou tudo, mais silenciosa que um camundongo, e disse que me perdoaria antes de eu lhe haver pedido qualquer perdão. O pequeno Arthur tem quase 6 anos agora e posso dizer uma coisa da nossa Lillian, ela o criou como se fosse seu próprio filho. Ela nunca tocou nesse assunto diante dele, pelo menos que eu saiba. É como digo, ela é perdidamente apaixonada por mim. Sem dúvida alguma. É difícil acreditar que são dezesseis anos. Deixei passar nosso aniversário em novembro passado, com toda confusão que tivemos. Pedirei para um dos tiras sair rapidamente para comprar algo para ela, se eu me lembrar. Antes tarde do que nunca, é o que sempre digo.

Quanto a Ivy, não sei se irá durar dezesseis meses, quanto mais dezesseis anos. Parecia uma boa idéia

quando nos casamos, em junho, em Gellygaer, embora quando diga boa idéia quero dizer que ela estava grávida de quatro meses então e já aparentando, como geralmente acontece com as magras. Meu Deus, mas como ficam as tetas delas. Vale a pena ter mais uma boca para alimentar desde que haja tetas adoráveis como aquelas para enfiar na sua. Está vendo? Mais um riso. É o que digo sobre o riso, é a melhor coisa que existe para quebrar o gelo. Todo mundo se sente muito mais à vontade.

Mas, para falar sério, com Ivy algo me disse que eu estava cometendo um erro desde o princípio. Não que haja alguma coisa nela que eu não goste, só que dava para notar de alguma forma que haveria muita confusão. Na última vez que a vi, por exemplo, quando fui para o País de Gales naquela noite, logo depois dos meus “cinco minutos engraçados” lá fora em Hardingstone. Bem, como você pode imaginar, estava num terrível estado de agitação e confusão, tendo perdido o carro. Eu saí da alameda Hardingstone e fiquei parado por ali, olhando pra trás para vigiar os dois homens que tinham me visto sair do campo. Não conseguia vê-los no escuro, embora o meu Morris ainda estivesse em chamas, do outro lado da cerca viva.

Você sabe como é nessas horas. Você tem a sensação de que tudo que faz pode parecer suspeito, mesmo sabendo que na maior parte das vezes ninguém notou. Fui e fiquei parado ao lado da estrada de Londres, perto da velha cruz de pedra que marca o lugar onde a rainha Eleanor foi colocada em sua fúnebre volta a Londres. Logo depois peguei carona num caminhão, que ia para onde eu ia. Contei uma lorota sobre uma carona que perdi, com um velho camarada bem de vida que dirigia um Bentley, e o motorista do caminhão acreditou. Ele me levou até a região de Tally Ho na

estrada Barnet e chegamos por volta das seis, quando estava amanhecendo.

Eu disse a um sujeito do Departamento de Transportes que meu carro tinha sido roubado em frente a um café. Para dizer a verdade, a essa altura eu estava bastante sonolento e tinha me esquecido da bobagem que havia dito sobre o Bentley. Mesmo nessas condições, mantenho meu poder de persuasão com as pessoas, muita gente já disse isso, e esse sujeito não foi uma exceção. Ele me pôs num ônibus, o 915 para Cardiff, e eu cheguei lá à tarde e peguei outro ônibus para Penybryn. Andei dali até a casa de Ivy, em Gellygaer, e cheguei por volta das oito naquela noite.

Bem, como costumo dizer, é sempre um alvoroço com a Ivy. Não que seja culpa dela, apenas sempre é assim e naquela noite não foi diferente. Em primeiro lugar tinha o pai dela, o velho Jenkins, que me parou na entrada para perguntar por que eu tinha demorado tanto para chegar, estando a sua Ivy às portas da morte, adoentada, com meu bebê a caminho. Você sabe como um galês adulador é chegado num melodrama de vez em quando, e ele se referia à Ivy como a Pequena Nell mais do que em qualquer outra conversa que teve comigo. Contei a ele como o meu carro tinha sido roubado em Northampton e, ouso dizer, de tanto que já tinha dito, eu mesmo estava acreditando nisso àquela altura. É engraçado, mas, jurando naquele momento, tinha me esquecido totalmente do pobre coitado e do fogo.

Depois que consegui passar pelo pai, tinha de convencer a filha. Ivy estava apoiada nos travesseiros, em seu quarto, e parecia muito mal. O bebê estava para nascer a qualquer momento. Mal me sentei na cama e ela já perguntou quando nos mudaríamos para a nossa nova casa em Surrey. Para ser franco, ela me pegou desprevenido. Olhei perdido para ela. Tinha me esquecido completamente da história sobre Kingston-on-

Thames que eu tinha contado para ela e para o pai quando estava bêbado na nossa festa de casamento. Antes que eu pudesse ter alguma idéia boa, ela estava se desmanchando em lágrimas e me dizendo que eu não a amava e que tinha certeza de que eu tinha outra pessoa. Por que eu passava tantas noites fora e assim por diante. Você pode adivinhar quase todo o resto.

Eles não consideram o que você pode ter passado, não é? Compre isso para mim, compre aquilo para mim, e vamos morar em outro lugar. Quinhentas libras por ano é o que estou ganhando na Leicester Brace & Garter, e você pode achar que devo estar bem de vida, mas não é assim. Tudo já está gasto com filhos ou mulheres antes que eu possa ver um pêni. É sempre a mesma história.

De acordo com o que estava planejando, embora eu não tenha dito nada sobre isso a Lillian, eu venderia a casa e os móveis que tínhamos na rua Buxted em Finchley e usaria o dinheiro para montar uma casa com Ivy e o garoto, quando ele viesse. Agora, você pode me chamar do que quiser, mas sempre fui mais benevolente do que deveria quando o assunto é criança. Naturalmente, providenciaria instalações para Lily e o jovem Arthur.

É claro que eu não poderia contar essas coisas para Ivy sem que ela descobrisse tudo sobre Lily e a minha história sobre Finchley, então agi como se estivesse muito ofendido e fiz um estardalhaço sobre meu carro ter sido roubado em frente ao café e por isso ter demorado dezoito horas para chegar em Gellygaer. Percebo que geralmente funciona, quando uma pessoa está chateada, agir como se você estivesse mais chateado do que ela. Quando você é um sujeito esperto como eu isso nunca falha, e Ivy logo estava me dizendo que sentia muito por ter ficado brava comigo, e que tinha sido apenas por causa dos seus nervos, porque o

bebê estava para nascer e ela estava tão mal de saúde. Eu disse "Está bem, Ivy Escaladora, pode se agarrar em mim" e, quando ela o fez, pus a mão dentro da sua camisola e senti. Seu peito estava duro e pesado com a ponta saliente, como o pino de uma bola de futebol. Dormi no quarto de hóspedes aquela noite e fiquei na minha brincadeira solitária só pensando nisso, mesmo depois de toda a chateação que tive durante a ceia, com aquela vizinha e seu maldito jornal.

Para dizer a verdade esta é a minha grande falha, o sexo. Vou lhe contar, na metade do tempo não penso em outra coisa, e quando a pessoa fica muito tempo sozinha, como é meu caso, dirigindo de um lugar para o outro, isso piora. Você passa muito tempo sonhando acordado enquanto vai de um lado para o outro na estrada. Às vezes tenho de parar no acostamento e me masturbar apenas para poder pensar em algo que não seja xoxota por uma ou duas horas. Tenho um catálogo que carrego comigo no carro, com fotografias de modelos da empresa. São apenas fotos pequenas, quatro por página, e só é possível ver as mulheres da barriga até quase os joelhos. Você vai pensar que sou maluco, mas percebo personalidades diferentes e outras coisas só no modo como ficam de pé, e assim posso dizer que tipo de garota é cada uma delas. Algumas são do tipo que você gostaria de ter como amiga e que têm personalidade decente.

Uma delas chamo de Mônica. Se você olha para a fotografia de perto é possível ver uma penugem clara nas pernas, então penso que ela é loura. O tipo de garota que você encontraria trabalhando atrás do balcão numa agência dos correios, usando o cabelo do jeito que elas estão usando agora, todo liso em cima e enrolado atrás. Ela ficaria bem de azul-claro. O umbigo dela é do tipo que é mais fundo do que largo, como uma fechadura num pêssego. Ela está vestindo uma das novas cintas-ligas longas, que parecem cair bem em mulheres de

quadris mais estreitos, o que na minha opinião parece uma escolha inteligente e demonstra que ela é do tipo cuidadosa, que pensa bastante nas roupas que usa. É possível dizer, apenas olhando para a sua pele, que ela não deve ter mais de 20 anos.

Essa é a idade, vou lhes dizer, na qual elas estão cansadas dos rapazes jovens e começam a achar romântico o homem mais velho. Se a Mônica pudesse me ouvir cantando "A Canção do Sapateiro" de *Chu Chin Chow*, eu veria as ceroulas dela abaixadas bem rápido. De todo o meu harém, sabe que às vezes é da Mônica que eu gosto mais? Ela não me custa nada e não me causa problemas. Apenas dou uma no meu lenço, fecho o catálogo e saio dirigindo.

Eu não fui sempre assim, em relação às mulheres. Pergunte a minha Lily e ela lhe dirá. Quando me conheceu, antes da guerra, o máximo que conseguia fazer era dar um beijo de boa-noite, tão tímido eu era. Somente depois que me alistei no 24º Exército Territorial da Rainha tive a coragem de me aproximar de uma garota e convidá-la para sair. Era o uniforme, sabe. Fazia diferença, você pode rir de mim, mas é verdade. Já ouvi mulheres falarem sem parar sobre como é terrível o modo como os homens lutam, mas assim que vêem os botões e as botas correm para cima de você. Elas acenam para você, depois ficam em casa e atiram penas brancas do travesseiro. Metade daqueles homens nas trincheiras não estaria lá não fosse pelo modo como suas namoradas os olham quando estão vestidos para ir à guerra. Negue se for capaz.

Para ser bastante honesto, Lily foi a primeira garota com a qual eu saí, embora já tivesse quase 20 anos. Quando ela me levou para a cama pela primeira vez eu era tão inexperiente que deitei sobre ela com as *minhas* pernas abertas por alguns instantes até perceber o que eu deveria fazer. Com toda honestidade, não foi tão bom.

Bem, não conseguia penetrar e acabei me sentindo mal comigo mesmo e, quando Lil disse que isso não tinha importância, foi pior. Nós nunca conseguimos fazer direito até uma semana depois que nos casamos. Quero dizer, nos esfregávamos e beijávamos, mas ficava só nisso. Quando finalmente conseguimos, tudo acabou num piscar de olhos, apesar de ter melhorado com o passar do tempo. No total, embora eu não fosse grande coisa na cama, acho que éramos mais felizes nessa época, minha Lillian e eu. Foi uma pena nunca termos sido abençoados com filhos, embora eu tenha compensado isso depois.

Quatro meses juntos, eu e Lily e, ao final desse período, o papai-e-mamãe era muito bom. Estávamos muito apaixonados, e então, em março de 1915, fui mandado às pressas para a França. Meu Deus, foi um terror. Você só sabe como é se já esteve lá. Você vive na lama e por toda parte há rapazes, da sua idade ou mais novos que você, com a metade da mandíbula estourada, e você desiste de tudo, exceto fazer o que mandam. Vi um cavalo sem pernas estremecendo na lama, como um brasão ensangüentado. Vi homens queimando.

Tinha estado na França dois meses antes de ser ferido por estilhaços de granada em Givenchy. Na cabeça e na perna. Na cabeça foi pior, ao que parece, embora o idiota aqui não consiga se lembrar de absolutamente nada a esse respeito. Nem do momento em que aconteceu, nem da manhã que antecedeu tudo, e não muito dos momentos seguintes. Simplesmente desapareceu. A primeira coisa que lembro depois foi ter comido metade de um prato de janta no hospital. Ergui uma colher de um mingau pegajoso e olhei para ela, e me lembrei que eu era Alf Rouse. Posso lhe dizer que foi uma sensação muito peculiar.

Não sei o suficiente para explicar, mas o mundo parecia diferente para mim depois disso. Não quero

dizer que a guerra abriu os meus olhos, como ouvi outros homens dizerem. Quero dizer que o mundo parecia diferente, como se fosse um outro mundo, um substituto do mundo real. Como posso explicar? Tudo parecia estar errado. Não errado, mas montado às pressas e como se pudesse desmoronar a qualquer momento. A melhor forma pela qual posso tentar transmitir esta idéia é comparando com as aulas de arte na escola. Primeiro, a senhorita professora dá uma folha de papel na qual você pode experimentar e fazer uma bagunça, porque ainda não se trata do desenho correto e não tem importância. Quando acordei naquele hospital foi como se estivesse acordando nos rabiscos de treino, não no desenho. Nada tinha importância. Você podia apagar e começar tudo de novo. Quando penso nisso, acredito me sentir desse jeito desde então, mas hoje já estou acostumado.

Esse foi o momento em que comecei a ter fortes sentimentos pelo sexo frágil. É claro que, em parte, veio da oportunidade, por causa das enfermeiras que estavam lá. Você nem pensaria em olhar para algumas delas, mas havia mais coisas acontecendo do que se poderia supor. Veja bem, para todos os efeitos elas eram as únicas mulheres ali, e podiam escolher. Você não acharia que elas teriam muita vontade de pensar nisso, vendo homens despedaçados pelas explosões o dia todo, mas eu poderia lhe contar umas histórias, acredite. Bem, é claro que eu sentia uma pontada de culpa, de vez em quando, por Lillian, mas nada que me deixasse paralisado. Como disse, a essa altura as coisas tinham como que perdido seu valor, nada que eu pensasse ou fizesse parecia contar muito. Ou seja, sei que existe o certo e o errado, porém chega-se a um ponto em que, para ser honesto, isso não interessa muito.

Havia uma enfermeira gordinha, que me chupou enquanto um pobre sujeito sem as mãos delirava suas

alucinações na maca ao lado da minha. Continuei me divertindo e, francamente, não fiquei muito chocado com a situação, se é possível acreditar nisso. Essa enfermeira tinha algo engraçado que me dominava, o modo como ela agia. Tinha enlouquecido um pouco, pelo jeito dela. Havia muitas assim.

Quando voltei para casa no ano seguinte, o fato de ter sido reformado não acalmou nem um pouco a frente de batalha feminina. Parece que só fez piorar as coisas. Foi minha ferida que provocou essa reação das mulheres. Era o que as atraía. O meu ferimento. O que eu disse antes, sobre as garotas serem loucas por homens de uniforme, bem, isso não se compara com o modo como ficavam se você estivesse machucado ou tivesse alguma parte do corpo enfaixada. Mesmo quando os curativos já tinham sido retirados, bastava você contar a elas como tinha sido ferido. Eu puxava o cabelo para o lado para que elas pudessem ver a cicatriz no couro cabeludo, e as deixava tocar, se quisessem. Vou lhe contar, dez minutos disso e já estava em cima delas. Elas ficavam cheias de desejo. São maravilhas engraçadas, as mulheres. Não consigo decifrá-las, não depois de ter tido tantas. Deve estar chegando a setenta ou oitenta o número de mulheres com quem tive relação sexual desde que comecei a seguir a profissão de caixeiro-viajante, quando saí do exército. No entanto elas ainda são um mistério para mim. Espero que sempre sejam.

Não direi que a pequena Helen foi a primeira garota com quem fui para a cama durante as minhas viagens. Afinal, já fazia isso há cinco anos nessa época, mas foi com Helen que comecei a me preocupar mais. Queria cuidar dela. Ela era uma criança, quando tudo foi dito e feito, por isso precisava de cuidados. Qualquer um, que tivesse coração, faria o mesmo.

Helen era uma menininha escocesa. Uma empregada doméstica. Costumava fazer sexo com ela no banco de trás do Morris. Havia muitas lembranças naquele banco de trás. É uma pena que tenha sido destruído. Suponho que se você for pensar, ela estava no grupo das jovens. Helen. Apenas 14 anos, mas, sabe como são as meninas de hoje. Muito maduras e desenvolvidas. Se elas têm idade para sangrar, têm idade para matar, é o que eu digo. Essa é boa, não? Ouvi essa pela primeira vez quando estava no serviço militar, e achei que era divertida e apropriada.

Eu a engravidei, mas o bebê morreu logo depois que nasceu, o que foi um transtorno na época. É o que digo, gosto muito de crianças. De qualquer modo, continuei me encontrando com ela e, dois anos depois, quando ela tinha 16, ela engravidou mais uma vez. A Helen era jovem, mas sabia ser insistente e dessa vez agiu com firmeza e decisão. Disse que tínhamos de casar pelo bem da criança, e não havia muito o que dizer diante disso. Havia dito a ela que eu e Lily éramos divorciados, sabe, portanto não pude usar o fato de já ser casado para me livrar dessa. Posso lhe dizer que estava em apuros.

Para escapar da encrenca, inventei um casamento falso, apenas para deixá-la feliz. Depois arrumei para ela e para o bebê um belo apartamento em Islingtown, onde poderíamos viver como marido e mulher. Disse-lhe que ficaria muito tempo fora de casa, na estrada. É claro que disse a mesma coisa para Lily em Finchley. De modo que tudo funcionou muito bem, durante algum tempo. Mas ela não era boba, acabou ficando desconfiada de que eu tivesse um caso fora do casamento. O que ela não sabia, claro, é que isso era verdade, e que o caso era com ela.

Tudo acabou sendo descoberto e, meu Deus, você devia ter ouvido o alvoroço. Não sei onde eu estaria se Lily não tivesse sido tão compreensiva. Ela sempre diz que não é minha culpa ser um maníaco sexual, e que

isso só aconteceu depois da guerra. As duas concordaram em se encontrar, ela e Helen, depois que as coisas acalmaram, e resolveram tudo diante de um bolinho francês numa casa de esquina da Joe Lyon. As duas acharam que seria melhor se o bebê de Helen, Arthur, crescesse num lugar decente. Então eu e Lily o levamos para morar conosco na rua Buxted. Você pode dizer o que quiser, mas não existem muitas mulheres que fariam isso pelo seu homem, existem? Aceitar o filho de outra mulher e amamentá-lo?

Ela é uma em um milhão, a minha Lily. Lembro daquela última noite, antes de tudo isso se acabar, a última noite em que vi a rua Buxted. Estávamos sentados em nossa sala da frente, as luzes apagadas, eu, Lillian e o pequeno Arthur, vendo todos os fogos de artifício no céu acima da estrada. Era a Noite das Fogueiras. Eu lhe havia dito que tinha negócios em Leicester, com a equipe dos suspensórios e cintas-ligas, e por isso ela não se importou quando saí, logo depois das sete, seguindo para a Grande Estrada do Norte, em direção ao interior. Dei-lhe, na despedida, um dos meus beijos superespeciais, já que estava me sentindo mal pela nossa situação. Pretendia deixá-la.

Saindo da rua Buxted, fui direto até a casa de Nellie Tucker. Sinto vergonha de dizer que não tinha ido lá desde que ela tivera o bebê, uma semana antes. Pode-se dizer que já estava mais do que na hora de ir até lá. Não me lembro, já mencionei a Nellie? Me liguei nela em 1925, durante o episódio conturbado com Helen e a nossa Lily. Eu estava sob muita pressão na época, como bem se pode imaginar, e me aproximei de Nellie para ter alguém com quem conversar sobre meu problema, mais do que qualquer outra coisa. Naturalmente, como uma coisa leva a outra, não demorou muito para ganharmos um bebê. Lily teria me matado, então não contei nada e passei a dar 5 libras para Nelly todo mês, para seu

sustento. Estava tudo bem até ela engravidar de novo, desta última vez. Nasceu no final de outubro, no dia 29, se bem me lembro.

Fui vê-la depois de deixar Lil naquela noite e cheguei um pouco depois das sete. O primogênito e o bebê estavam na cama, então podíamos dar uma rapidinha no sofá. Eu me senti um pouco melancólico depois, como acontece de vez em quando. Comecei a falar de meus problemas, contando-lhe todos os compromissos que tinha. Nellie sabe escutar. Sempre soube.

Como é tudo isso para mim? Penso que é como aquele filme *Uma Garota em Cada Porto*. Victor McLaglan. Já viu? É formidável. Fui vê-lo no ano passado com nossa Lily, e as mulheres que participaram, que seleção! Myrna Loy, ela é bonita. E Louise Brooks, embora, para ser bem sincero, eu não goste muito dela, com aquele cabelo. Parece lésbica demais, se você entende o que quero dizer. A verdadeira estrela, no entanto, na minha opinião, era Sally Rand. Você deve conhecer Sally Rand, "A Garota das Bolhas". Ela dançou com ventiladores e grandes bolhas de sabão. Tenho de dizer que há muita arte no que ela faz. Fica completamente nua sob aquela espuma, mas não dá para ver nada. A canção dela, óbvio, era "Estou Sempre Fazendo Bolhas". Uma garota encantadora.

Fiquei na casa da Nelly por cerca de uma hora e saí logo depois das oito. Deveria ter feito xixi antes de sair, mas acabei não fazendo. Assim, quando passei por Enfield, seguindo na direção de Saint Alban, estava quase explodindo. Vi um bar um pouco afastado da estrada e pensei: "Bem, tenho tempo para uma, para me agüentar pelo resto da viagem". Além disso, estava precisando usar o banheiro deles. É engraçado, já tinha passado por ali outras vezes e achava que conhecia quase todos os bares dali, mas esse era novo para mim.

Acho que é o modo como se chega até ele, fazendo uma curva. A primeira visão que tive dele foi quando os meus faróis passaram e o iluminaram. À primeira vista pareceu meio abandonado. Deveriam arrumá-lo um pouco, na minha opinião. Seria um dinheiro bem gasto, porque recuado como está da estrada, aposto que não é visto pela maioria das pessoas. Sei que tinha um nome engraçado, mas agora não lembro qual era. Vou lembrar, tenho certeza.

Estacionei o carro nos fundos e entrei. Fui direto para o banheiro dos homens. Meu Deus, que alívio! Era uma daquelas que parecia continuar por horas. Sim, estou exagerando, mas você entendeu a idéia. Saí do banheiro e fui para o bar. Não havia quase ninguém ali. Totalmente morto.

Trabalho em Vão. Aí está, não falei? Sabia que tinha um nome engraçado. Encostado no bar estava um velho funileiro com um chapéu alto engraçado. Para ser bem honesto, ele parecia meio malandro, então fiquei longe dele. Pedi à menina do balcão para me servir um conhaque, depois olhei em volta procurando um lugar para sentar. Num canto estava um sujeito com uma aparência desleixada e suja, sentado, conversando com um menino de uns 10 anos de idade. Primeiro pensei que fosse filho dele, mas depois o menino disse algo para o homem e saiu do bar. Ele não voltou, então talvez nem conhecesse o outro sujeito. Apenas aconteceu de estarem juntos quando olhei. Pensei em conversar com um homem por cinco minutos, depois ter ouvido mulheres matraqueando o dia inteiro. Então, quando o rapazinho se levantou e foi embora, fui me sentar ao lado do elemento desleixado.

Logo começamos uma conversa. Notei que ele ficou impressionado quando lhe mostrei meu cartão de visita. Fiquei sabendo que ele também estava indo para o norte. Vinha de Derbyshire, ele disse, o que não me

surpreendeu, diante do forte sotaque com que falava. Ele me contou que trabalhava nas minas lá, mas pensava que poderia se dar melhor em Londres, como fazem tantos, e seguiu para o sul. Você não ficará surpreso ao saber que as coisas não aconteceram como ele havia planejado, que agora ele estava voltando para Derby, com a esperança de retomar seu antigo trabalho na mina.

As pessoas me perguntam por que lhe ofereci carona, como se eu tivesse algum motivo para isso. Não acreditam quando digo que naquele momento não fazia idéia do que iria acontecer depois. Disse que o levaria até Leicester porque de fato sentia pena do rapaz, e isso é tudo, em poucas palavras. Ele insistiu muito em me pagar mais uma bebida antes de partirmos, para demonstrar sua gratidão. Ele também tomou mais uma que, para ser honesto, foi a gota d'água. Pelo seu estado, já havia mandado algumas pra dentro antes da minha chegada. Quando entramos no carro eu não conseguia entender quase nada do que ele dizia. Passou a maior parte do tempo dormindo e roncando.

A história teria sido outra se ele tivesse conversado comigo como eu queria, só para me aliviar a cabeça. Mas aconteceu que a única companhia que eu tinha estava bêbada demais para conversar, assim nada mais me restava senão seguir dirigindo e pensando, com ele atrás de mim fazendo ruído de serraria. Fiquei cada vez mais furioso com ele, à medida que prosseguíamos. Lá estava eu, afundado em todos os meus problemas, o bebê da Nelly nascido há uma semana e o da Ivy quase para nascer, e ele lá, roncando feito um cavalo que puxa carroça, babando no meu estofado. Não estou dizendo que tenha algum ressentimento dele agora, é claro que não, mas era assim que eu me sentia naquele momento.

Seguimos pela estrada Roman na direção de Northamptonshire, e chegamos nela por Towcester. É

engraçado, as coisas que conseguimos lembrar, mas me lembro do que estava pensando quando passamos à esquerda da torre da igreja de Greens Norton. Não sei por que, mas lembrava de quando era menino e morava na Colina Herne, um pouco adiante na estrada, vindo da Hospedaria Meia-Lua. Quando eu era pequeno, era muito curioso, como as crianças são. Queria saber tudo. Um dia, não devia ter mais de 7 anos, lembro de ter perguntado à minha mãe sobre a Colina Herne, por que era chamada assim. Ela disse que não sabia, mas que, se eu estivesse de fato interessado, poderia procurar na *Enciclopédia Pear*, e foi o que fiz.

Não sei se você já abriu um livro, quando ainda era moleque, e viu uma figura tão assustadora que o fez fechar o livro de repente, e nunca mais ousou olhar para ela novamente. Bem, foi isso que aconteceu comigo. Abri a enciclopédia na página que queria, na letra H, e lá estava a velha gravura de um homem, e ele tinha chifres como os de um veado, que cresciam de sua cabeça. Sei que não parece muita coisa agora, mas fiquei aterrorizado. Nunca tinha visto, em toda minha vida até aquele momento, uma imagem que tivesse me atordoado a metade do que me perturbou aquela, e não sei dizer por quê.

Fechei o livro e fui escondê-lo debaixo do armário no quarto dos meus pais, no meio de umas revistas que tinham ido parar lá. Queria enterrá-lo, percebe, de tanto medo que sentia. Por que teria pensado naquele homem com chifres quando passei pela igreja de Greens Norton, não faço idéia, mas é assim. A mente é uma coisa engraçada. Metade das vezes você não sabe por que faz as coisas. Eu, pelo menos, não sei.

Veja por exemplo o que eu disse naquela noite, ao chegar na casa da Ivy, no País de Gales, logo depois que estive em seu quarto e passei a mão nela. Seus pais tinham sido gentis, oferecendo-me um bom pedaço de

bacon cozido e batatas. Eu estava quase terminando de comer, quando ouvimos alguém bater na porta. Os Jenkins tinha uma vizinha que morava três casas abaixo e parecia saber tudo da vida deles, o que incluía a Ivy e eu. E era ela quem estava parada diante da porta, com um exemplar do jornal local. Nós tínhamos visto, ela perguntou, uma foto de um carro encontrado em Northampton? É assim que acontece nas aldeias, percebe, todo mundo sabe da vida de todo mundo. Eu não tinha chegado em Gellygaer há mais de uma ou duas horas, e lá estava alguém que já havia escutado o que eu tinha dito ao pai da Ivy sobre o roubo do meu carro. No final das contas, as coisas ainda iam ficar piores para mim.

Eles a convidaram para entrar e a deixaram mostrar o jornal para todos, e quando eu vi a foto estava com a boca cheia de presunto cozido. Vou lhe dizer uma coisa, é um milagre não ter engasgado. Havia uma fotografia do meu Morris Minor queimando no campo de Hardingstone. A legenda dizia que um corpo humano havia sido encontrado dentro dos destroços. Bem, é como eu disse, você não sabe por que diz ou faz as coisas na metade das vezes, mas quando olhei para aquilo, deixei escapar algo na mesma hora, sem pensar duas vezes: “Esse não é o meu carro”. Em seguida murmurei alguma coisa sobre nem imaginar por que os jornais faziam tamanho alvoroço por causa de certas coisas.

Foi algo muito estúpido de se dizer, penso agora, ao me lembrar. Quer dizer, era o meu carro, não havia dúvida sobre isso. Podia-se ler a placa, UM 1468, tão claro quanto todo o resto. Foi a única parte que o fogo não destruiu completamente. Tudo que fiz ao inventar que não era o meu carro foi chamar a atenção para mim e fazer com que todos me olhassem com desconfiança. Saí dessa situação da melhor maneira que pude, dizendo

que estava cansado e indo para cama no quarto de hóspedes, onde fiquei pensando nas tetas da Ivy e bati uma rápida para parar de pensar nos problemas.

Normalmente, assim que gozo, caio no sono, mas não foi assim naquela noite. Ah, não. Não preguei os olhos, exceto por momentos em que cochilava e tinha fragmentos de sonhos horríveis, que me acordavam quase antes de ter começado. Eram nítidos então, mas agora não consigo me lembrar de nada deles, apenas que me davam medo e por isso fiquei acordado até a primeira luz se mover lentamente na parede sobre o papel de lírios.

Quando levantei, o jornal já havia chegado. Era o *Daily Sketch*. Haviam publicado a mesma foto do meu Morris queimado, só que desta vez também colocaram meu nome, o que considerei um maldito descaramento. É claro que isso deixou os pais da Ivy arrasados. Tudo que eu conseguia pensar em dizer era que devia estar havendo um mal-entendido terrível em algum lugar, e que eu iria voltar a Londres até que a questão fosse esclarecida. Os Jenkins tinham um outro vizinho, de nome Brownhill, que tinha um pequeno comércio de carros em Cardiff. Ele apareceu e se ofereceu para me levar até lá, em seu caminho para o trabalho, para que eu pegasse um ônibus até Hammersmith. Não poderia recusar, então me despedi da Ivy e disse a ela o que ela queria ouvir, que nós dois deveríamos nos mudar logo para Kingstone-on-Thames. Seu pai apertou minha mão, obedecendo ao firme olhar da mãe de Ivy. Partimos em seguida, no carro.

Era uma longa viagem até Cardiff, não sei se mexeu com os meus nervos, mas por alguma razão eu não conseguia parar de falar por nada deste mundo. Continuava falando sobre meu carro e como ele tinha sido roubado em frente a um café, e esse sujeito, o Brownhill, apenas mantinha o olhar fixo na estrada à sua

frente e de vez em quando dizia: “Ah, é?” ou “É mesmo?” Mas, fora isso, tirar uma palavra dele era mais difícil que tirar leite de pedra. Quando chegamos em Cardiff ele insistiu em me acompanhar até a estação, onde me levou até o ônibus para Hammersmith.

É claro que depois fiquei sabendo que o que ele fez foi ir direto à polícia, assim que se certificou que eu estava no ônibus. Ele informou onde eu estava e que algumas coisas que eu havia dito eram suspeitas. Se você quer saber o que eu penso, ele só queria entrar na farra. Essa gente de aldeia é toda igual, não há nada que eles amem mais do que um pouco de escândalo. Ainda assim, eu até agora me pergunto se não foi o pai da Ivy quem preparou tudo, arrumando uma carona para mim até Cardiff já com essa intenção. Não é agradável pensar que ele tenha feito isso, mas não ponho a minha mão no fogo por ele. O pai da Ivy nunca gostou muito de mim. Agia como se ela tivesse desistido de uma boa carreira em enfermagem por um sujeito que ele considerava abaixo da posição social dela, como se qualquer um em Gellygaer ganhasse 500 libras por ano.

Acho que, para ser completamente sincero comigo mesmo, foi o uniforme de enfermeira, mais do que qualquer outra coisa, que me atraiu na Ivy, em primeiro lugar. É uma mania minha, e mais uma vez só posso pensar que isso está relacionado à guerra de alguma forma. Isso e hospitais. Às vezes, o cheiro de germicida ou de substâncias cirúrgicas me deixam excitado mais rápido que um bom livro obsceno. Ela parecia um pouco louca, a Ivy, com aquele chapeuzinho e aquelas meias de lã pretas. É uma pena, mas ela não cabe mais no seu uniforme de enfermeira, desde que passou dos cinco meses, e isso já faz algum tempo.

Vou lhe dizer uma coisa, está muito frio aqui para janeiro, você não acha? Alameda Angel. Olha, não vi muitos anjos por aqui nestes últimos dois meses, apenas

um monte de policiais, todos com cara de traseira de ônibus. Não que eu reconhecesse um anjo, se visse um na minha frente. Mulheres nuas, é assim que imagino os anjos. Seria algo interessante para flutuar ao nosso redor quando estivermos para morrer, não seria? Vários nus. Gostaria de partir assim. Há visões muito piores que essa, acredite.

Ele ainda estava num sono profundo quando vi a primeira placa para Hardingstone, o sujeito, qualquer que fosse o nome dele, que havia saído comigo do bar perto de Saint Albans. Bill, acho que ele disse que seu nome era Bill. Roncava, enquanto metade de mim estava em pânico por causa daquelas contas todas, esposas e filhos, enquanto a outra metade continuava pensando naquele homem com chifres de rena na *Enciclopédia Pear*. Não faço idéia do porquê. É como digo, a mente pode ser uma curiosidade, às vezes.

Em algum lugar em meio a tudo isso, percebi que tinha de fazer a curva ao longo da pista para Hardingstone quando ela apareceu. O que aconteceu depois disso ainda é uma confusão para mim. Já contei tantas histórias que não consigo distinguir quais são verdadeiras e quais foram inventadas. Você já se sentiu assim? Não?

Declarei tudo que tinha acontecido aos policiais de Hammersmith que estavam esperando pelo meu ônibus quando cheguei de Cardiff, graças ao senhor Brownhill e sua insistência em ser intrometido. Para dizer a verdade, fiz um ar respeitável quando desci do ônibus e vi que eles estavam à minha espera, três policiais. Não esperava por isso, acho que deveria, mas não esperava. Fiquei tão assustado que disse a primeira coisa que me veio à cabeça. Disse que estava contente por tudo ter terminado, e que não tinha conseguido dormir. Disse que estava a caminho da Scotland Yard naquele instante. Estava tudo muito bem, mas antes que pudesse me

conter, disse que tinha sido o responsável. Não disse por que, mas eles me olharam feio do mesmo jeito. Tive vontade de me bater, por ter me enfiado naquela situação.

Não sei se já contei, mas tentaram me passar uma rasteira, hoje, no tribunal, por causa disso. Acontece que fui esperto demais para eles. Existe um ditado lá em Finchley que diz que você tem de acordar cedo se quiser pegar Alfie Rouse. O promotor público, o senhor Birkett, perguntou-me por que havia demorado mais de dois dias para comunicar à polícia o que havia acontecido, o que me abalou por um minuto, mas logo me recuperei.

– Bem – eu disse –, não tenho muita fé nos policiais de aldeias, esses das delegacias locais e menores, pensei em ir direto à mais alta instância. Não disse que estava indo para a Scotland Yard quando fui parado em Hammersmith?

Ele não gostou disso, posso lhe dizer, do modo como não me deixei encurralar. O que ele disse em seguida foi:

– Ah, sim? O senhor não disse também que era o responsável? O que quis dizer com isso, meu caro? – falando daquele jeito deles, sabe?

Estava me sentindo bastante convencido àquela altura, então respondi rápido como um chicote:

– Bem, pensei que, aos olhos da polícia, o proprietário fosse responsável por qualquer coisa que acontecesse com seu carro. Corrija-me se eu estiver errado.

Levantei uma sobrancelha ao dizer esta última parte, “Corrija-me se eu estiver errado”, para que os jurados e as meninas no balcão da platéia percebessem que eu estava brincando com ele. Pensei ter ouvido alguns prendendo o riso, a não ser que tenha sido na minha imaginação. Estão do meu lado, nota-se. Uma boa parte dos jurados é composta de mulheres, com certeza me darei bem. Meu olhar encontrou o olhar de uma ou

duas delas, e tenho uma boa idéia de quais delas gostaram de mim. Se eu simplesmente persistir naquilo que já disse, não haverá problemas.

Quando eles me encontraram ao lado do ônibus na estrada de Hammersmith Bridge, me levaram para a delegacia local, onde lhes relatei tudo que havia acontecido naquela manhã do dia seis, da melhor forma que pude. Disse que havia saído com o sujeito na Grande Estrada do Norte, fora dos limites de Saint Albans, o que era a mais pura verdade, e que quando chegamos perto de Hardingstone pensei ter visto a mão dele na minha caixa de amostras, que deixo no banco de trás do carro, onde ele estava sentado. Mais tarde comecei a ficar um pouco sonolento no volante, e mais tarde ainda ouvi um barulho no motor e senti uma vibração, como se estivesse com pouca gasolina. Por isso decidi entrar num campo ao lado da estrada principal. Além disso, precisava aliviar os intestinos, tinha sido uma longa viagem desde Saint Albans.

Ele acordou quando entrei no campo. Disse-lhe que ia me aliviar e que, se ele quisesse ser útil, poderia pegar a lata de gasolina do banco de trás e encher o tanque, uma vez que parecíamos estar com pouca gasolina. Levantei o capô e mostrei a ele onde ficava o tanque. Depois ele me perguntou se eu tinha um cigarro. Já lhe havia dado alguns, então disse que não tinha e em seguida me afastei um pouco do carro, pra poder fazer tranqüilo minhas necessidades. Tinha me afastado um pouco da estrada e estava com a calça abaixada, quando ouvi o barulhão e vi o fogo atrás de mim. Vesti a calça e corri em direção ao carro, mas era tarde demais. Pude vê-lo lá dentro, mas não havia nada que eu pudesse fazer. O ignorante deve ter acendido o cigarro enquanto segurava a lata de gasolina. As pessoas fazem cada coisa.

Eles viram que eu estava com minha mala e perguntaram se eu tinha voltado para retirá-la do carro em chamas. Estava preparado para essa. Tinha visto a mão dele na mala e não queria ser roubado, por isso a levei comigo quando saí do carro. Disse-lhes que entrei em pânico quando vi o carro ir pelos ares, como qualquer um no meu lugar, e corri para a estrada, até onde aqueles dois jovens grandões me viram chegando, pela cerca viva. Disse que estava com os nervos à flor da pele desde então, sem saber o que fazer, o que era a verdade absoluta.

Mais tarde, policiais de Northamptonshire chegaram em Hammersmith para falar comigo. Depois, trouxeram-me de volta com eles até a alameda Angel. Perguntei se poderia ver Lillian. Quando disseram que poderia vê-la um pouco mais tarde, me envergonho de dizer que não controlei meus sentimentos, também por estar tão cansado, e disse a eles que Lily era uma grande mulher, era boa demais comigo, sempre se preocupava muito e tudo o mais. Mencionei que ela não sentava no meu colo mas, tirando isso, ela era tudo que um homem poderia desejar.

Se tivesse parado por aí, teria ficado bem, mas eu estava disposto a me exibir e com vontade de impressionar. Continuei falando. Contei a eles que tinha uma porção de amigas por todo o país, e que meu harém me levava a diversos lugares, me fazendo ficar muito pouco em casa. De alguma forma isso foi parar nos jornais, embora sinta, como já mencionei, que isso funcionará a meu favor e não contra mim, a despeito do que o senhor Finnemore possa pensar. Ele é apenas um advogado. Não sabe nada de mulheres.

Aquele pobre coitado. Posso vê-lo, quando paramos naquele campo, dormindo profundamente no banco de trás. Eu só conseguia pensar em contas vencidas e bebês, e em como tudo estava desmoronando ao meu

redor. Saí do carro fazendo o mínimo de barulho e fui até o porta-malas para ver se encontrava a marreta que larguei lá desde quando eu e Lil fomos acampar em Devon, alguns anos atrás. Acho que a mantive comigo para me proteger: quando se fica na estrada por muito tempo, pode-se dar de cara com pessoas estranhas. Fiquei remexendo nas coisas lá atrás e devo ter feito um pouco de barulho, o que provavelmente o despertou.

De qualquer forma, o que lembro em seguida foi ter ouvido a porta do carro e ele saindo. Eu me inclino por sobre o porta-malas aberto para olhar e lá está ele, em pé, de costas para mim, tentando abrir a calça, pelo jeito, para fazer xixi no meu pneu. Pensei em Lil e no menino em Finchley, como eles iriam reagir quando eu vendesse a casa e os móveis. E em Nellie com mais um bebê para amamentar, Ivy e o maldito Kingston-on-Thames, e em como minha vida parecia um pesadelo, pior do que qualquer figura de livro. Queria que ela tivesse acontecido num livro, assim poderia fechá-lo com força e nunca mais teria de pensar nisso tudo. Em algum momento, enquanto tudo isso passava pela minha cabeça, devo ter finalmente encontrado a marreta.

Realmente, eles são muito bonitos, os campos lá em Hardingstone. Não os vi muito bem naquela noite, escuro como estava, mas pela foto no jornal pareciam verdadeiros campos rurais, como os que existiam em Londres quando nosso pai era pequeno. Um pouco agreste, com mato crescendo nas extremidades, muito diferente dos parques. Os parques são cheios de canteiros, contornos e flores plantadas. Não têm lugar para a aventura, na minha opinião têm um ar afeminado. O que um rapaz macho quer é sair se arrastando entre os arbustos como um índio, ou encontrar um canto entre os juncos, onde possa ficar sentado sozinho e só sair quando o chamarem.

Ele se virou para mim bem no instante em que eu descia a marreta, de modo que, em vez de apenas acertar a sua cabeça por trás como pretendia, acertei-o acima da orelha e ele caiu para o lado, como uma vaca abatida com um machado. Caiu sobre o Morris e deslizou para baixo, até ficar de cara na grama. Fez um barulho, um som dentro da lama, mas não se mexeu. Fiquei parado ali, olhando fixamente para ele não sei por quanto tempo, com a mesma respiração de quando se acaba de dar uma. Não tinha de fato pensado no que iria fazer, até aquele ponto. Quer dizer, não tinha tido a idéia antes de chegarmos a Towcester. Olhei para ele, marcando os pontos que era possível enxergar com a pouca luz que vinha do carro. Sabia que era melhor pensar rápido em alguma coisa.

Por ser um vendedor, ou representante comercial, como prefiro dizer, estou em grande vantagem quando se trata de pensar. A minha linha de trabalho precisa de gente acostumada a usar o pensamento como uma ferramenta. Darei um exemplo. Existe uma firma no norte que costumo visitar a cada quinze dias, cujo comprador conheço há anos. Ele é um coroa simpático, que tem uma inclinação por mulheres mais novas e têm dinheiro suficiente para gastar com uma fila de namoradas. Agradei-o, ao longo dos anos, levando-lhe de vez em quando algumas das cintas-ligas mais picantes, com muitos detalhes, um presente que ele podia entregar à sua jovem dama favorita. Chego lá um dia, entro em seu escritório levando algumas das cintas-ligas mais atrevidas que já se viu, como se tivesse acabado de fazer uma limpeza num bordel.

O que eu não sabia era que ele tinha sido demitido um mês depois da última vez em que o vi, por meter a mão na caixa registradora. Sentada em seu lugar estava uma velha atrevida, de cara azeda como vinagre e tetas que pareciam dois porcos numa rede. Congelei. Olhei

para ela, depois para o monte de calcinhas na minha mão. Rápido como um raio, tive a idéia. Olhei-a nos olhos, e depois fiz a prodigalidade de jogar dez xelins de cintas-ligas na lata de lixo do escritório, rasgando as embalagens e tudo o mais. Ela me olhou como se eu estivesse louco. Impostei a voz e disse-lhe:

– Senhora, peço desculpas, ouvi dizer que uma dama era a responsável por este departamento e pensei em agradá-la oferecendo peças de roupa que pudessem torná-la mais atraente, mas agora vejo que isso seria totalmente desnecessário.

Poderia também ter dito que estava vendo que seria algo impossível, mas mantive uma língua cortês e deu certo, como já sabia. Depois disso ela se tornou uma das minhas melhores clientes. O que estou querendo dizer é que tudo isso faz parte da vida de um representante comercial, ter idéias rápido e a qualquer momento.

Eu me abaixei e o catei por baixo da barriga, para levantá-lo e tentar virá-lo para a parte da frente do carro. Minha idéia era colocá-lo no banco do motorista ou perto. Não pensei em tentar fazê-lo passar por trás do volante, arrastei-o em torno da frente do carro até a outra porta, o que significa que o puxei na frente dos faróis, ainda ligados. Por Deus, ele parecia uma aparição, arrastado através dos feixes de luz daquele jeito. A esta altura o sangue estava saindo pelo ouvido. Pelo jeito eu tinha esmagado o osso do rosto, onde bati com a marreta. Pra ser honesto com você, pensei que ele estivesse morto.

Você deve pensar que eu saberia a diferença entre alguém vivo e um morto, mas as coisas são diferentes para homens mais jovens e que já lutaram numa guerra. Nesse caso, fica difícil, na minha opinião, distinguir um vivo de um morto. Você vê um homem com o rosto na lama, com metade de um braço e, sim, pode ser que ele esteja vivo, mas se não estiver morto naquele momento,

estará em uma ou duas horas, então, qual é a diferença? Isso soa como algo cruel, mas, assim como muitas outras coisas, é algo com o qual você se acostuma. Eu me acostumei. Fui um herói de guerra, é verdade. Tinha uma medalha e uma cicatriz, perto da risca do cabelo. Já lhe mostrei?

Tive de colocar o traste no chão para poder abrir a porta do lado do passageiro por dentro. Por medo de ladrões de carro, mantenho sempre trancada. Depois de fazer isso, voltei e o virei mais uma vez, até deixá-lo com o rosto para baixo no banco da frente, embora ele parecesse muito desajeitado, com uma perna toda esmagada debaixo dele. Pensei em tirar do carro minha mala de amostras, que estava debaixo do banco do motorista. O catálogo estava lá dentro, sabe. Não queria que Mônica acabasse de um jeito ruim.

Em seguida procurei, no banco de trás, a lata de gasolina que deixo lá. Comecei a esparramá-la pelo interior do carro, encharcando bem a coisa que estava na frente. Estava fazendo isso e me perguntando o que teria acontecido com a marreta, porque não conseguia lembrar onde a havia deixado, quando de repente ele fez um barulho. Parecia estar murmurando algo, mas não era em nenhuma língua que eu já tivesse ouvido. Fiquei todo arrepiado, posso lhe dizer. Fechei todas as portas e fiz uma trilha de gasolina até o carro, depois pensei em jogar um pouco debaixo do capô pra poder desatar a junção da gasolina e tirar a tampa do carburador. Entendo de carro, sabe, também faz parte do meu trabalho. Um toque de inteligência, esse, para parecer que tinha sido um acidente.

Procurei um pouco ao meu redor, mas não consegui encontrar a marreta, então voltei aonde tinha deixado a lata de gasolina, para marcar o final da minha trilha. Em seguida, acendi um fósforo. As chamas correram pela grama como formiguinhas que marcham em fila, depois

houve aquele barulho como um grande suspiro e elas estavam por todo o carro. Meu pequeno Morris Minor.

Foi nessa hora que ele acordou e começou a gritar e se retorcer até abrir a porta do carro com um chute, mas a essa altura, como disse antes, ele já tinha gasto sua última chance. Vou lhe dizer o que foi ruim: ele ficou com uma perna para fora do carro. Não sei quanto tempo fiquei ali olhando, mas ela queimou até o fim. Ela simplesmente caiu e ficou ali na grama, essa perna em chamas. Pra dizer a verdade, nunca vi uma cena como essa.

Agora algo estritamente confidencial. O que todos consideram o detalhe mais inteligente da operação foi uma coisa que eu nem tinha percebido até o ato ser consumado. Ao ler os jornais, a idéia é que eu fiz tudo isso na Noite de Guy Fawkes para que o fogo não chamasse a atenção, o que, devo admitir, foi mesmo um pensamento muito inteligente. Queria ter pensado nisso antes. A verdade é que a idéia só me ocorreu naquela noite, naquele campo. Veio de repente, do nada. É assim que as coisas acontecem às vezes, acho. Quando já estava olhando para as chamas, pensei no fato de ser a Noite das Fogueiras. Eu pensei: “Dá certinho”.

Depois de ter ficado ali por um bom tempo e de meus olhos terem lacrimejado com a fumaça, pensei que era melhor seguir andando. Atravessei os campos até onde uma abertura feita na cerca viva me conduzia para a alameda Hardingstone. Por acaso, assim que saí para o caminho, encontrei esses dois sujeitos, ambos bêbados pelo jeito, voltando para casa depois da confusão de Guy Fawkes no salão local. O Salon de Danse, acho que ouvi esse nome. Quando eu me aproximei, percebi que os dois podiam ver o carro na fogueira do outro lado do campo, e pensei tê-los ouvido dizer algo sobre isso.

Achei melhor enfrentar a situação com coragem e blefar. Então disse: “Parece que alguém fez uma

fogueira”, ou alguma coisa do tipo, já que tinha acabado de ter a idéia de Guy Fawkes. Os dois me olharam fixamente e não disseram nada. Então segui rápido na direção da estrada principal, um pouco adiante.

Era uma noite clara. Bastante fresca. A lua estava no céu e apareceu muito brilhante acima da cruz da rainha morta perto da estrada de Londres. Tudo tinha um odor excitante, assustador, cheio de fumaça e pólvora, como numa guerra. Minha cicatriz estava incomodando. Fiquei ali parado, coçando a cabeça, como se estivesse perdido. Tinha uma mala com roupas íntimas em uma das mãos, na outra uma caixa de fósforos England’s Glory. Eu era outra pessoa, com toda uma vida para viver. Estava morrendo de medo, mas me sentia formidável.

Não vejo a hora de sair daqui. Vou comemorar. Vou encher o mundo de bebês, canções e lindas roupas íntimas. Darei um chapéu para a minha Lily e irei para a cama com meninas simples, para ser gentil com elas. No fundo não sou um sujeito ruim. Acho que o júri sabe disso. Ah, às vezes sou cafajeste, sem dúvida, impetuoso como eles gostam, sem me deixar enganar, mas com uma personalidade excêntrica, um homem de coração romântico, que o coloca em situações difíceis. Olho para eles do alto do banco dos réus e sei que já estou com um pé na porta de saída, graças a eles, pelo modo como olham para mim. É só uma intuição. Sempre é possível notar, sabe, quando eles parecem hesitantes.

Eles estão acreditando.

A SAÍDA DE EMERGÊNCIA DE PHIPPS



1995 d.C.

Eles estão acreditando.

As últimas palavras do capítulo anterior, escritas em cinza-claro, estão sobre o palco escuro do monitor, abaixo do menu Ajuda inscrito no arco do proscênio. O cursor pisca, um aplauso visível e lento no auditório deserto e sem luz.

O ato final: chega de representações. Não há mais truques de voz, ou trajes de época. As perucas, os casacos de pele e vestidos abandonados são carregados para longe. Máscaras descartadas e rostos descascados pela

morte são devolvidos aos que têm o direito de posse e pendurados em seus cabides. O crânio comido pelos vermes de Francis Tresham balança ao lado da estampa de cera de John Clare, com seu rosto de lua crescente e queixo comprido. Um molde de Nelly Shaw, com os lábios afastados dos dentes, na agonia de ser queimada, dá um encontrão no rosto de papel machê de Alfie Rouse, um beijo involuntário.

No palco, embora o cenário seja o mesmo, há algumas alterações. Alguns dos prédios dos anos 1930 pintados na cortina de fundo foram cobertos de branco, e prédios novos foram acrescentados. Caligari se ergue em contraste com o céu acinzentado de novembro. O ano é 1995. As luzes ficam mais fracas. As fileiras vazias aguardam o monólogo final.

Afasto-me da tela, do texto e do cursor, de sua pulsação de transe hipnótico. Tomo consciência do ardor nos olhos, da mesa transbordante. O cinzeiro oco com formato de uma rã bocejando, uma grande cascata de pontas de cigarros e restos azedos derramando de sua garganta de porcelana. O dedo indicador da mão direita suspenso acima das teclas. O autor digita as palavras “o autor digita as palavras”.

Levanto-me e sinto a energia que enche a sala, uma corrente conduzida por um sifão através do tempo, vinda de todas as leituras futuras, todas as outras pessoas e os diversos graus de envolvimento, de consciência meio encoberta dentro do texto e meio destacada do momento, do *continuum*, e portanto acessível. Recolho uma grande porção dela, seu ardor, sua crepitação. Tudo parece estar direito e forte. Tudo acontece de forma correta.

Os livros consultados sobre a cidade estão por todos os lados, amontoados como torres, formando uma reprodução em pequena escala da própria cidade. Estão aqui *Bruxaria em Northamptonshire – Seis tratados curiosos datados de 1612* e os poemas selecionados de John Clare. Os Coritani, os cruzados, os compêndios de

assassinatos e a vida dos santos formando um relevo tridimensional da história, abismos de palavras da profundidade de quarenta séculos, que devem ser percorridos para alcançar a porta e a escada do outro lado, nua e assustadora. Desço por ela como uma avalanche entorpecida de remédios na direção da sala de estar, da televisão e do sofá.

A história é ardente, opressiva e fatigante. Despenco, em vez de sentar, no sofá herdado e bom para ser jogado no lixo. Tento localizar o controle remoto apenas pelo tato, apalpando xícaras de chá vazias e revistas, geladas pelo frio, que encobrem o carpete, para o próprio bem dele. Seria muito mais simples apenas olhar, admito, porém menos excitante. Dedos em volta do aparelho, uma fruta e uma barra de cereais, como se estivessem sendo imaginados por uma forma de vida baseada no silicone, determino a posição do botão necessário. Um vago movimento para baixo traz as notícias do Canal Quatro. A história é ardente. Toda noite Zeinab Badawi segura no alto o cadinho enegrecido para a nossa inspeção.

Conferência para o cessar-fogo nos Bálcãs picada em pedacinhos de sete segundos através de uma câmera maternal e prestativa, para diminuir o risco de engasgar. Representantes de ambos os lados parecem constrangidos, pálidos diante dos flashes. Os valentões do parque, chamados a ir lá na frente e obrigados a pedir desculpas e dar apertos de mão, com um ressentimento de saída da escola já visível nos olhares e na voz. Não vamos mais falar em estupro e em campos de limpeza genética. Voltem para suas carteiras.

Espera-se atenção para o processo de paz – que está sofrendo um rápido processo de mumificação – nas próximas visitas do presidente Bill Clinton ao norte da Irlanda. Clinton, muito semelhante a Kennedy se os critérios forem cabelo e boquetes, anunciou que não irá à Irlanda apenas para acender as luzes de Natal. Porém, se até lá o Congresso cortar os telefones da Casa Branca e

desconectar a energia, ele poderá pensar no caso. Duas famílias de Clintons irlandeses, uma de cada lado da fronteira, disputam a honra de ter os herdeiros presidenciais lançados em sua árvore genealógica, mas espera-se que isso não resulte em violência entre grupos rivais.

Uma análise da receita da noite passada conclui que o efeito mais provável é que os 10% mais ricos terão uma melhora em sua condição financeira e os mais pobres estarão mais bem mortos. O governo da Nigéria executou Ken Saro Wiwa por ter protestado contra a promiscuidade ambiental imposta numa terra traumatizada pela empresariagem petroquímica. Neurótico da guerra da Shell. Brancura momentânea sob as lagoas de Mururoa.

Antigas edições do jornal local *Mercury & Herald* com a lista das 1.600 mortes em Northamptonshire, então recentes, de causas há muito consideradas totalmente inacessíveis: Luzes Ascendentes, os Vermelhões. Um homem mencionado como “Planeta em Greve”. Posta de boca aberta na aura de cátodo deste fotogênico Armagedon, a expressão parece velha demais para ser ressuscitada. O ataque implacável destas imagens espantosas achata nossa paisagem interna, um tapete de bombas na mente. A língua do mundo, que nos oprime. Nada é comunicado, exceto um sentido subliminar de paisagem em seu ponto explosivo mais instável, flexível e assustador. A história é ardente, um fogo lento. E o planeta só começa a ferver agora, com nossa cultura passando do líquido para um estado vaporoso no meio do borbulhar violento e caótico das transições. Aqui, no vapor ascendente, um processo segue rumo a seu ponto de crise, sendo interrompido apenas pelo intervalo comercial.

Surpreendente em meio à monótona lista de emoções, derramamentos e extermínios, surge uma quase inédita menção a Northamptonshire: inquilinos moradores do conjunto de casas destinado aos membros do conselho administrativo da cidade, na rua Pembroke, cujos jardins

dão para a estrada de ferro, tentam chamar a atenção para um novo tipo de leucemia. Podem-se ouvir, quando bate um vento oeste, o grito e os murmúrios espectrais do transporte noturno do outro lado da cidade. Meu irmão Mike, que é mais bonito, mais engraçado, mas francamente muito menos carismático, mora ao lado da rua Pembroke, com sua esposa, Carol, e os filhos. Eles querem se mudar, mas ao mostrar, a seus futuros compradores, o local em Haz-Chem, a presença de ternos e capacetes não vai facilitar nem um pouco as coisas.

Para ser bem honesto, toda a extensão de propriedades de Spencer a King's Heath tem, desde os anos 1960, uma aparência pós-nuclear. Apenas uma década antes, King's Heath havia sido premiada por seu projeto, era considerada modelo perfeito para a Inglaterra do futuro, o que, infelizmente, acabou sendo mesmo. Em 1970 até as lojas de doces tinham venezianas de aço, e cachorros vadios andavam em horripilantes matilhas medievais de caça. A casa noturna local parecia preparada por um decorador de vitrines esquizofrênico, que na última vez que foi ao cinema viu *Barbarella*, ou talvez *Repulsion*, com modelos esqueléticas, saindo, anoréxicas e abaladas, de trás das paredes e pilastras para um vomitório show de luzes. Os jovens de King's Heath atiraram fósforos acesos nos mamilos de gesso, juntando dez moedas de 20 xelins entre eles para beber até esquecer tudo ou ficar violentos sob o brilho espiralado e furta-cor de uma roda de gel defeituosa. Mais tarde a maioria vai estar caída ou machucada, como de costume.

Desligo a televisão, momentaneamente derrotado. Quase escondido por três semanas de *New Scientist* não lidas e embalagens de biscoito vazias, está um rascunho do capítulo anterior. Ainda estou na dúvida se a loja da rua Bridge, que ofereceu um emprego a Lily Rouse, era uma confeitaria ou não, mas decido deixar que esse detalhe obedeça aos processos da ficção, em vez dos menos densos processos da história. Lily fica entre os potes com

cataratas de açúcar, proclama a inocência do marido com uma lealdade espantosa, enquanto pesa as balas coloridas. Eles o retiram da Cadeia de Bedford, a segunda casa de Bunyan, e o levam para a forca, a cinta-liga final, com o nome dela nos lábios, importante feito da memória, considerando-se todas as esposas e mães de seus filhos nas quais ele poderia ter pensado. Que tal tudo isso, Alfie?

Bunyan: primeiro a mapear a terra de vida e imaginação que existe sob o interior da Inglaterra, marcando o trajeto de viagens reais empreendidas no reino concreto e levadas para o terreno alegórico. Assim, parece que a intenção de seu trabalho era despertar a inquietude de uma paisagem visionária por debaixo das ruas e campos subjugados. Acender um sonho incendiário para fazer o assunto pesado e maçante dos condados e distritos arder de significado, mudar. Setembro de 1681 viu um novo mapa criado pelo conde de Peterborough em Northampton, com essas cenas repetidas na *Holy War* de Bunyan, no ano seguinte, porém transferidas para a cidade alegórica de Mansoul. Nessa denominação, que significa Alma do Homem, o sentido do peso e momento míticos, presentes no lugar e seus habitantes, fica ressaltado, confirmando a centralidade imensa e invisível da cidade.

Uma grande vantagem que *The Pilgrim's Progress* como narrativa tem sobre a presente obra está em sua estrutura, com a peregrinação avançando para um final necessário à salvação. Aqui, no entanto, não existe um final semelhante a que se possa chegar. O território é o mesmo, mas aqui não temos um único peregrino, exceto talvez o autor, ou o leitor, e apenas um avanço incerto. Ainda que a idéia de salvação não fique completamente de fora, é, na melhor das hipóteses, uma possibilidade remota. Não chegou a ser um tema central até aqui.

Este último capítulo é essencial. Planejado como narrativa contemporânea feita na primeira pessoa, parece deixar apenas a alternativa de uma aparição pessoal, o que exige uma abordagem estritamente documental: não seria

possível simplesmente inventar as coisas. Isto é uma ficção, não uma mentira.

É claro que isso coloca sobre a própria cidade o peso da tarefa de concluir o romance. Se todos os seus temas, motivos e especulações devem ser resolvidos, serão resolvidos em tijolos e carne verdadeiros. Confiança no processo fictício, no entrelaçamento oculto do texto, e o resultado deve ser firme e absoluto. Este é o lugar mágico, o lugar louco no intervalo de uma faísca entre a palavra e o mundo. Todas as energias sutis passam por aqui, em sua jornada para a forma. Se direcionadas adequadamente, fornecerão as conclusões que a narrativa requer: os terríveis cães pretos virão. Haverá fogueiras, cabeças cortadas e línguas dos anjos. Uma inusitada harmonia entre ocorrência e artimanha se faz necessária, e poderá fazer algumas trilhas descerem de plano. Nada mais resta senão dar um passeio.

Lá fora a chuva cai forte na saída de emergência de Phipp, um amarelo-âmbar imóvel e constante visto através do brilho das lâmpadas de sódio. Toda esta propriedade foi erguida pelo cervejeiro e industrial Pickering Phipps mais ou menos na virada do século, uma esforçada tentativa de alcançar, até o último momento, a salvação espiritual. Pouco provável, pela aparência das coisas.

Ele instalou uma fundição no alto da colina Hunsbury, isolada e com vista para a cidade, perto das ruínas do povoado da Idade do Ferro, em busca de metal para construir a ferrovia. A maior parte do dinheiro pago aos seus trabalhadores seria recuperado por cima do balcão de suas tavernas na noite da mesma sexta-feira em que tinha saído. Northampton tinha muitos bares naquela época. Podia-se começar no alto, pela rua Bridge, e com apenas uma dose de cerveja amarga em cada parada no caminho não se chegava nunca ao Hotel Plough, lá na ponta de baixo, a essa altura distante até o infinito.

Phipps concluiu que seus antros de bebida poderiam ser vistos como responsáveis pela tentação no caminho

reto dos justos e que, só com uma olhada rápida em tudo isso, o Todo-Poderoso iria com certeza condená-lo às chamas. Sua única chance, ele achava, seria bajular o Criador construindo um conjunto com quatro igrejas e nenhum bar. Ao oferecer esse modesto suborno a Deus, considerado o representante da vila de Northampton numa escala maior, o cervejeiro pensou em evitar dessa maneira uma fornalha considerada mais terrível que aquela mandada construir por ele na colina Hunsbury. Embora oficialmente designada "Phippsville", os moradores logo a rebatizaram Saída de Emergência de Phipps. Ele já morava lá há dez anos, em uma ou outra casa.

Parece haver um gosto local em representar os contornos do mundo espiritual por meio da pedra e da argamassa, matéria na forma mais densa e resistente. Phipps constrói um labirinto seco e austero, as plataformas das ruas tornam-se os degraus da sua ascensão ao Paraíso. Simon de Senlis ergue sua igreja circular como um hieróglifo do templário para marcar o martírio e a ressurreição. Thomas Tresham codifica a Santa Trindade exilada em sua insana cabana de três lados. Esses testemunhos de tijolo são parágrafos importantes escritos no próprio mundo, portanto legíveis apenas para Deus. O resto de nós, que não constrói, expressa os arcanos secretos de nossa alma em manuscritos mais perecíveis, mais de acordo com nossa humanidade: encantos da devastadora lábia tagarela de vendedor. A carta de traição. Prosa, ou violência.

Apertando os olhos para ver além da escuridão e da chuva fina, viro da rua Cedar para a Collingwood, o aguaceiro agora é um barulho estável de platina opaca nas placas irregulares do calçamento. Passo pela pequena e irregular fileira de lojas, pela subagência de correio roubada tantas vezes que virou ponto de encontro para fãs de *Crimewatch*, criminosos que assistem a esse canal para saber notícias sobre o negócio e as fofocas. Sigo em frente, passando por bocas de becos que abrem as

gargantas longas e escuras para as entradas dos fundos, por poças onduladas nas fossas e valas de pedras de um século de existência, musgo iridescente nascido entre as brutas pedras cinzas. Estupros aqui, e meninos de escola estrangulados, porém esses corredores infelizes e amedrontadores não têm sequer um papel de figurante no guia de rua local. O nosso mais verdadeiro e claro mapa das ruas existe apenas na memória e na imaginação.

Viro à direita, na avenida Abington, sinto o tapa gelado do vento contrário e da chuva forte. Do outro lado da avenida está a Igreja da Reforma Reunida, um dos quatro pilares sobre os quais repousa o cego ataque de Phipp à salvação. Francis Crick esteve aqui para freqüentar a escola dominical na década de 1920, e ficou tão impressionado com as histórias bíblicas da Criação em sete dias que depois disso descobriu o DNA. O duplo fluxo da hélice espiralada e do intercâmbio humano ao redor da construção recentemente reformada: brigas na hora de fechar e cópulas. Amor, nascimento e assassinato em seu redemoinho normal.

Rua Kettering e os depósitos de lixo em água parada recolhido pelos rios afluentes da cidade, algas num relógio do avô e máscara contra gases. O abandonado Laser-Hunter-Killer Palace com as janelas ensaboadas, onde o futuro fechou mais cedo por falta de entusiasmo local. Mais abaixo, encalhado no meio do tráfego da Praça Abington, à beira do centro da cidade, encontra-se a estátua de Charles Bradlaugh, com o dedo levantado, apontando de modo resoluto para o oeste, na direção dos campos além da expansão urbana, auxiliando aqueles que fazem compras aos domingos e esqueceram como chegar ao shopping.

Charles Bradlaugh foi o primeiro membro trabalhista do parlamento de Northampton e o primeiro ateu autorizado ali, ainda que sob protesto. Na noite em que foi decidida sua admissão na câmara, houve manifestação em Market Square, para onde foram enviados policiais

especializados em controle de motins, prontos a mostrar o braço firme de um governo forte. Já acostumado com a polêmica, ele cumpriu pena com a teósofa e agitadora Annie Besant, a Menina-Fósforo, presa pela distribuição de "publicação obscena", informação contraceptiva considerada imprópria para esposas ou empregadas. Entre os políticos locais ele tem pouca concorrência, tirando talvez Spencer Perceval, primeiro-ministro britânico, único por ser, em primeiro lugar, de Northamptonshire. E, em segundo, por ter sido assassinado. Bradlaugh está de pé sobre o montículo coberto de grama, apontando acusador a rua Abington, na região das compras, no último refugo do século XX.

A rua Abington, fechada para pedestres alguns anos atrás, tem cestas de flores pendendo dos postes de iluminação que parecem forcas, inspirados em Dickens, com uma estética mais horripilante que a do cais do porto, revelando-se aos poucos em suas fachadas. Era como se, quando a Democracia e a Revolução tivessem finalmente chegado a Trumpton, o anterior regime corrupto do prefeito e do Conselho Municipal tivessem sido transportados por via aérea para uma área isolada, com ajuda da CIA, e lá se estabelecido para impor de forma brutal os valores de sua junta da Cidade de Brinquedo nesta, um dia fascinante, via pública.

Há cerca de cinqüenta anos esta era a Bunny Run, centro erótico da cidade, onde jovens e alegres trabalhadoras das fábricas davam gritinhos e passavam cambaleando por um bem-intencionado corredor polonês, formado pela testosterona do bairro. Agora, em 1995, a luxúria animada acabou, transformou-se em ofensas e feridas freqüentes. Essa violência está presente na arquitetura da própria rua, flui inevitável até achar vazão em escala humana. O refinado e majestoso New Theatre foi o primeiro a ser demolido, em 1959. Ecos abafados de George Robey, Gracie Fields e Anna Neagle ficaram presos ao lamentável escombro. Em seguida foi Notre Dame, uma

escola de freiras feita com tijolos vermelhos, por noventa anos receptáculo gótico da saudade de estudantes, e depois, finalmente, a amarelada galeria *art déco* da Sociedade Cooperativa: uma bela relíquia, ligeiramente egípcia, com uma avenida central inclinada, como se tivesse sido projetada para fazer rolar a pedra final, que iria cercar com um muro aqueles escravos apanhados pastando no shopping de utilidades domésticas.

Aqui, sem máscaras, um processo que caracteriza este lugar como tendo tomado corpo nos tempos industriais. Os únicos aspectos constantes nas coleções fotográficas de interesse local são os morros de tijolos. Guindastes em contraste com o céu. Um Saturno faminto que acabou de perder a juventude, a cidade devora a si mesma. Tudo o que tínhamos de grandioso, rasgamos em pedacinhos. Nossos castelos, nossos empórios, nossas bruxas e nossos poetas gloriosos. Destruímos completamente, botamos fogo e mandamos para a porra do hospício. Jesus Cristo.

Na ponta mais baixa da rua, a fantasmagórica e deserta Market Square se ergue à direita, enquanto a magnitude patrícia mais velha de Todos os Santos surge pouco iluminada à esquerda. Uma fila de táxis se abriga sob o flanco da igreja, curvados sob a chuva e reluzindo, como corvos. As fachadas das lojas do outro lado, na travessa Mercer, convidam a mais uma leitura da cidade: apenas os andares térreos foram modernizados. Como se o momento presente formasse uma névoa quente de eventos tumultuosos que acaba a cinco metros do nível da rua, ficando os andares superiores no início de séculos passados. Subindo as escadas do açougue, do Sergeants e do Gueisha Café, vemos que eles ainda estão abertos, com garçonetes fantasmas deslizando entre agitadas mesas vazias, levando sanduíches triangulares e sobrenaturais. Bram Stocker compartilhando um chá para dois com Errol Flynn entre as matinês do Repertory Theatre.

Sigo chapinhando a água da chuva no chão, passando pela frente da igreja de Todos os Santos com seu pórtico

protetor. Uma placa aqui, em memória de John Bailles, um fabricante de botões dos séculos XVI, XVII e XVIII, a melhor tentativa do município de marcar uma imortalidade robusta e sem sentido. Quase seis vintenas de anos mais dez: muito tempo para se passar fazendo botões. Somente o zipper e o velcro conseguiram matá-lo.

A igreja observa, com um vago desdém anglicano, a fenda estreita da rua Gold. Um ressentimento protestante numa expressão de pedra é dirigido a qualquer sombra semítica sobrevivente neste antigo ponto de encontro de agiotas. No século XIII foi daqui que os moradores judeus foram levados e apedrejados até a morte, acusados de sacrificar bebês cristãos durante ritos arcanos e cabalísticos. Este foi um dos primeiros incidentes de violência anti-semita européia a serem reconhecidos como tal. A cidade estava tão ávida e com tanta pressa de iniciar seus massacres quanto relutante em parar de queimar bruxas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, um bombardeiro se espatifou sobre o ponto mais alto da rua, um grande anjo de estanho, com o peito ferido, caído do Juízo Final. Ele foi implacavelmente lançado para baixo por solidários e mágicos raios de tração, emanados da subterrânea loja clandestina de bebidas, debaixo da Padaria de Adão, atrás da igreja. Um espaço maravilhoso e esquecido, projetado para reproduzir a forma e o assento de um avião. Imaginário barulho de motor, acima dos ventos fortes e gelados, o estrato-cúmulo de barro, como se reproduzisse um acontecimento similar, arrastando o bombardeiro num mergulho arrebatado e irremediável. Um ciclista solitário, com o braço quebrado após o impacto, derrubado de seu selim. Fora isso, nenhum ferimento. Estas ruas demonstram mais uma vez sua surpreendente compaixão volúvel. Um a um os moradores da cidade saem em fila de Market Square em chamas, pela Welsh House. O ciclista levanta do meio dos escombros, pasmado e ferido, e olha

emudecido para Jane Russel, fazendo biquinho, pintada nos destroços do avião.

Da rua Gold até a rodovia de pista dupla de Horsemarket, cavalos-vapor correm agora mais do que nunca, onde uma curva à esquerda levaria ao horror de Fritz Lang diante da Cervejaria Carlsberg. Foi na filial de Copenhague desse estabelecimento que o físico Niels Bohr formulou pela primeira vez seu axioma de que todas as nossas observações do universo não passam, em última análise, de observações de nós mesmos e de nossos próprios processos. Uma noção persistente, difícil de ser desconsiderada por ser o produto de uma entre muitas fermentações especiais, e por ser tão verdadeira no que diz respeito à observação de uma cidade quanto à observação do cosmos, ou do obscuro quanta.

Atravesso o Horsemarket até Marefair, com o implacável mausoléu da sede da financeira Barclaycard à minha direita. Inexpressiva, com o olhar encoberto por janelas pretas opacas, ela não revela nada. Northampton, um dia o centro do comércio de botas e sapatos, que engordou com a guerra e viu a caminhada longa e desesperada de John Clare à medida que mais um par era vendido, é hoje a sede da Barclaycard e da Carlsberg, ícones absolutos dos anos Thatcher, que refletem as nossas novas linhas de exportação: o bêbado cervejeiro, o crédito que te afunda. Lá vamos nós, mais uma vez.

Do outro lado da rua ficam as salas do conselho, onde Cromwell teria dormido e sonhado na noite de 1645, antes de seguir para Naseby e assistir ao nascimento, pela fenda ensangüentada, da nossa atual democracia parlamentar, estando a sua forma adulta ainda curvada e traumatizada por este indescritível parto. Depois eles fizeram os prisioneiros monarquistas marcharem para Ecton e os conduziram até um curral, próximo à Hospedaria Globe, para lá passar a noite antes da marcha para Londres, para o julgamento, a prisão ou execução. Muitos dos feridos morreram lá no campo, atrás da hospedaria. Um século

depois, Willian Hogarth, um freguês assíduo, se ofereceu para criar e pintar uma nova placa para a Globe, e mudou o seu nome para Fim do Mundo, com uma representação do planeta ardendo em chamas. As placas dos bares do município fazem parte de um baralho de tarô secreto, e esta é a carta mais sinistra. O tema local do fogo reafirmado em seu aspecto decisivo e apavorante.

Continuando a caminhada, avisto a igreja de Saint Peter, bem iluminada, dourada nos últimos momentos de chuva, um monumento saxônio, reconstruído após a conquista normanda. Uma cerimônia de enterro foi realizada aqui para tio Chick, por mais de um motivo um grande rapaz: negociador do mercado negro da família, mais tarde perdeu a perna, mas não o senso de humor esplendidamente desagradável, nem o astuto olhar de soslaio de um sapo celestial com diamantes na fronte. O vigário o elogiou por ser um homem decente e trabalhador, respeitável em todos os sentidos. O pai e tia Lou olhavam um para o outro, atônitos, durante toda a cerimônia, sem fazer idéia de quem era a pessoa da qual ele falava.

Aqui também, a visão do retardado e a mendiga aleijada ao lado do portão. Os ossos de Ragener, revelados sob uma luz sobrenatural. Os irmãos santos, Ragener e Edmundo, suas remotas sepulturas de novembro e seus milagres independentes.

Quando encontraram a cabeça cortada de Edmundo, ela estava sendo protegida por um feroz cão preto, que não os deixava se aproximarem. As gengivas rosadas e enrugadas, visíveis acima dos dentes amarelados. O santo assassinado, com o olhar manchado por excremento de moscas, a boca cheia de folhas mortas, o cabelo cheio de formigas: esses são os símbolos de uma heráldica local secreta, os naipes enigmáticos que marcam o baralho de Northampton: Chamas, Igrejas, Cabeças e Cães.

Descendo a colina Black Lion, ainda no caminho sugerido pelo dedo de Charles Bradlaugh, até a

encruzilhada e a ponte mais adiante , o antigo coração da comunidade, onde tudo começou. Os Shagfoals, como eram chamados no folclore local, preferiam encruzilhadas ou pontes, locais onde o tecido entre nosso mundo e o lugar escondido abaixo dele está esticado e mais tênue. A cidade, é claro, se cristalizou em volta dessas realizações, e não recebe mais do que merece.

O caminho de Saint Peter faz uma curva para o sul a partir daqui, e para o norte se estende a estrada de Saint Andrew, primeiro endereço e fronteira oeste das Vilas, a parte mais antiga e mais estranha da cidade, surgida onde a trilha neolítica do Caminho Jurássico – que ia de Glalstonbury a Lincoln – atravessava o rio Nene. O castelo de Simon de Senlis esteve aqui um dia, ao lado da ponte, onde Becket foi julgado e condenado. O próprio castelo teve um destino semelhante, pouco tempo depois. Agora a Estação do Castelo fica aqui, com o portão traseiro recolocado, um fragmento solitário remanescente da antiga estrutura, como a orelha de um homem morto guardada como lembrança por seu assassino.

No canto fica o Clube da Estrada de Ferro, última parada desta noite. Desde a morte de minha mãe, há quatro meses, é o local onde me reúno uma vez por semana com meu irmão. Esse encontro antes acontecia na maternal mesa de jantar, aos domingos. Além das portas duplas permitindo a entrada de quem vem da rua, há um único corredor, amplo e de teto baixo, iluminado como uma sala de neurocirurgia. Um palco baixo onde fica, às vezes, o homem que canta as pedras do bingo, com todo o misterioso encanto e a autoridade de sua profissão, diante da audiência silenciosa e de respiração suspensa à espera de cada novo número, como se escutassem as revelações de um sacerdote, ou de um numerólogo.

Exceto pelas crianças, é raro encontrar alguém aqui que tenha menos de cinqüenta anos. O ambiente é nublado, iluminado por súbitas descargas estrondosas de risadas defumadas. Esta atmosfera é estável, calmante e

familiar. Estas pessoas sempre estiveram aqui, perto do castelo desaparecido, perto da ponte. As palavras mudaram, mas não a voz, nem sequer a maior parte de sua queixa.

Meu irmão já está aqui, na mesa de sempre, com o seu filho Jake, de 6 anos, já sossegado, ou apenas sob controle. Pedimos as bebidas e a conversa, macia como sapato velho, se volta para os acontecimentos da semana. Mike, depois de cinco anos, descobriu onde foram parar as cinzas de papai, para onde também irá mamãe. Não é que ele tenha ficado procurando o tempo todo, é claro. Aconteceu simplesmente que ninguém no crematório parecia ter nenhuma idéia de onde ficava o Jardim da Rosa B. Haviam declarado há não muito tempo, embora estivessem equivocados, que o tal Jardim da Rosa B não existia. Isso havia criado uma breve comoção para esclarecimento de suspeitas perturbadoras: Soylent Green é gente[{4}]. Felizmente o assunto foi resolvido e a placa paterna descoberta, de modo bastante casual, entre as alamedas de rosas, grupos de homens e mulheres transformados de forma extraordinária em pétalas, perfume e espinhos.

Depois de contar essa história, meu irmão dá um gole, limpando a espuma antípoda do lábio superior, antes de voltar a falar.

– E então, o que tem feito?

– Só trabalhado no livro.

– É o livro sobre Northampton?

Confirmação com a cabeça, seguida de uma descrição superficial do trabalho, antes que imperativos profissionais se manifestem e o inevitável garimpo à procura de material comece, busca em qualquer conversa de uma palavra, um fato ou expressão para serem roubados. Mike é submetido a uma cansativa ladainha de sucateiro: quantos anos, agora, tem o Clube da Estrada de Ferro? Quem o construiu? Alguma particularidade histórica? Algum assassinato antigo, velhas celebridades, antigas

prisões? De olho em seu filho mais velho, do outro lado do clube, ocupado em organizar as outras crianças em núcleos de patrulhas Power Ranger, ele reflete.

– Uma vez tio Chick tirou um engradado de cerveja do depósito pela entrada da rua Andrew. Arrastou-o pelo caminho de Saint Peter até a casa de Nan, lá na rua Green. Era noite de Natal. Neve pra todo lado. Se ele não estivesse tão furioso, teria pensado melhor. Os tiras só tiveram de seguir a trilha até a porta da casa. Essa foi a única vez em que a lei pegou Chick na rua Green. Ele ficou mais cuidadoso depois disso.

A referência à rua Green puxa um fio de associação. Casa da avó paterna, Nan, casa que cheirava a umidade, velhice humana e maçãs murchas. O lado de mamãe também começou lá, antes de o conselho transferi-los para a rua Andrew. A ladeira verde, atrás da igreja de Saint Peter, descia na direção do terraço murado lá no fundo, uma barreira contra a indústria e o asfalto que avançavam os limites. As casas já se foram todas. Não há nada entre o trecho de grama minguado e vazio e as quadras de escritórios intrusas que, silenciosa e educadamente, se arrastam cada vez para mais perto, abutres, em sua especialidade.

Trinta anos atrás, Jeremy Seabrook publicou seu importante estudo sobre a pobreza na Grã-Bretanha, intitulado *The Underprivileged*, pesquisando, sabiamente, a articulação entre o que a rua Green tinha sido e o que significava agora: aquele agregado de vidas, incidentes e carência. A rua Green tornou-se o símbolo de uma classe privada de seus direitos, de um apelo fervoroso no sentido de que ambas, rua e pessoas, deveriam ser restauradas. A resposta, demolição nos dois casos.

Nem seria possível pensar em formular tal apelo hoje, com os símbolos e arquétipos há muito desgastados, transformados em clichês e paródias de si mesmos. Como poderemos falar, de forma franca e direta, na prostituta local que se vendeu para que Nan pudesse comprar um

pote de marmelada para as crianças? A bosta do sentimentalismo de Northampton, todo cheio de tortas com coraçõezinhos e “éramos tão pobres que o raquitismo era um luxo”. E ainda de uma menina, cujo nome foi esquecido, e que aceitava ter relações com um estranho para ajudar os filhos de sua vizinha. Como pode ser possível que não tenhamos mais uma linguagem que contenha tais coisas?

De volta ao Clube da Estrada de Ferro, a conversa pára num padrão organizado, girando em torno da massa jupiteriana do tio Chick, uma gravidade que a falta de substância corporal não diminuiu. Mike lembra a primeira vez que bebemos com Chick, depois que ele tinha perdido a perna. Após terem ficado com papai e tio Gord lá no Silver Cornet, pararam, na volta, para pegar o jornal de domingo. Mike ficou no carro com Chick, desconfortável, perguntando-se como falar na perda da perna do tio, o coto repousando ao lado da alavanca de câmbio.

Enquanto esperavam em silêncio, perceberam uma figura solitária que se aproximava com uma lentidão dolorosa, vindo da outra extremidade da rua, tomando a forma, ao se aproximar, de um homem pobre e abatido, angustiado tanto pelo pé torto como por uma corcova saliente. Chick viu o homem passar mancando, com os olhos apertados na massa folhada quase crua de suas órbitas, rompendo por fim o silêncio para se dirigir ao meu irmão:

– Vai lá, Mick. Pergunta pr’aquele mané ali se ele quer brigar.

Risos. Mais uma rodada. No final a conversa dá uma volta completa e volta ao ponto de partida.

– Então, sobre o que é o livro?

É sobre a mensagem vital que os lábios rijos de homens decapitados ainda exprimem. O testemunho de cães pretos e espectrais escritos com xixi em nossos pesadelos. É sobre ressuscitar os mortos para que nos contem o que sabem. É uma ponte, uma passagem, um

ponto gasto na cortina entre o nosso mundo e o submundo, entre a argamassa e o mito, o fato e a ficção. Uma gaze puída mais fina que uma página. É sobre a capacidade sobrenatural das bruxas de falar línguas desconhecidas e a sua revisão mágica dos textos nos quais vivemos. Nada disso é exprimível em palavras.

Em vez disso, evasiva deliberada e olhar de lagartixa:

– Bem, é difícil falar disso antes de ter terminado.

Dou um gole. Jake fica sério e imóvel enquanto recebe ajuda para vestir seu casaco de inverno, a vestimenta de uma miniatura de cardeal. Do lado de fora, andando até a frente da estação para tomar um táxi, ele pára ao lado do antigo portão traseiro, transferido para ali, e insiste que o cartaz pendurado seja lido em voz alta. Diz seu pai que o garoto demonstra sinais prematuros, em grau preocupante, de uma obsessão familiar com localizações e seus antecedentes. Cidade como vírus hereditário. Ruas canceladas e pátios antigos se tornaram parte do sangue.

Uma corrida de táxi pela estrada de Saint Andrew até a casa da namorada. As Vilas se erguem daqui até Mayorhold, um terreno cercado e triangular, onde os habitantes costumavam realizar uma falsa eleição anual e nomeavam algum bêbado da região ou de Tom-of-Bedlam prefeito das cercanias, um gesto anual de desprezo por um processo cívico que os excluía. Mayorhold é agora um cruzamento do trânsito feio e desolado, o cargo de prefeito está vago há alguns anos, a corrente de estanho do seu escritório há muito perdida, esquecida. Basta encontrá-la, e uma cidade mais velha e mais verdadeira, brilhando de significados, surgiria dessas brasas, desses desfiles mancos.

Deixando em Semilong, uma espécie de índice das Vilas, preparado depois. Despedidas apressadas de Mike e de Jake, para que o táxi os leve até King’s Heath. A colina da rua Baker segue na direção do rumor intermitente da rua Andrew, do campo de Paddy e do Nene, os quintais de depósitos agrupados mais adiante. O prado recebeu esse

nome de Paddy Moore, ex-salva-vidas do exército irlandês na área de banho do lento rio-fauno. Crianças, cobras d’água e às vezes lontras que desciam o rio, ele cuidava delas todas. Dava aulas de natação para multidões de meninos pelados, sem dúvida incentivados por aquela varinha que ficava debaixo do seu braço e por suas eventuais demonstrações de violência corporal no último a sair da água. Quando proibiram os banhos e o mandaram varrer as ruas, isso lhe partiu o coração, acabando por matá-lo. Esses cercados são um coral que pacientemente cresceu depois daqueles dias e vidas.

Além da estrada, no ponto mais baixo da rua, está o local em que um conhecido distante sangrou até morrer no ano passado, diante da porta de alguém, depois de receber uma facada. Fred Ígneo, que conhecia melhor a vítima, estava aqui embaixo conversando com a namorada e foi capturado pelo Esquadrão Assassino, todos dublês ansiosos pela próxima produção de Lynda LaPlante. Perguntei-lhe se ele foi “A Conexão Amsterdam”. Fala incompreeesível para ele: apenas estava em algum lugar perto do local do crime no dia em que aconteceu. More aqui pelo tempo suficiente e uma atrocidade acabará com você na próxima esquina.

Aqui, no ponto mais central do país, o umbigo da nação, reúne-se todo o sangue ruim, com erupções bastante freqüentes e mais crimes violentos *per capita* do que em cidades com fama muito maior. Essas malditas manchas de atividade solar parecem motivadas apenas pelas oscilações no campo magnético da cidade: um turista sexual recém-chegado de Milton Keynes teve a garganta cortada por um par de garotos de programa. Eles deram voltas de carro com ele por horas, a pretexto de procurar um hospital, enquanto sua identidade vazava no banco de trás. O motivo, roubo, de acordo com os juízes: um isqueiro Ronson, 3 libras e 40 pênis. Uma criança encontrada mutilada, queimada e parcialmente comida numa garagem, há cinqüenta anos. Um menino retardado

que ficava preso num galpão de fundos, tratado como um cachorro por sua perturbada mãe, até o dia em que ele a matou com uma faca de cortar pão.

Escuridão escondida por trás de cortinas de rede. Loucura. Injustiça. Até mesmo no mais casual exame da tela de Northampton, essas nuanças predominam. Espanto, melancolia e um humor mordaz estão presentes, de forma inquestionável, mas é o sangue o que prende a atenção. Por que aqui? Por que tanto? Existe algum episódio primordial perdido no passado pré-histórico da cidade, um modelo a ser seguido por todos esses acontecimentos? “Meca Assassina do Interior da Inglaterra”, como Dave J. a denomina, Madrinha de Bárbaros morando ao lado do portão norte da cidade, entre as cabeças dos traidores e as cinzas das mulheres queimadas.

Enquanto isso, de volta à rua Baker, a namorada está em casa. Melinda Gebbie, cartunista do movimento underground vinda de Sausalito, Califórnia, ex-adepta da submissão sexual, recentemente transformada em boxeadora peso *quark*. Como tantas outras, sugada por este buraco negro urbano, completamente invisível para a televisão, tornando-se visível apenas como ausência, pelo modo como a luz da mídia a contorna, passando pela devastação exterior de seu perímetro. Ela se aproximou demais deste horizonte de acontecimentos, para onde convergem as linhas do ônibus A 45, e foi absorvida. Embora a sua percepção do mundo continue frenética, para observadores situados numa hipotética localização fora da cidade, ela pareceria estar imóvel, congelada para todo o sempre à beira desta singularidade voraz. Nada que sai daqui escapa de ser puxado de volta para dentro. A mínima velocidade de escape necessária para a fuga é quase impossível, uma contravenção das leis especiais de relatividade às quais este lugar está sujeito.

É uma gravidade à qual os norte-americanos parecem estar mais do que simplesmente acostumados, talvez

respondendo ao puxão atávico desta daqui, seu barro de origem. As famílias Washington e Franklin eram emigrantes de Sulgrave e do fim do mundo de Ecton, possivelmente fugindo dos resultados da Guerra Civil. A vila de Sulgrave com timbre de barra e moleta, listra e estrela, foi homenageada na bandeira das colônias novo-ricas. Este parentesco provoca a ilusão sinistra de enormes arranha-céus envidraçados erguendo-se acima das aldeias adormecidas, táxis amarelos colidindo para conseguir um lugar nas alamedas pavimentadas com pedras. Esta paisagem é a placenta perdida dos Estados Unidos, rejeitada, mas ainda escura e ensebada de nutrientes. Atraída pelo rastro ancestral, os esbanjadores da cidade são chamados de volta, saltando contra a corrente dos vagalhões do Atlântico até seu solo de desova.

Após alguns momentos tremendo diante da porta de entrada de Semilong, a batida na porta é atendida. Convidado a entrar, num microcosmo de colorido fauvista, primitivista: materiais de arte, uma proliferação insana de lembranças exóticas, enfeites e uma variedade espectrométrica de lápis de cor que desafiam a imaginação, alguns visíveis apenas para cães ou abelhas. No andar superior, um painel pornográfico transexual de Homens em Ação e caprichosas Barbies, cirurgicamente aumentadas pelo uso criativo de Fymo. Meu irmão Mike veio aqui uma vez, para regar as plantas, e ficou muito surpreendido com a estátua em tamanho natural, cortada em papelão, da senhora Doubtfire, com um cachorro aparentemente empalhado no quarto da frente. Nunca mais voltou.

Sento, um Gúliver alucinante entre robôs, trols e mutantes liliputianos. Sinto-me logo relaxado, em casa. Bebo chá e encho a sala dela de fumaça. Digo coisas horríveis e assustadoras para o gato quando ela não está no cômodo. Esqueço o livro por um momento, mas não mais do que isso.

Ela me conta que tem tido sonhos com cachorros: um filhote de Shagfoal careca e cego é levado para a sua cama num dos sonhos. Em outro, o enorme crânio de um cão espectral é desenterrado, identificado por enormes cavidades abertas. Na mente eles dão suas caminhadas e não precisam de nenhum grande território para demarcar com seu cheiro. Ainda que sujeita a ouvir relatos intermináveis e tediosos sobre cada trabalho em andamento, isso é tudo o que Melinda sonha, os cães pretos enormes que apenas latem no sonhos e se manifestam à margem desta ficção, presságios ainda a serem resolvidos.

Fico por uma hora ou duas e depois tomo um táxi de volta para casa. Subo as escadas para o quarto do sótão, verde oceano com nervuras de farrapos de ouro. Existe um altar na reentrância de tijolo esmaltado da chaminé, cheio de estatuetas de sapos e deidades estrangeiras, uma imagem da bela deusa romana das cobras, a preferida do momento. O odor de mirra. Uma luz esverdeada atinge as lombadas comprimidas dos livros sobre xamanismo e cabala, Spare e Crowley, doutor Dee e o Anfitrião de Enoque, chaves para o mundo crucial do fantástico. Há cinco anos, esta narrativa começou com contos sobre bruxos de chifres da região, sem nenhum prenúncio sobre o envolvimento pessoal naquela tarefa ainda por vir. O texto, previsivelmente, se dissolve com os acontecimentos. O menino do neolítico, a mãe morta recentemente. O crematório e seus confusos jardins de rosas, tudo a um quilômetro dos campos de cremação da Era do Bronze. Acordar com um dente solto, caído e parado na língua.

Ainda que desanimadora às vezes, sempre foi esta a intenção, apagar a linha que separa o incontrovertível do inventado. A História, revisada e reinterpretada de modo incessante, é vista diante deste tipo de exame simplesmente como um outro tipo de ficção. Torna-se perigosa se for vista como possuidora de qualquer outra verdade além desta. Mas é uma ficção que devemos

habitar. Não existindo nenhum território que não seja subjetivo, podemos viver apenas sobre o mapa. A única questão que permanece é: qual mapa escolhemos, se vivemos nos teimosos textos do mundo ou os substituímos por uma nossa linguagem mais forte.

A tarefa não é impensável. Existem aqueles pontos fracos nos limites entre o fato e a invenção, onde o véu entre o que é e o que não é se rasga facilmente. Vá até a encruzilhada, trace as primeiras linhas necessárias. Faça invocações e repita nomes bárbaros, Gorgo e Mormo. Chame os cães, os animais sobrenaturais e acenda fogueiras imaginárias. Atravesse as paredes até a paisagem das palavras, torne-se mais um personagem em primeira pessoa dentro da procissão bizarra da narrativa. Faça do real uma ficção e da ficção, o real, o retrato que luta para devorar a pessoa que serviu de modelo para o pintor.

É obvio que este não é um procedimento sem riscos, esta tentativa de casamento entre a linguagem e a vida, estas besteiras sobre fetiche e pragas. Há sempre o risco de uma mudança repentina no final, com uma passagem para o Hospital Psiquiátrico de Saint Andrew, um declínio doloroso e lento na companhia da sombra abandonada de John Clare.

A associação com Clare toca um ponto nevrálgico. Existe um bar na cidade, um antigo centro para os artistas da área, seus boêmios, os quimicamente desnorteados, recentemente remodelado e reformado, a que deram o nome de Peruca & Pena na esperança de atrair grupos de magistrados e clientes de passagem, esperança que de alguma forma nunca chegou a se concretizar. O dono do bar encomendou para o teto uma decoração do tipo da Capela Sistina, com figuras locais selecionadas colocadas entre os advogados e juízes. O resultado retrata o presente autor num canto do alto, envolvido numa conversa com John Clare. Que conselho ele está dando? Talvez “não

pegue muito pesado na questão da classe operária”? Mais provável “procure outro trabalho”.

A cama é confortável e o quarto do sótão, sereno; outra conversa com Fred Ígneo. O grande John Weston fez o acabamento nas paredes, dominado pela arrogância a ponto de assinar sua criação com uma talhadeira, na parte mais baixa, à direita, acima do rodapé. Weston, um ex-viciado em heroína e, mais recentemente, um ex-bípede, é uma perigosa anomalia colocada neste planeta apenas para foder o registro fóssil: um consertador epiléptico de telhados, antigo ladrão de clarabóia. Disseram-lhe que isso iria acabar em lágrimas. Ele quebrou as duas pernas quando atravessou o telhado de um armazém. Depois soube que a porta, lá em baixo, esteve todo o tempo destrancada. Na ocasião em que mergulhou de cabeça do telhado do terceiro andar, durante um ataque, teve sorte, seu crânio estava lá para amortecer a queda.

Pior foi a perna, na primeira vez. Veias somem, encolhendo-se diante da agulha, e a circulação falha. O membro inchado, numa inflável e dolorosa comédia, retirou substância do corpo, até que Weston se transformou num esqueleto de anjo gigante lutando para sair de uma sacola de papel marrom. As visitas ao hospital eram angustiantes. Sua tolerância para opiáceos tornava impossível encontrar uma dosagem forte o suficiente para atingir a dor sem acabar com sua vida. De alguma forma ele sobreviveu, com recuperação total dos membros, e ficou curado. Ficou limpo por um ou dois meses, depois se ofereceu para guardar um armário farmacêutico pertencente a um amigo. Sua esposa, Rene, percebeu que ele tinha voltado ao vício quando o viu dormir em cima da mesa de jantar, com o rosto para baixo e as bolhas subindo pelo ensopado. Disse que vinha se sentindo um pouco cansado.

Quando sua circulação falhou novamente no início deste ano, não conseguiram salvar a perna. Ele está passando por um novo tratamento de desintoxicação e

reabilitação, chutando enquanto ainda existe alguma coisa com que chutar, e os sinais parecem promissores. Ele espera um dia poder surfar na internet. Com um pé só.

A curiosa proliferação de pernas feridas ou completamente perdidas no presente texto surgiu de forma espontânea, muito semelhante à preocupação com novembro, das próprias histórias. A freira aleijada, Alfgiva, e o cruzado manco, Simon. O pé machucado de Clare no caminho de Essex e a perna totalmente queimada do lado de fora do carro de Alf Rouse. Depois de algum tempo, nota-se a vasta gama de símbolos e murais nesta cidade de botas e sapatos que representam uma perna ou pé separados do corpo. Podemos interpretar esses membros perdidos ou feridos como hieróglifos que avisam sobre algo no pergaminho do local. Marcas de passos decodificadas que mostram as dificuldades e perigos da trilha.

As cabeças cortadas são mais difíceis de esclarecer. Um tema mais insistente e mais completo, reiterado com uma freqüência maior. A cabeça cunhada de Diocleciano, ou aquela mais substancial, de Mary Tudor. Francis Tresham, Capitão Pouch e a misteriosa cabeça reverenciada pelos Cavalheiros Templários. Ragener e Edmundo com um cérbero preto rosnando e carregando-o pela orelha para o mundo subterrâneo. As cabeças são os ovos macios e perplexos de cujas cascas sai o crânio com sua primeira penugem. São os emblemas sangrentos de uma informação decisiva e crônica, que cobra um preço. Quando Odin pediu a sabedoria da cabeça de Mimir, pagou com um olho: este conhecimento carrega consigo uma restrição da percepção, ou pelo menos um estreitamento. A visão de profundidade é perdida.

O tempo passa, continuidade apreensiva interrompida na vida e no manuscrito. A filha mais velha e mais baixa vem para o Natal, no trem de Liverpool, num estado de intoxicação mista quando chega à Estação do Castelo. Traz anéis de lata na sobrancelha, orelhas, nariz e lábio inferior,

como se sua grande cabeça raspada fosse cheia de bolsos ocultos. Leah, todos acharam um nome lindo. Significa “vaca” em hebreu. Em um ou dois dias sua irmã mais nova e mais alta, Amber, virá, uma bárbara de 14 anos, um metro e meio, cujas maiores influências são Mortícia Adams e o World Trade Center. Abandonou a escola há seis meses e tratou com desprezo diversos representantes da educação e da assistência social, até eles se curvarem diante de sua vontade terrível e a deixarem ir para as aulas noturnas. Um privilégio, a companhia de mulheres deslumbrantes e aterradoras.

Absorto no transe espiritual deste último capítulo e em busca de um desenlace, uma saída, uma saída de emergência, parece que uma expedição final é inevitável e necessária. Fred Ígneo se comprometeu a atuar como chofer, Leah como rebocadora. Partem no final da tarde para a colina Hunsbury com o solo coberto de neve, no mais recente ataque de otimismo de Fred. Formado numa escola de mecânica, todos os seus carros anteriores foram desmontados pessoalmente por ele, como manda o figurino. Tatuado e de brinco, com olhos como botões de Broadmoor abaixo das sobrancelhas ruivas de demônio, ele é um pesadelo inventado pela classe média para assustar as suas crianças. Ri como Pig Bodine, saído de *Gravity’s Rainbow*. Hiah-hiah-hiah. Ele tem a coragem e as penalidades de suas convicções, ambas impressionantes.

Fred estava mexendo na porta na noite em que Ian Sinclair e seu fascinante autômato Brian Catling liam na igreja circular do Santo Sepulcro. Procurando encrenca, realmente, a conjunção deliberada de duas presenças carregadas e xamânicas neste local ainda intacto. Enquanto Catling lia *O Obstáculo*, veio a interrupção, o estouro de uma cabeça cheia de remédios, às vezes assassina, bem conhecida na região. Desordeiro da poesia. Rapidamente expulso, foi levado por Fred a um bar próximo. Fred lhe ofereceu um drinque, para que ele se acalmasse. Em seguida, a explosão. Vidro quebrado. Um

bote por cima da mesa, a boca espumando direto na jugular de Fred. Dois dentes quebrados, sangue para todo lado. Atirado para fora do bar, para a rua, atrás de seu agressor, Fred se viu diante do tremor da boca de um revólver, esperando não morrer ali, entre a Troca de Trabalho e o Imposto de Consumo, vítima daquela especialidade local, a bala perdida. De alguma forma, conseguiu se libertar. Dormiu no andar de baixo, com uma espada, naquela noite, envolvido de forma inconsciente pela aura das cruzadas, vinda da igreja e do acontecimento.

Esses repentinos surtos de violência, movimentos da maré na mente subterrânea de Northampton, que explode em sangue diante da menor provocação, forças ocultas que existem abaixo da superfície, sob a superfície pavimentada do pensamento desperto e da racionalidade. A cidade é como uma mente expressa em concreto, cujo subconsciente está enterrado fundo, onde os temores e os sonhos se acumulam. Este submundo existe de verdade, embora esteja oculto: teias de túneis entrecruzam-se sob a terra do povoado, abrigo dos ventos desde seus primeiros dias. Acredita-se que as principais igrejas estão ligadas desta forma, chegam a falar numa passagem sob o rio, até a abadia em Delapré.

Apesar de estar inscrito na memória viva, com suas entradas sem tijolos nos porões da infância, esse transparente domínio subterrâneo é hoje considerado lenda, o conselho municipal faz declarações negando a existência de tais catacumbas. Outra vez, o espaço entre o fato e o folclore: uma camada oculta e vital da psique da cidade é anulada, rejeitada.

A ânsia das autoridades em reescrever estas entrelinhas secretas da história da cidade é suspeita e tem um propósito indevido: sabe-se da existência da cripta embaixo da igreja circular do Santo Sepulcro, construída por De Senlis, que representa o túmulo de Jesus em Getsêmani, apesar de não haver entradas e não ter sido

vista desde a fundação, séculos atrás. Quando operários na rua Church abriram caminho através da parede de suas valas para o espaço arejado do outro lado, não se duvidava que eles haviam encontrado a cripta esquecida. O pároco, animado e exaltado com esta perspectiva, correu para a rua Church na manhã seguinte e descobriu que um grupo de trabalhadores, chamado pelo conselho durante a noite, havia tapado a entrada com concreto.

A cidade subterrânea não tem fronteiras. O espaço sagrado foi ocupado pelas necessidades da Defesa Civil: são os abrigos subterrâneos dos burocratas, para que fiquem livres dos perigos nucleares, e os vestiários onde irão estudar o papel do apocalipse para poder desativá-lo. Não poderemos mais retirar as pedras de pavimentação para descobrir o cadáver de santos assassinados, ossos de cujo tutano irradia uma luz espantosa. A certeza fria substitui a especulação visionária. Assim deslocada, a alma secreta da paisagem vai para outro lugar, para uma posição de retirada que possa ser defendida com sucesso. O mistério recua atrás de suas amuradas mais antigas, busca o solo mais elevado.

Nas terras da colina Briar, logo abaixo da colina Hunsbury, vestígios neolíticos foram descobertos, datados de antes do fim das Eras do Bronze e do Ferro, encontrados nas partes mais altas. O veículo vagamente suspeito de Fred se arrasta pelas estradas estreitas e sinuosas entre as quadras de residências, evitando áreas em que os adesivos amarelos de Vigília do Bairro são mais freqüentes. Ele estaciona num beco silencioso.

A pé pelo terreno, subindo em direção ao acampamento com relíquias da Idade do Ferro, com Leah caminhando à frente pela neve, defrontam-se com uma cantoria agitada, música melancólica. Ela fala sobre um sonho que teve a algumas semanas, no qual encontrou sua cama ocupada por uma cadela preta colossal, suas formas de cavalo caindo pelos lados de uma cama pequena demais para ela, ofegando e se contorcendo com as dores do

parto, mas debilitada demais para parir. Ela teve de colocar a mão lá dentro e retirar os filhotes de Shagfoal, então o sonho se transformou e ela estava num hospital, tendo ela mesma acabado de dar à luz esses horrores cegos. Estava, no entanto, cheia de orgulho materno e amor irresistível por seus repulsivos filhos. Ela os mostrava às visitas, que olhavam aflitas e em silêncio para dentro do berço. Morte súbita. Seus cachorrinhos pretos recém-nascidos estavam duros e gelados. Ela acordou atormentada pelas lágrimas impotentes da perda.

Os cães pretos farejavam nos cantos do livro, passando o focinho pelos pesadelos das pessoas mais próximas do autor. Era como se o texto atraísse os cães fantasmas para mais perto dos limites da realidade. Hoje em dia os Shagfoals raramente são vistos fora dos sonhos. Uma única visão nos anos 1970: um motorista do ônibus A 45 encontrou um cão de sombra enorme, do tamanho de um pônei, correndo paralelo ao seu veículo, em alta velocidade, pelos campos ao lado da estrada. Desde então, nem de longe. Meio real talvez, ou concreto apenas de forma intermitente, uma criatura saída do bestiário de Borges que percorre as movediças terras devastadas no auge de sua forma, com o fogo perpétuo em seus olhos ofuscantes.

As casas da colina Briar, ao anoitecer, formam um labirinto, ficando estranhas, irreconhecíveis, devido à cobertura de neve. Finalmente o enorme círculo branco do acampamento explorado aparece, cercado por cinzas de árvores amontoadas e inertes, reveladas pela luz enfraquecida. Um silêncio sinistro. Nada acontece nas casas aglomeradas além da fileira de árvores. Talvez todos tenham saído.

Por que os habitantes da Idade do Ferro abandonaram este lugar com tanta pressa, deixando todos os seus moinhos de mão, novos em folha, para trás? Não foi incêndio. Nem peste, nem enchente. Nem o ataque de feras selvagens, nem dos romanos. Um povoado de

sessenta ou mais pessoas lançado para fora da história e para dentro do mito, mais vítimas da calma fragilidade dos territórios fronteiriços que separam os dois Estados.

Sob a luz do crepúsculo, homens riem. Alguma coisa escorrega da beira da vala erguida e senta na neve, no acampamento vazio.

Espremo os olhos como fazem os míopes, depois viro para o Fred.

– O que é aquilo?

Ele franze a testa, tentando focalizar na luz fraca.

– Um cachorro.

– De que cor?

Mais exames da forma ainda sentada e imóvel, que não late nem rosna.

Dois homens saem de trás das árvores, descem a ladeira correndo até onde a forma imóvel está esperando. Um deles pega o animal e o atira por cima do ombro, carregando-o como se fosse um saco. Os dois então saem correndo, dando risadas, através do local congelado, tragados pelas sombras do outro lado e saindo do campo da visão. Aquilo *era* um cachorro? Se não era, como desceu a colina correndo e percorreu dez metros no campo? Às vezes, a coisa muda e vem como outra coisa. Aqui, neste crepúsculo, nenhum território humano separa a noite do dia, abre-se o abismo entre o que aconteceu e o que nunca existiu. As certezas da história desabam, engolidas inteiras. Só o caso, só o conto permanece.

Finalmente deixamos, confusos, o local. Passamos pelas árvores e temos uma visão clássica da cidade inativa, vista do local onde as primeiras gravuras do lugar foram feitas, embora com o tema muito modificado entre os dois momentos. Antes, torres de igrejas reinavam sobre um pequeno amontoado de prédios baixos. Agora, um campo de estrelas de cores perniciosas, uma constelação sem sorte, com um tempo inclemente ao fundo.

A leste está o brilho dos novos bairros, que duplicaram o tamanho e a população de Northampton em

quinze anos. Blackthorn e Maidencastle, cujos nomes foram nostalgicamente tirados de algum aspecto natural destruído para que eles fossem construídos. Bellinge. Rectory Farm e Ecton Brook. Uma antiga coligação do leste, agora fervendo de maldade: crack, armas e carros em chamas.

Em direção ao oeste, o invejado calor do epicentro de Northampton, ponto de partida de onde saíram os grandes e lentos anéis de tijolo e pilão. Tudo é visível daqui. Levante e coloque as mãos nos lados do rosto, e você consegue segurar a cidade, com suas luzes enfiadas numa cama de gato entre os dedos esticados. Bares e casas. Cinemas malcuidados, adaptados e transformados. O tráfego não pára, uma toxina constante, pelas artérias sobrecarregadas. O coração frio e brilhante falha, coágulos de néon acumulados nas válvulas, mas prossegue, a coronária desviada por um momento, apenas um adiamento.

Dirijo para casa. Sento para escrever aqui na Saída de Emergência de Phipp. Faz cinco anos que o livro foi iniciado, quando a sonda Galileo partiu para Júpiter. As primeiras imagens transmitidas estão chegando apenas agora às nossas telas: fenômeno de gás nunca visto até hoje, escravo da gravidade monstruosa. Cicatrizes ilusórias de cometas. A paisagem aguardada há muito por fim é revelada.

Alguns capítulos, a idéia de um xamã com a cidade tatuada na pele, suas fronteiras e rios serpenteados tornam-se uma parte dele para que ele possa por sua vez se transformar na cidade. Uma associação mágica com o objeto preso às linhas que o representam: linhas de tinta ou linhas de texto, não faz nenhuma diferença. O impulso é idêntico, prender o local em palavras ou símbolos. Cachorro, fogo e fim do mundo. Homens e mulheres aleijados ou sem cabeça, monumento e morro. Este é o nosso léxico, um alfabeto sensacional para moldar o encantamento, conjurar o mundo perdido e a ralé invisível.

Restaurar o esqueleto fraturado da lenda, necromancia desesperada erguendo os prédios apodrecidos para que desfilem e falem, cheios das vozes dos mortos ressuscitados. Nossos mitos estão pálidos e doentes. Este é um pires, cheio de sangue, reservado para alimentá-los.

O tempo de sonho de cada cidade é uma essência que precede a forma. A teia de piada, lembrança e história é uma base imprescindível onde se assenta o plano sólido e material. Uma cidade de pura idéia, erguida apenas para os olhos da mente da população, no entanto esta é a nossa única fundação verdadeira. Deixe a visão apagar, morrer de fome ou cair em decadência, e os verdadeiros tijolos e estacas desmoronarão logo em seguida. Esta é a lição duradoura destes quinze anos. O legado da Virgem de Ferro. Apenas recupere o verso da canção, e a estrutura do mundo se restabelecerá ao seu redor.

Despreocupado, o local vira a gola para cima na primeira brisa do próximo milênio, tenta não dar importância às suas ansiedades. A população cresce, derrama sobre caixas de papelão e degraus de entrada marcados com urina. As câmeras de vigilância em cada esquina são um registro duro e objetivo da situação da cidade, aceitável como prova. Se formos rejeitar esta continuidade brutal e redutora, uma ficção mais impetuosa e atrativa se fará necessária, retirada dos mortos que conheceram este lugar e deixaram aqui suas impressões digitais sobre estas pedras.

John Merrick, sentado perto do lago, pintando, em Fawsley, enorme cabeça de feto de anjo em silhueta, contrastando com as águas prateadas e brilhantes. Hawksmoor em Eastern Neston, linhas de tinta inclinadas e espremidas através de seu teodolito. Associa tudo à torre da igreja de Greens Norton, embora ninguém saiba ao certo por quê. Charles Wright, o Menino de Bell Barn, levando todos às lágrimas com a declamação no Mutual Improvement Hall. Os ladrões, as prostitutas e as vítimas na vala. Bruxo, vereador e madame, magistrado e santo.

Saímos das fábricas de chinelo demolidas e dos passeios para nos reunirmos nas ruas de Faxton, das vilas que simplesmente desapareceram. Ficamos parados e damos o nosso preço na hora certa, e ao nosso redor lances de pagamento e trocados se espalham sem serem contados. Nossas palavras põem fogo em nossos lábios, mas, assim que são pronunciadas, viram cinza.

É a última noite de novembro, junto com o mês fica atrás de nós, agora, uma fria extensão de fumaça, cordite e símbolos celestiais. Chegou a hora de terminar e selar este trabalho. Completar uma trilha de história com imersão absoluta do contador, um compromisso e um sacrifício. É chegado o momento do ritual de conclusão, anunciando-se numa mudança de luz e de atmosfera, uma sensação de possibilidade sem forma. Nas manchas rajadas de nebulosidade marítima do sótão, um anel de sebo cerimonial é colocado para brilhar e liquefazer-se. Nesta gagueira de brilho e sombra, as extremidades fixas de localização se tornam ambíguas, o mundo fica mais solto. A informação nesta luz bruxuleante é a mesma de qualquer século anterior.

O ritual é bastante simples, pretende ser apenas um ponto de foco, uma plataforma conceitual onde se pode firmar os pés no meio do turbilhão e das alterações deste terreno ilusório: serpentes imaginárias são colocadas nas pontas da bússola como proteção contra as armadilhas mentais simbolizadas pelos pontos cardeais. Enquanto isso, ao mesmo tempo, sente-se uma atração rumo a virtudes igualmente simbólicas. A idéia é a única moeda neste domínio, e todas as idéias são idéias reais. Uma linguagem densa é criada e usada para fixar essas imagens, como bóias de marcação dentro da mente. Este encantamento e o romance progridem na direção do silêncio fértil e suspenso de seu clímax. É assim que fazemos as coisas aqui, sempre foi assim.

Vinho e flor-da-paixão e outras substâncias da terra. Formas pintadas com dedos contorcidos no espaço vazio.

Maluco, é claro, mas a loucura é a essência. Exprime o desejo em termos lúcidos e transparentes. Escreva isso para que não seja esquecido quando o espasmo bater. No fundo do estômago agora, a aproximação formigante de êxtases terríveis. Um nome e um chamado, e depois o silêncio. Falha. Nada acontece, e depois mais um afluxo. Súbita perda de calor e convulsão. Abalada, a pálida e apressada travessia de uma escada de sótão se transforma na escalada de uma escadaria Escher, dando tempo para acender apenas a lâmpada fluorescente ultravioleta do banheiro, antes que o veneno suba para se derramar na louça bocejante.

Tremendo e alucinando, vendo agora um brilho opalino invadir até os filamentos rastejantes da bile marrom. Cobras pálidas de luz nadam pelo cabelo emaranhado. Barba adornada com vômito, olhos pestanejantes revirados. Uma necessidade de cuspir, de beber e lavar os ácidos azedos da garganta castigada.

No andar de baixo, há um pouco da atmosfera, uma presença que se adensa à medida que os parágrafos finais se aproximam. Estas palavras, por enquanto não escritas, estão presentes no ar carregado. A televisão está ligada. Passando na janela luminosa e insistente da tela, uma imagem da nova Corte da Coroa, em Campbell Square, atrás da igreja redonda de De Senlis, penetra o vislumbre e o delírio. O resultado de um julgamento de assassinato, tendo o crime ocorrido meses atrás com um morador de Corby, atacado brutalmente em sua própria casa. Todos os detalhes que antes estavam sob sigilo. Os cabelos finos da nuca se levantam. A sala fica mais fria conforme o véu começa a ser retirado. Algo será revelado.

Imagens de parentes, magoados e nem um pouco felizes, deixando o tribunal. Alguma coisa sobre a cabeça da vítima: não conseguiram encontrá-la no local do crime. Desaparecida durante semanas até ser encontrada embaixo de uma cerca viva. Encontrada por um cão preto. Arrastada pela grama e pelo pavimento, sob a luz

purpúrea do crepúsculo nas ruas de Corby, as mandíbulas escuras agarradas às pregas pálidas e moles do rosto. Imagens vêm à mente, frias e brilhantes, como o orvalho. Um dos olhos do troféu está frouxo, meio fechado, o cabelo grisalho endurecido com a lama. Respiração do labrador, um sussurro cálido e urgente na orelha fria e surda. Lábios pretos de chacal repuxados para trás transmitem a sabedoria de Anubis no rosnado, informação de viagem para o morto. A cabeça bate no lixo da sarjeta, balança em sinal de afirmação solene de sua inteligência austera, e sabe o que os santos sabem. Redonda e ensangüentada, um ponto final escrito por uma grande mão.

Um oceano estático transborda, trovejando na mente. Mãos erguidas, assustado, cubro o campo de visão. Olho para personagens e palavras incoerentes que parecem rastejar sobre a pele nua, uma poesia epidérmica. O brilho da lâmpada fica fraco, suave, como se estivesse sendo filtrado pela fumaça. Há uma falta de ar.

Cambaleio pela cozinha até a porta dos fundos e do quintal, saio, vacilante, para o mato e à luz das estrelas. Fico mais calmo, aos poucos, na brisa fresca da noite, abaixo do giro lento e distante das constelações. As mesmas luzes de sempre. Sua continuidade perfeita e sombria. Fico oscilando ali, na saída de emergência de Phipps, o prometido santuário do século ainda por vir, uma galeria incerta e com rangidos, que agora não está tão longe, lá no alto. Através das nuvens agitadas, as plataformas dos que desapareceram há anos, abaixo desses andares inferiores, todos perdidos em clarão de luz ou em pânico, já devorados. No alto, longos farrapos de nuvem se prendem no arco da noite, um vislumbre de graça interrompido, através de véus de fumaça e fuligem.

Esses são os tempos que tememos e desejamos. O murmúrio da fornalha fica mais alto às nossas costas, o ritmo mais distinto. Quase decifrável agora, as sílabas vão se revelando. Nosso mundo está em chamas. A música transborda, de uma luz ardente.

"Alan corre riscos verdadeiros e os justifica: sente-se o tempo todo o ímpeto da descoberta, privilégio do autor ameaçado pelas vozes selvagens que ele permite que entrem em sua cabeça."

Ian Sinclair

"*A Voz do Fogo* é uma canção inglesa: atravessando tempo em vez de espaço, despida da mistificação que acontece quando a mente moderna irracional encontra a antiga tecnologia da palavra."

Gwyneth Jones

"Alan Moore (cuja lendária capacidade de expansão da mente faz Will Self parecer insignificante) praticamente inventou a graphic novel. Agora que ele saiu para jogar com os meninos grandes na literatura ' propriamente dita ', é melhor eles tomarem cuidado para que ele não roube a bola."

Time Out

"Uma obra literária ousada e inquietante."

Locus

"Um dos romances de estréia mais extraordinários e selvagens do ano. E insuportavelmente belo."

Time Out





[1] *Crumhorn* e *penny whistle* são instrumentos musicais medievais que produziam respectivamente, sons graves e agudos. (N.E.)

[2] O nome do capitão – Pouch – significa “bolsa” em inglês. (N.T.)

[3] Em inglês, “peak” significa, entre outras coisas, “ponta aguda, bico”. (N.E.)

[4] O nome do pai poderia ser confundido com nome de vegetais por causa do significado de partes do nome: *soy*, soja e *green*, verde (*lent* significa quaresma). (N.T.)